

SAVE US

SÓ O AMOR NOS PODE SALVAR

LIVRO 3

MONA KASTEN

AUTORA BESTSELLER INTERNACIONAL DE AGAIN

A SÉRIE QUE VENDEU MAIS DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES
E INSPIROU MAXTON HALL, DISPONÍVEL NA PRIME

 PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SAVE US

SÓ O AMOR NOS PODE SALVAR

LIVRO 3

MONA KASTEN

AUTORA BESTSELLER INTERNACIONAL DE AGAIN

A SÉRIE QUE VENDEU MAIS DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES
E INSPIROU MAXTON HALL, DISPONÍVEL NA PRIME

 PRESENÇA

**SAVE
US**

**SÓ O AMOR
NOS PODE SALVAR**

MONA KASTEN

SAVE US

SÓ O AMOR
NOS PODE SALVAR

LIVRO 3

TRADUÇÃO DE CATARINA GÂNDARA

 PRESENÇA

Título: *Save Us: Só o Amor Nos Pode Salvar – Save Me #3*

Título original: *Save Us*

Autora: *Mona Kasten*

Copyright © 2018 LYX, Bastei Lübbe AG

Edição portuguesa publicada através de Ute Körner Literary Agent.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução: *Catarina Gândara*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2024

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Doesn't today feel like a day to be certain?
Certain, yet to decide.
{Hoje não parece um dia para estarmos certos?
Certos, mas ainda por decidir.}*

Verso da canção «A Day to Be Certain»,
dos Gersey

Para a Anna

Graham

O meu avô perguntava-me sempre: «Quando chegar o dia em que percas tudo, o que vais fazer?» Nunca pensei a fundo nessa pergunta e, em vez disso, respondia-lhe a primeira coisa que me vinha à cabeça.

Quando tinha seis anos e o meu irmão partiu propositadamente a minha escavadora de brincar, disse-lhe: «Vou consertar a escavadora.»

Aos dez anos, quando saímos de Manchester para nos mudarmos para os arredores de Londres, disse-lhe com determinação: «Vou fazer novos amigos.»

E quando a minha mãe morreu, quando eu tinha dezassete anos e tentei mostrar-me forte perante o meu pai e o meu irmão, disse-lhe: «Havemos de o ultrapassar.»

Nem sequer nesse momento considerei a possibilidade de atirar a toalha ao chão.

Contudo, agora, com quase vinte e quatro anos, neste gabinete no qual, de repente, me sinto praticamente um criminoso, não tenho resposta para essa pergunta. Estou numa situação para a qual, de momento, não vejo qualquer saída, e o meu futuro é incerto. Não faço a mais pequena ideia do que vai acontecer.

Abro a gaveta da robusta secretária de cerejeira, que range, e tiro para fora os lápis e cadernos que, no ano passado, aí tinham encontrado o seu lugar. Movo-me lentamente e os braços pesam-me como se fossem de chumbo. No entanto, tenho de me despachar: tenho de abandonar o edifício antes que termine a pausa da hora de almoço.

«Será expulso de Maxton Hall com efeitos imediatos. Proíbo-o de ter contacto com os alunos. Se não cumprir esta ordem, apresentaremos queixa de si.»

Os lápis caem-me da mão e aterram sonoramente no chão.

Merda.

Inclino-me, apanho-os e atiro-os sem cuidado nenhum para junto do resto dos meus pertences, que coloquei numa caixa de cartão. No interior há um caos de apontamentos, manuais escolares, o velho globo terrestre do meu avô e fotocópias para a aula de amanhã, que, na verdade, agora devia deitar fora, mas sou incapaz de o fazer.

Olho em volta do gabinete. As estantes estão vazias, e só alguns papéis e o protetor da secretária sujo permitem deduzir que, até há algumas horas, estive a corrigir trabalhos.

«A culpa é tua», soa na minha cabeça uma voz cheia de ódio.

Esfrego as têmporas, que estão a latejar, e dou uma última vista de olhos a todas as gavetas e compartimentos da secretária. Não devia prolongar a minha despedida mais do que o necessário, mas abandonar este colégio custa-me mais do que pensava. Há semanas que já tinha tomado a decisão de procurar trabalho noutra escola para poder viver com a Lydia. Contudo, há uma enorme diferença entre quebrar um contrato de trabalho impondo as tuas próprias condições e ser escoltado até à rua pelo serviço de segurança.

Engulo em seco e tiro o casaco do cabide de madeira. Ponho-o em cima dos ombros de forma mecânica, depois pego na caixa e dirijo-me para a porta. Sem voltar a olhar para trás,

saio do gabinete.

As perguntas acumulam-se na minha mente: *A Lydia já saberá? Como está? Quando voltarei a vê-la? O que devo fazer agora? Tornarão a contratar-me para alguma escola? O que farei se isso não acontecer?*

Seja como for, neste momento não tenho respostas para essas perguntas. Em vez disso, contenho o pânico que me invade e percorro o corredor em direção à secretaria para devolver as minhas chaves. Os alunos cruzam-se comigo e alguns cumprimentam-me cordialmente. Uma pontada dolorosa espalha-se-me pela barriga. Só fazendo um grande esforço é que consigo responder ao sorriso deles. Gostei muito de dar aulas neste colégio.

Mudo de direção rumo ao meu destino e, de repente, é como se me tivessem despejado um balde de água gelada na cabeça. Paro tão bruscamente que alguém choca contra as minhas costas e murmura um pedido de desculpas. Mas não presto atenção. O meu olhar pousa no jovem alto, de cabelo loiro-acobreado, a quem devo agradecer esta situação.

O James Beaufort fica impávido quando me vê. Não mostra nada, é a indiferença em pessoa: como se não tivesse acabado de me destruir a vida.

Sabia do que ele era capaz. E também sabia que não era boa ideia pô-lo contra mim. «Ele e os amigos são imprevisíveis», avisou-me o Lexington no primeiro dia de aulas. «Tenha cuidado.» Não dei demasiada atenção às palavras do diretor porque, nessa altura, já conhecia o outro lado da história. A Lydia tinha-me contado o quanto o seu irmão sofre com o legado da família e quão reservado é, incluindo com a sua irmã gémea.

Que estúpido me sinto agora por não ter sido mais precavido. Devia ter percebido que o James faria qualquer coisa pela Lydia. É provável que ter arruinado a minha carreira não passe de uma insignificância no seu dia a dia.

Ao lado do James está sentado o Cyril Vega, a quem, felizmente, nunca tive de dar aulas. Não sei se teria conseguido portar-me com profissionalismo. De todas as vezes que o vejo, surge na minha mente a imagem dele e da Lydia. De como vão juntos para o colégio e andam de *Rolls-Royce*. De como se riem. De como ele a abraça e a consola, ao passo que eu não pude fazê-lo depois da morte da mãe dela.

Passado um breve momento, cerro os dentes e sigo caminho, segurando a caixa debaixo do braço. Agarro com mais força as chaves que tenho no bolso do casaco enquanto me vou aproximando dos dois. Interromperam a conversa que estavam a ter e ficam a olhar para mim — os rostos deles são duas máscaras duras e impenetráveis.

Paro diante da porta da secretaria e viro-me para o James.

— Estás contente?

Ele não reagir acende ainda mais a cólera que sinto dentro de mim.

— Qual era a vossa intenção? — pergunto-lhe, olhando para ele com uma expressão interrogativa. Continua a não me responder. — Têm noção de que, com as vossas brincadeiras infantis, destroem a vida das pessoas?

O James troca um olhar com o Cyril e fica com as maçãs do rosto um pouco coradas, tal como acontece com a irmã quando se zanga. São terrivelmente parecidos e, no entanto, em minha opinião, não podiam ser mais diferentes.

— O senhor é que devia ter pensado antes — cospe o Cyril.

Os olhos dele brilham com mais raiva do que os do James e dou-me conta de que é possível que tenham tramado juntos o plano para eu ser expulso do colégio.

A expressão do Cyril não deixa espaço para dúvidas: de nós os dois, é ele quem está em

vantagem. Pode fazer o que quiser comigo, independentemente de eu ser o mais velho. Tem a vitória estampada no rosto e reflete-a na sua atitude orgulhosa.

Dou uma gargalhada resignada.

— Surpreende-me que ainda consiga rir-se — continua ele. — Aconteceu. Foi desmascarado. Tem realmente consciência disso?

Aperto as chaves com tanta força que os pequenos dentes de metal me cortam a pele. Por acaso este pirralho beto pensa que eu não sabia? Que não sabia que ninguém se interessaria por saber onde e quando eu e a Lydia nos conhecemos? Que ninguém acreditaria em nós quando afirmássemos que nos conhecemos e começámos a gostar um do outro antes de eu começar a trabalhar em Maxton Hall? Que terminámos o relacionamento assim que soubemos que eu ia ser professor dela? Claro que sabia. A partir de agora, e para o resto da vida, vou ser o tipo repugnante que, quando começou a carreira de professor, teve uma relação com uma aluna.

Fico agoniado só de pensar nisso.

Sem me dignar a olhar para eles uma segunda vez, entro na secretaria. Tiro as chaves do bolso do casaco, pouso-as em cima do tampo com uma pancada e rodo sobre os calcanhares. Quando torno a passar junto dos rapazes, olho de soslaio, vejo que o Cyril passa um telemóvel ao James e oiço-o dizer: «Obrigado, mano.» Depois afasto o olhar e dirijo-me para a saída a passo acelerado. Atrás de mim, oiço o James levantar a voz ao longe.

Dói-me cada passo que dou e tenho de fazer um esforço enorme para respirar. Chega-me aos ouvidos um murmúrio que quase sufoca todos os outros sons. O riso dos alunos, o som dos passos deles, o ranger da porta dupla pela qual saio de Maxton Hall e avanço para a incerteza.

Ruby

Sinto-me aturdida.

Quando a motorista anuncia que chegámos à última paragem, demoro uns instantes a perceber o que está a dizer, até que me dou conta de que tenho de sair do autocarro, se não quero percorrer todo o caminho de volta a Pemwick. Estava totalmente perdida nos meus pensamentos e não me lembro de nada do que aconteceu nos últimos três quartos de hora.

Quando desço os degraus e saio do autocarro, sinto as extremidades do meu corpo pesadas e frágeis. Agarro-me com força às duas alças da mochila, como se me servissem de apoio. Infelizmente, isso não me ajuda a livrar-me desta sensação desagradável. É como se estivesse presa no interior de um tornado do qual não houvesse escapatória e não conseguisse distinguir o que está em cima e o que está em baixo.

Não pode ser verdade que tudo isto esteja realmente a acontecer. Não me podem ter expulsado do colégio. A minha mãe não pode ter acreditado que eu tenha tido um caso com um professor. O meu sonho de estudar em Oxford não pode ter-se desvanecido há alguns minutos.

Tenho a sensação de estar a perder a razão. Tenho a respiração acelerada e os dedos dormentes. Sinto a transpiração escorrer-me pelas costas e, ao mesmo tempo, tenho o corpo todo com pele de galinha. Estou agoniada. Fecho os olhos e tento descontraír.

Quando torno a abri-los, já não tenho a sensação de ir vomitar a qualquer momento. Pela primeira vez desde que saí do autocarro, apercebo-me de onde estou. Perdi três paragens e estou na outra ponta de Gormsey. Em condições normais, ficaria irritadíssima comigo mesma,

mas, em vez disso, quase sinto alívio, porque, neste momento, sou incapaz de ir para casa. Não depois da maneira como a minha mãe olhou para mim.

Só há uma pessoa com quem quero falar neste momento. Uma pessoa na qual confio incondicionalmente e que sabe perfeitamente que eu nunca faria uma coisa daquelas.

A Ember.

Dirijo-me para o liceu local. Não deve faltar muito para que as aulas acabem, porque vejo vir na minha direção alguns alunos mais jovens. Os rapazes, que formam um grupo, tentam empurrar-se uns aos outros para os arbustos que crescem na margem do estreito caminho. Quando dão conta da minha presença, param momentaneamente e passam ao largo com a cabeça baixa, como se tivessem medo de que eu fosse repreendê-los pelo seu comportamento.

Quanto mais me aproximo da escola de Gormsey, mais estranha me sinto. Há apenas dois anos e meio, também eu frequentava este liceu. Embora não tenha saudades dessa época, agora que volto a estar aqui é como se fizesse uma viagem ao passado. Só que antes ninguém se teria virado para olhar para mim porque uso o uniforme de um colégio privado.

Subo os degraus que levam à porta principal. As paredes do edifício, que se supõe que em tempos foram brancas, estão amarelcidas e, nas janelas, a tinta está a saltar. É evidente que, nos últimos anos, não se investiu dinheiro nenhum neste imóvel.

Deslizo por entre os alunos que avançam para mim, vindos do interior, e tento encontrar alguma cara conhecida no meio da multidão. Não tardo muito a dar de caras com uma rapariga de tranças que está a sair com outro miúdo da idade dela.

— Maisie! — chamo-a.

A Maisie para e olha em volta. Quando me vê, arqueia as sobrelanceiras, surpreendida. Diz ao amigo que espere e dirige-se para mim.

— Ruby — cumprimenta-me. — Olá, está tudo bem?

— Sabes onde é que está a Ember? — pergunto-lhe. A minha voz não delata nada fora do normal e surpreende-me que isso seja possível, porque estou completamente destroçada.

— Pensava que ela estava doente — responde-me a Maisie de sobrolho franzido. — Hoje não veio às aulas.

— O quê?

É impossível. Esta manhã, eu e a Ember saímos de casa juntas. Se não veio à escola, onde diabos se meteu?

— Disse-me que estava com dores de garganta e que ia ficar na cama. — A Maisie encolhe os ombros e vira-se para o amigo. — É provável que esteja em casa e que se tenham desencontrado. Desculpa, mas tenho coisas combinadas para agora. Importas-te que?...

Abano a cabeça imediatamente.

— Claro que não. Muito obrigada.

Ela despede-se com um aceno de mão, desce a escada e dá o braço ao colega. Sigo-os com o olhar enquanto os pensamentos me encham a mente. Se, esta manhã, a Ember estivesse com dores de garganta, eu teria percebido. Não me pareceu doente nem se comportou de maneira estranha. O pequeno-almoço correu sem sobressaltos.

Tiro o telemóvel do bolso. O ecrã mostra três chamadas perdidas do James. Apago-as, sentindo as maçãs do rosto a arder.

«Fui eu que tirei as fotografias.» A voz dele ecoa na minha cabeça, mas tento ignorar a pressão que sinto no peito. Abro os favoritos e toco no nome da Ember. O telemóvel toca, portanto, não o desligou. No entanto, depois do décimo toque, continua sem atender. Desligo

e escrevo-lhe uma mensagem.

Liga-me, por favor. Tenho de falar contigo urgentemente.

Envio a mensagem e torno a guardar o telemóvel no bolso do casaco, desço a escada e olho para a escola pela última vez. Sinto-me totalmente deslocada. Não há a menor dúvida de que já não pertenço a este lugar. Contudo, agora acontece-me o mesmo em Maxton Hall.

Já não pertenço a sítio nenhum, passa-me pela cabeça.

Com este pensamento sombrio, abandono o recinto da escola. Sem pensar, viro à esquerda e percorro a rua principal em direção ao nosso bairro, embora a nossa casa seja o último sítio onde me apetece estar. Não vou conseguir suportar que a minha mãe olhe para mim com uma expressão tão dececionada como fez no gabinete do Lexington.

O que aconteceu torna a repetir-se uma e outra vez na minha mente. Uma e outra vez, oiço a voz do diretor, que, com poucas palavras, destruiu todo o meu futuro, tudo aquilo que passei anos a trabalhar para alcançar.

Enquanto vou caminhando junto a uma série de cafés e pequenas lojas, chegam-me aos ouvidos retalhos das conversas dos alunos que vão avançando, à minha frente ou atrás de mim, em direção às suas casas. Falam dos trabalhos de casa, queixam-se de algum professor ou riem-se de qualquer coisa que aconteceu na primeira pausa. No meio do meu aturdimento, dou-me conta de que já não tenho ninguém com quem ter conversas deste tipo. Não tenho outro remédio senão continuar a caminhar, com o sol a gozar comigo e profundamente convencida de que já não há nada na minha vida: nem colégio, nem família, nem namorado.

Fico com os olhos cheios de lágrimas e pestanejo, tentando em vão contê-las. Preciso da minha irmã. Preciso de alguém que me diga que tudo voltará a encarrilar no bom caminho, mesmo que nem eu própria consiga acreditar nisso.

Precisamente quando vou pegar novamente no telemóvel, um carro para ao meu lado. Pelo canto do olho, distingo um chassis verde-escuro e amolgado, umas jantes oxidadas e janelas sujas. Não conheço ninguém que conduza um automóvel neste estado, portanto, continuo a caminhar sem lhe prestar atenção.

No entanto, o carro segue-me. Viro-me para o observar com mais atenção quando o vidro da janela do condutor baixa.

Jamais teria imaginado ver o rosto que aparece. Estaco, surpreendida.

— Ruby? — pergunta o Wren. Pelos vistos, o meu exterior é um reflexo de quão horrivelmente me sinto, porque ele semicerra os olhos e inclina-se um pouco mais para fora para conseguir ver-me melhor. — Estás bem?

Cerro os lábios com força. O Wren Fitzgerald é a última pessoa com quem me apetece falar. E menos ainda quando penso mais a fundo sobre a razão de ele estar a olhar assim para mim. De certeza que em Maxton Hall já toda a gente sabe que fui expulsa. Sou invadida por uma vaga de calor desagradável e continuo a caminhar sem lhe responder.

Atrás de mim, a porta do carro fecha-se e pouco depois oiço uns passos que se precipitam para mim.

— Espera, Ruby!

Paro e fecho os olhos. Depois respiro fundo uma vez, duas, três. Tento disfarçar quão confusa estou e como me sinto, antes de me virar para o Wren.

— Parece que vais desmaiar de um momento para o outro — diz-me de sobrolho franzido.

— Precisas de ajuda?

Dou um grunhido baixo.

— Ajuda?! — resmungo. — Tua?!

O Wren cerra os lábios com força. Olha momentaneamente para o chão e torna a levantar o olhar.

— O Alistair contou-me o que aconteceu. Que grande merda.

Endireito as costas e afasto o olhar. Portanto, é exatamente como eu tinha pensado. O colégio inteiro já está a lançar boatos sobre o que aconteceu. Fantástico. Observo a fachada de um centro de *fitness* no passeio do outro lado da rua. Há pessoas a fazer exercício nas passadeiras e outras a levantar pesos. Talvez devesse esconder-me ali. De certeza que, nesse sítio, ninguém me encontraria.

— Fantástico! — murmuro.

Estou prestes a virar-lhe as costas e a seguir caminho quando algo me faz hesitar. Talvez seja o Wren não ter chegado aqui numa limusina, mas sim num carro que parece que vai cair aos pedaços a qualquer momento. Talvez seja o seu olhar sério e no qual não há vestígios de que vá gozar comigo. Ou, se calhar, é estarmos diante um do outro aqui em Gormsey, o último sítio onde teria esperado encontrar alguém como o Wren Fitzgerald.

— Que é que estás a fazer aqui?

Encolhe os ombros.

— Calhou estar a dar uma volta por esta zona.

Levanto uma sobrancelha.

— Em Gormsey... por acaso...

— Ouve — diz-me o Wren, mudando de assunto. — Recuso-me a acreditar que o James tenha alguma coisa que ver com isto.

— Foi ele quem te enviou, para me convenceres? — pergunto-lhe com a voz trémula.

O Wren abana negativamente a cabeça.

— Não. Mas conheço o James. É o meu melhor amigo. Nunca faria uma coisa destas.

— São fotografias em que parece que estou enrolada com um professor, Wren. E o James admitiu ter sido ele a tirá-las.

— Talvez tenha sido ele quem as tirou, mas isso não significa que as tenha enviado ao Lexington.

Cerro os lábios.

— O James não faria isso — insiste o Wren veementemente.

— Porque é que tens tanta certeza? — pergunto-lhe.

— Porque sei o que o James sente por ti. Nunca faria nada que te pudesse prejudicar.

Diz aquilo com tal convicção que as minhas ideias e sentimentos tornam a baralhar-se. Será que a situação mudaria se não tivesse sido o James a enviar as fotografias? Mas porque é que as tirou?

— Também quero saber o que se passa com todo este assunto — diz-me o Wren. — Vou agora a casa dele. Vem comigo, Ruby. Aí poderás convencer-te por ti mesma.

Fico a olhar para o Wren. Estou prestes a perguntar-lhe se endoideceu, mas hesito.

Hoje já bati no fundo. O dia não pode correr pior, portanto, não tenho mais nada a perder.

Ignoro o alarme que, neste momento, soa estridentemente na minha cabeça. Sem pensar mais no assunto, aproximo-me do calhambeque do Wren e entro.

Lydia

A notícia da expulsão do Graham já se espalhou por todo o Maxton Hall como um rastilho de pólvora. Ficar diante do colégio à espera de que o Percy, por fim, me viesse buscar foi uma experiência insuportável, sobretudo porque não consegui contactar com o James nem com a Ruby, e menos ainda com o Graham. Fico maldisposta só de pensar em como ele deve estar a sentir-se e perturba-me não saber nada dele.

Quando finalmente chego a casa, vou direito para o quarto e volto a tentar entrar em contacto com ele. Desta vez, atende e eu suspiro de alívio.

— Graham?

— Sim. — A voz dele soa apagada.

— Lamento muito — é a primeira coisa que digo enquanto percorro o quarto de um lado ao outro. Todo o meu corpo está carregado de adrenalina e o coração bate-me depressa e com força no peito. — Lamento imenso. Não queria que isto acontecesse.

Oiço o Graham respirar fundo.

— A culpa não é tua, Lydia.

É, sim. Sou a culpada de terem expulsado o Graham e a Ruby do colégio.

— Esta tarde irei ter com o diretor para esclarecer este assunto. Tudo voltará a ficar bem,ouve o que te digo. Vou assumir a culpa e...

— Lydia — interrompe-me com suavidade.

— Também expulsaram a Ruby. Ela não merece isto. Não posso permitir que a castiguem por uma coisa que não fez.

— Lydia, eu... — Antes que consiga terminar a frase, alguém me arranca o telemóvel da mão. Assustada, dou um pequeno grito e viro-me.

O meu pai está à minha frente e olha para mim com os seus olhos frios. Baixa o olhar para o ecrã iluminado do meu telemóvel. Depois levanta um dedo e termina a chamada.

— Ei! Que é que?... — exclamo.

— Nunca mais vais voltar a falar com esse professor — replica o meu pai com uma voz gélida. — Entendeste?

Abro a boca, mas o seu tom frio e o seu olhar enfurecido impedem-me de dizer uma palavra que seja.

Ele sabe.

O meu pai sabe o que existe entre mim e o Graham.

Deus do céu.

— Pai... — sussurro, abatida.

Ao ouvir esta palavra, ele contrai o rosto num esgar que quase parece de dor.

— Se a tua mãe ainda estivesse viva, teria vergonha de ti.

Diz aquilo tão tranquilamente que demoro um segundo a assimilar o significado daquelas palavras. Atingem-me como um soco e afasto-me um pouco dele e da sua raiva.

— Por favor, pai, deixa-me explicar-te, não é o que pensas. Eu e o Graham já nos conhecíamos antes, nós...

De repente, o meu pai levanta o braço e atira o telemóvel contra a parede. O aparelho desfaz-se em pedaços e enche o chão de fragmentos pretos e pedaços de plástico. Fico a olhar para ele com uma expressão desconcertada.

— Vou dizer-te isto pela última vez: nunca mais vais voltar a falar com esse homem. Entendido? — Agora, tem a voz a tremer de cólera.

— Estou a tentar explicar-te que...

— Não me interessam as tuas explicações, Lydia — interrompe-me.

Detesto que ele fique assim. Que não queira ouvir-me, mesmo sabendo que tenho alguma coisa para lhe dizer.

— Não andei a salvaguardar a tua reputação por todos os meios para que tomes a primeira decisão insensata que te passa pela cabeça. Isto vai acabar imediatamente, entendido?

Sinto-me como se me tivessem atirado um jato de água gelada à cara. Preciso de um momento para conseguir falar.

— A que é que te referes com... salvaguardar a minha reputação?

A expressão no rosto do meu pai torna-se mais dura.

— Certifiquei-me de que o nome desta família não seja ainda mais prejudicado. Devias ficar contente com isso, em vez de olhares assim para mim.

Sinto-me como se me estivessem a estrangular.

— Foste tu? — pergunto-lhe, afónica. — Foste tu que mandaste as fotografias ao diretor de Lexington?

O olhar frio do meu pai está cravado no meu rosto.

— Fui.

Sinto falta de ar. Tenho vontade de vomitar e o quarto começa a girar à minha volta. Agarro-me à cadeira que está à minha frente, para me apoiar.

O meu próprio pai é o culpado de o Graham ter perdido o emprego e de terem expulsado a namorada do James do colégio.

— Porque é que fizeste isso? — pergunto-lhe.

Já não tenho necessidade nenhuma de lhe explicar a minha situação. Dentro de mim só há espaço para a incredulidade e para uma raiva indescritível que, segundo a segundo, se vai espalhando cada vez mais depressa pelas minhas veias.

— Porque podias ter destruído esta família... Será que não te importas minimamente com o que puseste em jogo com o teu comportamento irresponsável? Por acaso esta família não significa nada para ti? — pergunta-me o meu pai.

— Família? Tu estás-te nas tintas para esta família! — replico, bufando e cerrando os punhos. Tenho os braços a tremer e acho que vou explodir de um momento para o outro. — A única coisa que te interessa é o dinheiro. Estás-te nas tintas para como eu e o James estamos, depois da morte da mamã. E agora plantas-te à minha frente e exiges-me que fique contente por teres conseguido que expulsem o meu namorado do colégio?

As fossas nasais do meu pai abrem-se ligeiramente ao ouvir a palavra «namorado», mas, excetuando isso, a sua expressão não denota nenhuma emoção.

— Podia ir ainda mais longe para proteger o nome da família.

Aquela calma na voz dele tira-me do sério. A minha respiração continua a acelerar e cravo as unhas nas palmas das mãos com tanta força que tenho a certeza de que não tarda começarei a

sangrar.

— Devias estar-me grata, Lydia — acrescenta.

A minha raiva chega ao seu ponto culminante. Já não consigo conter as palavras, que brotam de mim sem o mínimo controlo.

— Talvez tenhas conseguido expulsá-lo do colégio, mas não podes apagá-lo da minha vida! — grito com todas as minhas forças.

— Posso, sim. — O meu pai dá meia-volta, disposto a sair do quarto.

Mas eu ainda não acabei.

— Não, não podes. Porque estou grávida.

O meu pai para a meio caminho da porta. Vira-se para mim como que em câmara lenta.

— O quê?

Levanto o queixo, desafiante.

— Estou grávida. Vou ter um filho do Graham.

É muito estranho ver a reação do meu pai. Por momentos, fica a olhar para mim, sem mais, e pestaneja várias vezes seguidas, com uma expressão que daria um bom GIF. Depois, começa a encolher os ombros, como se tivesse dificuldade em respirar de maneira ritmada, e aparecem-lhe umas manchas vermelhas nas maçãs do rosto, na testa e no pescoço.

Pensava que já conhecia todas as variantes da cólera do meu pai. Eu e o James aprendemos muito cedo a distinguir acertadamente a mais pequena emoção nas expressões dele e na sua atitude, para podermos fugir dele a tempo.

Mas nunca o tinha visto como agora.

Mantém o olhar fixo em mim durante um segundo, depois mais outro, e recuo um pouco lentamente porque não sei o que vai acontecer. Contudo, para minha surpresa, o meu pai dá meia-volta e sai do quarto sem dizer palavra.

Atira com a porta com tanta força que me faz estremecer. Aperto uma mão contra o peito e respiro fundo. Tenho o coração a mil e consigo sentir as batidas debaixo da mão.

Não passaram nem dez minutos quando a porta se abre com tanta força que a maçaneta bate com estrépito na parede e, sem dúvida, faz estragos. O meu pai torna a entrar no meu quarto e para à minha frente.

— Ele sabe? — pergunta-me, num tom de voz tão baixo que mal o oiço.

A pergunta apanha-me de surpresa e preciso de vários segundos antes de abanar negativamente a cabeça.

— Não, eu...

— Ótimo — interrompe-me o meu pai. Sem se dignar a voltar a olhar para mim, atravessa o quarto a passos largos. Chega à porta do meu *closet* e entra. Oiço-o fazer muito barulho.

Corro para a porta e fico a observar o meu pai, que está a tirar a grande mala de viagem do compartimento superior do armário. Abre a tampa da mala com um pontapé e começa a tirar roupa das estantes e dos cabides às três pancadas, atirando-a lá para dentro.

— Que é que estás a fazer?

O meu pai não me responde. Como se estivesse tomado de um acesso de loucura, pega em *T-shirts*, camisas, calças, roupa interior, carteiras e sapatos. Os movimentos dele são tão bruscos que ficou com o cabelo despenteado e espetado em todas as direções, e as manchas do rosto e do pescoço estão cada vez mais escuras. Nem sequer para quando a mala já está cheia e a roupa se amontoa desordenadamente em cima dela e ao lado, no chão.

— Que é que estás a fazer, pai? — grito, dando um passo em frente para o deter.

Pego-lhe no braço, mas ele dá uma sacudidela e solta-se. Faz um movimento tão impetuoso que retrocedo a cambalear e mal consigo segurar-me à ombreira da porta.

Nesse momento, o James entra no meu quarto.

— Que é que se está a passar aqui? — Olha para mim de cima a baixo com uma expressão preocupada, verificando se está tudo em ordem. Nesse momento, vê o nosso pai no *closet* e fica de olhos esbugalhados.

— Que é que estás a fazer, pai? — pergunta-lhe.

O meu pai dá meia-volta e aponta para o James.

— Tu sabias? — grita-lhe.

O James franze o sobrolho.

— Sabia o quê?

— Não sei porque pergunto. Claro que sabias — murmura o meu pai para si mesmo.

Durante uns segundos, olha para a desordem que provocou, depois agacha-se e, sem hesitar, enfia com violência a roupa que caiu ao lado da mala dentro de um saco de viagem.

— Porque é que estás a meter as minhas coisas numa mala, pai? — pergunto-lhe com voz rouca.

— Vais-te embora daqui agora mesmo.

Sinto vontade de vomitar.

— O quê? — replico, ofegando.

O James põe-me uma mão nas costas para me mostrar que está do meu lado.

— Este ano já tivemos de enfrentar demasiadas cachas de jornal. Não vou permitir que a saúde da minha empresa seja ameaçada só porque tu és estúpida e deixaste que um professor te engravidasse! — grita o meu pai.

Aproximo-me mais do James e a mão dele contrai-se nas minhas costas. Consigo sentir a enorme força de vontade de que precisa para se conter.

Quando tenta dirigir-se ao nosso pai, a sua voz soa forçadamente serena:

— Não podes limitar-te a fingir que não aconteceu nada.

O meu pai puxa o fecho de correr do saco de viagem. Um pedaço de tecido ficou entalado e sai um desagradável som seco. Estremeço.

— Posso, sim! — geme o nosso pai, fechando o saco de viagem com um puxão enérgico. Depois, vira-se para a mala. Põe um joelho em cima da tampa enquanto puxa o fecho de correr. — Vais para casa da tua tia. E vais imediatamente. Ninguém pode saber do teu... estado.

Ofego, sem ar.

— O... o quê?

— Não podes fazer uma coisa dessas — intervém o James.

O meu pai estaca e fica a olhar para nós. É uma cena quase grotesca, ele ali com um joelho em cima da minha mala prateada, a ofegar, com o cabelo despenteado e a camisa transpirada.

— Sou o único nesta casa que ainda mantém a sanidade mental. Achaste mesmo que eu ia permitir que continuasses a representar a família com esse... — aponta para a minha barriga — aspecto? Sabes a imagem que dás de nós? Da Beaufort?

— É isso que é importante para ti? — O James tem a voz a tremer. — Apenas isso?

— Evidentemente! Que mais poderia ser importante para mim?

— A tua filha, porra!

O meu pai bufa.

— Não sejas tão ingénuo, James. — Crava em mim os olhos frios como gelo. — Devias ter

pensado primeiro em quais eram as tuas prioridades, Lydia. No teu estado, esta família não pode aceitar-te.

As paredes do quarto fecham-se sobre mim. Cambaleio contra o James e agarro-me a ele com força.

— Não podes desterrar a Lydia e fazer de conta que ela não existe — diz-lhe o James, indignado. Sinto a mão dele a tremer nas minhas costas.

O meu pai levanta-se e endireita a mala. Tem o rosto corado. Agarra a pega, levanta o saco de viagem e aproxima-se de nós com passos firmes.

O James põe-se diante dele.

— Afasta-te, James.

— Mesmo que expulses a Lydia de casa, daqui a dois meses, no máximo, a gravidez virá a público. Expulsá-la não vai mudar nada, só vais conseguir destruir a nossa família!

Passa um segundo. Então, o meu pai larga o saco de viagem, levanta a mão e...

Reajo instintivamente.

Ponho-me em frente do James quando o meu pai desfere o golpe. Acerta-me na maçã do rosto e na orelha, com tanta força que a minha cabeça roda bruscamente e vejo aparecer uns pontos negros diante dos olhos. Oiço um murmúrio que aumenta paulatinamente e, de repente, já não sei onde é que estou. Perco o equilíbrio e tento agarrar-me a alguma coisa para me manter de pé. Assim que me agarro aos braços do James, fica tudo negro.

Quando recupero os sentidos, não sei quanto tempo passou. Segundos ou minutos? Acho que estou no chão. Uns gritos penetram-me nos ouvidos e aumentam a dor de cabeça que sinto. Os latidos que me golpeiam as têmporas tornam-se mais fortes a cada segundo que passa. Tento abrir os olhos.

Alguém está ajoelhado ao meu lado e abana-me cuidadosamente pelos ombros. É o James. Repete o meu nome várias vezes, cada vez mais desesperado.

Pestanejo e, a pouco e pouco, as silhuetas que me rodeiam vão-se tornando mais nítidas. Estou deitada em frente da porta do *closet*. O James segura-me ao colo e acaricia-me o braço. Tem os olhos muito abertos, mas, quando vê que recupero os sentidos, suspira de alívio. O nosso pai está ao nosso lado e observa-nos do alto com a mala ainda na mão. Se calhar é imaginação minha, mas parece-me também ver alívio no seu olhar. Embora seja só por uma fração de segundo — um instante depois, tira o telemóvel do bolso das calças, prime uma tecla e leva o aparelho ao ouvido.

Olha-me nos olhos e, sem qualquer entoação, diz:

— Percival? Por favor, suba ao primeiro piso e leve as malas do quarto da minha filha para o carro. A Lydia vai-se embora hoje mesmo.

Depois, afasta o olhar de mim e do James, passa por cima da mala e sai do quarto.

Sinto-me como se alguém me rodeasse o pescoço com as mãos e mo apertasse. Toco com cuidado no sítio onde o meu pai me bateu e já não consigo conter as lágrimas por mais tempo.

— Vai correr tudo bem — sussurra-me o James, abraçando-me com determinação. — Não te preocupes. Havemos de ultrapassar isto.

No entanto, acho que, pela primeira vez na vida, o meu irmão não conseguirá proteger-me do que me vai acontecer.

Ruby

— De onde é que saiu este carro? — pergunto ao Wren depois de estarmos há alguns minutos a circular em silêncio pela estrada que leva a Pemwick.

Só se ouve a música que sai dos altifalantes por entre o ruído de crepitações. Há pouco começou a chover repentinamente e estou à espera de que os limpa-para-brisas deixem de funcionar a qualquer momento. Ou que caíam. Chiam mais a cada movimento que fazem. Mas o Wren parece já estar habituado.

— Na família Fitzgerald ocorreram alguns... reajustes financeiros — responde-me depois de uma breve pausa. — E tocou-me ficar com o *Jaguar*.

Pela segunda vez, dou uma vista de olhos ao interior do veículo. Ninguém diria que é um *Jaguar*. Para dizer a verdade, não se parece com nada que seja digno de ser batizado com um nome. Os bancos estão forrados a bombazina castanha e estão desbotados nalguns sítios onde ficou impregnado um cheiro a charutos e a velho.

— A sério que lhe deste o nome de *Jaguar*?

— Não fui eu. Foi... uma amiga. — O Wren vira à esquerda e mexe no rádio, o único objeto aqui dentro que parece ter menos de vinte anos. Apesar disso, a ligação é fraca e o Wren tem de lhe dar uma pancadinha depois de cada curva, para que a música continue a tocar.

— Ah — murmuro, antes de voltarmos a sumir-nos em silêncio.

Não me atrevo a perguntar-lhe a que é que se refere com isso de «reajustes financeiros». O Wren e eu somos quase desconhecidos. Não temos nada em comum, exceto aquele incidente do passado e a nossa amizade com o James. Sinto-me inquieta e mudo várias vezes de posição no banco. Como é que entrei tão depressa para o carro dele?

O Wren olha para mim de soslaio, mas depois torna a concentrar-se na estrada.

— Há bastante tempo que queria falar contigo, Ruby — diz inesperadamente.

Olho para ele, perplexa.

— Porquê?

— Porque me comportei como um verdadeiro idiota contigo. Naquela festa. Devia ter-te pedido desculpa há muito tempo. — O Wren pigarreia e torna a mexer no rádio, apesar de não termos virado nenhuma esquina e de a música continuar a sair dos altifalantes com um som metálico. — Não devia ter-me comportado daquela maneira. Fui mal-educado e um idiota. Agora, *a posteriori*, envergonho-me disso. E lamento.

Era a última coisa que estava à espera de ouvir e demoro algum tempo a assimilar o significado das palavras dele. Sinto-me confusa. Parece estar a falar a sério, mas, ao mesmo tempo, não acredito minimamente nele. As pessoas não mudam de um dia para o outro.

— Fiquei ofendida com a maneira como falaste do que aconteceu na festa do Cyril. Nesse momento, não parecias arrependido.

— Eu sei. Senti... desconfiança, porque apareceste ali com o James e queria saber porquê. A verdade é que me comportei como um perfeito idiota. Nunca mais voltaria a fazer o que fiz

nessa festa, há dois anos. Mudei e espero ter oportunidade de to demonstrar.

Olho pela janela de sobrolho franzido. Ao nosso lado, desliza o verde das árvores e, de vez em quando, veem-se casas isoladas e pequenos campos de cultivo.

— Naquela altura, também te teria beijado sem ser preciso beber álcool — digo a seguir, olhando para ele. O Wren observa-me durante um segundo, antes de voltar os olhos para a frente. — O que fizeste foi muito feio. Devias ter-me dito que aquilo não era um simples ponche de fruta.

— Arrependo-me de ter feito isso. A sério. Sei quão importante és para o James e, por isso mesmo, também és importante para mim. Espero que, um dia, possas perdoar a minha conduta.

Não reconheço o Wren, de todo. O que quer que lhe tenha acontecido, parece tê-lo levado a refletir sobre algumas coisas.

— Agradeço que me tenhas pedido desculpa — digo-lhe passado um bocado.

O Wren anui e torna a concentrar-se na estrada.

No silêncio que se segue, os meus pensamentos vão automaticamente para as fotografias e para o bê ondulado estampado no envelope dirigido ao diretor Lexington. Lembro-me do olhar do James quando admitiu que tinha tirado as fotografias.

Eu confiava nele. Achava que conhecia o seu verdadeiro eu. Ter-me-ei enganado assim tanto? Mas porque é que ele haveria de querer fazer-me uma coisa destas, depois de tudo o que sofremos nestes últimos meses?

Quanto mais penso no assunto, menos as peças do quebra-cabeças encaixam. Toda esta situação é tão irreal... esta manhã, quando me levantei, o plano era discutir o próximo evento com a equipa e ir estudar para a biblioteca com o James. E agora? Agora estou sentada no carro do Wren Fitzgerald porque ele me ofereceu ajuda.

— Porque é que te interessa que eu e o James estejamos bem? — pergunto-lhe. A minha voz tem um tom mais desconfiado do que eu queria e sinto que as costas do Wren ficam tensas. — Não me expressei bem — acrescento a toda a velocidade. — Simplesmente pensava que não gostavas que o James passasse tempo comigo.

O Wren liga o pisca-pisca e viramos para outra estrada. Agora devem faltar, no máximo, dez minutos para chegarmos a casa do James. Desta vez, quando a música para de tocar, o Wren não tenta repô-la.

— Não tem nada que ver contigo — diz-me passado um bocado. — Não conseguia compreender como é que era possível que, de repente, depois de quinze anos de amizade, já não fôssemos tão importantes para ele.

— Isso não é verdade. Para ele, a vossa amizade significa muito mais do que qualquer outra coisa.

O Wren sorri.

— Durante algum tempo, duvidei disso. Talvez por eu próprio estar demasiado confuso.

Anuo, pensativa.

— E eu... — o Wren pensa enquanto procura as palavras certas. — Nunca vi o James como nas últimas semanas. A maior parte das pessoas não sabe que ele passou muito tempo a sentir-se realmente infeliz. O pai dele é um sacana e, mesmo que o James nunca me tenha dito, sei que, por vontade dele, nunca trabalharia na Beaufort. Não pode fazer nada para mudar isso, mas, desde que te conhece, está mais... solto. Mais tranquilo.

Sinto uma onda de calor estender-se pelo meu rosto.

— Eu quero que ele seja feliz. — Olha para mim. — E tu fá-lo feliz.
Tento articular a resposta certa, mas o Wren ainda não terminou.
— O Alistair contou-me que te expulsaram do colégio e, quando te vi agora em Gormsey... só quero ajudar-vos. Não tenho segundas intenções. Palavra de honra.
— Está bem — digo-lhe.
— Além disso... — Pigarreia. — Agora compreendo muito melhor o James. Se calhar, isso também tem influência.

Estou prestes a perguntar-lhe a que é que se refere com aquilo, mas nesse preciso momento entramos na propriedade dos Beauforts. O Wren abre a janela e fico à espera de que toque à campainha que está ao lado do portão e ao lado da qual há um pequeno ecrã para poderem ver quem é o visitante através de uma câmara. Para minha surpresa, o Wren tira um cartão do pequeno bolso da pala do retrovisor e encosta-o à superfície preta e brilhante ao lado do ecrã. O portão abre-se lentamente e subimos pelo caminho de acesso.

Sinto um espasmo na barriga quando distingo ao longe a limusina em frente da entrada da residência.

— Que é que se está a passar aqui? — oiço o Wren murmurar.
Nesse preciso momento, dou-me conta de que o porta-bagagens está aberto e de que o Percy acaba de pousar uma grande mala no interior.

Algo não está bem.
O Wren estaciona e saímos do carro. Nesse momento, a Lydia aparece à porta de entrada. Tapa o rosto com as mãos e tem os ombros a tremer. O James está ao lado dela, com o rosto pálido e a rodeá-la com o braço. Murmura-lhe qualquer coisa ao ouvido e a Lydia anui. A imagem faz-me lembrar das fotografias do enterro e sou percorrida por um calafrio.

Eu e o Wren trocamos um olhar preocupado e começamos a avançar para eles. Precisamente quando chegamos à escada que leva à entrada, o Mortimer Beaufort aparece à porta. Crava em mim os seus olhos de aço, mas isso não me impede de subir os degraus para me aproximar da Lydia.

Quando me vê, o James fica de olhos arregalados.
— Ruby — murmura. — Que?...
Limito-me a abanar negativamente a cabeça e acaricio suavemente o braço da minha amiga.
— Lydia — sussurro.

Ela baixa as mãos. Tem as maçãs do rosto molhadas de lágrimas, mas isso não é o pior: metade do rosto está cheio de manchas azuis e vermelhas. O coração encolhe-se-me de pena e, automaticamente, levanto os olhos para o Sr. Beaufort.

O rosto dele está totalmente inexpressivo. Não pensava que fosse possível detestar este homem mais do que já detestava, mas, neste momento, adoraria fazê-lo sofrer no próprio corpo toda a dor que inflige ao James e à Lydia.

— Que é que aconteceu? — pergunta o Wren ao meu lado, olhando alternadamente para o James e para a Lydia. — Para que é que são estas malas?

Dir-se-ia que estão os dois em estado de choque.
— Lydia, está na hora — soa a voz autoritária do Sr. Beaufort. Passa ao nosso lado e desce os degraus até ao carro. Depois, abre ostensivamente a porta.

— O meu pai sabe que estou grávida. Tenho... tenho de me ir embora daqui — consegue dizer a Lydia. — Vou para casa da minha tia.
— Grávida? — pergunta o Wren de sobrolho franzido.

O James abraça a irmã com mais força.

— Estou grávida — murmura a Lydia. — Do Graham Sutton.

O Wren fica pasmado a olhar para ela e abre a boca para dizer qualquer coisa, mas torna a fechá-la. É evidente que ficou sem palavras.

— Lydia! — ruge o Sr. Beaufort.

Sou invadida por uma sensação de horror e olho para trás, em direção ao carro.

— Há alguma coisa que eu possa fazer? — pergunto-lhe.

No ar, flutua um sentimento de despedida insuportável. Sobretudo tendo de assimilar isto de forma tão repentina.

— Não há nada que eu possa fazer? — repito, aterrada.

A Lydia abana negativamente a cabeça e limpa as maçãs do rosto.

— Não. Eu... eu ligo-te quando voltar a ter telemóvel.

— Está bem — digo-lhe, quase sem voz.

A Lydia solta-se lentamente do James e desce os degraus da escada. Nunca na vida me senti tão impotente.

— Ruby — diz o James em voz baixa enquanto os nossos olhares se cruzam. Dá-me a mão hesitantemente e acaricia-me as costas com o polegar. — Juro-te que não fui eu que enviei as fotografias ao Lexington.

Na minha cabeça há um monte de pensamentos às voltas e não sei qual é o primeiro em que devo concentrar-me. Parece acontecer o mesmo ao James.

— Gostava de te explicar tudo, mas não posso permitir que a Lydia viaje sozinha com o meu pai até Beckdale. — Aperta-me a mão, que está fria. — Por favor, confia em mim.

Penso naquilo que eu e o James construímos nestes últimos meses. Em termos prometidos falar honestamente um com o outro, apoiarmo-nos e nunca mais permitirmos que nada se interponha entre nós.

Este não é o momento adequado para sermos sinceros um com o outro. E, embora há apenas algumas horas pensasse que não conseguiria voltar a olhar o James nos olhos, agora sei que estou preparada para ouvir a explicação que tem para me dar.

— Não posso esperar eternamente — digo-lhe. — Hoje magoaste-me muito.

— Eu sei. E lamento muito, mas imploro-te que me oiças uma última vez — murmura.

Anuo e afasto a mão.

O James vira-se para o Wren.

— Os outros não sabem da gravidez. Por favor, não lhes contes.

O Wren anui secamente.

Depois, o James desce a escada e vai ter com a Lydia ao carro. O Percy fecha a porta e dirige-se para o lado do condutor. Por uma fração de segundo, os nossos olhares cruzam-se por cima do *Rolls-Royce*. O motorista está com ar de quem está tão triste quanto eu.

O Percy também entra para o carro e põe-no imediatamente em funcionamento. Fico a olhar para as luzes traseiras vermelhas, até desaparecerem no portão. Tenho o coração a bater descompassadamente.

— Porra! — exclama o Wren.

Não consigo fazer mais nada a não ser anuir em silêncio.

Permanecemos ao lado um do outro durante uns minutos, a olhar para o sítio por onde o *Rolls-Royce* desapareceu. Depois, o Wren suspira.

— Anda — diz-me. — Vamos pensar noutra coisa.

Hoje, o treino é um pesadelo. O James, o Wren e o Cyril não apareceram e nenhum deles avisou o treinador, que, consequentemente, está com um humor de cão. Ladra-nos ordens e aperta connosco como um louco no campo, e fico contente quando, por fim, termina a hora e meia de treino. Ensozado em suor, dirijo-me para o banco para ir buscar a garrafa de água, mas não chego muito longe.

Um dos novatos dá-me um forte empurrão no flanco. Apanha-me tão desprevenido que perco o equilíbrio e quase caio. Quando lhe lanço um olhar de advertência, responde-me com uma expressão desafiante. Era o que me faltava... avanço para ele com um passo ameaçador.

— Tens algum problema, Kenton? — pergunto-lhe.

— Por culpa do teu grupinho de merda, hoje o treinador massacrou-nos — sibila, cuspido para o chão ao meu lado.

— E a culpa é minha?

— Podes certificar-te de que não volta a acontecer. Alguns de nós levam isto a sério.

E, dizendo aquilo, afasta-se a passo firme em direção ao balneário. Tenho de fazer um grande esforço para não desatar a correr atrás dele para lhe mostrar o que penso da sua atitude. Cerro os dentes com força e abro o fecho das luvas, tiro-as e enfio-as num bolso lateral das calças de fato de treino.

Contra a minha vontade, os meus olhos deslizam para a baliza, onde, neste momento, o Kesh está a apanhar as bolas e a metê-las dentro de uma das caixas.

Normalmente, teria ido ter com ele para me queixar do novato. Tem o dom de me acalmar em situações como esta, porque me ouve.

Quando o Kesh te ouve, tens a sensação de que te leva a sério. É sereno e sensato e os seus conselhos são ponderados. É uma das qualidades que mais aprecio nele, sobretudo porque sou precisamente o contrário: colérico e impulsivo. Complementamo-nos perfeitamente, motivo pelo qual, desde que tenho uso da razão, ele também é o meu melhor amigo.

Era, corrijo-me mentalmente.

O Kesh era o meu melhor amigo.

Às vezes, digo a mim mesmo que nunca devia ter-me apaixonado por ele. Talvez assim tivéssemos conseguido salvar a nossa amizade. Contudo, depois, lembro-me dos momentos que passámos juntos e oiço o eco da emoção e dos sentimentos que despertou em mim.

No entanto, o nosso caso já acabou e não vejo nenhuma possibilidade de emendarmos os nossos erros. Há umas semanas, depois de o Kesh ter criticado o meu irmão, as diferenças entre nós agravaram-se. Disse-lhe que já não conseguia continuar assim e que já não suportava ter de fingir no colégio que não passávamos de amigos quando sempre que estávamos sozinhos éramos qualquer coisa como um casal. Quero beijá-lo e dar-lhe a mão diante de toda a gente quando saímos com os rapazes. E também lhe disse que, se ele não conseguisse dar-me isso, preferia voltar ao ponto em que estávamos há um ano. Queria que voltássemos a ser bons amigos. Apenas isso. Nada mais.

A resposta do Kesh foi um tranquilo «entendido», o que, por um lado, me fez sentir como se tivesse levado um murro na cara, mas, por outro, me permitiu ter esperança de que a nossa amizade pudesse ter uma segunda oportunidade, agora que tínhamos esclarecido as coisas.

No entanto, por muito que nos esforcemos por nos tratar com naturalidade, desde essa altura que não tenho minimamente a sensação de que tudo seja como antes. Há algo entre nós

que sou incapaz de ignorar e que se reforça à medida que passo mais tempo com o Kesh. Ou quanto mais olho para ele, portanto, não há dúvida de que devo parar de o fazer neste momento.

Afasto o olhar do Kesh e dirijo-me para a margem do campo de treino, onde o meu saco de desporto está pousado num banco. Com uma mão tiro a garrafa de água e com a outra, o telemóvel. O Wren mandou-me uma mensagem.

SOS. Posso ir a tua casa com a Ruby?

Em casa dos Beauforts houve um sarilho e precisamos de nos distrair.

— Merda! — resmungo. Que porcaria de dia!

— Que é que se passa? — oiço a voz do Kesh perguntar atrás de mim.

Ainda está bastante longe, mas, apesar disso, fico com os pelos da nuca eriçados. Concentro-me em responder ao Wren e torno a enfiar o telemóvel no saco.

— O Wren vai agora a minha casa com a Ruby. — Viro-me para o Kesh. Pousa o olhar em mim e tenho dificuldade em reprimir a reação que a sua presença desperta em mim todas as vezes.

— A Ruby deve estar péssima — comenta o Kesh. Tira as coisas dele de cima do banco e vamos juntos para o balneário. — Foi expulsa por ter uma suposta relação com o Sutton. — O seu tom de ceticismo deixa claro que não acredita nesses rumores.

— Decididamente, ela não teve caso nenhum com o Sutton.

O Kesh olha para mim de soslaio, com uma expressão interrogativa.

— Tu estavas com o James quando ele tirou as fotografias, não estavas? — pergunto-lhe. O Kesh é bom observador. Não pode não se ter dado conta do que aconteceu.

— Estava, mas é impensável que ele tenha enviado as fotografias. Aqui há gato.

Resmungo, indeciso. O James já fez coisas muito piores do que mandar umas fotografias, mas, por muito que queira, não consigo imaginar que tenha feito qualquer coisa que prejudique a Ruby desta maneira.

Pigarreio.

— Vens comigo para minha casa?

O Kesh para a meio do corredor. Olha para mim com uma expressão hesitante. Algumas madeixas soltaram-se do carrapito solto com que costuma treinar. Gostava de esticar a mão e pôr-lhas atrás da orelha. Reprimo esse impulso e, em vez disso, aperto a garrafa de plástico com tanta força entre os dedos que acabo por a esmagar ruidosamente.

— Queres que vá? — retruque.

Desde que discutimos que eu e o Kesh só estivemos juntos em poucas ocasiões. Não consigo lembrar-me da última vez em que tivemos uma conversa a sério a sós. Quando estamos na mesma divisão, o ambiente fica carregado e tenho de me ir embora, porque tenho medo de voltar a cometer o mesmo erro de sempre e de me deixar levar pela única coisa que o Kesh é capaz de me dar: beijos fugazes no escuro e um secretismo eterno.

Contudo, tenho esperança de que tudo volte a ser como antes e de que consigamos ser bons amigos. Nem mais, nem menos. Portanto, anuo, apesar de saber que não é especialmente saudável para o meu coração passar a tarde com ele.

— Quantos mais formos, melhor. — Devolvo-lhe o olhar. De certeza que vê nos meus olhos

o que sinto. Estas coisas aprendem-se quando se mantêm uma relação durante muito tempo e, além disso, o Keshav é uma das pessoas mais empáticas que conheço.

Às vezes, gostava que tivesse usado esse dom antes de me partir o coração.

— Nesse caso, tenho todo o gosto em ir — responde-me a meia-voz.

— Ótimo. — Pigarreio. — Fantástico.

— Vou tomar um duche — anuncia, apontando para as cabinas no fim do corredor.

Sinto que torno a ficar ofegante, apesar de a minha pulsação já quase ter recuperado a calma depois do treino.

Passo depressa ao lado dele, em direção ao balneário.

— Espero por ti em frente do ginásio — digo-lhe olhando para trás.

Durante todo o caminho, sinto o olhar sereno e sábio do Kesh pousado na minha nuca.

A Ruby está com ar de quem teve um dia duro e esgotante. Quando chegou a minha casa, deixou-se cair no sofá com o rosto pálido e, desde então, não saiu do mesmo sítio. Enquanto todos usamos roupa normal, ela ainda tem vestido o uniforme do colégio. É uma imagem realmente triste. É impossível evitar o impulso de cuidar dela.

O Kesh transmite música do telemóvel para a aparelhagem e eu vou à cozinha ver o que temos no frigorífico. Desde que a Elaine e o Fred saíram de casa, os meus pais despediram uma parte do pessoal da cozinha e suspenderam o nosso almoço diário em família. Disso não tenho pena. Na maior parte das vezes, sentava-me à mesa, tenso, enquanto os meus pais conversavam com o Fred e sobre o Fred.

Agora, passam-se dias sem ver a minha família, mas é-me indiferente. Gosto de estar sozinho. Pelo menos, assim não tenho de fingir perante os meus pais que o comportamento deles não me magoa.

Tiro uma lasanha pré-cozinhada do frigorífico e aqueço-a no micro-ondas. Depois, sirvo quatro doses grandes e levo os pratos para o meu quarto. Ponho dois pratos na mesa, para mim e para a Ruby, estendo outro ao Wren e dou o quarto ao Kesh, que está sentado à minha secretária a olhar para o telemóvel. Depois, vou buscar talheres e copos e ponho-os na mesa.

— Toma — digo à Ruby, passando-lhe um garfo.

— Obrigada. — A voz da Ruby soa oca.

Sento-me ao lado dela no sofá e começo a comer a lasanha. Como sempre, depois do treino estou morto de fome.

Observo a Ruby pelo canto do olho e vejo-a levantar o garfo e comer hesitantemente um pedaço de lasanha, mas depois torna a pousar o prato no colo.

— Querem contar-nos o que aconteceu? — pergunto com cautela. — Ou passamos à frente e falamos de outro assunto?

O Wren, que está sentado no cadeirão em frente do sofá, levanta a vista e olha para a Ruby. Ela encolhe os ombros, como se, agora, tudo lhe fosse indiferente.

— O Mortimer expulsou a Lydia de casa — diz, por fim, o Wren.

O Kesh levanta a cabeça, surpreendido.

— Como?

— Eu ia levar a Ruby a casa do James — explica o Wren. — Mas, quando lá chegámos, o porta-bagagens do *Rolls-Royce* estava cheio até cima e a Lydia estava a chorar. Depois, meteram-se todos no carro e foram-se embora.

— Porra! — exclamo. — Que é que a Lydia terá feito?

A Ruby e o Wren trocam um olhar e depois concentram-se intensamente nos respetivos pratos. É evidente que sabem alguma coisa que não podem contar-nos.

— Já disse ao James que estamos aqui — diz o Wren, evitando a minha pergunta. — Vem cá ter quando voltar.

— Está bem. — Como o resto da lasanha, embora tenha ficado sem apetite, só de pensar em como a Lydia deve estar agora. Quando pouse o prato na mesa baixa de vidro que está à minha frente, olho para a Ruby de soslaio. Mal tocou na comida e mexe-lhe com o garfo, ensimesmada.

— Soube o que aconteceu no colégio — digo-lhe em voz baixa.

A Ruby levanta os olhos. É impossível não perceber quão difícil lhe é manter a calma.

— Eu estava presente quando o James tirou as fotografias, Ruby — admito. Uma centelha de raiva aparece nos olhos dela, mas continuo a falar antes que me responda. — Nessa altura, o James ainda não te conhecia. O seu intuito, com as fotografias, era proteger-se. Contudo, com o tempo, começou a gostar verdadeiramente de ti. Não acredito que ele seja responsável pelo que aconteceu hoje.

— Tenho de ouvir isso da boca dele.

Anuo.

— Eu percebo.

Faz-se silêncio entre nós. A dado momento, a Ruby empurra o prato para o lado e passa os olhos pelo quarto. Para numa fotografia emoldurada em que estamos eu, o James, o Cyril, o Wren e o Kesh. Temos vestidos os uniformes de lacrosse e estamos cobertos de lama da cabeça aos pés. Apesar disso, estamos radiantes, e o James, no meio, levanta ao alto a taça do campeonato que acabámos de vencer pela primeira vez. Mesmo hoje, continuo a recordar-me dessa sensação. Quão eufóricos estávamos.

Viro os olhos para a secretária e o meu olhar cruza-se com o do Keshav, como se ele tivesse estado à espera de que isso acontecesse.

Levanto-me bruscamente do sofá.

— Preciso de beber qualquer coisa — anuncio, dirigindo-me para a cómoda em que guardo as bebidas alcoólicas.

Pego numa garrafa de uísque meio cheia e sirvo o líquido em três copos. Pouse um diante do Wren e levo o outro para o Kesh, que o recusa com um gesto de cabeça e aponta para a garrafa de água que está ao lado da secretária.

Indeciso, olho para os dois copos que tenho na mão. Então, volto para o sofá e, sem pensar duas vezes, estendo um deles à Ruby.

Ela observa o copo que lhe ofereço. Penso que vai recusá-lo, mas, para minha enorme surpresa, pega nele. Antes que eu possa pará-la, lança a cabeça para trás e esvazia o copo com uns poucos goles.

Assobio em reconhecimento e a Ruby devolve-me o copo, lançando-me um olhar expectante.

Hesito por um segundo, mas depois torno a encher o copo.

— Têm a certeza de que isso é boa ideia? — pergunta o Wren, olhando para mim e para a Ruby.

Nesse momento, o Kesh põe a tocar no telemóvel uma canção com um ritmo rápido e cadenciado.

— Não — respondemos-lhe em uníssono.

Deixo-me cair no sofá e faço um brinde com a Ruby.

— Às más ideias.

Pela primeira vez nesta tarde, um leve sorriso desenha-se nos lábios da Ruby.

Ruby

A música flui pelas minhas veias. Enche-me da cabeça aos pés e dá-me vontade de me mexer. Danço sem pensar. Deixo-me levar.

É uma sensação fantástica.

Sei que este dia terá más consequências, mas, neste instante, estou-me nas tintas para isso. Só quero desfrutar ao máximo deste momento.

Torno a rodopiar sobre mim mesma. O Alistair lança um grito exultante.

— O uísque é fantástico! — exclamo, e viro-me para ele, que também está a dançar pelo quarto.

Brinda comigo com a garrafa. Não faço a mínima ideia de onde foi parar o copo dele.

— Nunca ninguém disse nada tão acertado — concorda. — Quando estás bêbeda, és verdadeiramente sábia, Ruby.

— Desculpa — digo-lhe —, mas sou sempre sábia.

O Alistair sorri.

— Tens novamente razão.

Não sei como é que isto aconteceu, mas, agora, o Alistair parece-me a pessoa mais doce do mundo. De repente, sinto-me muito próxima dele. É como se entre nós houvesse alguns pontos em comum, que não conseguia ver quando estava sóbria.

— Wren — chamo-o, tirando o telemóvel do bolso do casaco. — Tira-nos uma fotografia, a mim e ao Alistair.

Estendo-lhe o telemóvel e ele pega nele com um sorriso.

— Estão prontos? — pergunta.

— Um momento! — grita o Alistair, e põe-me o braço por cima dos ombros. Juntos, olhamos para a câmara com um ar radiante. — Agora.

— Um, dois... três!

Liberto-me do braço do Alistair para ir ter com o Wren e ver a fotografia. Está fantástica, embora, pelos vistos, não tenhamos ficado quietos, porque está um bocado tremida.

— Obrigada — digo ao Wren, voltando a guardar o telemóvel no bolso.

— Ouve, tens umas duzentas mensagens e chamadas perdidas — comenta o Wren em voz baixa. — Se calhar, devias vê-las, para ninguém morrer de preocupação.

A seriedade com que diz estas palavras penetra em mim, apesar do álcool, e paro. Hesitante, torno a pegar no telemóvel. Vejo o ecrã desfocado e tenho de pestanejar um par de vezes para conseguir ler o que diz: cinco chamadas perdidas da Ember e da Lin, três da minha mãe e do meu pai. Sete mensagens, no total.

— Merda — murmuro.

Cambaleio um pouco quando tento selecionar a primeira mensagem com o dedo e abri-la.

Soube o que aconteceu.

Queres conversar? Passo por tua casa?

Ao ler a mensagem da Lin, sinto-me perturbada. Sei que devia responder-lhe, mas, neste momento, não consigo. É a primeira vez desde esta manhã que não tenho a sensação de estar prestes a desatar a chorar. O álcool ajudou-me a superar este dia funesto e agora, se falar com a Lin, de certeza que vai querer analisar tudo o que aconteceu até ao mais ínfimo pormenor. Tal como a Ember, que também me mandou uma mensagem.

Desculpa, não estava em casa!

Que é que aconteceu? Onde é que estás?

Neste momento, não me apetece prestar atenção aos problemas que me esperam em casa. Não sei o que vai acontecer a partir de agora. E, por enquanto, também não quero saber.

Abano a cabeça e, sem ler o resto das mensagens, torno a guardar o telemóvel. Evito o olhar preocupado do Wren quando dispo o casaco e o atiro para o sofá. Depois, arregajo as mangas da camisa.

O Alistair aproxima-se de mim, pega-me na mão e faz-me rodopiar, como se tivesse sentido a minha mudança de humor. Não consigo evitar sorrir. Ele torna a fazer-me rodopiar e devolve-me o sorriso. Parece entender perfeitamente aquilo de que preciso agora. *Se calhar, ele também está a reprimir alguma coisa*, penso quando sigo o olhar dele e vejo, pela enésima vez nesta tarde, que se dirige para as costas do Keshav.

Pela primeira vez desde há imenso tempo — ou talvez pela primeira vez na minha vida —, solto-me por completo. Fecho os olhos e balanço ao ritmo da música. Deixo de pensar no que aconteceu hoje e permito que o Alistair me ajude a esquecer tudo. A dada altura, já não penso em nada e os movimentos saem por si mesmos. Só me chegam por alto retalhos da conversa entre o Wren e o Keshav, mas, salvo isso, só existe a melodia da música e a dormência produzida pelo álcool.

Não sei quanto tempo passamos assim. Perdi a noção do tempo e da quantidade de uísque que bebi no total.

— Outro gole? — pergunta-me o Alistair, levantando a garrafa.

Estou prestes a estender-lhe o meu copo vazio quando uma voz nos interrompe:

— Que é que se passa aqui?

Dou meia-volta. O James está parado à porta do quarto do Alistair. O Wren deve tê-lo deixado entrar em casa, porque aparece um pouco depois atrás dele.

— Não tenho nada que ver com isto, que fique bem claro — murmura, passando ao lado do James para se sentar no cadeirão onde estava antes.

Os olhos do James detêm-se em mim e, por um instante, ficamos apenas a olhar um para o outro. Reconheço nos seus olhos várias emoções diferentes.

Culpa. Remorsos. Raiva. Tristeza. Medo.

Encolhe-se-me o coração. Gostava de cruzar a distância que nos separa e de o abraçar. Ao mesmo tempo, tenho vontade de gritar com ele e de saber, de uma vez por todas, quem é que retocou as fotografias em que estou com o professor Sutton e quem é que as enviou ao Lexington.

— Entra, homem — diz o Alistair, e o James entra no quarto.

Enquanto caminha, vai despindo o *blazer* e segura-o no braço. Lembro-me deste *blazer*

cinzento. Era o que usava quando o apresentei aos meus pais. Quando me lembro disso, fico com um nó na garganta.

O James para uns instantes à nossa frente. Olha para mim, inseguro.

— Oi.

— Oi — respondo-lhe.

Franze o nariz momentaneamente e olha para o copo que tenho na mão.

— Vocês cheiram a uísque.

— Tens um olfato impressionante, mano — responde-lhe o Alistair. — Eu e a Ruby estivemos a beber para afogar as mágoas.

Perante esta confissão, o James não diz nada. Em vez disso, inclina a cabeça em direção ao sofá, levantando as sobrancelhas numa expressão inquisitiva. Só hesito um instante.

A euforia de há uns segundos desapareceu e o uísque já não é um elixir excitante para meu corpo, mas sim um peso quase insuportável na minha barriga.

Enquanto nos sentamos, o Kesh baixa a música.

O James pousa o *blazer* no chão, ao lado do sofá, recosta-se e passa as mãos pelo rosto. Quando se vira a para mim e me lança um olhar sombrio, parece extremamente cansado.

— Fui eu que tirei as fotografias em que apareces com o Sutton — começa a dizer. — Na festa de regresso ao colégio, no ano passado. Naquela altura, ainda não nos conhecíamos.

Anuo.

— Não sabia como irias agir, sabendo o que sabias sobre a Lydia. E pensei que precisava de ter alguma coisa contra ti.

— Que é que ela sabia sobre a Lydia? — pergunta o Kesh, franzindo o sobrolho.

O James expira com força.

— Não foi a Ruby que teve relações com o Sutton.

O Alistair baixa a garrafa de uísque.

— A Lydia e o Sutton? — pergunta então, sem acreditar. Apesar de ter, pelo menos, o dobro do álcool no sangue do que eu tenho, deve ter chegado imediatamente a algumas conclusões. — A sério?

— É por isso que o teu pai está tão furioso? — quer saber o Keshav.

— Sim. — O James faz uma breve pausa. — E porque a Lydia está grávida.

— James! — exclamo, quando o oiço revelar o segredo da Lydia. No entanto, quase ao mesmo tempo, percebo que nunca o teria feito sem o consentimento da irmã. A Lydia devia saber que ele viria aqui e que falaria connosco sobre isso.

O James pousa a mão sobre a minha e aperta-ma, deslizando suavemente o polegar pela minha pele.

— A Lydia pediu-me que vos contasse — diz, virando-se para o Alistair e o Kesh. — O meu pai expulsou-a de casa e mandou-a viver com a minha tia, em Beckdale. — Sinto-o ficar com o corpo tenso.

— Merda — diz o Alistair, estendendo a garrafa ao James, que a recusa.

— Como é que o teu pai soube? — pergunta-lhe o Wren de sobrolho franzido.

— Pelo Cyril. — O James cospe literalmente o nome.

Surpreendida, levanto os olhos dos nossos dedos entrelaçados. Esta notícia também é nova para mim.

— Como? Quando?

— No sábado, o Cyril viu a Lydia com o Sutton. Podem imaginar como reagiu, depois de

estar apaixonado por ela há tanto tempo. Mais tarde, fui a casa dele, para conversarmos sobre o assunto, e ele roubou-me o telemóvel. — O James abana a cabeça, como se ele próprio não conseguisse entender aquilo. — Fui dar-lhe apoio e ele aproveitou-se de mim sem o mais pequeno escrúpulo. Enviou as fotografias para o meu pai, para que ele se encarregasse de tirar o Sutton da vida da minha irmã. — Olha para mim. — E tu da minha.

Daí o bê ondulado estampado no envelope.

O Mortimer Beaufort retocou as fotografias em que eu aparecia com o Sutton e enviou-as para o Lexington, para se desfazer de mim e do professor Sutton.

— Dois coelhos de uma cajadada só — concluo, afónica.

— Não acredito — murmura o Wren. — O Cyril não pode ter descido tão baixo.

— Há pessoas que estão dispostas a fazer qualquer coisa quando o seu amor não é correspondido — responde o Keshav com um olhar sombrio.

— Que é que fazemos agora? — pergunta o Alistair. — Não podemos permitir que a Lydia fique sem casa e que expulsem a Ruby do colégio!

A minha simpatia para com o Alistair aumenta a cada segundo que passa.

— Tenho de conseguir que o Cyril confesse a verdade — diz o James. Depois, vira-se para mim. — Hás de ir para Oxford. — A voz dele é firme, como se não tivesse dúvida nenhuma da certeza das suas palavras. — Não importa o que eu tenha de fazer.

Antes que eu possa responder, o Wren intervém:

— Nós vamos ajudar-te.

O Keshav e o Alistair concordam com as palavras dele num murmúrio.

Olho para o James, que, por sua vez, olha para os amigos. O olhar dele expressa agradecimento e vejo perfeitamente o vínculo que se criou entre eles, depois de tantos anos de amizade. Os quatro irradiam confiança mútua e uma união incondicional, e, subitamente, a minha situação já não me parece tão má como há umas poucas horas.

James

As pulsações que sinto nas têmporas vão-se tornando mais insuportáveis à medida que o tempo passa. Os comprimidos que o Alistair foi buscar ao armário de medicamentos da mãe nem sequer fizeram efeito. Pelo contrário, tenho a sensação de que, quanto mais tempo passo em pé, mais a dor de cabeça aumenta.

«Não quero ir-me embora», soam nos meus ouvidos os soluços da Lydia. Um eco que me persegue há horas. «Não deixes que ele me expulse de casa, James.»

Aperto a cana do nariz com os dedos para aliviar a pressão que sinto atrás dos olhos. Em vão, infelizmente.

Falhei em todos os aspetos. Como irmão e como namorado. Se pudesse, ia eu para Beckdale, em vez da Lydia. E, se pudesse, daria à Ruby o meu lugar em Maxton Hall, para que ela pudesse fazer os exames finais. Seja como for, os meus desejos não vão ajudar-me nesta situação.

— James — murmura a Ruby.

— Sim?

— Expulsaram-me do colégio.

Baixo a vista para poder olhar para o rosto da Ruby. A luz dos candeeiros de rua é suficientemente forte para conseguir ver quão dilatadas estão as pupilas dela e quão vermelhas

estão as maçãs do rosto. Pedi ao Percy que nos deixasse à entrada de Gormsey, na esperança de que o passeio devolvesse alguma sobriedade à Ruby. Se a tivesse levado para casa no estado em que a encontrei em casa do Alistair, tenho a certeza de que os pais dela poriam uma cruz em cima do meu nome de uma vez por todas.

O corpo dela é percorrido por um ligeiro tremor. Sem pensar duas vezes, dispo o *blazer* e ponho-o em volta dos seus ombros. Faltam-me as palavras. Só consigo esfregar-lhe os braços e tentar que aqueça um pouco.

Dá um grito, que começou por ser uma pequena gargalhada e que se transforma depois num soluço.

— Eu. Expulsa do colégio. Consegues acreditar nisso?

Encolhe-se-me o coração. Não. Não consigo acreditar. Não quero acreditar. E também não quero acreditar que tudo isto tenha acontecido por minha culpa. Será que a Ruby vai conseguir continuar a olhar-me nos olhos depois de dormir, quando voltar a estar sóbria e se der conta de que fui eu que a pus nesta situação miserável?

— Não faço a mais pequena ideia do que hei de fazer agora — sussurra com a voz quebrada. — Nenhuma escola me vai aceitar com essa anotação no meu cadastro. E, sem o diploma, não posso entrar na universidade. Vou ter de trabalhar para não depender dos meus pais. — Pestaneja várias vezes. As lágrimas caem-lhe pelas maçãs do rosto. Respira entrecortadamente e a sua dor atinge-me em cheio.

— Lamento ter-te dececionado novamente — murmuro veementemente. Afasto-lhe uma madeixa de cabelo dos olhos, depois acaricio-lhe suavemente as maçãs do rosto com o polegar e limpo-lhe as lágrimas. — O que disse em casa do Alistair era a sério. Vou fazer o que for preciso para que possas ir para Oxford. Prometo.

Nunca na vida prometi uma coisa com tanta seriedade como neste momento.

Os meus sentimentos pela Ruby foram evoluindo a pouco e pouco, até que, no fim, se precipitaram sobre mim como uma tempestade. Com a Ruby, não há máscaras nem fachadas, é a única pessoa a quem dou tudo. E isso assusta-me muito. Não suportaria voltar a perdê-la. Não depois de termos superado juntos obstáculos tão grandes. Não sabendo bem como, sei que ela é a melhor coisa que alguma vez me aconteceu.

— Desde que te conheço que minha vida está virada do avesso — diz-me com aspereza. — Não sei se devo acreditar em ti.

A minha mão estremece sobre o rosto dela.

— Eu compreendo. Até que saibas, eu acreditarei pelos dois.

A Ruby engole em seco. E depois, como que em câmara lenta, deixa cair a cabeça sobre a minha clavícula. Respira fundo e, ao mesmo tempo, desliza as mãos para as minhas ancas. Agarra-se a mim com força, como se, neste momento, eu fosse a única pessoa que conseguisse sustê-la. Não sei se realmente confia em mim ou se está cansada por causa do álcool. No entanto, levanto a mão e acaricio-lhe a nuca.

Quando a Ruby está tão próxima de mim, já não me sinto como se tivesse todo o peso do mundo em cima dos ombros. Em vez disso, sinto-me como se tivesse o mundo entre os braços.

Ruby

Sou acordada por um ressonar ligeiro. Sinto as extremidades pesadas, mas viro-me para o lado e vejo que a Ember está deitada junto a mim. Esticou um braço por cima da cabeça e tem a boca entreaberta.

Como é que chegou à minha cama?

Não me lembro da última vez que dormimos juntas na mesma cama. Antigamente, costumávamos fazer festas de pijama aos fins de semana e quase adormecíamos uma em cima da outra, sem lavar os dentes e rodeadas de migalhas de batatas fritas.

Durante quase meio minuto aproximadamente fico nesse ponto feliz em que estamos acordados, mas ainda não estamos totalmente conscientes e a realidade ainda não nos engoliu. Contudo, depois sinto um gosto insípido na boca e, subitamente, a memória do dia anterior cai-me em cima com toda a força.

Um calafrio percorre-me o corpo e sinto o coração a bater no peito. Tudo aquilo aconteceu realmente. Fui expulsa do colégio e a Lydia foi posta fora de casa. Bebi uísque com o Alistair Ellington. Depois, o James trouxe-me a casa e prometeu-me que iria compor tudo.

Por vontade própria, os meus olhos deslizam para o quadro que está na parede por cima da minha secretária. De onde estou, não consigo ler o que está escrito no papel que tem os cantos dobrados, mas, por esta altura, já decorei o texto completo.

Sinto náuseas.

— Estás acordada — diz ao meu lado a voz sonolenta da Ember.

Só consigo emitir um grunhido.

A Ember apoia-se no braço e levanta-se.

— Onde é que te meteste ontem? A mamã e o papá estavam mortos de preocupação.

— Podia fazer-te exatamente a mesma pergunta — respondo-lhe, virando a cabeça para ela.

— Fui buscar-te à escola, mas a Maisie disse-me que não tinhas ido às aulas.

A Ember abre a boca e torna a fechá-la. Fica com as maçãs do rosto coradas, mas aguenta o meu olhar. No fim, suspira.

— Não fui às aulas, está bem? Estou com dificuldade a Matemática e precisava de um descanso, só isso.

Olho para ela de sobrolho franzido. Conheço a minha irmã desde que nasceu e sei perfeitamente quando me esconde alguma coisa. Não quero pressioná-la, ao fim e ao cabo tem direito a ter os seus segredos. Mas também não consigo evitar ser tomada pela inquietação. Endireito-me um pouco, mas, antes de conseguir responder-lhe, ela acrescenta rapidamente:

— Por favor, não digas nada aos pais.

Observo-a e penso durante uns segundos.

— Vá lá, Ruby.

— Não me vou chibar — acabo por dizer em voz baixa. — Mas, se precisares de ajuda, seja com Matemática ou com qualquer outra coisa, dizes-me, está bem?

Anui.

— Combinado.

Depois, instala-se um silêncio incômodo no quarto.

— É verdade? — pergunta-me depois a Ember, indecisa. — A sério que te expulsaram do colégio?

Agora, sento-me na cama. Uns pontos negros aparecem diante dos meus olhos e esfrego o rosto antes de responder afirmativamente.

Nesse preciso momento, batem suavemente à porta e a nossa mãe espreita para o quarto. Tento interpretar a expressão do rosto dela, mas parece esforçar-se por não mostrar o que sente.

— Mamã... — começo a dizer, mas indica-me que me cale com um movimento da cabeça.

— Eu e o pai queremos que desçam — diz-nos num tom neutro. — Temos de ter uma conversa séria com as duas.

Vai-se embora e, pouco depois, oiço-a descer a escada. Esfrego os olhos e bocejo. A Ember senta-se ao meu lado e sinto o seu olhar pousado em mim, à espera de uma resposta.

Sem dizer palavra, levanto-me e vou à casa de banho. Lavo os dentes minuciosamente, para fazer desaparecer o mau sabor, e lavo a cara. Depois, faço um rabo de cavalo e penteio a franja o melhor que consigo. Quando regresso ao quarto, a Ember vai para a casa de banho. Esta rotina matinal é-me tão familiar que, quando estou em frente do guarda-vestidos, a minha mão dirige-se sozinha para o uniforme do colégio. Afasto-a a toda a velocidade, como se o azul-escuro queimasse. Tenho de respirar fundo várias vezes para reprimir o pânico que ameaça invadir-me, depois afasto o cabide com o uniforme para o lado e pego na saia *midi* preta e num *top* bege largo.

Os nossos pais já estão sentados à mesa quando eu e a Ember entramos na cozinha. Se fosse uma manhã normal, cumprimentar-nos-iam com um sorriso, mostrariam interesse por saber os planos que temos para o dia e contar-nos-iam os deles enquanto tomávamos o pequeno-almoço juntos. Contudo, agora, olham para nós com expressões impassíveis quando nos sentamos diante deles. O único som que se ouve na cozinha é o leve rumor da chaleira.

Trocam um olhar e parecem comunicar sem palavras. Depois, o meu pai vira-se para mim.

— Que é que aconteceu ontem, Ruby? — pergunta-me.

Olho para um e para o outro com uma expressão desconcertada.

— De certeza que a mamã já te contou tudo.

— Sim, mas quero que sejas tu a contar-me.

A expressão do meu pai é neutra, não dá mostras do julgamento e da decepção que a minha mãe mostrou ontem. Isso faz-me afastar o olhar do rosto dele e fixá-lo numa mossa da mesa.

— Fui... fui expulsa do colégio — consigo responder.

— E porquê?

Cerro os dentes com força. A pele de galinha que me cobre os braços provoca-me uma sensação desagradável e tenho as mãos frias e pegajosas ao mesmo tempo. Nunca me tinha sentido tão incômoda na presença da minha família. Gostava de poder levantar-me e voltar para o meu quarto.

— Não sei o que queres que te diga, pai — respondo-lhe, dando um suspiro. — Tenho de confessar que é verdade? Que queria melhorar um pouco as notas para entrar em Oxford e que, por isso, beijei o meu professor de História?

Ao meu lado, a Ember muda inquietamente de posição na cadeira. Não consigo enfrentá-la, nem a ela nem aos meus pais, portanto, desvio o olhar ao acaso e paro no relógio que está

pendurada na parede em frente da mesa.

Daqui a cinco minutos, chega o autocarro do colégio. Normalmente, já estaria há algum tempo à espera dele, com a mochila às costas. Em vez disso, estou aqui sentada na cozinha, a ser submetida a um interrogatório.

— Não, não é isso que quero ouvir da tua boca — diz o meu pai calmamente. — Quero saber que história é essa das fotografias, sim, mas gostava que me contasses a tua versão.

Olho para ele, surpreendida.

— Ontem não te dei oportunidade de o fazeres e arrependo-me — acrescenta a minha mãe. — A situação ultrapassou-me. Estar sentada naquele gabinete e ver as fotografias... acreditei no que o senhor Lexington me contou e não te deixei falar.

Fico sem respiração.

— Lamento, Ruby.

De repente, começo a sentir picadas nos olhos. Forma-se-me um nó na garganta e tento engoli-lo várias vezes, sem sucesso.

— Mas não podes desaparecer sem mais nem menos. — A voz dela transforma-se num murmúrio veemente. — Ficámos muito preocupados contigo.

— Não foi correto não te termos apoiado ontem — continua o meu pai.

— E seria muito importante para nós que nos contasses o que aconteceu — acrescenta a minha mãe.

Por muito que pestaneje, não consigo conter as lágrimas. À minha esquerda, a Ember levanta a mão e acaricia-me ligeiramente as costas. A minha irmã não imagina o quanto me faz feliz que esteja ao meu lado neste momento.

A minha mãe serve-me uma chávena de chá e empurra-a para mim por cima da mesa. Limpo as maçãs do rosto e depois ponho as mãos em volta da porcelana quente, o que alivia a pouco e pouco o frio que sinto nos ossos. Os meus pais dão-me tempo para organizar os pensamentos. Reflito brevemente sobre aquilo que lhes posso contar, sopesando se revelar os segredos dos meus amigos significa que estou a trair a confiança que depositaram em mim. Contudo, por esta altura, este assunto não afeta apenas a Lydia e o James, também me afeta a mim. E, por muito importantes que ambos sejam para mim, não posso continuar a pôr em xeque a minha relação com os meus pais.

— Tudo começou no dia em que tive de ir buscar a carta de recomendação ao gabinete do professor Sutton — digo-lhes depois de hesitar um pouco. — Em setembro do ano passado.

Os meus pais ouvem-me com atenção. Agora, a situação já não me parece tão intimidante. Pelo contrário, sinto-me como se estivesse num espaço protegido, onde finalmente posso contar a verdade. Portanto, continuo a falar:

— Pensava que tínhamos combinado a uma determinada hora, mas, quando entrei no gabinete, ele não estava sozinho.

É-me difícil começar, mas depois as palavras brotam dos meus lábios cada vez mais facilmente. Quando lhes conto que o Cyril e o pai do James estão por trás do assunto das fotografias, a minha mãe agarra a mão do meu pai.

— O Mortimer Beaufort é um homem sem escrúpulos — digo-lhes num tom apagado. — Seria capaz de matar para defender a reputação da sua família.

— E é-lhe indiferente que, com isso, destrua outra família — diz a minha mãe, abanando a cabeça. — É uma pessoa horrível.

— Horrível? Ocorrem-me mais alguns adjetivos para o descrever — responde o meu pai,

entre cujas sobranceiras se formou uma ruga profunda.

— Pergunto-me como é que um monstro assim conseguiu criar uma pessoa tão bondosa como a Lydia — comenta a Ember.

Falei durante tanto tempo seguido que fiquei com falta de ar. Bebo um pouco de chá e espero que o nó que ainda tenho na garganta desapareça rapidamente.

O silêncio instala-se na cozinha, mas, contrariamente a antes, não é um silêncio incómodo, é pensativo.

— Não posso acreditar que tenhas aguentado tudo isto sozinha, sem o partilhares com ninguém — comenta o meu pai, tirando os óculos e esfregando os olhos.

Entretanto, o chá arrefeceu e pouse a chávena em cima da mesa.

— Não podia trair a Lydia e o James, que tinham confiado em mim.

— Mas agora já não se trata apenas deles os dois — intervém suavemente a Ember, expressando aquilo que eu também descobri ontem.

— Este assunto ultrapassou-nos. Não sei como hei de convencer o diretor Lexington da verdade. O senhor Beaufort é membro do conselho de pais e todos os anos doa enormes quantias ao colégio, tal como os pais do Cyril. Se for a palavra dele contra a minha, é evidente em quem vão acreditar.

— Mas deve haver originais dessas fotografias, não? — pergunta-me a minha mãe.

— O Cyril deve tê-los apagado. No entanto, se ainda existirem, de certeza que é ele que os tem, ou o senhor Beaufort.

— Mesmo que ainda existam, como é que a Ruby poderia provar que não foram essas imagens que foram retocadas?

— Assim não chegamos a parte nenhuma — diz o meu pai, abanando a cabeça. — Temos de falar com o diretor e de lhe contar a verdade.

— Não! — exclamo. — Isso não seria correto. Não posso trair a Lydia. O pai dela expulsou-a de casa. O que pensam que ele vai fazer, se tudo isto vier a público?

Lembro-me das coisas que o James me contou sobre o pai. Lembro-me dos olhos frios do Sr. Beaufort, do lábio magoado do James e das manchas azuis e vermelhas no rosto da Lydia.

— Esse homem é imprevisível, pai.

A minha mãe pega-me nas mãos por cima da mesa e aperta-mas.

— Acho maravilhoso que queiras proteger os teus amigos, Ruby, mas, neste momento, trata-se do teu futuro.

— Mamã, a sério, não posso fazer isso à Lydia — digo-lhe com a voz embargada. — Tenho de acreditar que o James vai conseguir que o Cyril conte a verdade sobre as fotografias que chegaram às mãos do diretor.

A minha mãe bufa e olha para o meu pai. Está com uma expressão mais dura.

— Seja como for, devemos falar com o diretor. — Abro a boca para protestar, mas ele levanta a mão. — Não temos necessidade de lhe dizer nada sobre a Lydia, mas quero que se verifique a autenticidade dessas fotografias.

Cerro os lábios com força. Mesmo que me tenha sabido bem contar a verdade aos meus pais, ao mesmo tempo inquieta-me que tenhamos opiniões diferentes em relação a isto.

— Por favor, deixem que o James tente falar com o Cyril antes de agirem por vossa conta — suplico-lhes.

Os meus pais trocam um olhar.

— Podes realmente confiar no James? — pergunta-me a minha mãe docemente. — Afinal

de contas, foi ele que tirou as fotografias.

Contra a minha vontade, fico tensa. Como é evidente, a minha mãe tem razão. Vendo as coisas de modo objetivo, não há motivo nenhum para eu deixar o meu futuro nas mãos do James.

— As coisas não são como pensas, mamã — diz a Ember, saltando inesperadamente em minha ajuda. — O James está apaixonado pela Ruby. Nunca a prejudicaria intencionalmente.

De repente, sinto as maçãs do rosto a arder. Quando olho para a Ember, ela encolhe os ombros.

— Basta passar um minuto convosco para perceber isso.

A minha mãe torna a olhar para o meu pai, cuja expressão não denota o mínimo convencimento.

Sustenho a respiração.

— Damos-lhe uma semana — diz o meu pai. — Depois, iremos falar com o Lexington. Esforçaste-te demasiado nestes últimos anos para agora deitarem à rua todo o teu trabalho por causa de umas mentiras. — A voz do meu pai treme de raiva contida, mas, antes que alguém consiga comentar a sua decisão, põe as mãos nas rodas da cadeira e sai da cozinha.

A minha mãe torna a apertar-me as mãos.

— Obrigada por nos teres contado tudo.

Anuo, aturdida.

— Espero que consigas perdoar-me pela maneira como reagi. Não soube como me comportar nesta situação.

— Eu sei — sussurro, apertando-lhe também as mãos. — Não faz mal, mamã.

Ela levanta-se e inclina-se para me dar um beijo na cabeça, e depois vai atrás do meu pai.

O sentimento de libertação que acabo de sentir vai desaparecendo a pouco e pouco. Em seu lugar, o cansaço torna a apoderar-se das minhas extremidades e deixo cair a cabeça no ombro da Ember, que levanta uma mão e me acaricia o cabelo.

— Pelo menos, graças a ti, não se deram conta de que ontem faltei às aulas — murmura.

Transformo a fraqueza em forças e dou-lhe um soco nas costelas.

James

Levo o dedo à campainha, mas não consigo premir o botão. Sinto-me como se alguém tivesse posto uma corrente de ferro invisível à volta do meu punho e me retivesse o braço com toda a força.

No entanto, não é a primeira vez que estou diante da porta de casa da Ruby. Nem sequer é a primeira vez que estou nervoso por me encontrar com ela e com os pais. Contudo, depois de tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, não faço ideia do que me espera atrás desta porta, de como vou olhar os pais da Ruby nos olhos nem do que devo dizer-lhes. E sinto o mesmo em relação a ela. E se não estiver disposta a perdoar-me e voltar a acabar comigo?

Sinto um espasmo doloroso na barriga só de pensar nisso. Acho que nunca estive tão nervoso como neste momento.

No entanto, ir-me embora também não é uma opção. Fiz uma promessa à Ruby e, além disso, é provável que a Lin me matasse se eu não lhe desse os apontamentos, tal como combinámos.

Respiro fundo. Reúno coragem e toco à campainha. Passado meio minuto, a porta abre-se. O pai da Ruby levanta os olhos para mim: o seu olhar é duro e desafiante, e a determinação que vejo nele recorda-me imediatamente da Ruby. Tenho de pigarrear.

— Olá, senhor Bell — cumprimento-o.

— James — responde-me num tom apagado. É evidente que a minha visita não lhe dá grande alegria.

— Venho trazer os trabalhos de casa à Ruby. Além disso, tenho os apontamentos das aulas a que faltou — comento, mostrando como prova o pequeno monte de papéis que reuni.

Passam uns segundos, durante os quais o Sr. Bell me observa sem dizer palavra. Sustenho o seu olhar, tal como tento fazer sempre com a Ruby.

— Entra — diz, por fim, afastando a cadeira de rodas para o lado para me dar espaço para entrar em casa.

Entro para o pequeno vestíbulo e, tal como aconteceu da última vez, a minha atenção é atraída para as fotografias de família que estão penduradas nas paredes.

Se algum dia tiver uma casa, quero ter fotografias assim penduradas nas paredes, passa-me pela cabeça, e a ideia apanha-me tão desprevenido que tenho de afastar os olhos.

— Ruby! — grita o Sr. Bell, tão alto que me sobressalta. — Tens visitas!

Ouvem-se uns passos no piso superior, seguidos do ranger dos degraus quando a Ruby desce lentamente a escada. Quando me vê, fica de olhos esbugalhados, surpreendida.

— Oi — digo-lhe a meia-voz, quando para à minha frente.

Sei que este cumprimento não é suficiente. Gostava de lhe dizer muito mais, mas não posso. Não enquanto o Sr. Bell nos estiver a observar com os seus olhos vigilantes.

— O James veio trazer-te os trabalhos de casa — explica-lhe. — Podem ir para a sala de estar. Eu e a Helen íamos agora preparar um chá.

Sigo-o com o olhar quando vai para a cozinha. Depois, é a Ruby que torna a atrair a minha atenção. Parece cansada e abatida, e gostava de a abraçar e de nunca mais a largar, mas sei que isso não a ajudará e menos ainda resolverá os seus problemas, portanto, reprimo o impulso e inclino a cabeça, inquisitivo, em direção à sala de estar.

A Ruby anui e vai à frente, e eu sigo-a a uma certa distância.

— Eu e a Lin achámos que ias querer os apontamentos das aulas, para não ficares para trás em nenhuma disciplina — digo-lhe, depois de nos termos sentado no sofá ao lado um do outro. Pouso o monte de papéis em cima da mesa.

— Falaste com a Lin? — pergunta-me a Ruby. Inclina-se para a frente, para ler o papel que está no topo.

— Sim. Encontrámo-nos na pausa do almoço e discutimos qual dos dois iria tirar apontamentos para ti e de que disciplina.

Os cantos dos lábios da Ruby levantam-se quase impercetivelmente, mas levantam-se.

— A Lin estava preocupada — continuo. — Disse-me que desde ontem que não conseguia falar contigo.

— A verdade é que não me apetecia falar com ninguém — confessa a Ruby em voz baixa.

— Eu compreendo.

Ficamos calados durante um bocado. Depois, a Ruby pega na primeira folha, levanta-a e olha para mim com uma expressão interrogativa.

— Que é que significa este *post-it*?

Pigarreio.

— Cada disciplina tem uma cor — explico. — Para que as identifiques imediatamente. A Lin ensinou-me o teu código de cores. Portanto, isso é Matemática.

A Ruby olha alternadamente para as folhas de papel e para mim, e uma parte da desolação que sente desaparece dos seus olhos. Outro sentimento diferente, mais carinhoso, ocupa o seu lugar, e um pequeno sorriso desenha-se no rosto dela. Tira todo o monte de papéis de cima da mesa, pousa-o no colo e começa a ler os apontamentos mais atentamente.

— Pensei que o melhor seria leres tudo com calma e, se tiveres dúvidas, podemos revê-los juntos. Menos Literatura, que vocês já começaram o *Anna Karénina* e nós ainda não. Mas a Lin pode ajudar-te com isso.

A Ruby anui, pensativa, e continua a folhear os apontamentos.

— Espero que consigas entender tudo. Esforcei-me muito, mas...

Estaco. A Ruby dá um saltinho, aproxima-se de mim e abraça-me.

— É absolutamente genial, muito obrigada — diz.

Algumas folhas caíram ao chão, mas, neste momento, isso não me preocupa. Devolvo-lhe o abraço o melhor que posso.

— Não quero renunciar a Maxton Hall — confessa a Ruby. Oiço a sua voz amortecida pelo meu casaco.

— Eu sei — respondo-lhe.

Aperta-se ainda mais contra mim e abraça-a com força.

— Olá, James — diz de repente uma voz atrás de nós.

Largar a Ruby é o que menos me apetece fazer neste momento, mas o tom gozão da Ember não me deixa outro remédio. Viro-me para a voz. A irmã e a mãe da Ruby estão à entrada da porta da sala de estar. Levanto-me do sofá de um salto.

— Olá, Helen — digo, alisando o casaco. — Estás boa, Ember?

Durante uns segundos, mergulhamos num silêncio incómodo. Depois, a Helen dá uns passos para mim. Por um segundo, temo que vá esbofetear-me. Cerro os dentes, preparando-me para o golpe, mas depois a mãe da Ruby surpreende-me.

Estica os braços para mim.

Não sei o que pretende.

A Helen Bell abraça-me.

— Lamento muito o que aconteceu à tua família, James — murmura.

As palavras dela deixam-me sem respiração.

Recua e segura-me os braços com as mãos. Sinto o corpo tenso como uma tábua. Não consigo mexer-me e sou incapaz de dizer palavra. Lembro-me da última vez em que a minha mãe me abraçou. Foi no nosso último aniversário enquanto tomávamos o pequeno-almoço. Primeiro, dirigiu-se para a Lydia com os braços abertos e, depois, veio abraçar-me.

— Se houver alguma coisa que possamos fazer por ti e pela tua irmã, não hesites em dizer — continua a Helen ao mesmo tempo que eu reprimo a recordação da minha mãe.

Esperava que me criticassem. Esperava rejeição e zanga. Que me fechassem a porta na cara. Em contrapartida, a mãe da Ruby abraça-me e oferece-me ajuda. A mim. Apesar de ter sido eu quem provocou a expulsão da filha do colégio.

Estou confuso. Já não entendo nada. Só sinto que me custa imenso olhá-la nos olhos, sem deixar que se perceba o muito que as suas palavras me comovem. Talvez seja esta a arma pessoal da Helen: a doçura.

— O James trouxe-me os apontamentos do colégio, para eu não perder nada. — Ao falar, a Ruby arranca-me do meu imobilismo. Se ela não tivesse dito nada, é possível que eu não tivesse conseguido mexer-me e que tivesse ficado resto do dia no meio da sala de estar, como uma estátua de sal.

Só quando a Helen se vira para a Ruby e se encaminha para o sofá é que consigo finalmente respirar novamente. Preciso de um segundo para recuperar e voltar para junto da Ruby, que, neste momento, está a apanhar os apontamentos do chão.

A Ember observa intensamente uma das páginas e segura-a de maneira que a Ruby consiga vê-la.

— Parecem feitos por ti — comenta, quase divertida.

A Ruby dirige-me um pequeno sorriso, que me atravessa como uma flecha.

— Parecem mesmo, não é?

Volto para o sofá e torno a sentar-me. Tenho o coração a bater descompassadamente, mas a proximidade da Ruby faz com que os meus nervos se vão acalmando a pouco e pouco.

— Ember, preciso novamente da tua ajuda na cozinha — diz a Helen.

A Ember faz uma expressão de desespero fingido, mas não protesta.

Depois, eu e a Ruby tornamos a ficar sozinhos.

Olho para o sítio por onde ambas saíram.

— Parece que viste um fantasma — diz a Ruby na brincadeira.

— A tua mãe é... — Não sei como descrever o que me aconteceu, portanto, recosto-me no sofá, abanando a cabeça, e sorrio para a Ruby.

— Espero que não te chateies por eu lhes ter contado.

— Claro que não — respondo-lhe imediatamente. — Os teus pais têm de saber a verdade.

Dá um suspiro profundo, aliviada.

— Não tinha a certeza de que encarasses as coisas dessa maneira.

Anuo. O que une a Ruby à sua família é algo que eu desconheço, mas sei quão valioso é.

— A vossa relação parece-me fantástica. É incrível que possas falar com eles sobre uma coisa destas. Não era minha intenção pressionar-te. Desculpa.

— Não me pressionaste. Só queria mantê-los afastados desta história, como faço há mais de dois anos — responde-me em voz baixa, mas num tom veemente.

Ponho-me a olhar para os dedos.

Não consigo deixar de pensar no barulho que a mão do meu pai fez ao bater no rosto da Lydia. Esta noite sonhei com isso sem parar e até acordei várias vezes.

— James? — murmura a Ruby.

Olho para a pele que ficou branca sobre os meus nós dos dedos.

— Às vezes, gostava de que as coisas em minha casa fossem como aqui. Gostava de ter pais, uma família com quem poder falar, como tu com a tua. Eu... — Não consigo dizer mais nada.

— Eu sei — diz a Ruby. Aproxima-se um pouco mais de mim e os nossos joelhos tocam-se.

— Não consigo acreditar que o meu pai tenha expulsado a Lydia de casa. — De repente, começo a ofegar. Sinto o coração a bater com força no meu peito e, ao mesmo tempo, parece-me que o meu corpo é demasiado pequeno para assimilar tudo o que me acontece. — Não pude fazer nada para evitar isso. Não pude mesmo fazer nada, Ruby.

Ela põe as mãos sobre os meus punhos cerrados. O contacto é suave e cálido, tal como a voz quando fala comigo.

— Ninguém podia ter evitado que isso acontecesse. Fizeste tudo o que pudeste.

Engulo em seco. É como se tivesse um milhão de alfinetes na garganta.

— No entanto, não foi suficiente. E... lamento tanto o que aconteceu ontem...

— Eu sei — responde-me a Ruby. Aperta-me as mãos e levanto a cabeça para olhar para ela. Nos seus olhos há tristeza, mas também mais qualquer coisa. Qualquer coisa a que me agarro, porque percebo que é algo fiável e bom.

— Estar contigo e com a Lydia é a coisa mais importante para mim neste momento. Vocês são o mais importante para mim.

Abro as mãos para as virar e, desse modo, poder pegar nas da Ruby. Levo-as cuidadosamente à boca e ponho os lábios sobre elas.

O olhar da Ruby é cada vez mais carinhoso. Cada vez mais vivo.

— Por momentos, duvidei — admite ela em voz baixa. — À porta do gabinete do Lexington.

Anuo. Sim, eu vi isso. O seu olhar de incredulidade e a decepção que havia nele chegaram-me à medula. Sei que, no passado, cometi erros graves. Mas tirar aquele tipo de fotografias... isso já não faz parte da minha vida. Esse tipo de artimanhas já não corresponde ao homem que sou agora. Ou que quero ser.

— Já nem me lembrava de que ainda tinha as fotografias no telemóvel.

A Ruby anui secamente e depois expira com força.

— Vai ser difícil convencer o Lexington da verdade.

— É provável.

Por uns instantes, ambos nos sumimos nos nossos próprios pensamentos.

— E a Lydia? — pergunta-me a Ruby a seguir. — Que é que se passa com ela agora?

Pigarreio.

— Está a viver com a Ophelia e tem aulas particulares para poder fazer os exames finais. O meu pai ameaçou-a, dizendo-lhe que denunciaria o Sutton se ela se recusasse a estudar.

A Ruby fica tensa e vejo brilhar nos seus olhos a mesma raiva que eu sinto.

— O que eu mais gostava era de também fazer as malas.

— Porque é que não fazes isso? — pergunta-me cautelosamente a Ruby. — Se calhar, assim o teu pai cai em si e dá-se conta de que cometeu um erro.

Abano negativamente a cabeça.

— Não posso permitir que a situação se agrave ainda mais. Se me for embora, não terei oportunidade de convencer o meu pai a deixar a Lydia voltar para casa.

A Ruby franze o sobrolho.

— Então, isso significa...

— Que, inicialmente, vou fazer o que ele quer — concluo abatido.

— Oh, James...

Encolho os ombros. A última coisa que queria era vir aqui e sobrecarregar a Ruby com os problemas da minha família. Já tem demasiadas coisas na cabeça para, ainda por cima, ter de se preocupar comigo e com a Lydia.

— Achas que ele algum dia vai mudar? — pergunta-me a Ruby, acariciando-me as costas da mão com o polegar.

Oíço o que o meu coração me diz e reflito. Nunca pensei se o meu pai mudaria algum dia. Para mim, sempre foi apenas o Mortimer Beaufort, um homem de negócios que deposita grandes esperanças em mim e que, desde a minha infância, me submeteu a uma pressão tão grande que sempre tive a sensação de estar prestes a sufocar.

Com frequência, sonho que me estou a afogar no mar e que o meu pai está por cima de mim e me observa enquanto morro. É assim que me sinto neste momento.

— Não acredito — respondo-lhe em voz baixa.

A Ruby aproxima-se um pouco mais de mim e apoio a cabeça na dela.

— Estou do teu lado — murmura.

Não consigo responder-lhe. Limito-me a rodeá-la com o braço e a apertá-la contra mim.

— Pensei em visitar a Lydia no próximo fim de semana — comento passado um bocado. — Sei que, com a Ophelia, estará bem. Mas, com exceção da nossa tia, não conhece mais ninguém em Beckale e não quero que se sinta sozinha.

— Posso ir contigo? — pergunta-me a Ruby passados uns minutos.

— Visitar a Lydia?

A Ruby anui. Deve ter reparado na minha surpresa porque, antes que eu lhe respondasse, acrescenta rapidamente:

— Qualquer dia. Bem, se quiseres.

— De certeza que a Lydia ia ficar contente. — Encosto-me um pouco mais para trás para conseguir ver melhor a Ruby, e acrescento: — E eu também.

Teria dado tudo para ficar com a Ruby durante o resto do dia, mas hoje ainda tenho de tratar de um assunto pendente que é tudo menos agradável.

Estaciono o carro em frente do clube Red Heaven e saio. Não é habitual ser eu a conduzir, mas o Percy disse que estava doente e tirou o dia. Não o posso criticar. Deixar a Lydia a chorar em casa da Ophelia e depois regressar como se nada tivesse acontecido não deve ter sido fácil para ele.

Fecho a porta do carro com mais força do que a necessária e caminho uns metros até à entrada do clube. Por esta altura, o sol já quase se pôs e só se vê um ligeiro brilho avermelhado

ao longe.

Afasto as pesadas cortinas de veludo para o lado e entro. O típico aroma adocicado da maquilhagem invade-me o nariz e sinto imediatamente a cabeça pesada. Acho que nunca estive sóbrio nesta espelunca. Sem a influência do álcool, este cheiro e a visão dos postes de *pole dance*, em que as dançarinas, banhadas pela luz rosada e avermelhada, dançam ao ritmo de uma canção lenta com uns graves profundos, parecem-me surrealistas. Como um mundo que me é alheio e do qual já não faço parte.

— James! — soa ao longe a voz trovejante do Bear.

Com exceção dele e das dançarinas, ainda não há ninguém nesta zona do clube, o que não me parece estranho. Aqui, a hora de ponta é muito mais tarde.

Viro-me para o proprietário do Red Heaven e vejo-o aproximar-se com os braços abertos. O nome dele, «urso», não condiz com a sua magreza e altura, nem com o fato da Beaufort feito à medida que usa.

— Primeiro, o Cyril, e agora tu. A que se deve esta honra?

— Bear — cumprimento-o, estendendo-lhe a mão. O aperto de mão dele é tão forte e intenso quanto o do meu pai. Respondo-lhe sem pestanejar: — Vim falar com o Cyril. Onde é que ele está?

Apesar de o sorriso dos lábios dele não diminuir nem um milímetro, aparece-lhe nos olhos uma expressão séria.

— Está lá atrás, numa das salas privadas, divirtam-se.

Engulo em seco. Era evidente.

— Espero que ele esteja em condições de ter uma conversa.

O Bear aponta para o outro lado do clube.

— Pela cara de funeral que tens, ele deve ter feito alguma barbaridade.

Dirijo o olhar para a pesada porta que leva à zona VIP sem responder ao Bear.

— Sabes que não tolero zaragatas no meu estabelecimento, James — acrescenta em voz baixa. — Se precisam de resolver as vossas diferenças, este não é o local adequado.

— Não faço tenção de pôr as mãos em ninguém — respondo-lhe.

— Ótimo — limita-se o Bear a dizer, antes de me abrir a porta. — Está ao fundo.

Anuo e percorro o corredor em direção ao sítio que o Bear me indicou. Sem hesitar um segundo que seja, afasto a cortina.

O Cyril está sentado num dos sofás de cabedal preto. Parece descontraído, tem a cabeça deitada para trás e observa a dançarina que se balouça diante dele ao ritmo da música. Vê-a levar as mãos ao cabelo e descrever círculos com as ancas. Lentamente, a rapariga vai-se baixando...

Pigarreio.

O Cyril não vira a cabeça para mim, mas vejo que cada músculo do corpo dele fica tenso.

— Linette — diz, sem afastar os olhos da dançarina. — Podemos fazer uma pequena pausa? — A voz dele não tem qualquer entoação ou emoção.

A Linette para, surpreendida, mas anui quando me vê à porta. Desce da pequena pista de dança e lança-me um sorriso ao passar ao meu lado.

Aproximo-me lentamente do sofá. Puxo um dos bancos de cabedal para me sentar em frente do Cyril. Ele nem sequer se dá ao trabalho de olhar para mim. Em vez disso, observa o teto com olhos turvos, como se tivesse tomado qualquer coisa mais forte, além do álcool.

Lembro-me das palavras que disse ontem. Do tom provocador da sua voz: «Pergunta-lhe,

Ruby. Pergunta-lhe quem é que tirou essas fotografias.» De como me devolveu o telemóvel e gozou comigo, dizendo-me «Obrigado». Tive de fazer uso de toda a minha força de vontade para não me atirar a ele e, em vez disso, dar meia-volta e deixá-lo plantado diante do gabinete do Lexington.

Conheço o Cyril. Se o tivesse atacado, teria feito precisamente o que ele queria. Tal como, seguramente, é o que espera neste momento. Mas não vou fazer-lhe esse favor. Não vou ajudá-lo a compensar a dor que sente com a minha raiva. Porque é evidente que o Cyril está a sofrer. Pelo menos, é evidente para alguém que o conhece desde sempre, como eu.

— O meu pai expulsou a Lydia de casa — começo por lhe dizer.

As minhas palavras surtem o efeito desejado: o Cyril estremece e olha para mim com os olhos turvos.

A Lydia é a única coisa que lhe interessa. Eu sabia que, desta maneira, iria conseguir captar-lhe a atenção.

— Gritou com ela, bateu-lhe e mandou-a para Beckdale, para casa da nossa tia, Cy — continuo, num tom de voz calmo. Jurei a mim mesmo que ia manter a cabeça fria, mas, assim que essa recordação me invade, cerro os punhos instintivamente.

Nos olhos do Cyril cintila algo sombrio.

— Ele disse-me que ia encarregar-se de que o Sutton desapareceria da vida dela... — confessa com a voz rouca. — Que podíamos livrar-nos dos dois de uma só vez.

Cravo as unhas nas palmas da mão.

— Que diabos te fez a Ruby? — replico.

O Cy dá uma gargalhada que não soa nada divertida. Esfrega o rosto com as mãos e enterra-as no cabelo escuro.

— Antes de eles os dois terem aparecido, era tudo perfeito, meu.

— Não era nada perfeito. Antes de conhecer o Sutton, a Lydia tinha uma vida tristíssima.

O Cyril fica com os ombros tensos e também cerra os punhos.

— Isso não é verdade.

— Se calhar, não a conheces tão bem quanto pensas.

— Merda! — exclama o Cyril, batendo com o punho no sofá. — Eu só queria que tudo voltasse a ser como antes!

— Comportas-te como se, antes, tudo fosse fabuloso, Cy. Mas não é verdade, não era.

— Divertíamos-nos imenso juntos — diz-me com a voz trémula. — Estávamos-nos nas tintas para o que os outros pensavam de nós. Éramos invencíveis, James. E agora não resta nada disso.

Tem as maçãs do rosto coradas e os seus ombros sobem e descem rapidamente.

De repente, percebo qual é o problema. Enquanto, na verdade, eu nunca quis a vida que os meus pais tinham planeado para mim, ao Cyril essa vida parecia-lhe boa. Enquanto eu sempre tinha tido medo do futuro, o Cyril sentia-se contente por ir para Oxford e seguir o percurso que haviam traçado para ele. Enquanto eu sempre almejei mais, o Cyril já estava satisfeito com a sua vida.

— Não podes querer que eu acredite que o que fizeste tem alguma coisa que ver com amizade.

— Claro que o fiz pela nossa amizade. — Agora, parece-me que o Cyril se vai levantar de um salto, de um momento para o outro.

— Fizeste-o por ti mesmo. Por egoísmo. Porque não aceitas as mudanças.

— Não é verdade — responde-me.

— Então, que é que achavas? Que o meu pai ia ficar contente com a notícia? — pergunto-lhe friamente.

— Ele disse que se encarregaria de fazer o Sutton desaparecer. Eu não queria mais nada. Suspiro.

— O que conseguiste foi o contrário do que pretendias. Nem eu nem a Lydia voltaremos a olhar para ti da mesma maneira.

O Cyril estremece. É como se o tivesse esbofeteado.

— Eu... eu não queria isso. Não sabia que ele ia castigar a Lydia.

Inclino-me para a frente e olho o Cyril nos olhos.

— Prejudicaste as duas pessoas que, para mim, são as mais importantes do mundo. Nunca o esquecerei.

— Já não posso voltar atrás, o que está feito, feito está. — Há um tom torturado na voz dele e diz estas palavras com um gemido de dor.

— Podes. Podes, sim.

Abana negativamente a cabeça.

— O Lexington não vai acreditar em nada do que eu lhe disser se for ter com ele agora. Além disso, daria cabo da minha reputação.

Bato com raiva na mesa que está entre nós. A dor que sinto no punho sobe-me pelo braço todo, mas, neste momento, nada me preocupa menos do que isso.

— Estou-me completamente nas tintas para a tua maldita reputação, Cyril! Deste cabo da vida da Ruby com essa mentira infame.

Olho para ele com uma expressão desafiante. Ele devolve-me o olhar com uma expressão dura.

— Sei que ainda tens as fotografias originais. Dou-te uma semana para as mostrares ao Lexington.

— Eu...

Levanto-me e baixo os olhos para ele.

— Se não deres as fotografias ao Lexington, perder a nossa amizade vai ser o menor dos teus problemas — murmuro num tom ameaçador.

O Cyril engole em seco. Baixa os olhos para as mãos, fechando-as e tornando a abri-las. É evidente que está a travar uma luta implacável consigo mesmo.

Contudo, nisso não posso ajudá-lo. Já lhe disse tudo o que tinha para dizer.

— James — diz-me o Cyril, num tom afónico, quando já estou quase a sair da sala. — A sério que não queria que acontecesse isto.

A raiva que sinto por ele, acompanhada da incerteza sobre o que vai acontecer à Lydia e à Ruby, quase me provoca uma vertigem. Talvez, no fundo, o Cyril não seja má pessoa, mas, neste momento, não sei se a nossa amizade ainda tem salvação. Neste momento, sou incapaz de o olhar nos olhos.

— Eu sei.

E, sem acrescentar mais nada, abandono o clube.

Graham

Beaufort.

Já estou aqui há mais de cinco minutos, a olhar para o letreiro imponente que se destaca na fachada de vidro do edifício.

Antigamente, passava com frequência aqui em frente, porque o meu grupo de teatro se reunia para ensaiar a apenas duas ruas de distância. Mas nunca tive consciência de que era a sede central das Empresas Beaufort, certamente porque nunca me interessei por moda nem pelos grandes grupos empresariais do país.

Sempre quis apenas uma coisa: ser professor.

Há algum tempo, quando a Lydia me confessou qual era o seu apelido, isso não significou nada para mim. Ela teve de me explicar algumas coisas, para eu perceber que o fato que o meu avô me tinha oferecido para a minha licenciatura em Oxford era de uma marca que pertence à família dela.

Pela enésima vez, endireito o colarinho da camisa verde-escura e ajusto a alça da carteira no ombro.

Depois, olho de relance para o relógio: são 14:55. Respiro fundo e começo a caminhar.

Atravesso a grande porta giratória, passo por uns funcionários de uniforme e entro no vestíbulo do moderno edifício.

A Lydia contou-me certa vez que a sede original da Beaufort, onde se situa a filial principal e a alfaiataria, se tornou demasiado pequena nos anos oitenta e que, por isso, construíram ao lado este edifício, no qual se foram instalando a pouco e pouco os departamentos de *marketing*, de imprensa, a administração e a gerência. Tem vinte pisos e não há dúvida de que é aqui que se fazem os negócios da empresa.

Quando paro logo depois de cruzar a porta e olho em volta, sinto as palmas das mãos frias. O chão da receção é de mármore claro e as paredes são todas de vidro. No meio do vestíbulo da entrada está gravado o emblema da Beaufort e, mesmo por cima, o nome da empresa forma um semicírculo.

— Em que posso ajudá-lo? — pergunta-me um jovem quando me aproximo do balcão da receção. Está penteado com risca ao lado e usa um fato preto, como quase todos aqui, que lhe assenta tão bem que parece que foi feito sobre o seu próprio corpo.

Deixei, propositadamente, o meu fato da Beaufort no armário, mas agora pergunto-me se não terá sido um erro. Com as calças de ganga e o *blazer* aos quadrados, quase me sinto um leproso aqui.

— Chamo-me Graham Sutton. Tenho uma reunião com o senhor Beaufort — respondo-lhe.

O jovem arqueia as sobranceiras, inclina-se momentaneamente para o computador e clica algumas vezes com o rato.

— Aqui está. — Escreve a uma velocidade vertiginosa, depois desliza para trás com a cadeira, até um pequeno armário preto, e abre uma gaveta. Volta para o balcão e estende-me

um cartão retangular branco. «Visitante», lê-se em letras nítidas. Logo por cima está impresso o logótipo da Beaufort e, um pouco mais abaixo, um código de barras preto.

— Dirija-se para os torniquetes à direita e encoste o cartão de visitante ao *scanner*. Depois, encontrará o elevador do lado esquerdo. Dirija-se ao último piso.

— Muito bem. Obrigado — digo-lhe, pegando no cartão e dirigindo-me para onde ele me indicou.

— Boa sorte — deseja para as minhas costas.

Se soubesse o quanto vou precisar dela...

Um homem e uma mulher sobem comigo no elevador. Quando veem para que piso vou, observam-me atentamente. Afasto o olhar e fixo-o nos meus velhos sapatos de pele castanha.

O percurso até ao vigésimo piso decorre como que em câmara lenta, embora o elevador suba a uma velocidade vertiginosa. Nesse tempo todo, só consigo pensar na Lydia. Há cinco dias que não sei nada dela e estou morto de preocupação. Na segunda-feira, passei a tarde a tentar ligar-lhe, mas tinha desligado o telemóvel depois da nossa conversa. Só à noite, já muito tarde, é que recebi o *e-mail* dela:

Só te dou problemas. Talvez seja melhor que me esqueças. Lamento.
Lydia

Não respondeu ao *e-mail* que lhe escrevi. Não sei onde está nem se está bem. Ontem, quando recebi uma chamada da secretária do Sr. Beaufort, foi como se a terra se abrisse debaixo dos meus pés.

O pai da Lydia querer falar comigo só significa uma coisa: que sabe. Por um lado, isso deixa-me mais nervoso do que o dia em que dei a minha primeira aula em Maxton Hall. Contudo, por outro, quase me sinto... aliviado? Estes últimos dias foram, sem dúvida alguma, os mais duros da minha vida. Perdi o emprego e, com isso, é possível que também tenha destruído todo o meu futuro profissional. No entanto, no meio do desespero, vejo a imagem da Lydia. A Lydia, com quem talvez agora possa conviver para sempre sem ser tomado de um temor constante e sem ter má consciência. Foi um preço alto, mas valeu a pena tê-lo pago por ela.

Sou o último a sair do elevador. Uma mulher de cabelo escuro cumprimenta-me do balcão da receção, com um sorriso reservado.

— Por favor, sente-se, senhor Sutton. O senhor Beaufort vai já recebê-lo. — Aponta para a fila de cadeiras que está no fundo do corredor.

Sigo nessa direção, mas, em vez de me sentar, aproximo-me das grandes janelas que se estendem por todo o lado direito do piso e que têm uma vista impressionante sobre Londres. Olho para a cidade onde cresci. O Tamisa brilha à luz do sol de primavera e transmite uma sensação quase de paz que não podia ser mais diferente da agitação que borbulha dentro de mim.

— Senhor Sutton, pode entrar — anuncia a assistente.

Pigarreio.

— Obrigado.

Respiro fundo e passo pelas cadeiras, chegando à porta e abrindo-a.

O gabinete do pai da Lydia tem exatamente o mesmo aspeto que o resto do edifício: limpo, frio e sem emoção. À direita há um arquivador prateado e, ao lado, um sóbrio sofá cinzento

com pés de metal. À esquerda, uma secretária com um grande tampo de vidro.

O Sr. Beaufort está junto da janela atrás da secretária. Cruzou as mãos atrás das costas e virou-se quando fecho a porta com cuidado. Pousa o olhar frio em mim.

— Sente-se, Sutton — diz-me, apontando para uma das cadeiras que estão em frente da secretária.

Fico um pouco desconcertado por não me cumprimentar, mas faço o que ele disse.

— Senhor Beaufort...

Dirige-se para a secretária, senta-se e pousa os braços na superfície de vidro. De um dos lados há um grande computador com o ecrã desligado e, do outro, várias pilhas de documentos, entre eles catálogos e esboços. O meu olhar detém-se aí por breves momentos e depois desliza novamente para o Sr. Beaufort.

— Com certeza sabe porque é que lhe pedi que viesse aqui — começa a dizer, sem mostrar a mínima emoção.

— Posso imaginar — respondo-lhe.

— Suponho que a minha filha o pôs ao corrente da sua mudança de casa.

Respondo com calma ao olhar dele e tento não demonstrar que não faço a mais pequena ideia do que me está a dizer.

— O que aconteceu não tem remédio. Mas aconselho-o a não deitar a perder o seu título universitário de Oxford por uma relação sem futuro.

A maneira como, com um par de palavras, alude à minha relação com a Lydia atinge-me como um soco na barriga. Não me conhece, de todo. Não sabe o que nos une, a mim e à Lydia, o quanto nos ajudámos mutuamente. E não faz a mínima ideia do quanto precisamos um do outro, agora mais do que nunca.

Não vim aqui à espera de receber a bênção dele. Nenhum pai quer que a filha tenha uma relação sentimental com um professor, isso é evidente. Mas o tom com que fala comigo é desrespeitoso, e tentar intimidar-me é ridículo. Estou-me nas tintas para o seu poder e para o seu dinheiro. Não pode dizer-me o que tenho ou não tenho de fazer e, menos ainda, ameaçar-me.

— Não sei se o compreendo, senhor.

— Nesse caso, vou ser mais claro, senhor Sutton — diz. Inclina-se para a frente e entrelaça as mãos. Pelo canto do olho, vejo que tem os nós dos dedos brancos. — A partir de agora, deixará de ter qualquer contacto com a minha filha. Se eu souber que anda a falar com a Lydia ou que se aproxima dela uma só vez que seja, encarregar-me-ei de que se arrepende. — Diz estas palavras com a calma e o aprumo de um homem que consegue sempre o que quer e que não admite que o contradigam.

Pergunto a mim mesmo se devia sentir medo, mas, em vez disso, penso na Lydia. No que já superámos juntos e no que ainda nos espera no futuro.

No sábado passado, no baile de primavera, percebi com toda a clareza que não posso continuar a lutar contra o que sinto pela Lydia. Escolhi-a. Tenho consciência de que não será fácil. Talvez o pai dela seja o maior obstáculo que vamos encontrar no nosso caminho, embora não vá ser o único, nem pouco mais ou menos. Mas, sem a Lydia, a minha vida não tem cor. Sem ela, tudo deixa de ter sentido. E não importa o que vá acontecer: não vou renunciar a ela sem lutar. Não vou permitir que ma tirem e, menos ainda, que seja um pai que não fez outra coisa senão cortar-lhe as asas e impedi-la de crescer a fazê-lo.

— Com todo o respeito, não vou fazer isso, senhor Beaufort — digo-lhe, num tom de voz

tão frio quanto o dele.

Agora é ele quem pestaneja duas vezes seguidas. Pelos vistos, não está habituado a que o contrariem. A expressão de desagrado não dura mais do que uma fração de segundo, depois recompõe-se e reclina-se um pouco. Expira sonoramente.

— Muito bem. Então, vamos tratar deste assunto de outra maneira. — Inclina-se para o lado, pega numa pasta e pousa-a em cima da secretária. Vira a abertura para mim e prime os fechos para a abrir.

Quando a tampa se levanta, cerro os dentes com tanta força que rangem.

O rosto da rainha lança-me centenas de sorrisos.

De repente, o colarinho da camisa parece-me insuportavelmente sufocante e tenho de reprimir a vontade de o desabotoar. Lentamente, levanto a vista e fico a olhar para o rosto inexpressivo do Sr. Beaufort.

— Encare isto como uma indemnização pelo incómodo causado — continua, sem mudar de expressão.

O meu coração bate descompassadamente e esforço-me em vão por respirar fundo.

— No quero o seu dinheiro, senhor Beaufort.

Levanta uma sobrancelha.

— É uma quantia mais do que generosa.

— Não se trata disso! — Merda, levantei a voz. Na verdade, não quero fazê-lo, mas este homem não me dá outra opção. — Será que não vê o que faz à sua filha com este comportamento?

Agora é ele quem cerra os dentes.

— Cuidado com o que diz — resmunga, num sussurro ameaçador.

Limito-me a abanar a cabeça.

— O senhor era o herói da Lydia. Ela teria feito qualquer coisa para que o senhor a levasse a sério e contasse com ela na Beaufort. Contudo, para si, a única coisa que sempre existiu foi esse percurso predeterminado no qual a sua filha não encaixa. Nunca se interessou por ela. O senhor nunca se importou com o que lhe acontecia, o importante era que esta maldita empresa não sofresse nenhum prejuízo. Sempre fechou os olhos às inquietações da Lydia. Estar agora a tentar imiscuir-se na vida dela desta maneira só confirma uma vez mais que, para si, ela é uma desconhecida.

O Sr. Beaufort levanta-se tão bruscamente que a cadeira bate contra a parede de vidro.

— O senhor não sabe do que está a falar.

Eu também me levanto, para ficar à altura dos olhos dele.

— É o senhor que não sabe o quanto ela sofreu.

— Faria tudo pelos meus filhos, quer isso encaixe nos planos deles quer não. Afinal de contas, as decisões que tomo são para o bem deles. Se o senhor fosse pai, compreenderia.

A porta abre-se atrás de mim, mas é-me indiferente que alguém se dê conta de que estamos a discutir ou que os seguranças apareçam a qualquer momento para me pôr no olho da rua. Seja como for, não faço tensões de voltar aqui nunca mais.

— Quando for pai, hei de ouvir os meus filhos — resmungo. — Hei de os estimular e apoiar em tudo o que queiram fazer. E nunca, jamais, porei os meus objetivos à frente dos deles.

O Sr. Beaufort cerra os lábios. Não olha para mim, mas sim para a porta do gabinete. Dou meia-volta, desconcertado.

O James está à entrada do gabinete. O olhar dele muda alternadamente do pai para mim e, no fim, para na pasta que ainda está aberta à minha frente, em cima da secretária.

James

Sinto a cor esvaír-se do meu rosto.

No gabinete do meu pai reina um silêncio tal que a minha respiração entrecortada faz um som ensurdecedor. Não consigo descrever o que sinto neste momento, só sei que é algo que cresce dentro de mim desde há anos e que, agora, está a prestes a explodir.

— Não podes estar a falar a sério, pai — consigo dizer, dando um passo para a secretária.

O meu pai continua a olhar para mim, sem dar mostras de sentir qualquer emoção.

Aponto para a pasta com o queixo.

— Não te basta teres desterrado a Lydia para casa da Ophelia? Também estás disposto a fazer-lhe isto?

O calor espalha-se-me pelas maçãs do rosto e pela barriga, fluindo pelas minhas veias. Por todo o meu corpo. É como se tudo à minha volta estivesse a andar à roda... tudo menos o meu pai. Cerro os punhos e sinto-os tremer. É um tremor que me penetra até aos ossos. Percorre-me o corpo com tanta fúria acumulada que é quase insuportável.

— Achas que te basta pôr dinheiro em cima da mesa para ele desaparecer para sempre da vida da Lydia? Achas mesmo que isto pode resultar?

— Para imediatamente com essa representação melodramática e fecha a porta. — Sem afastar os olhos de mim, o meu pai fecha a tampa da pasta. Depois, torna a virar-se para o Sutton. — Pense bem no assunto.

— Não há nada em que pensar. Se me chamou aqui para me chantagear, cometeu um erro. — O Sutton inclina a cabeça. — Tenha um bom dia.

Dá meia-volta e atravessa o gabinete. Quando chega junto a mim, avança mais lentamente e, por momentos, tenho a impressão de que quer dizer-me alguma coisa. Contudo, depois respira fundo, abana a cabeça e sai do gabinete sem dizer palavra. A porta fecha-se atrás dele com uma pancada sonora.

Não consigo sair de onde estou.

O meu pai, pelo contrário, levanta a pasta de cima da secretária, pousa-a no chão e senta-se em frente do computador.

Como se nada tivesse acontecido.

Dentro de mim, a cólera é cada vez mais forte, mais avassaladora. Não consigo contê-la, não depois do que acabei de presenciar, e também não quero continuar a fazê-lo.

«Achas que ele algum dia vai mudar?», as palavras da Ruby soam na minha mente.

Sei a resposta. Sempre a soube. Mas não queria admiti-la.

E, de repente, entendo o significado daquilo que arde dentro de mim.

Nos últimos anos, esforcei-me ao máximo por fazer tudo como o meu pai queria. Limitei-me a aceitar umas ideias sobre o futuro que só a ele pertencem. Mas, agora, acabou-se.

Não quero ser um homem que obtém o que quer a qualquer preço e que vive sem ter em conta os danos que causa. Sempre pensei que não tinha outra opção. Contudo, estes últimos meses demonstraram-me quão imprevisível é a vida, mostraram-me que há algo pelo qual vale a pena lutar. E despertaram em mim uma qualidade que nunca tive: coragem.

Coragem para fazer algo por mim.

Coragem para construir a minha própria vida.

Coragem para enfrentar o meu pai.

— Acabou-se. — Nem eu próprio consigo acreditar que disse isto com tanta serenidade.

— O quê? — O meu pai parece ausente. Escreve no computador e nem sequer olha para mim.

Atravesso o gabinete com duas passadas largas e paro diante da secretária dele. Então, o meu pai afasta os olhos do ecrã.

Levanto a mão e toco no anel de sinete que uso no anelar esquerdo. O anel que uso nas reuniões da Beaufort. É o símbolo da minha pertença à família. No entanto, a única coisa que simboliza é a coesão que eu e o meu pai fazemos crer a toda a gente que existe. Lentamente, retiro o anel e sopeso-o na mão. Não é pesado, mas sinto-o como se tivesse toda a carga que ameaçou esmagar-me durante os últimos dezoito anos.

— Eu tentei, pai — digo-lhe. — Tentei realmente ser um bom filho. Tentei que tu e a mamã se orgulhassem de mim. Mas... — abano a cabeça. Magoa-me pensar na minha mãe. Não sei se ficaria dececionada por me ver assim. — Mas não posso continuar.

Pouso o anel diante do meu pai, em cima da secretária, sem afastar os olhos do rosto dele.

— Vou vender as minhas ações da Beaufort. — Quando retiro a mão, dou-me conta de que nunca na vida me senti tão leve. Tenho a sensação de que bastaria uma rabanada de vento para me levar para outro sítio, porque me libertei de tudo o que sempre me uniu a esta empresa e a este homem.

O meu pai não diz nada. Só os cantos dos seus lábios, amargamente inclinados para baixo, mostram que esta situação não é do seu agrado. Uns segundos depois, torna a virar a atenção para o computador. Respiro fundo e rodo sobre os calcanhares.

— Se estás a falar a sério, não precisas de voltar para casa — diz-me em voz baixa quando chego à porta.

Olho para trás. Penso na minha irmã, que, depois disto, já não poderá voltar para casa. Penso no sorriso da minha mãe. Penso em tudo o que deixou de existir na minha vida.

— Para que casa? — respondo-lhe.

Sem esperar pela resposta, abro a porta.

Nesse instante, torna-se claro: é a última vez que passo por esta porta.

Ember

Durante todo o caminho até casa do Wren, sinto-me observada.

No entanto, sei perfeitamente que os meus temores são infundados. A Ruby está na biblioteca municipal, na outra ponta de Gormsey, a estudar os apontamentos que o James e a Lin lhe entregaram esta semana à vez. Quando voltar para casa, nem sequer vai passar perto desta zona. Portanto, na verdade, não devia preocupar-me.

Contudo, não consigo livrar-me desta sensação desagradável.

Talvez porque nunca tenha mentido assim à minha irmã. Como é evidente, cada uma de nós tem os seus segredos, mas nada desta dimensão. Vou encontrar-me às escondidas com um rapaz do colégio dela. Se a Ruby souber que estou a fazer precisamente o contrário daquilo que me disse explicitamente para não fazer, vai deitar-me isso à cara para o resto da vida.

E, para ela, vai ser indiferente que eu e o Wren sejamos apenas amigos. Embora nem eu própria tenha a certeza de poder definir aquilo que somos com essa palavra, uma vez que, além de escrevermos mensagens um ao outro todos os dias, posso contar pelos dedos de uma mão as vezes que nos encontrámos pessoalmente.

É possível que esteja apenas a sentir-me inquieta. E se me enganar na casa e tocar à campainha errada? Ou, pior ainda, se ninguém abrir a porta?

Contudo, quando viro para a rua que o Wren me indicou na mensagem, o meu olhar detém-se imediatamente numa furgoneta da qual uns transportadores estão a tirar um sofá, para o levar para uma pequena vivenda geminada. Em frente da porta de entrada e no caminho de acesso estão amontoadas caixas de cartão, portanto, percebo perfeitamente qual é a casa a que devo dirigir-me. E torna-se ainda mais claro quando o Wren aparece de repente à porta e levanta uma das caixas. Usa uma *T-shirt* sem mangas cinzenta, calças de ganga pretas e ténis. Quando dá pela minha presença na esquina da rua, levanta a mão.

Percorro os últimos metros, passo ao lado da furgoneta e avanço pelo caminho de acesso estreito que atravessa o jardim dianteiro até à porta, sem afastar os olhos do Wren... até que me dou conta de que estava a cronometrar o trajeto. Apresso-me a olhar para o relógio.

— Só se demora oito minutos, da porta de minha casa à tua — informo-o.

— Nesse caso, é evidente que a *app* de mapas mentiu — responde-me o Wren.

— Ou subestimou a minha rapidez.

— Se calhar, a descrição do percurso destina-se a pessoas mais velhas, que usam um andarilho e, por isso, calcula mais dez minutos?

A resposta faz-me sorrir. O Wren devolve-me o sorriso, indeciso, e olha para trás. Depois, torna a virar-se para mim.

— Entra.

Dou um passo para a porta, mas, subitamente, torno a reparar em todas aquelas caixas de cartão, agacho-me sem pensar duas vezes e pego numa em que o nome do Wren está escrito com grandes letras pretas.

— Até conheço esta rua — digo-lhe, quando se afasta para o lado para me deixar passar.

O Wren também pega numa caixa e dirige-se para o piso de cima sem fechar a porta. A escada de madeira pintada de branco range sob os meus pés quando o sigo. Os degraus são muito estreitos e tenho de me concentrar em pôr os pés no sítio certo, o que não é muito fácil quando se carrega uma caixa.

— É este — diz-me o Wren quando entramos no primeiro quarto do lado direito. — Podes pousá-la no chão.

O quarto é mais ou menos do mesmo tamanho que o meu. As paredes estão amarelcidas e a descascar, e nalguns sítios veem-se rachas reparadas que, com o passar dos anos, devem ter aumentado. O chão é de tábuas de madeira que ainda rangem mais do que os degraus. Aqui, quando se dá um passo, toda a gente ouve.

— É... — começa a dizer o Wren, fazendo uma pausa para procurar as palavras adequadas, mas depois rende-se e acaba por encolher os ombros.

— A mim, parece-me engraçado. De certeza que podemos fazer coisas ótimas. Foi para isso que vim, não foi? Até vesti a minha roupa de remodelações. — Aponto para as calças de fato de treino e para a *T-shirt* preta e larga que ainda tem alguns salpicos de tinta do Natal, quando recuperámos um armário de especiarias para o meu pai. Tenho o cabelo apanhado num rabo de cavalo que me faz cócegas nas costas.

— Tens de me dar um bocadinho do teu otimismo — diz-me o Wren, olhando ostensivamente para o quarto mais uma vez.

A cama já está montada e pôs uma secretária encostada a uma parede, por baixo da janela. Dou três passos para espreitar lá para fora.

— Daqui, tens uma vista bonita para o jardim dos vizinhos. — Sorrio-lhe por cima do ombro. — Podes espiá-los sem qualquer problema, se estiveres aborrecido.

— Para dizer a verdade, há um par de coisas que me ocorre fazer em vez disso — responde-me secamente.

O sorriso desaparece do meu rosto quando me pergunto a que se referirá com «um par de coisas». De repente, surgem diante dos meus olhos imagens nada apropriadas.

E, para cúmulo, dou-me conta de que estou a ficar corada.

— Trouxe tudo o que consegui encontrar em casa — digo-lhe precipitadamente enquanto deixo que a carteira resvale do meu ombro para a secretária. Começo a tirar fita de pintor, plásticos para cobrir superfícies e um feltro protetor. — Compraste a tinta?

— Sim — responde-me o Wren, apontando para os dois baldes que estão junto da porta. Depois, aproxima-se de mim e tira-me a fita de pintor da mão.

Olho para ele de soslaio, discretamente.

Apesar de nos conhecermos há pouco tempo e de ele nunca mo ter dito de forma explícita, noto o quanto a mudança o transtorna. Não só neste preciso momento, mas também nas conversas que tivemos durante toda a semana passada.

Inicialmente, o nosso contacto limitava-se a comentários sobre os meus artigos. O Wren cumpriu a promessa que me fez na gala de beneficência e leu o meu blogue. Todos os dias fazia um novo comentário e até publicou algumas observações nos meus primeiros artigos. Às vezes, escreveu apenas umas linhas simples, outras vezes, dissertações sobre nunca ter parado para pensar em como se tratam as pessoas gordas, dizendo que não se tinha dado conta de que são sobretudo os meios de comunicação, com os seus conteúdos e imagens, que levam a sociedade em determinada direção. As conversas surgiram a partir de alguns dos comentários dele,

primeiro no meu blogue e pouco depois em mensagens privadas no Instagram. Por fim, quando trocámos números de telefone, deixámos de falar apenas do *Bellbird* e começámos a falar de todos os assuntos possíveis e imaginários. O Wren contou-me o que aconteceu à família, falou-me do pai, que se massacra tanto que já não consegue olhar para o filho e para a mulher, e disse-me que tem medo de não conseguir uma bolsa e não poder estudar em Oxford. Eu contei-lhe quão difícil me é, às vezes, levantar-me de manhã, não por estar demasiado cansada, mas porque não tenho forças para enfrentar um novo dia, e que, ironicamente, é nesses dias que escrevo as publicações mais inspiradoras e otimistas do meu blogue.

É surpreendente a facilidade com que estabelecemos uma ligação com algumas pessoas. Precisamente quando é de noite e o resto do mundo dorme tranquilamente.

— Eu diria para começarmos por tapar as tomadas — proponho-lhe depois de uma breve pausa, apontando para a fita de pintor que ele tem na mão.

Responde-me com um grunhido.

Dou-lhe um empurrão com o ombro e olha para mim com uma expressão inquisitiva.

— Não fiques assim. É divertido.

— Se tivesses visto o meu antigo quarto, perceberias porque é que não gosto deste.

— Começa a tapar as tomadas — digo-lhe, sem responder ao comentário dele.

Pego no feltro e coloco-o na parte mais comprida do quarto. Ainda tem uns salpicos de verde-claro e cinzento, das nossas últimas obras de remodelação, e lembro-me da minha mãe a rir em cima de um escadote e da Ruby a segurar um pincel carregado de tinta como se fosse uma arma.

Olho de soslaio para o Wren, que, neste momento, está a tapar a parte de baixo da tomada com a fita.

— Compreendo quão difícil deve ter sido perderes a tua casa, Wren — digo-lhe. Ele para um instante, mas depois continua como se nada se tivesse passado. — Mas tens de conseguir mudar a tua perspetiva sobre tudo isso de alguma maneira. Caso contrário, vais ficar com os cabelos brancos de tanto te zangares.

Agora, lança-me um olhar divertido.

— As pessoas ficam com cabelos brancos quando se zangam com qualquer coisa?

Anuo e levanto-me para ir buscar o plástico à secretária.

— Queres ser o único rapaz de dezoito anos num raio de quinhentos quilómetros com o cabelo grisalho? Não me parece.

— E eu que pensava que estava na moda... não li no teu blogue qualquer coisa sobre cabelo prateado?

Sorriso. Também escreveu um comentário sobre esse artigo. Nessa altura, eu tinha estado em Londres com os meus pais e tinha visto na rua uma rapariga cujo estilo me tinha encantado. Usava uma saia às flores e uma camisa de ganga amarrada com um nó na cintura, mas aquilo de que mais gostei foi do penteado: duas tranças altas, cinzento-prateadas, e uma franja lisa e irregular. Sem pensar duas vezes, perguntei-lhe se queria aparecer no meu blogue como convidada e, depois, estive mais ou menos uma hora com ela, a fazer-lhe perguntas sobre aquele penteado tão giro.

— Quando pintas o cabelo de prateado, chama-se *granny hair*, «cabelo de avozinha». Mas é preciso saber usar esse *look*, e isso não acontece quando estás de mau humor. Além disso, este quarto é fantástico — digo, fazendo um gesto com a mão que abarca o quarto inteiro. — Só temos de lhe dedicar algum tempo.

O Wren levanta-se e olha para mim. Depois, anui.

— Tens razão. Desculpa.

— Não tens de pedir desculpa. O melhor é despachares-te e tapares as outras tomadas.

Um dos cantos dos lábios do Wren levanta-se um pouco, antes de anuir simplesmente e atravessar o quarto, dirigindo-se à tomada seguinte. Entretanto, tapo os radiadores, que também não são os melhores que já vi.

Estou a pesquisar na Internet se os radiadores podem ser pintados com tinta normal quando as tábuas do quarto do Wren rangem sonoramente.

Viro-me para a porta, onde aparece uma senhora alta — de certeza que é a mãe do Wren. Tem a pele morena, os olhos do Wren e o cabelo castanho-escuro e curto. Sorri afetuosamente quando me vê.

— Deves ser a Ember — comenta, aproximando-se de mim.

A satisfação que transmite quando me vê parece tão franca que abro os braços e lhe dou um abraço.

— É um prazer conhecê-la, senhora Fitzgerald — respondo-lhe educadamente.

— O prazer é meu. E, por favor, trata-me por Christine. — Separa-se de mim e dá uma vista de olhos em volta, curiosa. Pousa o olhar no plástico de cobertura que está a meu lado, no chão. — Pelo que vejo, já deitaram mãos à obra.

— A Ember tem grandes planos para o quarto — diz o Wren do outro lado enquanto se levanta. — Precisas de alguma coisa, mamã?

Ela abana negativamente a cabeça.

— Só queria dizer-vos que vou sair durante um bocado, para ir às compras. Deve haver algum supermercado aqui perto. Querem alguma coisa?

O Wren pensa por uns segundos.

— Talvez sumo de laranja.

— Está bem. Mais alguma coisa? Ember?

Abano negativamente a cabeça.

— Não, obrigada.

A Christine anui. Depois, olha alternadamente para mim e para o Wren.

— Se precisarem de ajuda para pintar, chamem-me.

— Está bem, mamã.

Lançando-nos um último sorriso carinhoso, a mãe do Wren vai-se embora e deixa-nos sozinhos. Viro-me para ele.

— Tens uma mãe muito bonita — murmuro.

— Obrigado. Antigamente, era modelo — responde-me.

— A sério?

Anui.

— Trabalhava nas semanas da moda de Paris e Milão. Mas isso foi há quase vinte anos.

— Uau... deve ter sido uma época fantástica para ela — comento, impressionada.

— Não sei — responde-me o Wren, encolhendo os ombros. — Na verdade, nunca falei muito sobre isso.

— Porquê? — pergunto-lhe.

O Wren cola um último pedaço de fita numa tomada, levanta-se e volta para junto da secretária.

— Acho que, às vezes, tem saudades da sua vida anterior. Seja como for, quando esses

tempo vêm à baila, ela muda imediatamente de assunto.

— Ena. — Ponho-me ao lado dele e começo a tirar o resto das coisas da minha carteira, pousando-as em cima da secretária. — O meu pai é igual. Nunca fala de nada do que aconteceu antes do acidente, quase como se essa época não tivesse existido.

O Wren pega numa das latas de tinta e põe-na em cima do feltro. Lentamente, retira a tampa.

— Agora, a minha mãe anda tão estranha... — diz, sem olhar para mim.

— Que é que queres dizer com isso?

Pega no rolo que lhe estendo e roda-o na mão, indeciso.

— Finge que isto não a afeta nada, mas... — Hesita momentaneamente. — Ontem ouvi-a chorar na casa de banho. Aqui as paredes são bastante finas.

Mordo o lábio por dentro.

— Acho que uma mudança destas não é fácil para ninguém — comento a meia-voz. — De certeza que vai ter de passar algum tempo até ela se habituar a tudo.

Durante uns segundos, o Wren não diz nada. Depois, bufa.

— Detesto que a minha mãe esteja triste.

Parece tão abatido e sem esperança que tenho vontade de me aproximar dele e de o abraçar, mas não saio de onde estou.

— Na verdade, chorar faz bem, assim não nos massacramos por dentro.

O Wren anui, embora não pareça muito convencido.

— Se calhar, a tua mãe devia queixar-se e chorar tudo o que tem a chorar, para se livrar daquilo que está a oprimi-la.

Agora, os cantos dos lábios dele levantam-se ligeiramente.

— Se fizer isso, de certeza que vai assustar os vizinhos.

— É uma boa objecção. Nesse caso, vai ter de esperar até terem feito tão bons amigos por aqui que já não consiga assustá-los.

Espalho os pincéis por cima da secretária e levanto um a seguir ao outro, para decidir qual usar primeiro.

Passado um bocado, sinto que o Wren me observa enquanto abana a cabeça. O sorriso dele vai aumentando.

— Que foi? — pergunto-lhe.

O seu olhar desliza pelo meu rosto e abre ligeiramente a boca. No entanto, torna a fechá-la e cerra os lábios.

— Nada — responde-me, por fim, e depois aponta com o queixo para a lata de tinta. — Começamos?

— Foi para isso que vim, não foi? — retruco, pegando num pincel e aproximando-me da lata de tinta.

Durante todo o tempo em que estamos a pintar as paredes do quarto do Wren, pergunto a mim mesma que palavras não se atreveu a dizer.

Ruby

A minha agenda tem um aspeto totalmente diferente de há apenas uma semana.

Enquanto sempre estruturei o meu dia a dia em função do horário de aulas, da comissão de

um tempo e dos preparativos para Oxford, agora não tenho razão nenhuma para me levantar da cama a determinada hora ou para fazer os trabalhos de casa num determinado prazo. Nos dois primeiros dias, isso deixou-me totalmente transtornada, mas, depois, decidi que me recuso a cair num poço de aflição e, sem pensar mais no assunto, impus a mim mesma uma nova rotina.

Passo as manhãs na pequena biblioteca de Gormsey, onde continuo a trabalhar na lista de leituras de Oxford e, ao mesmo tempo, preparo-me para os exames finais. O James ou a Lin passam por minha casa no fim das aulas e trazem-me os apontamentos do dia, que revejo à tarde, tentando compreender mais ou menos de que é que falaram.

Não ir ao colégio é estranho. A cada dia que passa, é-me mais difícil libertar-me do medo insuportável que me corre pelas veias e que quase parece sufocar-me. Esse medo atormenta-me quando vou à biblioteca e também nos quinze minutos que dura o trajeto de regresso a casa. Está presente quando me reúno com a minha família e me impede de dormir, apesar de o James estar a falar comigo ao telemóvel e abordar todos os assuntos possíveis e imaginários para me distrair.

Contudo, não vou dar-me por vencida. E recuso-me a aceitar esta situação. O James fez um ultimato ao Cyril e, enquanto o prazo não termina, agarro-me à esperança de que o Lexington vai saber a verdade e voltará a admitir-me em Maxton Hall. Por agora, não posso pensar no que acontecerá se não for esse o caso, porque, se o fizer, imagino o meu futuro como uma bola de sabão que vai rebentar. E, muito simplesmente, não consigo suportar isso.

A Ember, pelo contrário, todos os dias me apresenta uma nova opção, para o caso de o plano A (Oxford, a qualquer preço) não resultar. Até agora, os preferidos dela são o plano B (candidatar-me a um estágio com a Alice Campbell e, depois, trabalhar na fundação cultural dela) e o plano C (largar tudo e fundar um império de moda com ela), um plano que, de momento, a entusiasma muito mais a ela do que a mim.

Recosto-me e estico os braços por cima da cabeça. As cadeiras da biblioteca, forradas a tecido cinzento, não são nada confortáveis. Nem estáveis. Neste últimos três dias, descobri que há exatamente duas que não estão coxas, apesar de uma delas perder um parafuso a intervalos regulares. Já é a segunda vez que, a estudar, quase tive um enfarte porque o assento da cadeira se moveu repentinamente e pensava que ia cair.

Até agora, correu tudo bem. No entanto, tenho bastante certeza de que o William, o senhor reformado que todos os dias vem à biblioteca, fez as mesmas pesquisas do que eu em relação às cadeiras. Sempre que chega antes de mim, senta-se naquela que não coxeia nem ameaça atirar-te ao chão e, depois, observa-me com um brilho quase traquina nos olhos enquanto eu, resignada, levo outra cadeira para a minha mesa.

Seja como for, simpatizo com ele.

Na sexta-feira de manhã, quando chego à biblioteca, verifico que está fechada para inventário e que só voltará a abrir ao meio-dia. Isto causa-me um certo transtorno, mas pego no livro e vou para um pequeno café, onde fico à espera de que reabra. À uma em ponto, torno a plantar-me em frente da porta da biblioteca, onde o William já está à espera. Sorri-me pela primeira vez e, à tarde, despeço-me dele com um aceno de mão, recolhendo as minhas coisas e afastando-me da zona de leitura. Contento com este pequeno acontecimento, volto para casa.

— Já voltei! — anuncio depois de fechar a porta.

— Estamos na cozinha! — responde-me imediatamente o meu pai.

Descalço os sapatos e penduro o casaco no cabide.

— Hoje, pela primeira vez, o William sorriu-me — digo-lhe enquanto percorro o corredor.

— Acho que...

Paro de falar e pestanejo.

O meu pai não está sozinho na cozinha.

O James está ao lado dele, junto à bancada.

Tem a camisa branca arregaçada até aos cotovelos e segura uma batata numa mão e o descascador na outra, e o meu pai corta em fatias finas outra batata já descascada.

Por uns segundos, não tenho a certeza se isto é real ou se é um sonho muito estranho.

— Que é... que é que estão a fazer? — consigo perguntar-lhes.

— Batatas gratinadas — responde-me o meu pai, sem afastar os olhos da tábua de corte.

Quando olho para o James com mais atenção, percebo imediatamente que algo não está bem.

Vejo-o nos olhos dele, na sua atitude e em algo sombrio que o envolve.

— Está tudo bem? — pergunto-lhe. Tento transmitir calma com o meu tom de voz, mas não consigo evitar ficar com os ombros tensos e cerrar os dedos em volta das alças da mochila.

O James pigarreja e olha para as mãos, como se, por um instante, tivesse esquecido o que faz aqui. Depois, levanta os olhos. Os cantos dos seus lábios curvam-se ligeiramente para cima. Não é um sorriso propriamente dito, apenas um arrebato minúsculo que me provoca uma ligeira contração na barriga.

— Vim ver-te, mas não estavas em casa — responde-me, e depois aponta para o meu pai. — Portanto, o teu pai deu-me trabalho como ajudante de cozinha.

Franzo o sobrolho e olho alternadamente para o meu pai e para o James.

— Tenho mais jeito do que pensava — diz-me o James, e o meu pai abana a cabeça.

— É verdade. Já temos mais batatas do que casca de batata.

Em condições normais, o comentário far-me-ia rir, mas algo me diz que esta situação não tem nada de divertido. O aspeto do James... com as mangas arregaçadas e aquele cabelo, no qual parece ter passado as mãos um monte de vezes... nunca o tinha visto assim. Normalmente, basta a sua presença para encher até uma sala enorme, mas agora vejo-o inseguro e hesitante. Como se nem ele próprio soubesse onde está e, muito menos, o que fazer.

— Porque é que não vão para o teu quarto conversar um pouco, até que o almoço esteja pronto? — pergunta o meu pai de repente. — Foste uma grande ajuda, James, mas já consigo terminar isto sozinho.

O James hesita momentaneamente, mas depois anui e dá o descascador ao meu pai, pousando a batata em cima da tábua e lavando as mãos no lava-loiças.

Lanço um olhar de agradecimento ao meu pai, que mo devolve, mas, mesmo assim, continua a parecer-me preocupado. Não sei se comigo ou se com o James.

Espero que o James esteja pronto e subimos juntos para o meu quarto. Pouso a mochila e viro-me para ele, que ficou de pé, inseguro, no meio do quarto.

Cautelosamente, avanço dois passos e levanto os olhos para o rosto dele. O James também olha para mim e parece-me estar a fazer um esforço por sorrir para mim.

— Não tens de sorrir se não tiveres vontade, James — murmuro. Tenho medo de que ele desapareça ao menor som. É provável que seja por nunca o ter visto assim. Não sei o que fazer. A única coisa que me ocorre é dar-lhe tempo.

— Finalmente, fi-lo — diz em voz baixa, e depois pigarreja. — Saí da Beaufort.

Preciso de uns segundos para assimilar o significado daquelas palavras.

— O quê? — pergunto-lhe num fio de voz.

— Apanhei o meu pai a tentar chantagear o Sutton para ele se manter afastado da Lydia. — Abana a cabeça e passa a mão pelo cabelo. — Não sei o que é que aconteceu, mas é como se uma peça tivesse encaixado dentro de mim. Dei-me conta de quão falso é tudo. E de que não quero, de maneira nenhuma, continuar assim.

Como se tivessem iniciativa própria, as minhas mãos dirigem-se para a cintura dele.

— Disse-lhe que não quero ter mais nada que ver com a Beaufort e que vou vender as minhas ações.

Sustenho a respiração.

Há apenas algumas semanas, o James confessou-me que temia dececionar a mãe e destruir a obra da vida da Cordelia Beaufort se não conseguisse seguir os passos dela e administrar a empresa como ela queria. O grande sonho do James era prescindir totalmente do pai, mas essa opção nunca tinha sido realista, por muito que eu o desejasse. O que ele fez hoje, com todas as consequências que essa decisão acarreta, parece-me inimaginável.

— Como é que o teu pai reagiu? — murmuro.

— Disse-me que não precisava de voltar para casa.

Sinto uma pontada dolorosa no peito, sobretudo quando vejo quão difícil é para o James manter a serenidade. O rosto dele perdeu toda a cor e, quando lhe agarro as mãos, sinto que estão geladas.

— Já não tenho família, Ruby. — A voz quebra-se-lhe.

Rodeio-o com os braços.

Tem os ombros a tremer quando me devolve o abraço. Agarra-se a mim com força e não consigo deixar de pensar naquele dia em que fui a casa dele, depois da morte da mãe, e o agarrei entre os braços enquanto chorava. Neste momento, sinto-me como me senti nesse dia.

Não sei quanto tempo permanecemos assim. Os únicos sons que se ouvem no quarto são os da nossa respiração, que, ao princípio, é acelerada e irregular e, depois, a pouco e pouco, se vai acalmando.

Passado um bocado, o James afasta-se um pouco e olha para mim. Tem as maçãs do rosto vermelhas, tal como os olhos.

— Eu... só queria estar contigo — diz-me com a voz rouca. — Lamento ter aparecido sem avisar.

Abano imediatamente a cabeça.

— Estou contente por teres vindo. Quero estar ao teu lado e apoiar-te.

— Quando saí pela porta da Beaufort... — o James expira com força. — Senti-me tão livre... como se pudesse fazer tudo o que desejo fazer.

Olho para ele com uma expressão inquisitiva.

— Mas, a pouco e pouco, começo a dar-me conta do que fiz realmente. — Engole em seco. — E do que isso significa para o meu futuro.

Pego na mão do James e levo-o para a cama. Depois de nos sentarmos, viro-me para ele com os dedos firmemente entrelaçados nos dele.

— Aconteça o que acontecer, havemos de o superar juntos.

O James olha para as nossas mãos enquanto uma madeixa lhe cai para a testa, e sinto vontade de voltar a apertá-lo entre os braços.

— Precisas de alguma coisa? — pergunto-lhe em vez disso. — Temos de ir a vossa casa buscar as tuas coisas?

— Não — responde-me o James, pigarreando. — Fui buscar as coisas mais importantes e

também trouxe o carro. Além disso, tenho uma conta bancária que o meu pai não pode controlar, na qual é depositado o meu salário da Beaufort e na qual deposito todo o dinheiro que fui poupando nos últimos anos. — Hesita. — Reservei um quarto num hotel para toda a semana. Fica muito perto daqui.

Sinto os olhos encherem-se-me de lágrimas.

— Não tens de ir para um hotel — digo-lhe com a voz embargada. — Tenho a certeza de que, inicialmente, podes ficar cá em casa.

— Não posso pedir-vos uma coisa dessas, Ruby. Já têm coisas suficientes com que se ocupar. Abano a cabeça.

— Não vou permitir que vivas num hotel, não depois de tudo o que aconteceu.

O James suspira, mas, antes que consiga contradizer-me, ponho-lhe as mãos no rosto.

— Fica connosco. Comigo.

Fecha os olhos e inclina-se para a frente, até encostar a testa à minha. Percorro-lhe suavemente a pele com os dedos.

— Amo-te, Ruby.

Eu também fecho os olhos ao ouvir aquelas palavras ditas baixinho.

É um momento especial, como o fim de algo importante e, ao mesmo tempo, um novo começo cheio de esperança e de oportunidades. O James conquistou esta opção. É um rapaz corajoso e estou orgulhosa dele.

E sussurro-lhe isso uma e outra vez ao ouvido enquanto continuamos encostados um ao outro.

Lydia

Depois de passar apenas uma semana em Beckdale, descobri algumas coisas sobre a minha tia.

Em casa dela, estão sempre a acontecer coisas. Independentemente de a Ophelia estar ou não em casa, não é raro encontrarmos amigos ou colegas de trabalho pela casa, que lhe trazem algum documento ou catálogo porque querem saber a opinião dela.

A minha tia nunca faz ninguém sentir-se deslocado. Desde que aqui cheguei, acolheu-me carinhosamente debaixo da sua asa e sempre me transmitiu que sou bem-vinda, mesmo quando estava a ter uma conversa telefónica importante ou estava reunida com algum colega de uma das filiais da Beaufort. Acho que até podia pôr-me aos saltos em cima da cama dela e acordá-la de um sono profundo e, apesar disso, a Ophelia iria sorrir-me com afeto e dar-me-ia um *high five*. A minha tia é assim, um amor de pessoa.

O que também descobri é que é fã dos Jonas Brothers.

Sim, a minha tia, com os seus quarenta e dois anos, adora aquilo a que chama a «crepitante música *pop*» dos Jonas Brothers. Sempre que toca uma nova canção, fico a olhar para a *docking station* com uma expressão incrédula. E depois viro os olhos para a Ophelia, que está sempre a trautear a música e a marcar o ritmo com, pelo menos, um dos pés.

— Não faças essa cara — diz-me nesse instante, sem afastar os olhos do seu bloco de notas.

— É a «S.O.S.», um clássico.

Diz aquilo num tom tão convencido que quase se me escapa uma gargalhada. Viro-me rapidamente para o meu caderno de esboços.

Estamos no gabinete da Ophelia, ela atrás da secretária e eu numa das poltronas que estão a um canto, na outra ponta da divisão. Passei estes últimos dias a observá-la daqui enquanto ela desenhava esboços ou falava ao telefone, e verifiquei com surpresa quão atarefados são os seus dias de trabalho normais.

No entanto, o que mais me maravilha é que, contrariamente aos meus pais, a Ophelia consegue não só trabalhar de manhã à noite, mas também desfrutar de algum tempo livre. Quando já está há muito tempo no gabinete, depois passa o resto do dia no jardim ou convida os amigos para virem beber um copo de vinho. Outras vezes, senta-se na galeria a desenhar.

— É importante conseguir um equilíbrio entre tudo — respondeu-me, quando lhe perguntei como conseguia fazer aquilo tudo. — Beckdale dá-me a paz de que preciso para voltar a gerar energia criativa.

Passei muito tempo a pensar nas palavras dela e pergunto-me porque é que o meu pai limitou tanto o nosso contacto com a nossa tia. Lembro-me de horríveis almoços de família, depois dos quais o meu pai dizia sempre que a Ophelia era um espírito livre, uma mulher louca e pouco séria a quem não se podia permitir que tomasse decisões importantes. Lenta, mas seguramente, percebo que isso não é verdade, de todo.

Observo os esboços em que estive a trabalhar durante as últimas horas. As minhas aulas particulares começam na próxima semana e a Ophelia insistiu em que eu ficasse junto dela

durante o dia, a desenhar. Acha que isso me fará pensar noutras coisas. E disse-me: «Sempre adorei os teus desenhos. Quero saber que direção tomou o teu estilo.»

Ao princípio, custava-me um pouco desenhar na presença dela. Além disso, faltavam-me ideias. Contudo, agora, já quase me parece normal estar sentada na poltrona a fazer rabiscos no papel.

— Amanhã, a Ruby e o James vêm ver-me — anuncio passado um bocado, olhando para a minha tia de soslaio.

Usa uma saia branca comprida, até aos pés, e uma camisa de ganga que atou com um nó na cintura. Apanhou o cabelo num carrapito alto e despenteado de que se soltaram algumas madeixas. A minha mãe nunca teria saído assim de casa, e menos ainda para ir para o escritório, mas, neste momento, a Ophelia parece-me tão parecida com ela que dou por mim a observá-la durante demasiado tempo.

— Estou impaciente por conhecer a Ruby — comenta. Não sei se me apanhou a olhar para ela, mas não diz nada. Em vez disso, bebe um gole da enorme chávena de café e contrai imediatamente o rosto. — Oh, não, está frio. — Afasta a chávena.

— Queres que te vá buscar outro? — pergunto-lhe.

Contudo, antes que me levante, a Ophelia faz um gesto de recusa.

— Não, deixa estar. De qualquer maneira, já é tarde. Se me puser a tomar café agora, voltarei a passar metade da noite em branco. — Espreguiça-se e depois levanta-se da cadeira, aproximando-se de mim.

— Mostra-me o que fizeste — pede-me.

Entrego-lhe o meu esboço. É um vestido de tubo, sóbrio e elegante. É o tipo de peça que a minha mãe usava todos os dias e, enquanto desenhava, senti-me estranhamente ligada a ela.

— Ena! — oiço a Ophelia exclamar ao meu lado. Pelo tom de voz, percebo que se deu conta. — É verdadeiramente bonito.

Fico com os olhos cravados no desenho e evito olhar para a Ophelia.

Desde que estou com ela, nunca me pressionou para lhe fazer confidências. Não me perguntou o que aconteceu com o meu pai e também não mencionou a minha gravidez, e embora, por um lado, me sinta contente por não ter de falar sobre isso, estranho a conduta dela. Trata-me como se nada se tivesse passado e age como se, aos dezoito anos, eu estar à espera de gémeos e a viver com ela fosse a coisa mais normal do mundo.

Se calhar, é a sua maneira de enfrentar os problemas. Ou talvez só queira dar-me tempo, até eu estar preparada para lhe abrir o coração.

— Ainda não tenho a certeza em relação à cor — digo-lhe. — Há qualquer coisa que não resulta.

A Ophelia observa-me de soslaio por uns segundos e depois acaricia-me suavemente as costas.

— A tua mãe sempre me aconselhou a seguir o meu instinto nestes casos.

Olho para os lápis de cor que estão em cima da mesa, à minha frente, e pego no cinzento-claro. Insegura, vou rodando o lápis enquanto penso e me pergunto o que faria minha mãe nesta situação.

— Não sabia que tu e a mamã desenhavam juntas — comento, levantando os olhos para a Ophelia.

— Sempre — responde-me, sentando-se na poltrona ao lado da minha.

— O quê, por exemplo? Só roupa ou também desenhavam outras coisas?

A Ophelia ri-se baixinho.

— Sobretudo, roupa. Mas, antigamente, a tua mãe também fazia banda desenhada. Algumas eram hilariantes.

— A sério? — Não consigo imaginar a minha mãe a desenhar banda desenhada. Mostrava-se sempre muito séria e só se concentrava no essencial.

— Antes de seguir os passos do nosso pai, a Cordelia era muito mais despreocupada e, de vez em quando, permitia-se fazer uma piada. Ou duas.

Tento imaginar o aspeto que a minha mãe devia ter nessa época: com roupa de andar por casa, o cabelo ruivo despenteado e um caderno de esboços no colo. Para minha surpresa, não é tão difícil de imaginar como eu tinha pensado. Uma sensação de carinho espalha-se-me pela barriga e tenho de pigarrear para desfazer o nó que se formou na minha garganta.

— Quem me dera tê-la conhecido assim.

Agora, a música que continua a sair das colunas parece-me totalmente inadequada. Não se coaduna com esta conversa tão séria.

— Há fotografias dessa época, tanto dela como das bandas desenhadas. A tua mãe deixou aqui todos os álbuns. Se quiseres, posso mostrar-tos.

— Adoraria vê-los. Obrigada — digo-lhe em voz baixa.

A Ophelia muda lentamente o caderno de esboços de um lado para o outro da mesa.

— Antigamente, imaginávamos sempre o que faríamos um dia na Beaufort — continuava passado um bocado. — Os esboços que desenhaste quando eras pequena... — Um sorriso sagaz desenha-se-lhe nos cantos dos lábios. Olha para mim durante uns segundos. — Eu e a tua mãe planeávamos a mesma coisa. Uma coleção de mulher. Dar um novo rumo à empresa.

— Que é que mudou? — pergunto-lhe.

— A tua mãe conheceu o Mortimer. E deixou-se convencer, por ele e pelo nosso pai, a continuar a tradição de roupa masculina. Durante muito tempo, tive esperança de que ela mudasse de opinião e voltasse a contar comigo, mas... — A Ophelia encolhe os ombros. — Pelos vistos, já não queria.

Durante uns minutos, ficamos as duas em silêncio, a ouvir os sons da guitarra da canção que está a tocar.

Depois, pigarreio.

— Achas que ainda tens oportunidade de fazer isso realmente?

— Desde que a Cordelia... já não está connosco, não acredito, não. — Faz um esforço para continuar. — Sabias que o meu nome nem sequer aparece no testamento?

Respiro fundo.

— Não, não sabia.

Eu não estava presente aquando da leitura do testamento. Depois da morte da minha mãe, o meu pai pediu ao nosso advogado que tratasse de tudo e isso pareceu-me bem. Não queria saber o que é que a minha mãe me tinha deixado. A única coisa que queria era que ela voltasse a estar entre nós.

— Deixou tudo ao Mortimer. Para alguém para quem a tradição era tão importante, quebrou uma tradição familiar de décadas.

— Que queres dizer com isso? — pergunto-lhe, franzindo o sobrolho.

— A Beaufort sempre passou para o parente vivo mais próximo. No caso do nosso pai, foi a Cordelia. Contudo, no caso dela, na verdade, a empresa devia ter passado para vocês ou para mim.

— Não posso acreditar — digo-lhe, perplexa. — Porque é que faria uma coisa dessas?

— Durante mais de vinte anos, os teus pais foram uma equipa invencível. É provável que a tua mãe tenha preferido jogar pelo seguro, que tenha querido que tudo continuasse como eles tinham planeado.

Estou prestes a responder-lhe quando somos sobressaltadas pelo toque sonoro da campainha. A Ophelia faz um gesto com a mão, que parece indicar que a nossa conversa ainda não terminou, e, nesse preciso momento, levanta-se de um salto e dirige-se para a porta de casa.

Apenas meio minuto depois, oiço-a gritar o meu nome na escada. Aguço o ouvido.

— Sim?

— Tens uma visita!

Levanto-me de sobrolho franzido. Olho de relance para o relógio. Passa pouco das sete e meia da tarde. Pergunto-me se será o Cyril. O James disse-me que tinha falado com ele sobre mim.

O que acontecerá se tiver sido ele a vir aqui? Só de imaginar isso, ranjo os dentes e cerro os punhos. Desço a escada lentamente. Contudo, quando chego ao piso de baixo e vejo quem está diante da porta, o meu coração dá um salto.

Não é o Cyril.

É o Graham.

Alistair

O treino desta sexta-feira é um inferno.

O James, o Wren e o Cyril tornam a faltar, o que não só voltou a criar um ambiente péssimo na equipa, como também fez com que o treinador Freeman praticamente enlouquecesse. Temos de dar tantas voltas a mais que, no fim, já não sinto as pernas e quase vomito. Teria adorado ir para casa, para me atirar para cima da cama e esquecer toda esta semana de merda.

Contudo, depois do treino, o Roger Cree convidou-nos a todos para beber uma cerveja no Black Fox e, como não queria passar outra noite sozinho, também fui.

Para mim e para os rapazes, este devia ser o melhor ano das nossas vidas. Agora, quando penso na ingenuidade de que fizemos alarde no último verão, a única coisa que consigo fazer é esboçar um sorriso cansado. Desde então, tudo mudou, simplesmente tudo: o Wren mal nos olha nos olhos desde que ele e a família se mudaram. O Cyril passou a semana inteira sem vir ao colégio. O James tenta desesperadamente satisfazer o pai, a Lydia e a Ruby.

E eu... eu permiti que o meu melhor amigo me partisse o coração e tenho de assumir isso.

Como é evidente, tal como o resto da equipa, o Kesh também veio ao *pub*. Está sentado com o guarda-redes suplente numa mesa de madeira escura, do outro lado da sala. Gostava de conseguir ignorá-lo, mas, sempre que lhe lanço um olhar por cima da cerveja que tenho na mão, vejo-o observar-me com um olhar sombrio. Como se, esta noite, não tivesse afastado o olhar de mim em nenhum momento.

É-me inevitável pensar no nosso passado. Sinto as mãos do Kesh, a pele, a boca, oiço a voz dele nos meus ouvidos e as palavras que murmura enquanto o acaricio.

Ter bebido a terceira caneca de cerveja também não me ajuda a conter estas memórias.

De todas as vezes que penso ter superado a nossa época juntos, basta-me sentir um só olhar do Kesh para que todos os sentimentos regressem intensamente. Não sei quanto tempo é que isto vai durar. Sobretudo, se tanto ele como eu continuarmos a tentar manter a nossa amizade.

Não me consigo livrar dele, é tão simples quanto isso. Pouco importa o quanto tente. E menos ainda quando ele olha para mim desta maneira, por cima do copo.

— Que é que se passa realmente com o James e o resto do vosso grupo? — pergunta-me de repente o Roger ao meu lado, despertando-me dos meus pensamentos.

— O quê? — digo, desconcertado.

Pousa o copo em cima da mesa, à minha frente.

— Por esta altura, tenho a impressão de que o vosso objetivo é destruir esta equipa.

Olho para ele de sobrolho franzido.

— Não sei de que é que estás a falar.

— O Beaufort já mal vem aos treinos porque prefere estar com a comissão de eventos. Acho que, no espaço de várias semanas, não vi o Fitzgerald nem o Vega. E nem é preciso falar do teu rendimento. Tu próprio tens consciência do quanto pioraste.

Fico imóvel, com a cerveja na mão. Adoraria despejá-la na cabeça do Cree.

— Que é que sabes do que quer que seja? — pergunto-lhe, desafiador. — Se não tivessem suspenso o James no trimestre passado, nem sequer terias entrado para a equipa. Não fazes a mais pequena ideia do que se passa com os meus amigos, portanto, tem cuidado com o que dizes.

O Cree limita-se a bufar.

— Eu teria entrado para a equipa independentemente disso. Sinceramente, todos temos um ou outro problema pessoal, mas isso não é motivo para faltar aos treinos. Vocês estão convencidos de que são muito importantes, mas não passam de uns miúdos mimados, com demasiado dinheiro e que se fartam de tudo.

Levanto-me da cadeira tão bruscamente que a faço cair para trás. Avanço um passo para o Roger e estou prestes a agarrá-lo pelos colarinhos quando alguém me põe a mão no ombro.

Não preciso de me virar para saber quem é. Se não o tivesse reconhecido pela forma de me agarrar, suave, mas firme, o Kesh ter-se-ia delatado pelo seu cheiro inconfundível. Adoro o cheiro do Kesh. Às vezes, até lhe peço a água-de-colónia emprestada, depois do treino, com a desculpa de me ter esquecido da minha, mesmo que não seja verdade.

— Deixa-o, Alistair — murmura atrás de mim.

Liberto-me da mão dele, sem afastar o olhar irado do Cree.

— Retira o que disseste.

O Cree dá uma gargalhada triste.

— O Beaufort pode passar dias inteiros na farra, mas não vem aos treinos. Um capitão não deixa a equipa pendurada.

— Não estás connosco nem há um ano e já achas que tens liberdade para julgar o James? Não fazes a mais pequena ideia de tudo o que a equipa tem a agradecer-lhe. Sem ele, nunca teríamos chegado aonde chegámos.

Falo tão alto que as pessoas que estão à nossa volta interrompem as conversas e olham para nós com curiosidade. Contudo, é-me indiferente. As palavras do Cree deixaram-me furioso. E fico ainda mais furioso por o Kesh me segurar no ombro pela segunda vez.

Viro-me para ele.

— Não me toques — resmungo, afastando-lhe a mão.

— Sobre vocês os dois, não é preciso dizer nada — continua o Cree, sem piedade. — A sério, já toda a gente sabe que estão...

O pânico que aparece nos olhos do Kesh leva-me a reagir sem pensar: dou meia-volta e desfiro um soco na cara do Roger Cree. Sinto os ossos dele debaixo dos meus quando lhe acerto no olho ou no nariz, ou talvez nos dois. O Cree cai ao chão com um gemido de dor e depois gera-se um tumulto. Os outros membros da equipa formam um grupo à nossa volta, para nos separar, o Kenton ajuda o Cree a levantar-se e alguém me agarra por trás. Contudo, ainda não acabei. Quero atirar-me novamente a ele, quero certificar-me de que fica de boca calada de uma vez por todas e de que deixa de dizer mal das pessoas mais importantes da minha vida.

Infelizmente, não chego muito longe. O Kesh arrasta-me para fora do *pub*, dobramos a esquina do edifício e chegamos ao beco que fica ao lado do bar. Só então é que me larga. Fico de costas para ele, a ofegar e de punhos cerrados.

— Não devias ter-lhe batido — diz o Kesh, quebrando o silêncio passados alguns minutos. Aqui, ainda se ouve a música *rock* distante vinda do *pub*. Tento concentrar-me nela e não no Kesh, que está muito perto de mim, nem no facto de ter acabado de bater num dos meus

colégas de equipa.

«Não devias ter-lhe batido.»

Aparentemente, eu e o Kesh estamos constantemente a fazer coisas desnecessárias, em vez de fazermos aquilo que realmente queremos fazer.

— Não sei o que é que queres que te diga, Kesh — respondo-lhe. De repente, sinto-me sem forças. Como se tivesse dado tudo.

Sinto-o aproximar-se um pouco de mim e tenho consciência do calor que emana do seu corpo. Um arrepio percorre-me as costas.

— Não quero que me digas nada. — Põe a mão sobre as minhas costas. Desta vez, hesitantemente. Este contacto não tem nada que ver com a forma decidida com que me agarrou antes. É familiar e terno.

Engulo em seco.

— Kesh — aviso-o.

Aproxima-se ainda mais e passa-me a mão pela barriga. O peito dele toca nas minhas costas e sustenho a respiração.

— Alistair — murmura. O seu hálito quente acaricia-me a orelha e faz-me ficar com pele de galinha.

— Que é que estás a fazer? — murmuro.

O Kesh é a única pessoa que me faz sentir esta agitação, estes calafrios, como uma corrente elétrica que me percorre da cabeça aos pés e que me faz sentir sem chão.

— Não sei — admite, acariciando-me lentamente a barriga com a mão.

— Mas eu sei — digo-lhe com voz áspera.

O Kesh emite um som inquisitivo e aproxima-se ainda mais.

— Se não paras com isso, vou dar meia-volta, empurrar-te contra a parede e beijar-te. E ambos sabemos o que vai acontecer depois.

— Acho que tens de me dar uma pista — murmura o Keshav, rodeando-me mais firmemente com o braço. Sinto o peito dele contra as minhas costas, a subir e descer cada vez mais depressa e algo duro... que me pressiona as nádegas. Fico com a pulsação acelerada. — Que é que vai acontecer depois, Alistair?

Bufo com força.

— É uma tentativa bastante miserável de conseguires um beijo, Kesh.

Depois, reúno as poucas forças que me restam, pego-lhe no braço e afasto-o da minha barriga. Ao mesmo tempo, viro-me para ele, hesitante. Estou agoniado por causa da adrenalina que continua a fluir pelo meu corpo.

Gostava de rodar sobre os calcanhares e deixá-lo aqui plantado. Não posso entregar-me a ele, não sabendo como sei o que vai acontecer depois.

Contudo, quando ele levanta cautelosamente a mão e a pousa no meu rosto, sou incapaz de me mexer de onde estou.

— Alistair — murmura.

Desejava tanto voltar a ouvir o meu nome sair dos lábios dele... a minha cabeça ordena-me que dê meia-volta e me vá embora antes que seja demasiado tarde, contudo, quando o Kesh encosta a boca à minha, a minha racionalidade desaparece e, com ela, desaparecem todos os motivos pelos quais seria melhor pararmos com tudo isto.

Não posso evitar devolver-lhe este beijo.

O Kesh move os lábios por cima dos meus, primeiro hesitantemente e depois cada vez com

Sem mais firmeza e segurança. Sem pensar, levo as mãos ao rosto dele, acaricio-lhe o queixo e a nuca e depois enterro os dedos no seu cabelo.

O Kesh ofega.

— Que loucura, hem? — murmura junto da minha boca.

Solto um gemido de concordância.

— Quem me dera que fosse sempre assim.

O choque atinge-me de imediato e apanha-me totalmente desprevenido. De repente, tomo consciência de que estamos num beco escuro e de que isto é precisamente o oposto daquilo que quero que aconteça entre mim e o Keshav.

Baixo as mãos a toda a velocidade e afasto-me um passo dele.

— Não quero ser o teu caso secreto, Kesh. Não sei quantas vezes tenho de te repetir o mesmo.

Um brilho aparece nos olhos do Kesh.

— Não entendo porque é que queres destruir o que existe entre nós.

— És tu quem está a destruir isso! — O meu grito ecoa no beco. Quase espero que o Kesh olhe inquietamente para trás, para verificar se ninguém nos ouviu, mas não afasta os olhos de mim. — Ainda não teres entendido o que se passa demonstra-me quão mal está tudo isto — digo-lhe num tom mais baixo, mas nem por isso menos amargo.

— Entre nós não há nada de mal — responde-me.

Olho para ele enquanto abano a cabeça.

— Vá lá, Kesh.

— Foi por isso que rompestes comigo? — pergunta-me. Agora parece tão frustrado como eu. — Porque achas que, para mim, isto não significa tanto como para ti?

Dou um suspiro resignado.

— Não se pode falar de «romper» quando, na verdade, nunca houve uma relação.

O Kesh fecha os olhos e respira fundo. É evidente que está a tentar manter a calma.

— Não estás preparado para ter uma relação — digo-lhe, sentindo o calor subir-me pelo pescoço. — E não faz mal. Mas, no meu caso, é diferente.

O Kesh avança um passo para mim com um olhar suplicante. Nunca o tinha visto assim. É sempre tremendamente fechado e não mostra a ninguém, nem sequer a mim, o que sente. Contudo, neste momento, o seu abatimento é tão nítido, tão avassalador, que consigo senti-lo, literalmente.

— Sei o que te aconteceu com os teus pais. Eu... — Interrompe-se e expira com força. — Tenho medo, é só isso.

— Eu sei — digo-lhe com a voz rouca.

Assumir-me como homossexual perante os meus pais foi a coisa mais difícil que fiz em toda a minha vida. Contudo, não tinha outra opção. Queria ser, de uma vez por todas, a pessoa que sempre fui no mais fundo do meu ser. E, para isso, tinha de mostrar essa pessoa aos meus pais. Nessa altura, eram-me indiferentes as consequências que isso pudesse ter. Foi uma libertação.

Até que vi a decepção no rosto do meu pai e as lágrimas nos olhos da minha mãe. Até que começaram a comportar-se comigo de maneira totalmente diferente da que se tinham comportado até então, e eu comecei a preferir passar o tempo com os meus amigos, porque estar em casa me era insuportável.

Não quero ser eu a forçar o Kesh a fazer uma coisa que não está preparado para fazer. Sou amigo dele, independentemente do que tenha acontecido entre nós: a minha função é apoiá-lo,

seja qual for a decisão que tome. Mesmo que ele nunca conte aos pais, permanecerá ao seu lado.

E é precisamente aí que reside o problema.

Eu quero mais do que meros beijos roubados e promessas sussurradas que, de qualquer maneira, não se vão realizar. Contudo, por agora, o Kesh não pode dar-me o que lhe peço. Voltou a demonstrar-me isso esta noite. Não é novidade, apesar de me magoar cada vez mais. Porque ele é meu amigo e tenho consciência de que o vou perdendo cada vez mais. E, sobretudo, porque estou apaixonado por ele e não sei como diabos deixar de estar.

Só de pensar nisso, sinto um ardor nos olhos. Contenho-me e pestanejo várias vezes, para não deixar de o sentir.

— Alistair... — murmura o Kesh, avançando mais um passo para mim.

Abano a cabeça e baixo os olhos para a ponta dos sapatos.

Não posso exigir-lhe que torne pública a nossa relação.

E ele não pode exigir-me que a oculte.

Nunca chegaremos a lado nenhum. Ambos o sabemos.

Torno a olhar para a cara do Kesh, passando os olhos desde as maçãs do rosto até aos lábios, passando pela leve sombra da barba.

Observo os seus olhos escuros. E depois faço o que devia ter feito há muito tempo: sufoco qualquer resquício de esperança.

— De futuro, talvez devêssemos manter distância.

O rosto do Kesh empalidece.

— Alistair...

Antes que possa arrepender-me da minha decisão, dou meia-volta e vou-me embora.

Graham

Quando me vê, a Lydia fica de olhos esbugalhados.

— Que é que fazes aqui? — pergunta-me num fio de voz.

Vou para lhe responder, mas, uns segundos depois, mudo de ideias. Só consigo ficar ali parado a olhar para ela enquanto os meus dedos se apertam em volta do ramo de flores que tenho seguro na mão.

Gostava de lhe dizer muitas coisas, mas, neste momento, não consigo articular uma palavra que seja.

Talvez por causa da emoção. Ou por não ter a certeza de ainda querermos o mesmo. Há uma semana, pensava que tínhamos esclarecido tudo, mas, depois, o pai dela intrometeu-se e, agora, não sei em que situação estamos.

Quero ser, por fim, o homem que a Lydia merece. O homem que conheceu naquele primeiro verão. Mas... e se ela já não me amar? E se tiver chegado à conclusão de que está muito melhor sem mim?

— Precisava de te ver — consigo dizer passado um bocado.

A Lydia continua a olhar para mim.

— Não quer entrar? — intervém a Sra. Beaufort, afastando-se para o lado.

Em vez de lhe responder, dirijo um olhar interrogativo à Lydia.

Os segundos que passam parecem-me uma eternidade. No fim, a Lydia anui lentamente.

Pigarreio e subo os dois últimos degraus que levam à porta.

— Vão para a galeria — diz a Sra. Beaufort à Lydia. — Entretanto, vou aquecer água para o chá.

Sigo a Lydia pelo corredor, em direção a uma grande sala de estar e, daí, passamos umas portas duplas e entramos numa galeria de aspeto acolhedor. Ao entrar, a Lydia liga um interruptor e, imediatamente, acendem-se umas pequenas luzes no chão de madeira. Pela janela, vejo a paisagem que rodeia a casa da Ophelia Beaufort. Pelo que a Lydia me tinha contado, sabia que vivia num local isolado, mas ignorava que não houvesse mais nada num raio de oito quilómetros, exceto uma pequena bomba de gasolina.

— São para ti — digo-lhe torpemente, estendendo-lhe as flores.

A Lydia pega no ramo de rosas, gerberas e crisântemos rosados e aproxima-o do rosto. A sombra de um sorriso brinca nos seu lábios quando aspira o perfume das flores. Sinto a garganta seca e pergunto-me se terá entendido bem o meu gesto, se compreende o muito que este momento significa para mim, dado que é a primeira vez que lhe ofereço uma prenda sem antes ter de olhar preocupadamente para trás, como medo de que alguém nos descubra.

A Lydia olha para o ramo durante mais um segundo e depois pigarreja.

— Obrigada.

A seguir, ficamos em silêncio. Quero olhar em volta, mas é-me impossível afastar o olhar da Lydia. Usa uma camisa azul-clara extragrande e uns *leggings* pretos brilhantes. Apanhou o cabelo num carrapito frouxo, do qual se soltam umas madeixas, algumas das quais lhe caem sobre o rosto. Não se parece com a Lydia que conheço, e nunca a ter visto assim faz com que me aperceba de quão pouco tempo passámos juntos até agora e da vontade que tenho de que isso mude.

Precisamente quando o silêncio que há entre nós ameaça tornar-se insuportável, a Lydia aponta para o sofá de cabedal castanho-escuro que está no meio da divisão, encaminha-se para lá e senta-se. Quando pousa cuidadosamente as flores em cima da mesa baixa que está em frente do sofá, vejo que lhe tremem os dedos.

Detesto que se sinta assim por minha culpa.

Dirijo-me para junto dela num passo hesitante, mas não me sento no sofá e, em vez disso, opto pela poltrona que está ao lado.

— Estava muito preocupado contigo — digo-lhe a meia-voz. — Não podes enviar-me um *e-mail* como aquele e, depois, desaparecer da face da Terra.

A pele da poltrona range sob o meu peso. Apoio um braço nas costas e viro-me, para que a Lydia possa olhar diretamente para mim. Tem as mãos pousadas nas coxas.

— Eu sei.

Tenho a sensação de que, entre nós, se ergue um grande muro de cimento que nenhum dos dois sabe como derrubar. Há uma semana, ainda pensava que podíamos ficar juntos se simplesmente me atrevesse a dar o passo de abandonar Maxton Hall. Contudo, de repente, já não tenho tanta certeza.

— Queres contar-me o que aconteceu? — pergunto-lhe.

Afasta a vista e olha para as mãos, passando-as pelos *leggings* e alisando a camisa.

— Lydia — murmuro quando não me responde. Embora só diga o nome dela, tento transmitir-lhe tudo com isso: os meus sentimentos por ela e a confiança que continuo a ter nos dois.

A Lydia torna a levantar os olhos, com uma expressão inquisitiva. Vejo que brilham devido

as lágrimas.

— Podes contar-me tudo. Seja o que for. Não me importa o que o teu pai tenha usado para te ameaçar: só me irei embora se tu quiseres que o faça. Nunca mais fingirei que não nos conhecemos. O que te disse no baile de primavera era a sério. Quero estar contigo.

As primeiras lágrimas afloram-lhe ao olhos. Deslizo imediatamente para fora da poltrona e ajoelho-me diante dela.

Mantém a cabeça baixa, com as lágrimas a correr-lhe pelo rosto e a cair-lhe em cima das pernas. Estendo a mão com cuidado e acaricio-lhe o rosto húmido com o polegar.

— Desculpa — diz-me com a voz trémula.

— Não tens de me pedir desculpa — replico, encostando-lhe a palma da mão à maçã do rosto.

— Desde o início que a única coisa que fiz foi arranjar-te problemas. Desde o primeiro momento, não fui mais do que um peso para ti. E agora perdeste o emprego por minha culpa. Eu estrago tudo, Graham.

Abano a cabeça veementemente e encosto-lhe também a outra mão ao rosto, esperando que torne a olhar para mim.

— Tu nunca estragaste nada. Pelo contrário, de certeza que, fosse como fosse, teria procurado um emprego diferente. As coisas terem acontecido assim não significa que isso seja necessariamente mau.

A Lydia abana a cabeça. Vê-la assim quase dá cabo de mim.

— Lamento não te ter apoiado quando mais precisavas de mim. Se me deixares, estarei sempre ao teu lado.

— Não digas isso — consegue a Lydia dizer com a respiração entrecortada e olhando para mim com os olhos velados de lágrimas.

— Estou a falar a sério — murmuro veementemente, sem parar de lhe limpar as lágrimas com os dedos. — Não há nada a temer.

A Lydia estaca e, subitamente, todo o seu corpo fica tenso.

— Sim, há.

— Nesse caso, diz-me o que é — respondo-lhe a meia-voz.

— Devia ter-te contado há muito tempo — murmura a Lydia e, nos seus olhos azul-esverdeados e tristes, consigo reconhecer o mesmo medo que se reflete em toda a sua atitude. — Isto... — Pigarreia. — Isto vai mudar ainda mais a tua vida.

Fico com a boca e a garganta secas. Lentamente, o pânico que ela sente começa a contagiarme. No entanto, sou incapaz de imaginar que o que me vai dizer possa ser pior do que tudo o que já sofremos juntos.

— Que é que se passa, Lydia?

Olha para mim através das pestanas húmidas. Percebo o momento exato em que se decide a pronunciar as palavras.

— Estou grávida.

Os meus polegares detêm-se no rosto dela.

— Que é que disseste? — consigo articular num fio de voz.

— Estou grávida — repete. — De gémeos.

Fico pasmado a olhar para ela. Sinto uma pressão no peito que se vai espalhando, até que penso que vou explodir de um momento para o outro. As palavras da Lydia vão-se repetindo na minha mente e, a pouco e pouco, vão-se transformando numa imagem que me corta a

respiração.

— A sério? — pergunto-lhe baixinho.

Anui. Acho que está a sustentar a respiração... tal como eu.

Sou invadido por sentimentos contraditórios. Não consigo dominá-los e também não consigo controlar os pensamentos que me enchem a mente. Sem hesitar por um segundo que seja, inclino-me para a frente e beijo a Lydia na testa. Da garganta dela sai um soluço, portanto, puxo-a mais para mim e abraço-a com força. Não há perguntas, não há limites nem nenhuma outra coisa em que deva pensar neste momento. Embalo-a com doçura entre os braços.

— Estava com tanto medo de te contar... — murmura com a voz abafada.

Limito-me a abanar a cabeça.

Não consigo largá-la. Sei que esta notícia me devia ter transtornado completamente, mas aconteceu precisamente o contrário: senti, no mais fundo do meu ser, que num abrir e fechar de olhos tudo na minha vida voltou ao sítio certo. A incerteza e o medo que me invadiram há uns minutos desapareceram e, no lugar deles, instalou-se a alegria e a emoção, quase me provocando vertigens, porque estou a inspirar e a expirar muito depressa.

Afasto-me um pouco da Lydia e, ainda ajoelhado diante dela, agarro-lhe os braços, levanto os olhos e digo-lhe com a voz trémula:

— Acabaste de me fazer muito feliz.

A incredulidade aparece nos seus olhos brilhantes e ela pestaneja duas vezes.

Depois, rodeia-me o pescoço com os braços. Também a abraço, com todas as minhas forças, apertando-a com determinação... durante segundos, minutos, uma eternidade.

Não sei dizer quanto tempo ficamos assim, só sei que é um dos momentos mais bonitos da minha vida.

— Devia ter-te contado muito antes — murmura a Lydia passado um bocado, recostando-se um pouco para trás, apesar de não retirar os braços do meu pescoço.

— Há quanto tempo é que sabes? — pergunto-lhe.

— Desde novembro.

Fecho os olhos momentaneamente.

— Oh, Lydia.

— Não sabia como agir — murmura novamente, mas abano imediatamente a cabeça.

— E pensar que tinhas tanto medo da minha reação... — expiro entrecortadamente — isso deixa-me de rastos. — Olho-a firmemente nos olhos. — Isto foi a melhor coisa que alguma vez me aconteceu.

Com calma, de forma quase impercetível, os cantos dos lábios dela curvam-se para cima.

Acaricio-lhe lentamente as costas com a mão.

— Não sei o que vai acontecer agora, Graham.

— Eu também não, mas havemos de descobrir. Juntos — digo-lhe. — Vamos superar isto.

A Lydia acaricia-me a nuca. Um pequeno calafrio percorre-me as costas quando, depois, os dedos dela me tocam nas maçãs do rosto e descem até ao queixo.

— Estou tão contente por teres vindo — murmura. O olhar dela passa da minha boca para os meus olhos e torna a descer. Ato contínuo, inclina-se muito lentamente. Fecho os olhos e aproximo-me dela.

Quando os nossos lábios se tocam, é como se fosse atingido por um raio.

Há uma série de coisas sobre as quais temos de falar urgentemente. Contudo, este beijo é como uma promessa. A promessa de que vamos deixar o passado para trás. E de que este

momento marca o começo de algo novo para nós.

Ruby

Como é habitual, no sábado de manhã desço ao piso de baixo para ajudar o meu pai a preparar o pequeno-almoço, mas, antes, espreito discretamente para a sala de estar, para ver se o James está acordado. Os lençóis, a colcha e a almofada estão cuidadosamente dobrados no meio do sofá, mas ele não está ali. Viro-me e dirijo-me para a cozinha, onde fico parada à porta, surpreendida.

O James está sozinho. Está de pé junto da bancada, a espremer laranjas. Deve ter tomado um duche, porque ainda tem o cabelo húmido. Usa calças de ganga escuras e uma *T-shirt* branca que lhe realça os ombros. Vejo como o braço dele fica tenso quando pressiona a metade da laranja e fico maravilhada. Vê-lo na nossa cozinha, a preparar o pequeno-almoço, tem algo íntimo.

Acho que podia habituar-me a esta imagem. Do mesmo modo que podia habituar-me a passar as tardes com ele no sofá, a conversar até bem entrada a noite, como fizemos ontem.

Atravesso a cozinha o mais silenciosamente possível. Abraço o James por trás e cruzo os braços em cima da barriga dele. Estremece um pouco, seguramente porque se assustou, mas torna a descontraí-lo imediatamente.

— Bom dia — murmuro.

O James vira-se para mim e esboça um meio-sorriso.

— Bom dia — responde-me em voz baixa. Depois inclina-se e encosta docemente os lábios aos meus. O beijo sabe a laranja e dou um suspiro, encostando-me ao James até ele bater com as costas na bancada. Agarra-me pela cintura e aperta-me mais contra si.

Sinto a sua barriga firme contra a minha e começo a deslizar a mão por baixo da *T-shirt* dele quando oiço o meu pai aproximar-se da cozinha.

O James afasta-se de mim de um salto e tento agarrar-me a qualquer coisa, mas bato no jarro de sumo, que se entorna e forma uma pequena poça cor de laranja na bancada.

— Bom dia aos dois — cumprimenta-nos o meu pai atrás de mim.

Olho para o James de soslaio e tenho de cerrar os lábios para não dar uma gargalhada. Está parado como um soldado, firme e com as maçãs do rosto coradas.

— Ia... ia fazer o pequeno-almoço — diz, apontando desnecessariamente para a poça de sumo de laranja.

O meu pai limita-se a abanar a cabeça. Tem um brilho divertido nos olhos. Sabe perfeitamente que o James tem um grande respeito por ele e aproveita-se disso descaradamente, o que é perverso, mas, ao mesmo tempo e de certa maneira, também é divertido.

O momento prolonga-se por mais uns segundos, até que o meu pai se compadece do James.

— Querem ovos mexidos? — pergunta.

— Fantástico — respondo-lhe, e o James também murmura uma resposta afirmativa. Depois, limpo a pequena poça de sumo e começo a pôr a mesa.

Entretanto, o James continua a espremer o resto das laranjas.

— Dormiste bem? — pergunta-lhe o meu pai.

— Sim. O sofá é muito confortável. Muito obrigado, mais uma vez.

O meu pai faz um gesto de rejeição.

Depois de a minha mãe ter chegado a casa e de lhe termos contado o que tinha acontecido, não pensou duas vezes e ofereceu-se imediatamente para o deixar ficar cá em casa até ele esclarecer as coisas com o pai. Lancei-lhe um sorriso agradecido, mas só durou até ela me chamar à parte e me dar a entender, com toda a seriedade, que confia em nós e que o melhor é não abusarmos da sua confiança. Depois disso, já não consegui voltar a olhá-la nos olhos durante, pelo menos, meia hora.

— Pai, depois do pequeno-almoço, eu e o James vamos visitar a Lydia — anuncio.

— Precisam do carro?

Abano negativamente a cabeça.

— Não, vamos no do James.

— Muito bem, eu e a tua mãe queremos fazer algumas compras hoje. — Depois, o meu pai abre a gaveta que está à sua direita e pega numa frigideira que coloca em cima do fogão.

— O teu pai esteve a semana toda à espera para ir comprar facas novas — diz a minha mãe, que entra na cozinha nesse momento. — Bom dia, meninos.

— Bom dia — respondemos eu e o James em unísono.

A minha mãe puxa uma cadeira para junto da mesa e senta-se, olhando em volta da cozinha.

— Há sumo de laranja acabado de espremer?

O James anui e estende-lhe um copo cheio.

— Toma.

— Que bom! — diz a minha mãe, olhando para mim com as sobrancelhas arqueadas. — Podia habituar-me a isto.

Sem afastar os olhos do James, murmuro:

— Eu também.

James

— Qual é a tua cor preferida?

Não posso acreditar que seja precisamente esta a pergunta que a Ruby escolheu fazer-me. E também fico surpreendido por não me ter perguntado isto antes: é tão típico da Ruby que se me escapa um sorriso.

— Se precisas de pensar durante tanto tempo, é porque não é a tua cor preferida — comento, quando não lhe respondo imediatamente.

Olho para a rua através do para-brisas. Já levamos, pelo menos, hora e meia de viagem e ainda nos falta fazer metade do trajeto. Parece-me estranho ser eu a conduzir o carro numa viagem tão longa, mas, ao mesmo tempo, poucas vezes me senti tão bem como neste momento, com a Ruby ao meu lado.

Ontem à noite, começámos a fazer perguntas um ao outro à vez, e adoro a naturalidade com que conseguimos conversar, apesar de tudo o que aconteceu.

— Verde — respondo-lhe, por fim.

Lanço-lhe um breve olhar de soslaio e vejo-a coçar o nariz. Pelos vistos, não está satisfeita

com a resposta.

— Há milhares de tons de verde diferentes. Tens de ser um bocadinho mais específico.

Encolho os ombros, porque sou incapaz de dizer «o verde dos teus olhos» sem, logo a seguir, vomitar em cima do *tablier* do carro. Mas é verdade. Antes de conhecer a Ruby, não tinha uma cor preferida.

Agora, tenho.

— Esse bonito verde-caca — respondo-lhe então, apontando com o queixo para o colo dela, onde está a mochila. Embora seja impossível que a Ruby tenha embalado mais coisas do que eu, que tirei tudo o que consegui do quarto da minha irmã, as costuras da mochila parecem prestes a rebentar.

— Ei! Há anos que a minha mochila me presta um serviço impecável, não te metas com ela.

— Hoje, a Ember disse-me que a usas desde a escola primária.

— Isso não é verdade, nem pouco mais ou menos — responde-me, zangada. — Não tem mais de seis anos.

— Se calhar, ouvi mal e ela disse que, com essa idade, a mochila podia andar na escola primária.

A Ruby deita-me a língua de fora. Nesse momento, desperta em mim um desejo tão intenso de a beijar que tenho de agarrar o volante com mais força para não me atirar a ela.

Embora queira controlar os meus pensamentos, não consigo. Até quando a Ruby está sentada mesmo ao meu lado, desejo-a. Ontem à noite, quase enlouqueci. Passei a noite acordado a tentar obstinadamente não pensar na minha namorada a apenas uns degraus de distância e usando não mais do que uma camisa de noite curta e às pintinhas.

Os pensamentos que isso despertou em mim vão custar-me um lugar no Inferno.

— Se quiseres, podes ter a mala *James* de volta — proponho-lhe, sem afastar os olhos da estrada. Concentro-me no barulho do motor e nos campos e colinas verdes que desfilam ao lado do carro. Tudo para me distrair da sensação das calças apertadas nas entrepernas, porque a minha fantasia tornou a levar-me numa direção obscena.

— Isso seria fantástico — diz a Ruby, mas parece tão aflita que os meus pensamentos impudicos se esfumam imediatamente. — Embora agora já não precise de mala nenhuma para levar para o colégio.

— A *James* é polivalente. Serve para tudo. Além disso, daqui a duas semanas, no máximo, já estarás de volta a Maxton Hall — respondo-lhe com determinação.

Pelo menos, isto fá-la sorrir, e vejo pelo canto do olho que descontraíu um pouco as costas.

— Tens razão, se calhar essa história da mala não é má ideia de todo.

— As minhas ideias nunca são más, Ruby Bell.

Bufa baixinho e quase dá uma gargalhada. Fico com uma sensação de triunfo.

Estou tão contente por, finalmente, irmos passar um sábado juntos e próximos um do outro, sem que nada nem ninguém nos separe dolorosamente, nem o Cyril, nem o meu pai, nem os pais da Ruby, nem qualquer outro incidente. Parece um sonho que a Ruby, apesar de tudo o que aconteceu, não me tenha afastado da vida dela.

— Sabes em que é que acabei de pensar?

— Em quê?

— Que é muito estranho ver-te a conduzir — comenta, divertida. — Até agora, só te tinha visto a comer ou a beber no banco traseiro da limusina.

Agora sou eu quem bufa.

— Nem sequer sabia que tinhas um carro.

— Ofereceram-mo quando tirei a carta de condução — digo-lhe. — Mas, para ser sincero, estive estacionado na garagem durante a maior parte do tempo.

— Não gostas do carro? — pergunta-me a Ruby enquanto olha para o interior do *coupe* preto.

— Não é isso — respondo-lhe passado um bocado. — Desde que eu e a Lydia éramos pequenos que o Percy nos levava para todo o lado. Não me lembro de um dia em que não o tenha visto. E agora...

— E agora?

Faço um gesto de impotência.

— Agora, já não me leva para lado nenhum.

— Ainda manténs contacto com ele? — pergunta-me a Ruby cautelosamente, e abanoo negativamente a cabeça.

— Não.

— Porquê?

— Porque o trabalho dele era transportar-me. Imagino que agora já não queira saber nada de mim.

— A sério que pensas isso? — responde-me a Ruby, incrédula. Quando encolho os ombros, diz-me: — O Percy conhece-vos desde que vocês nasceram. De certeza que está aflito, especialmente depois de tudo o que aconteceu.

— Achas mesmo?

A Ruby precisa de algum tempo para escolher as palavras adequadas.

— Há algumas semanas, quando ele me levou a Pemwick, falámos um pouco sobre a tua mãe. Fiquei com a impressão de que a morte dela o afetou profundamente.

Neste momento, não quero preocupar-me com isso. Não, não posso preocupar-me com isso. Não posso preocupar-me com mais pessoas.

A Ruby olha para mim discretamente durante uns minutos. Penso que não vai abandonar o assunto tão facilmente, mas limita-se a pôr a mão em cima da minha, sobre a manete das mudanças.

— Pareces cansado — diz. — A sério que estás confortável no sofá?

— Estou mais do que confortável — respondo-lhe com franqueza. Não ter pregado olho durante toda a noite não foi culpa do sofá.

— Se ficares com dores nas costas, posso ir dormir com a Ember e tu vais para a minha cama.

Quase morro. Dormir uma noite na cama da Ruby, rodeado do cheiro dela e das coisas de que gosta, sabendo que só estamos separados por uma parede? É melhor não.

— Gosto do vosso sofá — insisto, com mais ênfase do que é necessária. — Não te preocupes. Além disso, não é a minha vez de te fazer uma pergunta?

— Oh. É verdade.

Olho discretamente para a Ruby e vejo-a endireitar-se um pouco. Tenho de reprimir um sorriso.

— Muito bem... qual é teu animal preferido?

— O pinguim — responde-me sem pensar duas vezes.

— O pinguim?

Anui.

— Sem a mínima dúvida. Parece que vestem pequenos fraques. Além disso, são muito românticos e, quando encontram uma companheira, é para toda a vida.

— A sério?

— Sim, é interessante, não achas? Embora, para ser honesta, tenho de admitir que procuram outra companheira se, depois do inverno, não encontrarem a que tinham antes. Mas, tirando isso, são monógamos. E dão prendas uns aos outros. São engraçadíssimos.

— Prendas? Que tipo de prendas?

— Pedrinhas. Estão enterradas por baixo do gelo e é difícilimo conseguir uma. Daí que, sendo um pinguim, seja uma enorme mostra de amor que te ofereçam uma pedrinha.

Olho de soslaio para a Ruby.

— Acho que já percebi o que vês neles.

— Uma vez, eu e a Ember vimos um documentário sobre um casal de pinguins e acabámos as duas a chorar.

Abano a cabeça, rindo-me.

— Agora é a minha vez — continua a Ruby. — Diz-me um sítio onde gostavas que te beijassem.

O meu riso transforma-se num ligeiro sorriso.

— Isso não é uma pergunta.

Suspira.

— Em que sítio gostavas que te beijassem?

— Em que tu me beijassem? Qualquer sítio.

— James — repreende-me, embora a veja sorrir quando olho para ela fugazmente.

— Deixa-me pensar no assunto.

Há tantos sítios aonde gostava de ir com a Ruby, tantos sítios que ainda não lhe mostrei e tantos outros que gostava de conhecer com ela ao lado...

A ideia de partilhar o futuro com ela deixa-me emocionado. Vejo-o diante de mim com toda a clareza: eu e a Ruby na casa onde viveremos juntos, um beijo diário que, apesar disso, não perde a intensidade. Um beijo cheio de sentimentos profundos e de uma confiança que aumenta com o passar dos anos. A imagem provoca-me um calafrio que me percorre todo o corpo.

Quero um beijo como esse.

Mas sei que não é o momento adequado para lhe confessar uma coisa tão importante.

— Quando respondi em qualquer sítio, estava a falar a sério — comento passado um bocadinho. — No entanto, não teria nenhuma objeção a um beijo numa biblioteca. Rodeado de livros, em segredo, mas, ao mesmo tempo, num lugar público... acho que seria excitante.

— Ena.

— Não pareces muito satisfeita com a minha resposta.

— De certa maneira, esperava que me dissesse «num iate, debaixo de uma chuva de estrelas» ou qualquer coisa parecida.

— Num iate, debaixo de uma chuva de estrelas? A sério?

Dá-me um pequeno soco no braço.

— Eu sei lá o que é que te passa pela cabeça.

— Que resposta darias tu? — pergunto-lhe.

Pensa durante uns segundos. Vejo perfeitamente o momento em que se decide por uma resposta. No carro, o ambiente fica mais carregado a cada segundo que passa.

— Quero ser beijada de novo em Oxford — murmura.

Lembro-me imediatamente da noite que passámos juntos em Oxford. De como a Ruby gritou comigo e, no fim, me beijou. De como entrámos aos tombos pela porta e caímos na cama. Da maneira como enterrou as mãos no meu cabelo. Sinto necessidade de pigarrear.

— Um beijo em Oxford — digo-lhe com voz rouca. — Anotado.

Nesse momento, tomo a decisão de lhe satisfazer esse desejo.

Ruby

— Aqui, jogávamos sempre à apanhada — conta-me o James, quando saímos do carro e percorremos o largo caminho de pedra que vai do estacionamento até à porta de entrada.

— Aqui até podemos treinar para uma maratona — respondo-lhe, olhando em volta com admiração.

À direita e à esquerda estende-se um grande prado onde há várias cerejeiras que, embora em grande parte ainda não tenham folhas, mostram aqui e ali alguns rebentos verdes. O terreno da casa da Ophelia é enorme e o mesmo se pode dizer da mansão que se ergue à nossa frente. É uma construção do século XVIII, que tem uma certa semelhança com a residência dos Beauforts por causa da quantidade de canteiros e de arbustos em flor plantados em volta dos muros, mas que parece muito mais hospitaleira e acolhedora.

— Antigamente, vínhamos cá com muita frequência, mas, nos últimos anos, começámos a vir cada vez menos — comenta o James. — Certa vez, a nossa mãe contou-nos que a Ophelia não ficou nada contente quando lhe deram este terreno, porque isso significava que, a partir desse momento, tinha de se manter afastada dos assuntos da Beaufort. Ainda me lembro dos almoços de família em que a minha tia tentava convencer os meus pais a deixá-la trabalhar na empresa. Uma vez, chegou ao ponto de sair da sala a chorar. Depois disso, mal voltámos cá e não víamos a nossa tia nem em nossa casa nem nas reuniões de negócios em Londres.

Olho de soslaio para o James.

— Deve ter sido horrível para ela querer integrar-se e deixarem-na à margem dessa maneira.

Durante um bocado, caminhamos em silêncio ao lado um do outro, e depois o James dá um grande suspiro.

— Por um lado, tenho memórias muito bonitas deste sítio, mas, por outro, não consigo deixar de pensar nos momentos em que o meu pai e a Ophelia tinham discussões acesas. Não sei exatamente como me sentir.

O James olha para a frente com uma expressão ensimesmada. Vejo que está a tentar que não se note o muito que toda esta situação o afeta. Contudo, comigo não consegue disfarçar e sabe-o.

Quando paramos diante da porta impressionante, dou-lhe a mão e lanço-lhe um sorriso animador.

Devolve-me o sorriso, respira fundo e toca à campainha.

Assim que oiço o sonoro *ding-dong* ecoar no interior da casa, dou-me conta de quão nervosa estou. Estive este tempo todo a pensar no James e na Lydia e esqueci-me de que não conheço a tia deles.

Espero que seja simpática, penso.

Ultimamente, sempre que o James me falou dela, percebi que é uma pessoa importante para ele. Acho que não suportaria que outra pessoa da família Beaufort antipatizasse comigo.

Sobretudo alguém cuja opinião o James respeita muito.

A porta abre-se com um ranger sonoro e sustenho a respiração.

— James, Ruby! — exclama uma mulher vestida com um macacão verde-escuro e com um sorriso resplandecente. Pela aparência, podia ser confundida com a Cordelia Beaufort. Só quando a observo com mais atenção é que vejo as diferenças entre ela e a mãe do James. Tem um rosto mais carinhoso e juvenil, o que se reitera sobretudo pelo grande sorriso com que nos recebe. — Estou muito contente por terem conseguido vir.

O James dá um passo em frente e abraça brevemente a Ophelia.

— Esta é a Ruby — diz, apresentando-me e pondo-me a mão no fundo das costas. — Ruby, apresento-te a minha tia Ophelia.

— Fico muito contente por finalmente te conhecer, Ruby — diz a Ophelia, estendendo-me a mão.

Aperto-lha, agradecida.

— Igualmente — respondo.

A Ophelia convida-nos a entrar em casa com um gesto.

— Venham, o pequeno-almoço já está pronto.

Seguimo-la por um comprido corredor e vou olhando em volta com curiosidade. Por dentro, a casa também é alegre e acolhedora, com quadros abstratos e modernos, e tapetes coloridos. Sinto-me imediatamente bem aqui.

— Ouvi dizer que gostas de livros de manga, Ruby — comenta de repente a Ophelia, e olho para ela com uma expressão surpreendida.

— Sim, é verdade — respondo-lhe.

— Também gostas de animés? — pergunta-me.

Anuo.

— Adoro animés.

— Eu tenho um fraquinho por filmes de animação e queria entrar no mundo dos animés, mas, infelizmente, ainda não tive tempo. Talvez pudesses recomendar-me alguns.

Olha para ela com um sorriso resplandecente.

— Com todo o prazer.

— Tens de ter cuidado ao pedir uma coisa dessas à Ruby, Ophelia. Vai dar-te uma lista mais comprida do que uma maratona.

— Então?! — exclamo, indignada.

O James limita-se a sorrir.

— Assim, tenho coisas com que me entreter. Não te contenhas, Ruby — diz-me a Ophelia, olhando para mim e lançando-me um sorriso.

Chegamos ao fim do corredor e a Ophelia abre uma grande porta escura do lado esquerdo, indicando-nos que passemos. Entro na acolhedora sala de jantar e estaco repentinamente ao ver quem está sentado à mesa generosamente abastecida.

Preparei-me para passar o dia a consolar uma Lydia tristíssima. A última vez em que a vi, parecia desanimada e sem nenhuma esperança.

Contudo, não estava à espera de a ver radiante, sentada à mesa com o pequeno-almoço servido. Não está apenas radiante, também está divertida. E menos ainda tinha imaginado ver o meu professor de História ao lado dela, a acariciar-lhe suavemente as costas.

— Olá aos dois — cumprimenta-os o James, como se, ao contrário de mim, esta visão não o surpreendesse.

A Lydia e o professor Sutton viram-se imediatamente para nós. Ato contínuo, a Lydia levanta-se de um salto. Atira os braços para o pescoço do James e abraça-o com força. Ele rodeia a irmã com os braços e fecha os olhos.

— Obrigada por lhe teres dito onde é que eu estava — murmura a Lydia.

— Tinha esperança de que ele viesse ver-te — murmura o James tão baixo que mal oiço as palavras. Seja como for, estas fazem com que a Lydia se ria.

Depois de um breve momento, afasta-se do irmão e aproxima-se de mim, para também me abraçar.

— Estou tão contente por te ver!

— E eu — responde-me, abraçando-me com um pouco mais de força.

— Sentem-se — intervém a Ophelia, apontando para os pratos que ainda não foram usados.

— Vou apressar-me a fazer outro chá.

Como demoro um segundo a pôr-me em movimento, a Lydia dá-me a mão e puxa-me para a mesa.

— Já se conhecem todos — diz, passando os olhos pelo James, pelo professor Sutton e por mim.

— Sim, é verdade — respondo enquanto o James anui.

Sentamo-nos em frente da Lydia e do professor Sutton, e depois faz-se um estranho silêncio entre nós. Não consigo evitar ficar a olhar para aquele que foi o meu professor de História. Independentemente daquilo que eu saiba sobre a relação dele com a Lydia, parece-me estranhíssimo vê-lo de calças de ganga e *T-shirt*.

— Bom dia, meninos. — No fim, é ele quem quebra o silêncio.

— Bom dia, professor Sutton — respondo automaticamente e, depois, fico tensa. Isto soou como se estivesse no colégio. Que horror.

O professor Sutton contrai o rosto, um pouco incomodado.

— A partir de agora, talvez seja melhor tratares-me por Graham, Ruby. Já não sou teu professor.

Penso momentaneamente.

— Acho que nunca conseguirei tratá-lo de outra maneira. Ou talvez precise de vários anos para conseguir fazê-lo — digo-lhe a seguir.

Levanta um pouco os cantos dos lábios.

— Está bem.

— De que é que estão à espera? — pergunta a Ophelia quando regressa à sala de jantar com um bule na mão. Serve-nos chá e senta-se à cabeceira da mesa. — Sirvam-se.

Não sei do que é que estava à espera, mas certamente não contava que o ambiente durante o pequeno-almoço fosse tão descontraído e relaxado. Vejo como o professor Sutton — o Graham — estende o cesto de pão à Lydia e como a Ophelia põe um pouco de ovos mexidos no prato do James, e penso no jantar em que o Mortimer Beaufort esteve presente. O ambiente não podia ser mais diferente.

Acho que o James parece tão confuso quanto eu, porque passam alguns minutos até ver que as suas costas começam a descontrair-se.

— Tenho de te contar uma coisa — diz o James à Lydia passado um bocado.

Ela para com a faca em cima da manteiga.

— Parece sério.

O James hesita e, depois, anui. A seguir, explica-lhe o que aconteceu no dia anterior.

Quando acaba o relato, a Lydia está vermelha de indignação e a Ophelia abana a cabeça, consternada.

— O meu pai perdeu realmente a razão — diz a Lydia.

A Ophelia limpa as mãos ao guardanapo e depois pausa-o ao lado do prato.

— É típico do Mortimer. Se alguma coisa não se ajusta àquilo que ele quer, desfaz-se dela. É por isso que estou confinada aqui em Beckdale.

Ficamos todos em silêncio. Ninguém torna a tocar na comida.

— Ruby — diz a Lydia passado um bocado. Olha para o Graham e depois novamente para mim. — Ontem à noite, eu e o Graham estivemos a conversar. Sobre Maxton Hall. E chegámos à conclusão de que vamos falar com o diretor Lexington sobre a nossa relação. Amanhã.

Olho para ela, sem acreditar.

— O quê? Estão doidos? Eu...

— É a única opção — diz, interrompendo-me.

— O teu pai mandou-te para aqui para manter o teu estado em segredo. Não podes ir agora a Maxton Hall e contar tudo, precisamente ao diretor do colégio!

A Lydia abana a cabeça.

— É-me indiferente o que o meu pai quer ou deixa de querer. Não posso permitir que sejas tu a assumir um castigo por culpa do meu... do nosso erro.

Olho para os dois, incrédula. Depois viro-me para o James.

— E o Cyril? — pergunto-lhe. — Deste-lhe até segunda-feira para contar a verdade ao Lexington.

O James anui.

— Espera um pouco, Lydia. Se o Cyril mostrar as imagens originais ao diretor, ninguém vai sofrer castigo nenhum. — Depois, vira-se para o Graham e acrescenta: — E não te vão expulsar.

O Graham abana a cabeça.

— Seja como for, não vou voltar a Maxton Hall. — Vira os olhos para a Lydia e sorri. — Nos próximos dias, só quero cuidar da Lydia. Depois, logo se vê — acrescenta.

— O que o Cyril fez... — A Lydia engole em seco. — Nunca teria pensado que ele fosse capaz de uma coisa dessas. E recuso-me a deixar o destino da Ruby nas mãos dele.

Quando oiço estas palavras, fico com pele de galinha.

— Lydia... — intervém o James, mas ela abana negativamente a cabeça.

— Já decidi.

O James cerra os lábios e olha para ela. Uns segundos depois, bufa.

— A decisão é tua.

— Não tinha imaginado que isto fosse acabar assim — murmuro.

— Aprecio o que fizeste por mim, Ruby — diz-me a Lydia, dando-me a mão por cima da mesa. — Mas é preciso pôr um ponto final neste assunto. Amanhã iremos falar com o diretor Lexington.

— Como é que conseguiste descobrir onde é que ele vive? — pergunto-lhe, com o coração a bater descompassadamente. Sinto que está prestes a ocorrer uma mudança. Como se, daqui a pouco, fosse deixar de estar preocupada e de ver o meu futuro a ruir.

— Isso não sei. — A Lydia olha alternadamente para mim e para o James, e nos seus lábios aparece um sorriso astuto. — Mas, por sorte, sei onde é que passa os seus tempos livres e com

quem.

James

As ações precipitadas fazem parte do crescimento. Estou disposto a esquecer tudo se, na segunda-feira, às três em ponto, vieres à reunião da direção. Está apontada na tua agenda.

Não me deceções.

Melhores cumprimentos,

Mortimer Beaufort

Apago o *e-mail* do meu pai sem lhe responder. Fiquei com o coração a mil quando vi a mensagem na caixa de entrada, mas a única coisa que consigo fazer é abanar a cabeça. Não se deu ao trabalho de me perguntar como estou e utilizou a assinatura oficial, até num *e-mail* para o filho. Para ser sincero, não me surpreende que pense que a minha decisão foi tomada sem reflexão prévia. Afinal de contas, passou anos a ignorar todos os sinais de que não quero ter nada que ver com a Beaufort.

Escrever-me agora, não a pedir-me para voltar para casa, mas para salvar a face diante do resto da direção, só confirma que agi da maneira certa.

E há de chegar a altura em que isso deixará de me magoar. Tenho a certeza disso.

Pouso o telemóvel ao meu lado, na cama, e olho para o quarto onde a Ophelia nos instalou, a mim e à Ruby. É o quarto de visitas, onde eu e a Lydia costumávamos dormir antigamente, quando vínhamos visitar a nossa tia. Já nessa altura ficávamos fascinados com o seu mobiliário heterogéneo, que não podia ser mais diferente do que temos na casa de Pemwick: desde os tapetes com flores até à cama americana, passando pelas cortinas de veludo, pesadas e demasiado compridas. É um pouco como se a Ophelia tivesse apanhado os móveis na rua e os tivesse trazido para casa. No entanto, sempre me senti bem aqui.

A vibração do telemóvel desperta-me dos meus pensamentos, indicando a chegada de um novo *e-mail* e, quando vejo o nome do remetente, todos os músculos do meu corpo ficam tensos pela segunda vez esta noite.

É do Cyril.

Hesitante, desbloqueio o ecrã.

Desculpa.

Não escreveu mais nada. Perturbado, abro o documento anexo. As fotografias que tirei à Ruby e ao professor Sutton vão entrando, umas depois das outras. Percebo imediatamente que são as originais. Dou um grande suspiro, apesar de ficar um pouco agoniado ao ver as imagens.

Ainda me lembro perfeitamente do que pensava e sentia quando tirei estas fotografias. Não sabia que tipo de pessoa era a Ruby e queria proteger a Lydia e certificar-me de que não voltavam a prejudicá-la. As consequências decorrentes de as fotografias acabarem por se tornarem públicas eram-me indiferentes.

com o telemóvel na mão, dirijo-me para a porta estreita que dá para a casa de banho contígua e dou umas pancadinhas.

— Podes entrar — diz-me a Ruby.

Abro a porta.

— Não vais acreditar... — começo a dizer, mas fico com as palavras presas na garganta.

Pensava que a Ruby já tinha tomado duche e já estava pronta. Contudo, está deitada na grande banheira de canto. Apanhou o cabelo num carrapito alto do qual se soltaram algumas madeixas que ficaram molhadas e que se encaracolam na nuca. Como se tivesse vontade própria, o meu olhar desliza para baixo e sinto-me desconcertado. Nos seus ombros nus brilham algumas gotas de água e, embora a espuma chegue quase ao rebordo da banheira, consigo entrever a pele dela em vários sítios.

— Está tudo bem? — pergunta-me a Ruby, de sobrolho franzido e endireitando-se um pouco.

Tenho de pigarrear.

— O Cyril enviou-me as fotografias originais — respondo-lhe num tom apagado, ao mesmo tempo que levanto o telemóvel.

— A sério?! — exclama a Ruby incrédula, inclinando-se um pouco para a frente para ver melhor o ecrã. — Já quase tinha perdido a esperança.

— Eu disse-te que ele ia devolver-mas — objeto.

Estou demasiado desorientado com a visão do seu corpo molhado para conseguir ordenar os pensamentos. Torno a pigarrear.

— E agora, que é que fazemos? — pergunta-me passado um bocado. Dou-me conta de que está tão afónica como eu.

Talvez fosse boa ideia eu sair daqui.

— Vou dá-las à Lydia. O melhor é ir já tratar disso. Podemos falar sobre isto mais tarde. Não queria incomodar-te. Descontraí-te mais um pouco. — Dou meia-volta e estou prestes a sair da casa de banho quando a voz de a Ruby me detém.

— James? — pergunta-me num fio de voz quase inaudível e que, no entanto, me atravessa como um raio.

Com um som inquisitivo, dou meia-volta. Tem as maçãs do rosto coradas e pigarreja.

— Não queres... não queres ficar aqui?

Engulo em seco e abro a boca, mas fiquei sem palavras.

A Ruby fica ainda mais corada.

— Quer dizer, não precisas de ficar. Eu...

Aquilo liberta-me do meu imobilismo.

— Claro que quero ficar — digo-lhe, afastando lentamente a mão da maçaneta. — Se me deixares.

Ela faz um aceno de cabeça, apenas um e com uma expressão decidida nos olhos.

Não precisa de insistir.

Fecho a porta e corro o trinco. Assim que oiço o clique, tudo passa para segundo plano: o meu pai, o Cyril, Maxton Hall... tudo menos a Ruby, que não está nem a dois metros de mim, nua na banheira, à minha espera.

É a primeira vez desde há séculos que estamos sozinhos. Contrariamente a esta manhã, agora ninguém pode entrar nesta divisão e fazer com que tenhamos de nos separar apressadamente e de um salto. Aqui, só estamos eu e ela.

Sem afastar o olhar da Ruby, pouse o telemóvel em cima do móvel da casa de banho. Depois, baixo as mãos para a bainha da *T-shirt* e dispo-a pela cabeça. Deixo-a cair no chão e depois descalço as meias. Quando desaperto o cinto, o olhar da Ruby fica mais escuro. Desliza os olhos pelo meu corpo e segue os meus movimentos enquanto me desembaraço das calças e dos *boxers*.

Agora já não posso esconder-me dela. E, neste momento, também não quero fazê-lo, embora a maneira como ela mordisca o lábio inferior faça com que ainda mais sangue flua para as minhas virilhas.

Sem hesitar mais, meto-me na banheira com ela. A água ainda está quente, tão quente que o vapor se desprende do sítio onde empurro a espuma com o corpo. A Ruby não para de olhar para mim quando me submerjo completamente e avanço lentamente para ela, até ficar com os braços apoiados no rebordo da banheira, ao lado dela. Um ligeiro sorriso aparece-lhe nos cantos dos lábios.

— Oi — murmuro.

— Olá — responde-me, também baixinho.

Levanta as mãos molhadas e rodeia-me o rosto com elas. Acaricia-me as maçãs do rosto com os polegares. Fecho os olhos e inclino-me para a frente, para a beijar. A Ruby suspira suavemente quando os nossos lábios se tocam. Segura-me com mais determinação e puxa-me para si. Os seus seios roçam na minha pele e sinto um arrepio percorrer-me as costas.

— Obrigado por teres vindo comigo hoje — digo-lhe, entre dois beijos.

A Ruby desliza as mãos pelo meu rosto e pouasa-as no meu peito.

— Vou contigo aonde quer que seja, James.

O meu coração bate a toda a velocidade e, quando torno a abrir os olhos, vejo carinho e confiança no olhar da Ruby.

Sempre que olha assim para mim, a única coisa que desejo é ser a pessoa que ela merece.

— Eu também vou contigo aonde quer que seja.

A Ruby rodeia-me o pescoço com os braços. Abraço as suas costas nuas e aperto-a contra mim. A água da banheira salpica o chão, mas não nos importamos.

Desta vez, beijamo-nos sem parar durante muito tempo.

Lydia

— A sério que não queres que entremos contigo? — pergunta-me o Graham pela terceira vez esta manhã.

Dou-lhe a mão e abano lentamente a cabeça.

— Não. É uma coisa que tenho de fazer sozinha.

Franze o sobrolho, claramente descontente com a minha decisão.

— Tenho a impressão de que te estamos a atirar para a boca do lobo — diz a Ruby do banco traseiro. Pelo retrovisor, vejo que está pálida por causa do nervosismo.

— Que mais pode acontecer? — pergunto enquanto tiro o cinto de segurança. — Já me expulsaram de casa. Não vou regressar a Maxton Hall. Tudo se vai resolver, Ruby! Confia em mim.

O James está prestes a dizer qualquer coisa e parece-me que o Graham também vai fazer algum comentário, mas não lhes dou oportunidade para isso. Abro a porta do carro com

determinação e saio. Sem olhar para trás, atravesso o parque de estacionamento do clube de golfe e encaminho-me para a entrada. Não tiro os óculos escuros quando as portas de correr se abrem e entro no vestíbulo. Não sei se o porteiro me reconhece, mas os seus olhos deslizam para a minha barriga e detêm-se aí durante um segundo. O seu sorriso não se altera, está bem treinado, mas, apesar de tudo, percebo imediatamente que se dá conta do que significa a minha redondez.

O vestido azul-marinho com um grande decote de barco que decidi vestir esta manhã cola-se ao meu corpo como uma segunda pele e não deixa a mínima dúvida em relação à minha barriga. É a primeira vez desde há meses que uso roupa justa e ainda tenho de me habituar à sensação de já não ter de me esconder do mundo exterior.

Sorrio para a rececionista, antes de atravessar o vestíbulo a passos largos e de me dirigir para a zona das traseiras, para o restaurante onde o meu pai e os amigos dele costumam ir depois de jogar golfe. Quando éramos pequenos, costumava trazer-nos aqui com frequência, a mim e ao James. Não porque quisesse ensinar-nos a jogar golfe, mas para nos pavonear diante dos amigos, quando estes também traziam os filhos. Lembro-me das conversas que mantinham por cima das nossas cabeças, e de eu, o Alistair e o James jogarmos às escondidas no campo enorme, para não nos aborrecermos demasiado.

Quando entro no restaurante, os saltos dos meus sapatos batem sonoramente no chão de mármore brilhante. Ainda de longe, distingo o meu pai. Ele e um pequeno grupo de homens estão sentados em volta de uma mesa redonda, junto das grandes janelas das quais se vê a colina verde e o pequeno lago do clube de golfe. Quanto mais me aproximo, mais claramente ouço as vozes deles. Alguém conta uma piada e o meu pai lança a cabeça para trás e dá uma gargalhada. É um som que me parece estranho, porque há uma eternidade que não o ouço rir.

Respiro fundo uma última vez e aproximo-me da mesa. Cinco pares de olhos pousam imediatamente sobre mim e a gargalhada do meu pai desvanece-se repentinamente.

— Que é que estás aqui a fazer? — pergunta-me. O olhar dele fica fixo na minha barriga e a cor desaparece-lhe do rosto. Olha com inquietação para os amigos e quase espero que se levante para esconder o meu corpo atrás do seu.

— Não vim aqui por ti — respondo-lhe com a voz firme.

Estou orgulhosa por conseguir manter um tom frio, embora tenha o coração transformado num punho desde que o vi. Tenho nítida na mente a imagem dele a atirar o meu telemóvel contra a parede e depois a tirar a roupa do meu armário como um possesso. Por um instante, toco no rosto, no sítio em que me esbofeteou.

Ele também deve estar a lembrar-se disso. Vejo-lhe nos olhos um brilho breve e doloroso, que desaparece tão depressa quanto apareceu.

Afasto o olhar e dirijo-me para o homem que está sentado diante dele.

— Diretor Lexington, tem um minuto? — pergunto-lhe.

O olhar do diretor, duro como aço, passa alternadamente do meu pai para mim. Sem os óculos e o fato que usa no colégio, parece outra pessoa.

— Se precisa de marcar uma reunião comigo, menina Beaufort, agradeço que ligue para o meu gabinete amanhã de manhã cedo — diz por fim.

Abano a cabeça.

— É um assunto urgente.

Pelos vistos, percebe quão sério isto é para mim, porque me olha como se estivesse a refletir sobre o meu pedido. Depois, o seu olhar pousa na minha barriga. Nesse momento, faz-se uma

longa pausa, durante a qual fico inquieta.

No fim, o diretor anui.

— Muito bem.

Afasta a cadeira e levanta-se.

Olho para o meu pai. Está teso como um carapau na sua cadeira, agarrando firmemente o copo de vinho, e não mostra qualquer emoção quando o Lexington toma a iniciativa e me conduz para o vestíbulo.

Quando lá chegamos, aponta para um grupo de cadeiras no meio da sala. Abano a cabeça. Para o que tenho de lhe dizer, preciso de ficar em pé. Não vai ser uma conversa agradável.

— Diretor Lexington, preciso de falar consigo sobre a expulsão da Ruby Bell — digo, ao mesmo tempo que olho fixamente para os seus olhos cinzentos.

Pestaneja, perplexo.

— Menina Beaufort — replica —, não posso discutir consigo os assuntos de outras alunas. Deprendendo que compreenderá.

— Na segunda-feira, o senhor cometeu um erro grave e quero esclarecer as coisas.

— Não sei do que me está a falar. — Continua a manter um tom tranquilo, mas há já alguns instantes que vejo uma veia a latejar-lhe na têmpora.

— Não era a Ruby quem tinha uma relação com o Graham Sutton, era eu.

O Lexington fica de olhos esbugalhados.

— Menina Beaufort... — começa a dizer, mas interrompo-o.

— No caso de não acreditar em mim... — ponho as mãos nas ancas, com os braços afastados — aqui tem a prova — digo-lhe, apontando para a barriga com o queixo.

O Lexington baixa os olhos e torna a levantá-los para o meu rosto. Pigarreia energicamente, respira fundo e torna a repetir tudo.

— Nas fotografias, via-se claramente a menina Bell.

— Eram fotografias retocadas. Na verdade, a Ruby e o Graham só estavam a conversar sobre o evento.

Remexo na mala de mão, pego no telemóvel e abro as imagens que o James me enviou ontem à noite. Depois, mostro o ecrã ao Lexington.

O diretor semicerra os olhos e inclina-se para a frente. Assim, consigo ver a expressão do rosto dele a mudar do ceticismo, passando pela dúvida, até chegar a uma consternação profunda. Esfrega a cana do nariz com os dedos enquanto abana a cabeça.

— Deus do céu, o que é que fizeste, Mortimer? — murmura, tão baixo que mal o oiço.

— O meu pai queria proteger-me. À sua maneira um tanto ou quanto excêntrica — retruco automaticamente. Não faço a mais pequena ideia de porque sinto necessidade de o justificar.

O Lexington olha para mim pensativamente. Uma ruga profunda formou-se entre as suas sobancelhas.

— Há mais de vinte anos que sou diretor do colégio, mas uma coisa destas... nunca tinha vivido uma coisa destas.

— Estou disposta a apresentar uma declaração por escrito. E o Graham também. Faremos o que for preciso para que a Ruby possa fazer os exames finais. Ela não deve ser castigada pelos nossos erros, senhor diretor — digo-lhe com determinação.

O Lexington anui.

— A menina Bell pode voltar ao colégio já amanhã. Vou entrar imediatamente em contacto com a mãe dela.

— Lamento tê-lo perturbado durante o fim de semana, mas não podia esperar nem mais um segundo.

— Obrigado pela sua sinceridade. Também não deve ter sido fácil para si.

Anuo e estendo-lhe a mão.

— Desejo-lhe tudo de bom, menina Beaufort — diz-me o Lexington, apertando-me brevemente a mão.

Então, rodo sobre os calcanhares e atravesso o vestíbulo. Quando saio, respiro fundo e fecho os olhos durante um segundo. O sol faz-me cócegas no nariz e sou invadida por uma enorme sensação de euforia.

Volto para o parque de estacionamento, para junto dos outros. Entretanto, a Ruby, o James e o Graham saíram do carro. O Graham está apoiado no automóvel, com as mãos nos bolsos, e a Ruby está encostada ao James, que lhe sussurra qualquer coisa ao ouvido. Quando me vê, fica muito quieta, a olhar para mim com uma expressão inquisitiva.

Esboço um sorriso triunfal.

Ato contínuo, a Ruby afasta-se do meu irmão e aproxima-se de mim com passos ligeiros.

— Sou a melhor! — grito-lhe, levantando os braços bem alto.

Olha para mim, incrédula. Cruzo a correr a distância que me separa dela e seguro-lhe nos ombros, radiante.

— A tua expulsão foi revogada, com efeitos imediatos — anuncio.

A Ruby ofega.

— Não.

Abano afirmativamente a cabeça.

— Sim.

— Não! — Ato contínuo, atira os braços para o meu pescoço. Aperta-me com tanta força que mal consigo respirar. — Obrigada — diz-me entre soluços. — Obrigada, obrigada, obrigada.

Eu também a abraço com força. Por um breve instante, fecho os olhos e desfruto desta sensação. Por fim, expressei aquilo que mantive em segredo durante tanto tempo. Falei abertamente da minha gravidez, sem me envergonhar. E ajudei a minha amiga. Não consigo imaginar uma vida mais feliz do que a minha neste momento.

— Adoro-te, Ruby — confesso-lhe em voz baixa.

— E eu a ti. Não imaginas o quanto — responde-me.

Abro os olhos, sem me afastar da Ruby, e olho para o James. No seu meio-sorriso reconheço o que está, no mínimo, tão comovido como eu e a Ruby nesse momento.

Depois, deslizo o olhar para o Graham. Os olhos dele refletem as promessas de ontem à noite. Pela primeira vez, tenho a sensação de que tudo vai correr bem de verdade. Não importa durante quanto tempo.

Ruby

Na segunda-feira de manhã, quando apanho o autocarro para ir para o colégio, sinto-me como se todo o caos da semana passada não tivesse passado de um produto da minha imaginação. No meu colo está pousada a agenda na qual destaco, com um sublinhado do marcador preto, um novo cabeçalho: SEGUNDA-FEIRA. Preencho cuidadosamente a linha que tracei em casa com um lápis, para não a esborratar. Quando termino, olho para a página e um sorriso desenha-se no meu rosto. As cores voltaram à minha vida.

Para hoje, marquei a azul-turquesa, cor-de-rosa, lilás e um verde-menta que nunca tinha utilizado os seguintes pontos:

- Primeiro dia de aulas depois da expulsão!
- A Lin tem de me pôr ao corrente dos planos para a noite das fogueiras (e tenho de lhe dizer muitas vezes quantas saudades tive dela).
- Ler os comentários à nova publicação da Ember e ocupar-me das consultas do fim de semana (e oferecer-lhe o meu carinho fraternal, para talvez assim conseguir obter informações sobre com quem passa tanto tempo às escondidas).
- Cozinhar com o James (<3).

Desde ontem à noite, o James tem uma nova cor na minha agenda. Embora já tenham passado várias horas, ainda fico com pele de galinha quando me lembro da maneira como olhou para mim ontem, quando lhe disse. Da mesma maneira, continuo a guardar a memória dos lábios dele a subir e a descer pelo meu pescoço ou das suas mãos, que deslizaram cuidadosamente por baixo da minha camisola e me arrancaram gemidos que tentei abafar na almofada.

— Achas que é boa ideia fazeres isso no autocarro? — pergunta-me o James, despertando-me dos meus pensamentos.

Sinto o calor subir-me pelo rosto e pigarreio.

— Menosprezas as minhas capacidades.

Olho para o caderno preto que tenho no colo.

— A única coisa que quero é que não faças nenhum borrão sem querer. Na semana passada, já me tiraste um marcador.

— Foi uma exceção. A página deixava-me deprimida. Além disso, a semana passada também era... a semana passada — explico-lhe enquanto desenho o contorno da curva inferior do esse de «segunda-feira». — Esta semana, tudo vai correr melhor.

Nesse preciso momento, o autocarro trava tão bruscamente na paragem que me precipito para diante e tenho de me apoiar nas costas do banco da frente, para não partir o nariz. Olho para a agenda com uma expressão assustada: um risco preto atravessa a página recém-terminada.

— Oh! Não! — Lanço um olhar reprovador ao motorista, que, sem me prestar a mínima atenção, fecha a porta e torna a arrancar. — Isto só aconteceu porque estás comigo. Escrevi milhares de páginas no autocarro e nunca me tinha acontecido uma coisa destas.

— Dizes isso como se tivesse sido eu a insistir para virmos de autocarro — responde-me secamente. — Se tivéssemos vindo de carro, chegaríamos ao colégio em metade do tempo.

— Era eu quem queria apanhar o autocarro para comemorar o dia. — Aponto para o James com o marcador. — Em contrapartida, tu podias perfeitamente ter ido de carro.

— Primeiro, não queria que viesses sozinha. E, segundo, tens o dom de transformar coisas tão chatas como uma viagem de autocarro em algo emocionante, mesmo que este não seja de todo o caso.

Por momentos, fica a observar-me a tentar transformar o risco preto num ramo de flores que seja mais ou menos estético. Depois, afasta-me suavemente o cabelo da cara com a mão e põe-o atrás da orelha.

— Podia habituar-me a isto — comenta em voz baixa.

Viro a cabeça para ele.

— A andar de autocarro?

Lança-me um sorriso.

— Também. Mas estava a referir-me a acordar ao teu lado de manhã.

Fico corada. Diz aquilo como se tivéssemos dormido na mesma cama, mas isso é algo que não voltámos a fazer desde a noite que passámos no quarto de visitas da Ophelia.

— Embora, em vossa casa, sejam todos doidos. Hoje, a Helen levantou-se às quatro da manhã e, para dizer a verdade, não me parece nada normal aquela energia impetuosa que a Ember tem às seis da matina.

— Desde há umas semanas que a minha mãe tem um novo chefe e acho que quer ter a certeza absoluta de que não chega atrasada. E a Ember... — digo-lhe enquanto abano a cabeça.

— Não sei como o faz. Nem sequer bebe café.

— Que loucura.

Também me parece uma loucura o quão normal me sinto ao falar com o James sobre a minha família.

— Gosto de que estejas connosco — confesso passado um bocado.

O James olha para mim de soslaio, com carinho. Depois, rodeia-me os ombros com o braço e aperta-me contra si.

A viagem para o colégio decorre demasiado depressa e, ao mesmo tempo, demasiado lentamente. Um pouco antes de chegarmos à última paragem, levanto-me e avanço pelo corredor quando oiço o James tropeçar atrás de mim. Tenho de fazer um esforço enorme para conter as gargalhadas.

Quando chegamos à paragem, dou-me conta de quão nervosa estou e de quão depressa bate o meu coração. É como se fosse o primeiro dia de aulas. Contudo, quando saio do autocarro e vejo quem está à minha espera, fico imóvel.

— Surpresa! — exclama a Lin, abrindo os braços.

A minha amiga não está sozinha.

Toda a comissão de eventos veio com ela à paragem de autocarro e olham para mim com um ar radiante. Até a Camille, que está de braços cruzados.

Antes que eu tome consciência do que está a acontecer, a Lin já está ao meu lado e abraça-me com energia.

— Estou tão contente por teres voltado... — diz com a voz trémula. Quando se afasta de mim, quase parece ter lágrimas nos olhos. — Não sabia como é que iria sobreviver o resto do ano sem ti.

— E eu não sei como teríamos aguentado o resto do ano só com a Lin como chefe — intervém a Jessalyn, dando-me também um abraço. — Ela escravizou-nos, Ruby. Esta semana pareceu um trimestre inteiro.

— Ela só queria que tudo estivesse perfeito quando regressasses — explica-me o Kieran, que também me aperta o braço, sorrindo com timidez. — Ainda bem que aqui estás, Ruby. Todos sentimos a tua falta.

— Bem podes dizê-lo — acrescenta o Doug.

— Sem ti, era estranho — limita-se a comentar a Camille. Põe o cabelo atrás da orelha e depois dá um suspiro teatral. — Ainda bem que já voltaste. — A seguir, aproxima-se e dá-me um abraço apertado.

Depois de ela se afastar, sinto-me profundamente comovida. Toda a minha equipa veio dar-me as boas-vindas. Parece mesmo verdade que tiveram saudades minhas. Forma-se-me um nó na garganta, que não consigo desfazer, por muito que tente.

No início do meu percurso em Maxton Hall, nunca teria imaginado chegar a uma situação como esta no colégio. Achava que era melhor avançar sem chamar a atenção dos meus colegas e sem que ninguém falasse comigo. Só tinha um objetivo: conseguir o diploma, nada mais. Contudo, neste momento, dou-me conta de quão errada estava. E de que é possível que tenha perdido uma série de momentos bonitos.

— Vamos? — pergunta-me a Camille, apontando para a porta principal. — A assembleia vai começar não tarda.

Anuo e, enquanto começamos a caminhar com o nosso pequeno grupo, dou o braço à Lin. Ela inclina a cabeça e encosta-a no meu ombro.

— Já era hora!

— Bem podes dizê-lo — concordo. — Tens de me contar tudo.

Quando entro no colégio, flanqueada pela Lin e pelo James, sinto que as pessoas olham para mim. As cabeças viram-se na minha direção e chega-me aos ouvidos um murmúrio abafado.

Mas estou-me nas tintas para isso.

— Nunca gostei tanto de uma lasanha — anuncio, pegando no garfo e levando outro pedaço à boca.

— A lasanha sabe tão mal como sempre. Estás a ver tudo cor-de-rosa porque estiveste ausente durante uma semana — responde-me a Lin, ao mesmo tempo que olha para a dose que tem no prato e franze o nariz com uma expressão cética.

— O que se passa é que as tuas expectativas são demasiado altas.

— E as tuas muito, muito baixas, se for verdade que estás a gostar. Quero dizer, o que é isto? Espinafres? Brócolos demasiado cozidos? Não há quem o consiga distinguir.

Mastigo e dou um suspiro feliz. Ao mesmo tempo, a Lin olha para mim e abana a cabeça.

— Tive muitas saudades tuas, Ruby, a sério.

— E eu tuas. Tive saudades de tudo. Até da pestilência do balneário depois das aulas de Educação Física.

A Lin torna a franzir o nariz.

— Acabaste de me pôr ao mesmo nível do que um balneário depois das aulas de Educação

Física. Devia sentir-me ofendida, mas hoje estou demasiado contente para isso.

— Não consigo evitar reagir com um sorriso.

Quando acabamos de comer, vamos arrumar os tabuleiros. Antes de me ir embora, procuro o James com o olhar e vejo que está sentado no seu lugar habitual, junto da janela, com o Kesh, o Alistair e o Wren. Estão os quatro muito sérios e conversam inclinados por cima da mesa e com as cabeças juntas. Pergunto-me se o James lhes estará a contar o que aconteceu no fim de semana. Que já não vive com o pai e que também não tem nada que ver com a Beaufort. E que, no sábado, o Cyril lhe mandou as fotografias originais.

Quando penso em tudo o que mudou neste grupo desde setembro, fico bastante triste. O James contou-me qual era o plano inicial deles para este ano: diversão e festas, tudo sem se preocuparem nem pensarem no futuro. Em vez disso, aconteceu-lhes o contrário.

O meu olhar detém-se no lugar do Cyril, que se manteve desocupado durante toda a pausa da hora de almoço. Embora nunca vá perdoar-lhe o que fez, ver o lugar vazio parece-me totalmente estranho.

— Voltaste a falar com o Cyril? — pergunto à Lin quando saímos pela porta em direção ao exterior.

De repente, a expressão dela fica crispada e põe uma madeixa preta atrás da orelha.

— Não. E depois do que te fez, também não tenciono.

A minha barriga encolhe-se. O Cyril fez uma coisa imperdoável, mas, de certa maneira, sinto pena dele. Não deve ser fácil partirem-te o coração e, depois, ficares sem amigos.

— Porque é que perguntas? — continua a Lin.

— Bem, para saber — respondo-lhe, tentando ignorar a estranha sensação que sinto na barriga.

— Conseguieste seguir bem as aulas de hoje? — pergunta-me a minha amiga quando já estamos a caminhar em silêncio há algum tempo, ao lado uma da outra.

— Sim, graças aos teus apontamentos e aos do James. — Lanço-lhe um sorriso agradecido. — A sério, salvaram-me a vida.

— Não custou nada.

— Tenho de te compensar de alguma maneira — digo-lhe. — E também o trabalho todo que assumiste na comissão de eventos.

A Lin faz um gesto de recusa. Depois, olha para mim de soslaio, a sorrir.

— Se alguma vez me expulsarem por pensarem que tenho uma relação com algum professor, podes intervir a meu favor.

Preparo-me para lhe dar um soco no ombro, mas ela esquivase e dá uma gargalhada.

— Por falar nisso — diz quando entramos juntas na biblioteca. — Na aula de História, passaste-te. O tipo novo estava completamente à toa com todas as vezes que pediste para falar.

Com «o tipo novo», a Lin refere-se ao nosso novo professor de História. Embora já estivesse reformado, voltou especificamente para substituir o professor Sutton durante o último trimestre. A aula foi interessante, mas também achei estranho não ser o Sutton a dá-la.

— Há mais alguma coisa que eu precise de saber para a reunião?

— Oh! — exclama a Lin. Para entre duas estantes e olha para mim com os olhos esbugalhados. — Acho que a Camille e o Doug estão juntos — diz-me num sussurro.

— O quê?

— Não faço a mínima ideia de quando aconteceu e, pelos vistos, também não é oficial, mas na semana passada vi-os abraçarem-se, na verdade, durante bastante tempo, numa das praças do

parque de estacionamento ao fundo do colégio. Estavam muito à vontade um com o outro, estavam de mãos dadas e essas coisas.

— A Camille e o Doug — murmuro. — Quem imaginaria...

— Era muito bonito — reflete a Lin, usando o cartão para abrir a porta da sala de grupos.
— Já te devolveram a chave?

Abano negativamente a cabeça.

— Ainda não, infelizmente. Na verdade, devia ter ido ao gabinete do Lexington esta manhã, mas, por algum motivo, não me atrevi.

— Queres que vá contigo? — oferece-se a Lin, depois de hesitar momentaneamente, enquanto continuamos a avançar e depois pousamos as nossas coisas.

— A sério que farias isso?

— Claro. Eu também teria um certo receio de me encontrar novamente com ele depois de uma situação destas.

— Se queres que seja sincera, para mim, o melhor seria nunca mais voltar a vê-lo. — Lembro-me da decepção que senti quando o diretor, sem a menor emoção nos olhos e sem ouvir a minha versão da história, me expulsou do colégio.

— O mais importante é teres regressado — comenta a Lin. — Quando quiseres, vou contigo.

Contenho a raiva que sinto ao pensar na semana passada e sorrio para a minha amiga com uma expressão agradecida.

— És a maior, obrigada.

Os outros vão entrando na sala, um atrás do outro, todos exceto o James, que tem de ir a uma reunião de crise da equipa de lacrosse, convocada pelo treinador Freeman. Embora o James me tenha dito que não preciso de me preocupar, ainda assim tenho um mau pressentimento.

— Começamos? — pergunta-me a Lin, olhando para o grupo. — Na semana passada, falei com o Lexington. Transmitiu-me uma série de normas que temos de cumprir, desta vez na noite das fogueiras. No ano passado, houve várias coisas que correram mal.

— Sim — confirma a Camille, franzindo o nariz. — Havia demasiada gente bêbeda.

— Ouvi dizer que o Lexington pisou uma poça de vomitado — acrescenta o Doug. — Talvez fosse por isso que não tinha a certeza de querer dar a sua aprovação.

— Este ano, seria preferível que ninguém vomitasse — digo-lhe. — Por isso, temos de duplicar o número de professores que estão de vigia.

Um murmúrio de aprovação espalha-se pela sala.

— Eu e a Ruby estivemos a pensar que podíamos perguntar ao grupo de dança se queriam fazer um espetáculo. Talvez assim as pessoas saiam da pista de dança mais cedo. Que é que acham?

— Só se combinarmos previamente as coreografias que vão fazer. Às vezes, fazem coisas verdadeiramente estranhas — comenta a Jessalyn. Pega no lápis que tem atrás da orelha e brinca com ele entre as mãos. — Lembram-se do evento da primavera? Tentaram dançar ao estilo da Maddie Ziegler e foi um desastre. Sobretudo com tanta gente.

— Quem é a Maddie Ziegler? — pergunta o Doug.

— A que dança nos vídeos da Sia — responde-lhe a Jessalyn.

— A Jessa tem razão — intervém a Lin, pensativa. — Nesse evento, tive mesmo medo. É imprescindível esclarecermos que tipo de espetáculo queremos.

— Eu encarrego-me disso — diz a Jessalyn, e ouve-se um murmúrio de aprovação entre os

presentes.

— Fantástico, obrigada. Kieran, já trataste do equipamento de som? — pergunta-lhe a Lin.

— Sim — responde ele. — Está tudo tratado com o zelador Jones.

— Não há dúvida de que já avançaram bastante — digo-lhes, sorrindo. Olho para a lista de assuntos pendentes que está em cima da mesa, à minha frente e da Lin. — Posso tratar do fornecimento da lenha na sexta-feira. Depois, posso certificar-me de que tudo está no sítio certo, para que não aconteça como no ano passado, quando descarregaram tudo em frente do colégio. Lembram-se disso?

— Ai, sim — suspira a Camille. — E depois tivemos de ser nós a carregar a lenha e espetei uma farpa num dedo.

— E eu, pelo menos, dez — comenta a Lin.

— Quem é que vai à reunião com os bombeiros? — pergunta a Jessalyn, endireitando as costas.

— Eu e a Ruby, claro — responde-lhe a Lin, levantando e baixando as sobrancelhas.

— Que injusto! — exclama a Jessalyn, embora pareça que vai desatar às gargalhadas a qualquer momento.

— São as vantagens de assumir a direção da equipa — comenta o Kieran. — Podes escolher as tarefas que achas mais atrativas. Embora eu não perceba muito bem porque é que estão todas tão desejosas de ouvir um discurso sobre as medidas de emergência.

— Nunca viste a série *Chicago Fire*? A palavra-chave é «desejosas», Kieran — comenta a Jessalyn.

Todo o grupo desata às gargalhadas.

Neste momento, sinto-me tão feliz por voltar a estar aqui que me parece que estou a sonhar.

Quando eu e o James chegamos a casa, ainda não há um único casaco pendurado no cabide.

— Ember? — grito pela casa.

Não obtenho resposta.

— Acho que estamos sozinhos — comento de sobrolho franzido, virando-me para o James enquanto descalçamos os sapatos e vamos para a cozinha.

— Qualquer pessoa diria que não gostas de estar sozinha comigo. Não sei se não devia ficar preocupado.

Laço-lhe um sorriso e dirijo-me para o lava-loiças, para lavar as mãos.

— Não é isso. Estou inquieta por causa da Ember. Ultimamente, passa muito tempo fora e não diz a ninguém onde está, é um mistério. Sobretudo, porque costumamos contar tudo uma à outra.

O James põe-se ao meu lado e, quando retiro as mãos, coloca as dele debaixo do jato de água quente. Franze o sobrolho, pensativo.

— A mim, parece-me contente.

Estaco e procuro as palavras certas para dizer o que penso e sinto.

— Não consigo descrever exatamente o que sinto, mas a minha intuição diz-me que algo se passa com ela. E, regra geral, posso confiar na minha intuição.

— Já tentaste falar com ela?

Encolho os ombros.

— Nos últimos meses, discutimos várias vezes por culpa de Maxton Hall e dei-me conta de que a Ember tem a impressão de que eu a protejo demasiado. Contudo, não quero fazer isso.

Gostava que fôssemos amigas e que pudéssemos falar sobre tudo. Especialmente tendo em conta que, em breve, estarei a viver noutro sítio.

— Tenta novamente. Se calhar, a Ember está à espera de que tu fales com ela.

— Humm — murmuro. Abro o frigorífico e olho para o interior, indecisa. — É provável que tenhas razão.

O James põe-me a mão no ombro e dá-me um breve apertão.

— Ainda temos um pouco de *risotto* que sobrou. Está bom para ti? — pergunto-lhe, e vejo-o enfiar enquanto se aproxima um pouco mais. Os cabelos dele fazem-me cócegas no rosto. Está tão perto que sinto o seu peito nas minhas costas.

— Até posso ser eu a aquecê-lo — diz-me o James, tirando-me o prato da mão. Com toda a naturalidade, dirige-se para um dos armários e pega numa frigideira. A seguir, abre uma gaveta, rebusca um pouco no interior e tira uma colher de pau. Depois, coloca as sobras de *risotto* na frigideira e põe-na em cima do fogão.

Durante um bocado, fico a observá-lo a mexer o arroz com a colher de pau e não consigo reprimir o sorriso que me surge no rosto. Acho fantástica a maneira como se desembaraça na nossa cozinha.

Quando me viro para os armários altos, para tirar pratos para os dois, o James põe-se imediatamente à minha frente, com a colher de pau na mão, levantando-a como se fosse uma arma.

— Eu já faço isso.

Levanto as mãos, impotente, e desvio-me para o lado para ele poder tirar os pratos. A seguir, encosto-me à bancada e vejo-o pousar os pratos ao lado do fogão e, poucos minutos depois, servir a comida.

Vamos para o meu quarto, levando os pratos e os talheres. Ponho o portátil em cima da mesinha de cabeceira e viro-o, para que tanto eu como o James consigamos ver bem o ecrã. Durante a viagem de autocarro de regresso a casa, decidimos que íamos continuar a ver a série *The Alienist*, portanto, procuro o ponto em que interrompemos o episódio ontem à noite e vou direto à barra de espaço. Depois, sento-me no chão para ficar ao lado do James e apoiada na cama.

O James estende-me o prato e atiro-me ao *risotto*.

— O teu primeiro dia de aulas foi um sucesso total, hem? — comenta o James, quando começa o arrepiante tema musical do genérico.

— Estou supercontente. Nem sequer consegues imaginar o quanto — respondo-lhe, com a boca cheia.

— Vi que estavas muito feliz. Durante todo o dia. O teu brilho iluminou o colégio inteiro.

Viro a cabeça para ele e lanço-lhe um sorriso.

— Iluminei o colégio inteiro? Que treta!

O James sorri por cima do copo de água, com o olhar fixo no portátil. Comemos enquanto o Daniel Brühl, a Dakota Fanning e o Luke Evans perseguem um assassino sedento de sangue na Nova Iorque da época vitoriana, e mal consigo acreditar em quão normal e natural me parece estar aqui sentada com o James.

Quando acabo de comer, apoio a cabeça no ombro dele e encosto-me ao seu corpo. O James põe-me a mão na coxa e acaricia-a lentamente. Sabe-me bem estar tão próximo dele. Pela primeira vez em muito tempo, estou tranquila, e parece-me que o James também está. Quando o episódio acaba, sinto vontade de fechar os olhos e adormecer ao lado dele.

Mas ainda tenho toda uma lista de tarefas pendentes que, depois do dia no colégio, me esperam na agenda. Embora nunca me tenha custado tanto ganhar ânimo para fazer os trabalhos de casa, levanto-me. O James espreguiça-se com um gemido e, quando tiro os apontamentos da mochila e os espalho, folha por folha, em cima da secretária, oiço-o abafar uma gargalhada. Olho na sua direção e ele lança-me um sorriso.

— Eu e a Lin não conseguimos competir com o teu sistema de cores — diz-me, apontando com o queixo para todas as folhas de apontamentos onde já coloquei comentários e *post-its* durante as horas de aulas.

— Nem pensar, fizeram-no superbem. — Também tiro a caneta e a agenda de dentro da mochila e tento ter uma visão geral de tudo, para decidir por onde será melhor começar.

— Queres ficar sozinha durante algum tempo? — pergunta-me o James passado uns instantes. — Posso ir para a sala de estar.

— Não, podes ficar aqui tranquilamente. Gosto de te ter ao meu lado.

— Importas-te que use o teu portátil?

— Faz como se estivesse em casa — respondo-lhe.

— Obrigado — diz-me o James, pondo o portátil no colo. Está sentando em frente da cama, com as pernas esticadas e cruzadas, enquanto eu faço os trabalhos de casa.

Não sei quanto tempo passou, mas, quando faço uma pequena cruz no último ponto da minha agenda, lá fora já está escuro e sinto que a minha cabeça já não consegue assimilar mais informações sem explodir... é uma sensação que adoro. Entretanto, até me esqueci de que o James está comigo no quarto, mas o leve barulho das teclas atrás de mim lembra-mo e deixa escapar um sorriso.

Viro-me e observo o James, que está concentrado no ecrã.

— Já acabei — anuncio.

O James sobressalta-se, como se eu o tivesse arrancado de uma meditação profunda.

— Oh! Já?

Olho para o despertador que está em cima da mesinha de cabeceira.

— Estive nisto mais de uma hora e meia.

Incrédulo, o James olha para o relógio.

— Não me dei conta do tempo a passar.

Levanto-me e torno a sentar-me ao lado dele. Olho para o portátil, mas, antes que consiga ver os separadores que abriu, o James minimiza a janela.

Dou-lhe um toque na perna com a minha.

— Só queria ver o que é que é tão interessante, para perderes a noção do tempo.

— Bah, são disparates.

— Pareciam-me disparates interessantes — digo-lhe.

O James olha para mim com uma expressão pensativa. Depois de hesitar uns segundos, torna a maximizar a janela. Inclino-me para a frente, para ver melhor as páginas.

São artigos de blogues e giram todos à volta do mesmo tema: viagens.

— Uau — murmuro enquanto dou uma vista de olhos a uma lista de coisas para fazer em Bali antes de morrer, recomendações para viagens a bom preço, as praias mais bonitas de Lombok, sete alojamentos especiais do Airbnb, viagens com bagagem de mão, os melhores petiscos para viajar e algumas instruções para utilizar o WordPress. — Tens um monte de artigos.

— Sigo muita gente.

Levanto os olhos. É como se tivesse apanhado o James com as mãos na massa.

— Porque é que estás com essa cara? É como se te tivesse apanhado a ver coisas obscenas no computador.

Encolhe os ombros, hesitante.

— Não sei. Não eram coisas que seguisse com entusiasmo. Costumava vê-las apenas para descontraí-las.

— Como eu com os meus vídeos de ASMR.

— Precisamente — concorda, sorrindo. — Agradavam-me porque, dessa maneira, podia mergulhar noutra vida quando não podia viajar na vida real. — Hesita. — Mas agora...

Espero, mas ele não continua a falar.

— Mas agora? — insisto prudentemente.

O James precisa de um momento para ordenar os pensamentos. Depois, pigarreia.

— Agora tenho a sensação de que talvez isto possa... resultar em algo mais. — Sorri. — Eu sei, é absurdo. Quem é que recusaria a entrada em Oxford para ir viajar e escrever na Internet sobre essas viagens?

Nesse momento, faz-se um clique na minha cabeça. O James não quer apenas viajar, também quer escrever um blogue sobre as suas viagens. Um sentimento de ternura espalha-se pelo meu peito.

Lembro-me da lista que fizemos juntos em Oxford. Nessa altura, duvidava de que a vontade dele de conhecer países distantes pudesse realmente ser qualificada como um sonho. Mas, então, ele ainda não se tinha libertado do pai. Agora, podia dar esse passo, visto que não há ninguém que se intrometa no seu caminho e que pode alcançar os seus objetivos.

— Claro que podes fazer isso, James — digo-lhe com doçura, pondo-lhe a mão no braço.

— O plano sempre foi o mesmo, sabes? Ir para Oxford. Independentemente da Beaufort e dos meus pais.

Anuo.

— Agora, não consigo parar de pensar que não há nada nessa universidade que me atraia. Academicamente, quero dizer. Como é evidente, quero estar o mais próximo possível de ti e ver os meus amigos. Mas, depois, lembro-me do quanto tu desejaste estudar lá e do quanto lutaste para o conseguir. Não seria injusto eu tirar o lugar a alguém que o quer muito mais do que eu?

— Se Oxford não é o que queres fazer com a tua vida... — respondo-lhe, pensativa — não deves aceitar a vaga.

O James baixa a vista, mas consigo ver no seu olhar escuro que não é a primeira vez que pensa neste assunto. Parece totalmente dilacerado por dentro.

— Todas as pessoas merecem um mundo cheio de possibilidades, não achas? E se isto é algo que desejavas fazer com todo o teu coração, devias fazê-lo.

O James torna a levantar os olhos e a ruga que tem entre as sobrancelhas desvanece-se ligeiramente.

— Achas mesmo?

Anuo com determinação.

— Podias perguntar à Ember como é que ela começou o blogue. Tem imenso jeito e de certeza que pode explicar-te muitas coisas. — Olho para o relógio e franzo o sobrolho. — Além disso, já devia estar em casa.

— Está bem — diz-me o James, e um pequeno sorriso aparece-lhe nos cantos dos lábios. —

Por mim, a Ember pode demorar mais um bocado a chegar.

— E porquê?

— Porque gostava de mostrar à minha namorada quão grato lhe estou por ela acreditar em mim e nos meus sonhos.

Sem afastar os olhos de mim, o James pega no portátil e fecha-o. Depois, inclina-se para a frente e encosta a boca à minha testa. Com os lábios, deixa um rasto de beijos nas minhas têmporas e depois começa a beijar-me o rosto todo. Fecho os olhos e lanço a cabeça para trás, sobre o colchão, enquanto o James continua a mostrar-me quão grato está.

Ember

Primeiro, espero que o Wren coma uma colherada de gelado.

Leva-o à boca e faz uma expressão extasiada, mas até isso continua a fazer-me hesitar.

Comer na presença de outras pessoas — especialmente num sítio público — é-me difícil. E quando se trata de alimentos pouco saudáveis, como os gelados, costumo ter a sensação de que olham de lado para mim. As pessoas julgam-me sem terem a mínima ideia de qual é a minha dieta habitual.

Lentamente, enfio a colher no meu gelado de chocolate e olho para ela com uma expressão insegura. Depois, respiro fundo: estou aqui com o Wren e sinto-me bem com ele. Somos amigos. Além disso, pedi muito menos bolas do que ele, portanto, não devo causar má impressão.

Recorro a todas as minhas forças para afastar estes pensamentos da mente e levo a colher à boca.

— Não exagerei, pois não? — pergunta-me o Wren, olhando para mim cheio de expectativa.

— Tinhas razão, este gelado é delicioso. — Pouso a colher momentaneamente. — Não me tinha dado conta de que tinham aberto uma nova geladaria aqui.

Olho em volta para a esplanada do pequeno estabelecimento. Todas as mesas estão ocupadas e os clientes desejosos de comprar um gelado amontoam-se em volta do balcão. O Wren disse-me que fazem descontos aos estudantes, por isso, não é de estranhar que a geladaria seja tão concorrida. Já para não falar de hoje estar um dia lindíssimo.

Com exceção dos meus reparos, fiquei contentíssima quando o Wren me convidou. Embora sempre tenhamos tido uma desculpa para nos encontrarmos — candidatura a bolsas, a mudança do Wren —, desta vez só me perguntou se me apetecia estar um bocadinho com ele. Ter-me convidado para comer um gelado como agradecimento por o ter ajudado a remodelar o quarto é mais um ponto a favor dele.

— Acho que venho viver para aqui — comenta o Wren, com meia colher ainda na boca.

— Outra mudança? Em tão pouco tempo? — digo-lhe na brincadeira. A pouco e pouco, começo a descontrair-me. Quanto mais falamos e quanto menos me importo com as pessoas que nos rodeiam, melhor me sinto.

Aqui está novamente, este seu meio-sorriso provocador.

— Podia comer gelado ao pequeno-almoço, ao almoço e ao jantar. Além disso, o expositor é bonito. Tenho a certeza de que, com as almofadas das cadeiras da esplanada, podia montar uma toca fantástica ali dentro.

— Antigamente, eu e a minha irmã estávamos sempre a construir fortes com almofadas. Era o nosso entretenimento favorito aos fins de semana. — Como mais uma colherada de gelado e tento limitar-me a desfrutar do momento.

O Wren mexe o conteúdo do copo e mistura as duas bolas de gelado, formando uma papa

bege meio derrotada.

— Ah, sim, eu e os rapazes também fazíamos isso.

— Tenho alguns ciúmes da vossa amizade — admito.

O Wren olha para mim com uma expressão inquisitiva.

— São amigos há tanto tempo!... — explico-lhe. — Eu também tenho amigas, claro, e eu e a Ruby somos muito unidas, mas, na verdade, não há ninguém que conheça desde pequena e com quem esteja constantemente a fazer coisas. Fomo-nos distanciando, ou porque algumas amigas mudaram de cidade ou porque os nossos interesses se afastaram tanto que, de algum modo, já não há nada que possamos fazer juntas. Com vocês, não é assim. Sempre que falas dos teus amigos, tenho a impressão de que cresceram juntos, em vez de se terem afastado uns dos outros.

O Wren para, com a colher dentro do copo de gelado.

— Até agora, foi sempre assim.

Há algo no tom de voz dele que me faz aguçar o ouvido.

— Até agora?

Encolhe os ombros e leva outra colherada de gelado à boca. Comeu um pedaço muito grande e não passam nem dois segundos até contrair o rosto num esgar de dor. Faço os possíveis por conter o riso.

— Ficaste com o cérebro congelado? — pergunto-lhe.

Em resposta, dá um gemido e pausa a colher ao lado do copo.

— Foi o que me aconteceu, por tentar evitar responder à tua pergunta.

— Não tens de me contar nada que não queiras — digo-lhe, encolhendo os ombros.

— Não é isso. Só que estou a começar a dar-me conta de que houve qualquer coisa que mudou no nosso grupo e isso, de certa maneira, mata-me. Por agora, já tenho mudanças de sobra.

— Em que sentido é que a vossa relação está a mudar?

O Wren brinca com o guardanapo e, depois, pausa-o na mesa, ao lado do copo de gelado.

— Antes, encontrávamo-nos muitas vezes em minha casa, mas agora ainda não me atrevi a convidar os rapazes para a nossa nova casa. Não quero que me vejam com outros olhos e, por isso, de certa maneira distanciei-me deles automaticamente. Conto-lhes poucas coisas e... na verdade, é absurdo.

Bufo, pensativa. O Wren fica a olhar para mim, pondo a cabeça de lado e sorrindo.

— Vejo perfeitamente que já formaste uma opinião a esse respeito, *supergirl*. Conta-me!

— Para dizer a verdade, a única coisa que acho é que é um perfeito disparate. Vocês são amigos há séculos, o que é que viveres noutro sítio muda?

O Wren cerra os lábios e fixa os olhos no gelado, que, por esta altura, mais deve parecer um batido.

Durante uns minutos, fica a pensar na minha pergunta.

— Tens razão.

— Eu sei.

Dá uma gargalhada. Depois, de repente, desliza a mão por cima da mesa e pega na minha. Aperta-me e olha-me profundamente nos olhos. Sinto a pulsação acelerar e, sem pensar, devolvo-lhe a leve pressão. Não compreendo o que é que o Wren faz comigo. Num segundo, está sério e retraído e, no segundo seguinte, confunde-me completamente com um simples gesto como o de agora.

O momento prolonga-se e dura demasiado, mas, ao mesmo tempo, é demasiado breve. Quando me larga a mão e torna a pegar na colher, não consigo evitar ser invadida por uma sensação de decepção.

O Wren pigarreia e continua como se nada tivesse acontecido.

— Decidi que, em breve, vou convidá-los para irem a minha casa. De certeza que, depois, tudo voltará ao normal.

Eu ainda estou mentalmente imersa no nosso breve contacto. Ainda sinto o calor da mão dele. E, subitamente, digo-lhe uma coisa que nem eu própria sou capaz de explicar:

— Se calhar, em breve podemos fazer qualquer coisa todos juntos.

O Wren pestaneja, espantado, e não lhe levo a mal. Até agora, mantivemos sistematicamente a nossa amizade em segredo diante das outras pessoas. Acho que ambos sentimos que era libertador não termos de nos preocupar com o que o James ou a Ruby pensariam sobre isso, sobretudo tendo em conta que nem nós mesmos fazemos ideia de como vai evoluir a nossa relação. Contudo, agora já sei que não quero perder o Wren como amigo. Sinto-me segura na presença dele e não quero continuar a esconder a nossa amizade.

Pelos vistos, ele sente o mesmo.

— Ótimo — diz passado um bocado, sorrindo.

Faço todos os possíveis por ignorar o formigueiro intenso que sinto na barriga.

Ruby

Desde que voltei a ir às aulas, o tempo passa a voar. Eu e o James alternamos as viagens de autocarro e de carro para ir para o colégio e, agora, o Wren juntou-se a nós e está à nossa espera nas duas paragens depois da nossa, na rua principal, para entrar para o carro do James.

Estudamos juntos para os exames finais sempre que temos uns minutos livres, mas cada vez me é mais difícil concentrar-me quando o James está ao meu lado. Em muitas ocasiões, já me apanhou a olhar para ele em vez de para o livro e, às vezes, sinto um formigueiro tão forte no corpo que tenho a certeza de que, estando ao meu lado, ele também consegue senti-lo.

Quando, por fim, chega a noite das fogueiras, é como se nunca me tivessem expulsado. Sim, alguns dos meus colegas ainda falam sobre isso e ficam a olhar fixamente para mim no refeitório, mas concentro-me nas coisas positivas: voltei para Maxton Hall e vou fazer os exames finais.

— Tens a certeza de que isto está bem? — sussurra-me a Lin ao ouvido enquanto estamos as duas de pé em frente de um monte de lenha enorme, a observar os bombeiros a atirar troncos atrás de tronco para cima dele.

— Acho que, no ano passado, a fogueira tinha exatamente o mesmo aspeto antes de lhe deitarmos fogo — respondo-lhe, também em voz baixa.

Entretanto, já passa das sete da tarde e as primeiras pessoas começaram a chegar. Passeiam pelo pátio do colégio, onde instalámos uma banca de bebidas e também bancas de comida onde se servem petiscos e batatas fritas.

— Achas? — A Lin continua com uma expressão cética. — De certa maneira é tão... disforme.

Inclino a cabeça e observo a estrutura que, daqui a menos de uma hora, estará em chamas.

— Não sei. Agora que falas nisso, não tenho a certeza.

— Oíçam o que vos digo, o aspeto do monte de lenha é indiferente — intervém o James.

— E, depois, vão estar todos demasiado bêbedos para se preocuparem com isso.

Eu e a Lin olhamos para ele de olhos semicerrados.

— Não há álcool — digo-lhe. — E também não vai haver ninguém bêbedo.

Ele limita-se a encolher os ombros.

— Vocês as duas sabem perfeitamente o que acontece aqui todos os anos.

Dou-lhe um pequeno soco no braço.

— Tomámos todas as medidas preventivas possíveis e estamos mais bem preparados do que no ano passado. Não nos ponhas nervosas.

O James sorri.

— Só quero que não se sintam dececionadas quando o resultado não for tão perfeito quanto esperam.

— Que cavalheiresco da tua parte — comento secamente.

— Sim, uau. É possível que digas isso só porque, no ano passado, foste tu quem se encarregou de embebedar toda a gente. Não penses que não ouvi falar da tua bagageira lendária — diz a Lin, levantando uma sobrancelha.

— A tua bagageira lendária? — pergunto, olhando de um para o outro. — Que é que se passou nessa bagageira?

— Nada, nada — apressa-se o James a responder.

— Ele e os amigos distribuíram álcool por toda a gente — explica-me a Lin. — Que retiravam da bagageira do James.

Franzo os lábios com uma expressão irritada.

— Agora percebo perfeitamente porque é que eu te incomodava tanto.

O James sorri e põe a mão em volta da minha nuca. Acaricia com o polegar a pele sensível dessa zona, até ao início do cabelo. Depois, inclina-se para mim.

— Mas agora já não me incomodas, pois não? — murmura.

A sua voz rouca e a carícia suave fazem-me ficar com pele de galinha. Preciso de todas as minhas forças para dissimular a fraqueza que sinto nos joelhos neste momento.

— Menina Bell? — diz uma voz atrás de nós, fazendo-me ficar imediatamente com as costas tensas. Os dedos do James crispam-se na minha nuca, como se tivesse querido retirá-los, mas, no último segundo, tivesse mudado de opinião.

Viramo-nos os dois para o diretor Lexington. Quando vejo a sua expressão séria, fico imediatamente com o coração acelerado. A mão do James desce da minha nuca para o meu ombro, e puxa-me um pouco mais para si.

Fico gelada.

— Sim?

O Lexington pigarreia.

— Pode dispensar-me uns minutos?

— Agora? — pergunto-lhe, olhando hesitantemente para o monte de lenha. — Vão acender a fogueira a qualquer momento.

— São só uns minutos — insiste.

Hesito, mas, ao mesmo tempo, tenho consciência de que não tenho escolha. Se o diretor do meu colégio quer falar comigo, não posso recusar-me. Embora tenha conseguido evitá-lo durante estas últimas duas semanas e tenha comunicado com ele através da secretária e de um curto *e-mail*. Não quero que o meu comportamento pareça infantil, mas o que aconteceu no

gabinete dele ainda me afeta profundamente. Sou incapaz de esquecer a maneira como me tratou, é tudo.

O James não me larga. Lanço-lhe um pequeno sorriso e dou-lhe a mão, apertando-lha brevemente. Depois, dou um passo em frente.

O diretor indica um sítio à direita. Anuo e, juntos, afastamo-nos dos outros.

Não preciso de me virar para trás para saber que o James me segue com o olhar durante todo o tempo.

O Lexington passa a mão pelo colarinho do fato cinzento e olha para mim intensamente através das lentes dos óculos.

— A menina Bell e a menina Wang fizeram um bom trabalho no que respeita à preparação deste serão — diz-me.

— Obrigada, senhor diretor — respondo-lhe, tensa.

Pigarreia.

— E queria aproveitar esta oportunidade para lhe comunicar pessoalmente o quanto lamento o incidente passado.

Tento não mostrar o quão surpreendida estou com o seu pedido de desculpa. Não tinha contado com isto e, por uns segundos, também não sei como reagir.

O Lexington pigarreia pela segunda vez. É um som breve e explosivo que se liberta da sua garganta. Se não o conhecesse, pensaria que está nervoso.

— Espero que entenda que o peso da prova contra si era, num primeiro momento, contundente. Fui forçado a agir. Não podia ignorar o sucedido.

— Eu sei — respondo-lhe. — É só que... — Hesito e olho para o Lexington com insegurança.

Faz um aceno de cabeça, para me animar a continuar.

— Fale comigo com toda a sinceridade, menina Bell.

Respiro fundo.

— Acho que o senhor não se teria comportado com muitos alunos do colégio da maneira como se comportou comigo nessa segunda-feira.

O Lexington franze o sobrolho.

— Lamento, mas acho que não a entendo.

— Só me questiono se o senhor teria agido da mesma maneira se os meus pais transferissem periodicamente elevadas quantias de dinheiro para a conta de Maxton Hall.

Não posso acreditar no que acabei de dizer. Quando os olhos do Lexington se abrem de indignação, sinto o coração a bater descompassadamente no meu peito.

— Menina Bell — diz-me — peça-lhe, por favor...

Abano a cabeça.

— Lamento, senhor diretor, mas foi isso que senti. O senhor não me deu, em momento algum, oportunidade de me defender. Depois de tudo o que fiz por este colégio nos últimos anos, acho que não merecia ser tratada dessa maneira.

O Lexington fica a olhar para mim. Abre a boca e torna a fechá-la imediatamente.

Pergunto a mim mesma se terei cometido um grande erro, mas, ao mesmo tempo, não me importo. Sou responsável pelos meus atos e denunciei uma injustiça que, desde há anos, é tema de conversa nos corredores de Maxton Hall. Não sei se, desta maneira, vou conseguir mudar alguma coisa, mas também não é esse o meu objetivo.

— Obrigado pela sua franqueza — replica o diretor Lexington. — Lamento que tudo tenha

acontecido dessa maneira. E espero que saiba que, de agora em diante, me certificarei de que não voltará a acontecer uma situação semelhante. — Continua a falar num tom de voz amistoso, mas agora um pouco mais formal. Como se escolhesse cuidadosamente cada palavra. — Se tiver algum problema, seja de que tipo for, a porta do meu gabinete estará sempre aberta para si.

Anuo, embora, por esta altura, conheça bem a situação. Sigo o olhar do Lexington, que volta para a fogueira, e confirmo que já não sinto raiva dele. Em vez disso, neste momento, estou-lhe grata porque me ensinou uma lição valiosa: se alguma vez estiver numa situação de poder e tiver de decidir o destino de outra pessoa, não me comportarei como ele.

Porque aprendi que cada história tem, no mínimo, duas versões, e ambas merecem ser ouvidas.

James

Esta tarde, a minha função é vender petiscos aos meus colegas e, da forma mais discreta possível, não perder de vista a Ruby entre a multidão. De vez em quando, vejo o seu rabo de cavalo castanho resplandecer à luz da fogueira ou surpreendo-a a correr pela praça com a prancheta debaixo do braço, mas costuma desaparecer novamente da minha vista com a mesma rapidez com que apareceu. Portanto, concentro-me nos meus colegas, que não param de vir à banca da comida e que me deixam algumas libras em cima do balcão.

Esta tarefa, que nunca tinha feito e que é muito provável que, no passado, me parecesse totalmente absurda, hoje traz-me uma paz invulgar.

Desde o início do ano — para ser mais preciso, desde a morte da minha mãe — que agradeço qualquer distração que me permita não ficar a dar voltas na cabeça a tudo o que me correu mal na vida.

Quando estou na comissão de eventos, não tenho de pensar em que sou praticamente um sem-abrigo e que vivo às custas dos pais da minha namorada.

Quando dou tudo o que tenho nos treinos, não tenho de pensar em como desprezei o legado da minha mãe.

E, quando estudo como um possesso, não tenho de procurar a resposta para a pergunta de que diabos vou fazer com o diploma, se, na verdade, nem sequer faço a mínima ideia do que quero fazer com a minha vida.

Tento que a Ruby não se aperceba de nada disto, mas é-me cada vez mais difícil. Quanto mais penso, mais claro se torna que não há respostas para as minhas perguntas e mais preocupado fico.

— Tens farinha nas calças, meu.

Levanto os olhos, sobressaltado. O Wren está à minha frente, a apontar para a minha perna com um sorriso.

— Já são nove? — pergunto-lhe, surpreendido, ao mesmo tempo que olho para o relógio. Eu e o Wren combinámos que ele vinha buscar-me quando acabasse o meu turno e que íamos manter a nossa tradição de passar a noite das fogueiras juntos.

O Wren anui e sacudo as calças de ganga de qualquer maneira. Depois de passar a caixa ao Kieran e de limpar as mãos com um pano, saio de trás do balcão.

Embora nestas últimas semanas tenha estado com o Wren nas viagens para o colégio, nas

aulas e nos treinos, tendo a impressão de que passou um século desde que tivemos uma conversa como deve ser.

— Como é que estás? — pergunto-lhe. Por um lado, porque não me ocorre mais nada e, por outro, porque estou realmente interessado na sua resposta.

— Era o que estava prestes a perguntar-te.

— Ainda bem que te perguntei primeiro.

O Wren sorri e passamos ao largo da fogueira, rumo à outra ponta, onde estão os fumadores e algumas pessoas isoladas a beber cerveja.

— Está tudo a correr bem — responde-me o Wren passado um bocado.

O volume da música que vem dos altifalantes diminui à medida que nos afastamos da fogueira.

— E que tal... estão as coisas na casa nova? — pergunto-lhe com prudência. Até agora, o Wren não nos envolveu na sua nova vida. Não nos conta nada sobre a casa para onde se mudou, nem nada sobre como os pais estão a enfrentar este recomeço. Sei pelo Alistair que o Wren faltou aos treinos tantas vezes quanto eu, mas, sempre que lhe pergunto como está, muda de assunto.

É evidente que o Wren sente vergonha. E dá cabo de mim que ele pense que não pode falar comigo sobre como está a sentir-se... afinal de contas, estamos no mesmo barco, porra.

Mesmo agora, estou à espera de que me responda de maneira evasiva, mas surpreende-me.

— É diferente — diz. — Mas está a correr bem. Por fim, temos Internet.

Tira uma garrafa de bolso de dentro do casaco e bebe um grande gole. Depois, estende-me a garrafa prateada. Hesito, mas depois pego-lhe e também bebo. Este momento partilhado leva-me a épocas anteriores.

— A pouco e pouco, começo a habituar-me a Gormsey — continua. — Embora me pareça horrível que os vizinhos estejam constantemente a cumprimentar-nos.

— Na rua da Ruby acontece a mesma coisa — digo-lhe, devolvendo-lhe a garrafa de bolso. — Agora, até já sabem o meu nome.

O Wren sorri.

— Dependendo de como se encara a coisa, também é carinhoso.

Caminhamos durante algum tempo ao lado um do outro, em silêncio.

— É verdade, tenho uma possível compradora para as minhas ações da Beaufort — conto-lhe quando já estamos suficientemente longe da fogueira. — O meu assessor financeiro ainda está a fazer uma verificação dos antecedentes dela, mas parece-me que vai correr bem.

— Isso seria um grande passo, mano — comenta o Wren prudentemente. — Fico contente por ti.

— Ainda não está confirmado. E, antes, gostava de a conhecer. Mas, se tudo correr bem, no final do ano escolar já devemos ter assinado o contrato.

— Uau, vou ficar a fazer figas.

— Obrigado. — Lanço-lhe um sorriso vago. — Nessa altura, poderei finalmente devolver o sofá aos Bells. Por muito que insista, não me deixam ir para um hotel.

Os cantos dos lábios do Wren contraem-se.

— Não tenho a mínima dúvida.

Levanto uma sobrancelha, surpreendido, mas o Wren continua a falar antes que eu consiga perguntar-lhe o que quer dizer com aquelas palavras.

— Tenho estado a pensar fazer uma festa de inauguração. — Põe-se a mexer na garrafa de

bolsa e gossa os dedos pela gravação do rebordo. — Gostava de vos mostrar o meu novo quarto.

— Fantástico! — respondo imediatamente. — Quando?

— No próximo fim de semana, talvez? Eu... — O Wren para de falar e precisa de pigarrear.

— Vens comigo fazer as compras? O álcool e essas coisas?

— Claro que sim.

Anui e torna a guardar a garrafa de bolso. Vejo o alívio nos olhos dele, mas não quero tirar conclusões precipitadas.

— Não tinha a certeza de que quisessem ir lá a casa — confessa passados uns segundos.

— Claro que sim — replico, perplexo.

Encolhe os ombros.

— Ouve, eu sei que, nos últimos meses, me comportei como o oposto de um bom amigo. Mas é evidente que quero saber como vives agora e o que é que mudou. Simplesmente, pensava que não tinhas vontade de falar disso e não queria pressionar-te. Desculpa se sentiste isso como falta de interesse da minha parte.

O Wren abana a cabeça.

— Não é isso — diz.

— Então, o que é? — pergunto cautelosamente.

— Disparates... bem, a verdade é que não faço ideia. Na realidade, estamos os dois mais ou menos na mesma situação, mas, apesar de tudo, é-me praticamente impossível falar contigo sobre tudo isto.

— Foi por isso que trouxeste a garrafa de bolso? — pergunto-lhe, tentando sorrir.

O Wren também me lança um sorriso hesitante e brinda comigo.

— Neste momento, estão a acontecer muitas coisas. Candidatei-me a várias bolsas, remodelei o quarto e, agora, estou à procura de emprego. Infelizmente, ninguém quer contratar uma pessoa que vai começar os estudos universitários daqui a pouco tempo.

— Que merda. Se quiseres, vou manter-me atento, para ver se sei de alguma coisa.

O Wren faz um gesto de indiferença, mas faço uma nota mental para dar uma vista de olhos aos anúncios de ofertas de trabalho, quando o Sr. Bell acabar de ler o jornal de manhã.

— Obrigado.

— Aconteceu mais alguma coisa? — insisto. — Pareces... mudado.

O Wren desata a rir.

— É uma maneira de ver as coisas, sim.

Damos uns passos pelo relvado, mas, subitamente, o Wren estaca. Inclina a cabeça para trás e olha para o céu, que se tingiu de um violeta-escuro. Aqui, a música ouve-se tão baixa que é impossível reconhecer a canção que está a tocar. É só por isso que consigo distinguir as palavras que o Wren diz a seguir:

— Acho que me estou a apaixonar.

Olho para ele de soslaio, surpreendido, mas tem uma expressão tão sombria que não me atrevo a pedir-lhe pormenores.

— Pela tua cara, parece que o mundo vai acabar.

Bufa e cruza os braços por trás da cabeça.

— Não sei o que fazer. Como é que me pode acontecer uma coisa destas, precisamente agora? Não estava nos meus planos.

Deixo escapar uma gargalhada, e o Wren olha para mim com uma expressão ofendida.

— Desculpa. É que acho que o amor não espera pacientemente pela chegada do momento

certo. Assalta-te de repente e quando menos esperas.

O Wren torna a bufar.

— Nesse caso, o amor é um sacana.

Sorrio, e o Wren mantém uma falsa expressão de fúria durante uns segundos, mas depois também sorri.

— Não paro de pensar naquele que foi o nosso plano durante anos. E, agora, quando olho para nós, a única coisa que posso fazer é rir-me de quão doidos e ingênuos éramos — diz a seguir.

— No entanto, este ano talvez seja o melhor das nossas vidas.

O Wren baixa os braços e bufa.

— Céus, por favor, não. O melhor ano da minha vida não pode ser tão merdoso. Passo.

— Tens razão. Só queria dar uma nota de otimismo.

— Passas demasiado tempo com a Ember — diz-me. Quando olho para ele, apressa-se a acrescentar: — E com a Ruby.

O Wren dá um pontapé numa pedra do caminho e ficamos os dois a vê-la afastar-se a rebolar durante uns metros.

— No teu caso, como foi? Com a Ruby, quero dizer.

Tenho de pensar um pouco.

— Simplesmente aconteceu. Ao princípio, tentei resistir, mas depois dei-me conta de que era absurdo. Amo a Ruby. E isso não vai mudar.

Os olhos do Wren abrem-se um pouco.

— A sério?

Encolho os ombros.

— Sim.

— Parece supersério. Como se tivesses a certeza de que vais passar o resto da tua vida com ela.

— Se calhar, é isso que quero. — As palavras saem-me dos lábios como se tivessem vontade própria e, enquanto há seis meses ainda lutava contra estes sentimentos, agora não tenho medo nenhum de os mostrar. Antes pelo contrário.

— Porra, mano. — O Wren abana a cabeça.

— Queres contar-me alguma coisa sobre ela? — sugiro-lhe.

O Wren coça a cabeça.

— É melhor não.

— Está bem. Mas, só para que saibas, estou aqui se quiseres falar. E parece-me que talvez devêssemos fazê-lo com mais frequência.

— Obrigado. Concorde contigo.

Observo alguns alunos dos anos inferiores a correr em volta da fogueira e a perseguirem-se com paus na mão. Dois deles simulam uma luta de espadas e vejo que a Lin os repreende, embora ela própria me tenha espetado um pau nas costas um pouco antes.

— Tens sabido alguma coisa do Cy, ultimamente? — pergunta-me de repente o Wren.

Olho para as fagulhas que se soltam do fogo e que sobem em direção ao céu, onde se vão apagando.

— Não.

— Estou a começar a ficar preocupado. Há duas semanas que não vem ao colégio e ninguém sabe como está.

Devia ser-me indiferente, mas não consigo evitar a inquietação que me invade.

— Se calhar, também devia convidá-lo para a festa — continua o Wren. — Embora, de qualquer maneira, seja provável que não venha. De momento, tem ignorado todas as mensagens que lhe envio. De certeza que se está a massacrar por causa do que aconteceu com a Ruby e com a Lydia.

— É bem feita, porra! — exclamo, com mais dureza do que pretendo. Suspiro. — Não sei se alguma vez conseguirei perdoar-lhe. Com a maneira como se comportou, esteve quase a destruir o futuro da Ruby.

— Mas reconheceu que errou e tentou emendá-lo, certo?

Não lhe respondo.

— Um convite não faz mal a ninguém. Ouve, eu sei que ele fez merda. Mas todos nós já fizemos uma ou outra vez. Não o apoiar agora seria um ato de extrema arrogância, não achas?

Cerro os dentes com força. Depois, estendo a mão para ele me dar a garrafa de bolso. Bebo uns quantos goles e desfruto da sensação de calor que me percorre a garganta.

— Detesto que tenhas razão — digo-lhe por fim.

O Wren põe-me um braço por cima do ombro, sorridente.

Depois de me despedir do Wren, vou novamente procurar a Ruby. Pus uma manta no carro e uma pequena coluna de som, na esperança de que, quando acabe o serão, possamos ficar um bocadinho cá fora a olhar para as estrelas.

Nestas últimas duas semanas, poucas vezes tivemos oportunidade de estar sozinhos. Embora os pais da Ruby não sejam severos, o simples facto de haver a possibilidade de entrarem no quarto a qualquer momento obriga-me a manter uma certa distância dela. Pelo menos, durante a maior parte do tempo. Não tenho a mínima intenção de faltar ao respeito aos Bells. Afinal de contas, tenho de lhes agradecer ter um teto debaixo do qual posso dormir.

Encontro a Ruby perto da fogueira. Está ao lado do diretor Lexington, que acaba de pôr um ponto final no evento e de agradecer a todos os envolvidos. O brilho das chamas rodeia-a de uma luz incandescente, fazendo quase lembrar de um anjo vingador.

Sem afastar os olhos dela, tiro o telemóvel do bolso das calças, ligo a câmara e primo o obturador. Quando vejo a imagem, estremeço de prazer.

Estou prestes a voltar a guardar o telemóvel quando este se ilumina com uma nova mensagem. Quando vejo que é do meu pai, fico com os pelos da nuca eriçados. Depois de eu ter ignorado o *e-mail* que me enviou, tornou a escrever-me há uma semana, a dizer que o dececionei, mas que me dá outra oportunidade para me retratar. Dessa vez, também não lhe respondi, na esperança de que, por fim, me deixe em paz.

Contudo, quando abro esta mensagem, percebo imediatamente que me enganei. Para o meu pai, o assunto não está encerrado. Para ele, acabou de começar.

A escolha foi tua.

James

Não disse nada à Ruby sobre a mensagem do meu pai.

Sei que isso não está bem. Jurámos não ter segredos e falar de tudo o que nos acontece. Mas não consigo suportar a ideia de voltar a sobrecarregá-la com os meus problemas. Já tem muito que fazer: os exames finais estão a aproximar-se e as candidaturas para conseguir uma bolsa para Oxford estão na fase final. Não quero que agora se preocupe comigo, sobretudo porque não sei qual é o significado desta mensagem críptica do meu pai.

Talvez tenha por objetivo intimidar-me, mas conseguiu exatamente o contrário. Nunca tive tanta certeza de ter tomado a decisão certa. E nunca estive tão motivado para começar, de uma vez por todas, aquilo em que ando a pensar há semanas.

No sábado à tarde, espero que a Ruby vá para a casa de banho para acabar de se arranjar para a festa do Wren e dirijo-me para o quarto da Ember. Respiro fundo e bato à porta, que está entreaberta.

— Sim? — diz a Ember lá de dentro. Está sentada à secretária, com o portátil aberto diante dela e uma chávena de chá na mão. Quando me vê, levanta as sobrancelhas.

— Tens um momento? — pergunto-lhe.

A Ember anui.

— Claro, entra. Que é que a Ruby está a fazer?

— Está a arranjar-se e a falar com a Lydia por FaceTime.

— Ah, está bem. — Quando paro ao lado da secretária, inclina a cabeça para o lado. — Que é que se passa?

Aponto para o portátil.

— Tenho algumas perguntas sobre o teu blogue. Ou, melhor dizendo, sobre ter um blogue, em geral.

A Ember olha para mim durante uns segundos e depois anui brevemente. Se as minhas palavras a surpreenderam, não o demonstra. Em vez disso, tira um pequeno banco de madeira de debaixo da secretária.

— Entendido. Queres sentar-te?

Sento-me ao lado dela e passo a mão pelo cabelo momentaneamente. Depois, expiro com força.

— Neste últimos dias, tenho estado a estudar o WordPress e pensei que, se calhar, consegues explicar-me tudo mais claramente do que esses assessores *on-line*.

— Oh, claro. Quem me dera ter tido alguém que me explicasse tudo — diz.

Vira o portátil para mim, para que ambos possamos ver bem o ecrã. Depois, abre o navegador e escreve um URL que permite abrir um pequeno campo com dados de acesso. Noutro separador, abre o seu blogue, o *Bellbird*.

— Muito bem: tudo o que encontras aqui, na página inicial, consegues ver e coordenar a partir do painel de controlo. — Muda para a primeira janela. — Em primeiro lugar, aconselho-

te a familiarizares-te com o painel de controlo, porque é o que te permite gerir todo o blogue.

— Prime uma tecla e um campo cinzento-escuro aparece de um dos lados.

— Está bem. Como é que desenhas-te a página? Alguém te fez o *web design*?

— Precisas de um fornecedor de serviço para alojar a tua página. Se o fizeres através do WordPress, podes comprar uma série de modelos predefinidos. Olha, vou mostrar-te onde é que encontrei o meu *design*.

Abre uma página *web* onde estão à venda muitos modelos.

— Primeiro, tens de pensar um pouco no que queres conseguir com a tua página. Este, por exemplo, é um *design* muito bonito, mas não se enquadraria de todo nos meus conteúdos.

Anuo.

— A que é que deste mais valor, ao nível do teu *design*?

— Tinha de ser adaptável e funcionar bem, tanto em dispositivos móveis como no computador. Em relação ao resto, para mim, era importante a página de início, ah!, e a barra lateral. Agora já há tantos fornecedores que vendem *designs* bonitos... guardei os que achei melhores e passei semanas a estudá-los, até que me decidi.

— Pergunto-me como conseguirei perceber bem tudo isto.

— Aprende-se com o tempo.

— Montaste-o de forma tão profissional desde o início?

A Ember abana negativamente a cabeça.

— Não, mas gostava de o ter feito. — Continua a fazer deslizar a página do seu *web designer* e, a dado momento, para. Depois, olha para mim de soslaio. — Porque é que isto te interessa?

Encolho os ombros.

— Gosto de blogues. Ajudam-me a descontrair. Consigo aprender coisas novas ou ver algumas coisas a que, de outro modo, não teria acesso.

— Foi assim que comecei — diz-me a Ember, sorrindo de orelha a orelha. — Até que chegou a altura de criar a minha própria página.

Estou prestes a dizer-lhe o que me está a passar pela cabeça neste preciso momento: *Não faço a mínima ideia do que fazer com a minha vida e desde há anos que isto é a única coisa que me desperta algum interesse.*

Talvez um dia consiga expressá-lo. Infelizmente, esse dia ainda não chegou.

Em vez disso, olho para a Ember.

— Como é que sabias que tinhas coisas para contar? — pergunto-lhe por fim.

Um sorriso aparece-lhe nos lábios.

— Toda a gente tem alguma coisa para contar, James.

Ruby

Até no ecrã do telemóvel do James consigo distinguir a cor viva da tez da Lydia. Usa o cabelo solto e ondulado e os olhos brilham, literalmente, quando me conta o que aconteceu na semana anterior.

— Achámos que era deprimente passarmos o tempo todo fechadas em casa quando está tão bom tempo. Portanto, sem pensar duas vezes, a Ophelia instalou o gabinete no terraço. — Sorri. — Embora eu tenha bastante certeza de que, na verdade, o que a minha tia queria era controlar os trabalhadores que estão a arranjar o jardim, sem que ninguém se intrometesse.

Não consigo conter uma gargalhada e quase queimo a testa com os ferros de alisar com que penteio a franja.

— Eu e o James temos de vos ir visitar em breve. Também quero conhecer a tua professora particular. Continua a ser muito severa?

A Lydia revira os olhos.

— Em comparação com ela, o Lexington é dócil como um cordeirinho.

Lanço um olhar cético à câmara frontal.

— A sério. É supermeticulosa e até presta atenção à caligrafia e a esse tipo de coisas. Se não for perfeita, tenho de repetir tudo. É esgotante, mas, por outro lado, estou contente por me tratar como se eu fosse uma pessoa normal.

— Isso é porque és uma pessoa normal, Lydia.

Dá uns estalinhos com a língua.

— Tu sabes o que eu quero dizer.

Tiro a laca do armário e espalho-a pelo cabelo com os olhos fechados.

— Até estando a mais de trezentos quilómetros, fico com vontade de tossir — comenta a Lydia, e não consigo abafar uma gargalhada. — Por falar nisso, estás muito bonita.

— És muito querida, obrigada. — Vejo-me brevemente na pequena imagem ao canto do espelho. Sim, está tudo em ordem. Esperemos que se mantenha assim durante o resto da noite. — Que planos é que tens para o fim de semana? — pergunto-lhe.

— Nada de especial. O Graham vem cá ter mais tarde e fica até segunda-feira de manhã. Tenho bastante certeza de que a Ophelia vai aproveitar a oportunidade para o convencer a fazer um *baby shower*.

— Oh! — exclamo. — Parece fantástico.

— Achas? — Franze o sobrolho. — Não sei. Não é um bocado esquisito?

— Porquê? — pergunto-lhe.

— Bem, depois de tudo o que aconteceu, não tenho a certeza de que seja conveniente fazer uma festa.

Abano a cabeça lentamente. Aproximo-me da câmara frontal e olho para a minha amiga com uma expressão séria.

— Lydia, até agora, a tua gravidez não te tinha dado nenhum motivo para estares contente. No entanto, na verdade, este devia ser um período feliz na tua vida. Se agora já estás preparada para o partilhar com as outras pessoas e para tu própria desfrutares disso, com os teus bebés, acho que devias comemorar.

A Lydia expira com força.

— Estás contente, não estás?

— Sim, agora, sim — responde-me imediatamente.

— Nesse caso, não sei o que é que pode impedir-te de organizares uma festa para ti e para os teus filhos.

Um ligeiro sorriso aparece no rosto da Lydia.

— Tu virias à festa?

— Adoraria ir. E de certeza que os outros também.

— Seja como for, a Ophelia está entusiasmada. Não sei onde é que vai arranjar tempo, mas, nestes últimos dias, tricotou vários gorros e uma colcha para os bebés.

— Que fixe!

— Sim, embora tenha de dizer que tricotar não é o forte dela. A colcha é tão rígida que

serviria melhor para tirar coisas do forno. — Sorri. — Mas não importa. Seja como for, estou contente.

— Fico supercontente por te ver tão feliz. Tenho a impressão de que esta temporada com a Ophelia te está a fazer muito bem.

— Está mesmo. Na verdade, isto devia ser uma espécie de castigo. De certeza que o meu pai não estava a contar que nos entendêssemos tão bem.

— Dir-se-ia que estás a pensar ficar mais tempo com ela.

Anui.

— Tenho estado a pensar nisso e sabe-me bem estar com alguém como ela, que me compreende — admite a Lydia. — Por outro lado, não é justo mudar a vida dela desta maneira. A minha tia já tem obrigações suficientes.

Dirijo-me para o guarda-vestidos e abro-o com uma mão.

— E o professor Sutton, que tal?

A Lydia desata imediatamente a rir.

— Preciso de que deixes de o tratar assim.

Pego nos sapatos que estão no chão e volto para junto da secretária, apoiando cuidadosamente o telemóvel num copo de água vazio.

— Talvez para ti ele sempre tenha sido o Graham, mas, para mim, não. Parece-me estranho tratá-lo pelo nome.

— Hás de te habituar — responde-me a Lydia, otimista. Depois, morde o lábio inferior com uma expressão hesitante, antes de continuar a falar: — O Graham... perguntou-me se quero que comecemos a viver juntos.

Fico parada com um sapato na mão, a olhar para o telemóvel.

— E?

A Lydia anui e no seu rosto aparece um sorriso.

— Acho que se coaduna com os meus planos — murmura.

Neste momento, a diferença entre esta Lydia e aquela que encontrei a chorar nas casas de banho de Oxford é tanta que fico emocionada.

— Fico muito contente por vocês — digo-lhe com franqueza.

— Por favor, não contes ao meu irmão — acrescenta ela imediatamente. — Caso contrário, vou fazer-me milhares de perguntas a que ainda não sei responder.

— Vou ficar calada como um túmulo.

— E como é que ele está? — pergunta-me depois.

Calço um sapato e aperto os atacadores enquanto penso antes de lhe responder.

— Acho que está bem. Mas já sabes que ele guarda tudo para si mesmo, até que acaba por explodir.

A Lydia suspira suavemente.

— Sei como ele é. Como é que está a lidar com o assunto com o meu pai?

— De todas as vezes que falo nisso, tenho a sensação de que se sente incomodado. Por enquanto, estou a tentar respeitá-lo. Tenho a certeza de que falará comigo quando tiver vontade.

A Lydia anui. De repente, ficou pensativa.

— Às vezes, quando ele não quer falar, tenho vontade de o espancar.

Aperto os atacadores do outro sapato e penso no que ela disse.

— Durante a noite da fogueira, passou muito tempo com o Wren. O importante é que se

abra com alguém. Não tem necessariamente de ser comigo.

— De certeza que, depois de tudo o que aconteceu, não quer ser um peso para ti.

— Não faço ideia. — Levanto-me da cadeira, dou um passo atrás e faço uma pirueta. —
Que é que achas?

— Estás muito bonita! Foi a Ember quem costurou a saia? — pergunta-me a Lydia, semicerrando os olhos.

— Como é que soubeste? — retruco, olhando para a roupa. Na bainha da saia rodada azul-escura há umas florzinhas bordadas que só se veem muito ao perto.

— Não sei, pareceu-me dela. — O tom de voz que usa faz-me duvidar.

— De certeza que te mandou uma fotografia, mentirosa.

A Lydia sorri.

— Vai-me mandando fotografias das roupas novas que faz. Às vezes, até me deixa mostrá-las à Ophelia e pede-me que lhe dê *feedback*.

— Queres dizer olá à Ember? — pergunto-lhe, pegando na carteira.

— Oh, sim, adorava.

Com o telemóvel do James em frente do rosto, dirijo-me para o quarto da Ember e bato à porta. Oigo umas vozes a falar baixinho lá dentro e a voz da minha irmã, que grita:

— Entra!

Quando abro a porta, fico boquiaberta.

Ao lado da minha irmã, em frente da secretária, está o James. Diante dos dois, vejo o portátil da Ember, em cujo ecrã distingo o logótipo do *Bellbird*. Assim que me vê, o James levanta-se de um salto.

— Hum, está aqui alguém que quer dizer-te olá, Ember. — Aproximo-me dela e estendo-lhe o telemóvel.

A Ember pega nele e sorri para a Lydia.

— Que linda saia que fizeste para a Ruby — comenta a Lydia em jeito de cumprimento.

— Reconheceste-a pela fotografia? — retruque a Ember.

Oigo a Lydia fazer um som afirmativo. Entretanto, viro-me para o James e ponho-lhe a mão na anca.

— Que é que estiveram a fazer?

— A Ember mostrou-me o blogue dela — diz-me, mas, antes que eu insista, olha para o relógio. — Vamos embora?

— Aonde é que vão? — pergunta a Lydia.

— A casa do Wren — responde-lhe o James. — Vai dar uma festa de inauguração.

Pelo canto do olho, vejo que a Ember empalidece ao ouvir as palavras do James e abre um pouco a boca.

— Oh. Fantástico — diz, estendendo o telemóvel para o James.

— Obrigado — diz ele, virando-se novamente para a Lydia. — Amanhã ligo-te outra vez, está bem?

— Sim. Mas só depois da uma, antes disso tenho aulas.

— Amanhã é sábado — replica o James, franzindo o sobrolho.

— A minha professora particular acha que devo adiantar tudo o que puder, para o caso de os gémeos chegarem antes do tempo. É bastante comum — explica a Lydia.

Assobio.

— Agora percebo o que é que queres dizer quando dizes que ela é severa.

— Enfim, que é que hei de fazer? Divirtam-se muito. Diz olá aos rapazes por mim!

— Não me vou esquecer — assegura-lhe o James com um meio-sorriso, ao mesmo tempo que desliga a chamada. Depois, vira-se para a Ember. — Obrigado por teres perdido este tempo todo comigo e por me teres explicado tudo. Foste uma grande ajuda.

— Não custou nada — murmura a minha irmã. — Divirtam-se na festa.

Tem os olhos fixos no portátil, mas tenho a impressão de que está a olhar para lá do ecrã.

Ember

kingfitz: quero voltar a ver-te, supergirl!

kingfitz: queres ir tomar um café?

kingfitz: obrigado por estares aí. não faço ideia de como teria conseguido sem ti.

kingfitz: és a melhor x

kingfitz: gostava de que tivéssemos feito uma toca na geladaria e que tivéssemos ficado lá.

kingfitz: voto a favor de provarmos os gelados de todas as geladarias num raio de oito quilómetros, para depois fazermos um ranking.

Sem contar o quanto me irrita o Wren não usar maiúsculas, tenho os dedos a tremer de raiva quando ando para cima e para baixo nas mensagens que trocámos. As palavras dele, pelas quais estava tão ansiosa, de repente parecem-me ocas e sem significado.

Como é possível que eu tenha feito uma figura ridícula tão grande?

Passei horas no Google à procura de bolsas para ele. Ajudei-o a remodelar o quarto, para ele se sentir bem na casa nova. Ouvi as suas preocupações e passei horas a falar-lhe da nossa experiência quando o meu pai teve o acidente. A contar-lhe que me senti tão abatida quanto ele, apesar de ainda ser pequena e de não ter noção das mudanças que iam ocorrer nas nossas vidas. Confiei-lhe os meus medos, porque pensava ter encontrado uma pessoa com quem podia falar de tudo o que não posso falar com a minha irmã.

E agora?

Agora, faz uma festa de inauguração e não me convida nem me diz nada sobre ela.

Pensava que éramos amigos. Pensava que o Wren também estava preparado para que a nossa relação passasse para o nível seguinte. Pelos vistos, enganei-me.

vemo-nos amanhã?

Esta foi a sua última mensagem. Enviou-ma hoje à tarde e, ainda por cima, fui tão idiota que lhe respondi com um «claro». Não faço ideia de como hei de agir a partir de agora. Só tenho a certeza de uma coisa: não penso guardar para mim a raiva que sinto.

Insegura, olho para as teclas iluminadas do meu portátil e procuro as palavras certas.

Espero que te divirtas
na tua festa, traidor.

A mensagem parece-me um bocado infantil e apago-a imediatamente.

Olho para o televisor. Nesse momento, o Gordon Ramsay está a gritar com outro cozinheiro e não consigo evitar lembrar-me da noite em que eu e o meu pai estivemos a ver uma compilação dos melhores momentos da série e morremos a rir com o Ramsay a vociferar durante quinze minutos.

Se calhar, devia voltar a ver esse vídeo agora.

— A que se deve essa cara tão chateada, meu amor? — pergunta-me subitamente a minha mãe.

Suspiro. Não lhe escapa nada. O Wren chama-me super-heroína, mas a mim parece-me que é a minha mãe que o é, porque dá sempre conta de coisas que passam despercebidas a toda a gente.

— Alguma vez tiveste amigos que te tenham posto de parte de um dia para o outro? — respondo-lhe.

A minha mãe afasta o *Kindle* que, até agora, estava a segurar diante de si e olha para mim com uma expressão pensativa, pondo o cabelo atrás da orelha.

— Quando andava no colégio, tive uma amiga assim, sim.

— E como é que reagiste? — pergunto-lhe.

— Na maior parte das vezes, não dava importância à situação. Mas, uma vez, atrevi-me a protestar. Foi quando ela deu uma festa no dia do meu aniversário e ninguém veio à minha.

— Céus, mamã. Que horror!

— Estás a falar da Samantha Baker? — pergunta-lhe inesperadamente o meu pai. — Que grandíssima idiota.

— Angus! — exclama a minha mãe.

— É verdade. Pareceu-me fantástico que lhe dissesse das boas.

As maçãs do rosto da minha mãe ficam vermelhas.

— Obrigada, meu querido.

— Que é que fizeste? — insisto.

— Disse-lhe como a sua maneira de agir me tinha feito sentir. Ignorava-me sempre quando estávamos com os nossos colegas de turma, mas, quando estávamos sozinhas, eu era a sua melhor amiga. Isso não me parecia correto. Dei-lhe oportunidade de mudar, mas ela não quis.

— E então? — pergunto-lhe.

— Cortei relações com ela e nunca mais permiti que ninguém me tratasse tão mal. Aprendi a levar a sério as minhas necessidades e os meus sentimentos. E é um conselho que também te dou a ti, Ember.

Reflico sobre as palavras da minha mãe durante um bocado: «Disse-lhe como a sua maneira de agir me tinha feito sentir.»

Nunca ninguém me tinha feito ficar tão zangada como o Wren fez hoje. Talvez devesse dizer-lhe exatamente isso.

Acho uma merda que comemores
uma festa de inauguração sem mim.
Pensava que éramos amigos.

Quando escrevo estas palavras, sinto-me estranhamente vulnerável. É o mesmo sentimento que tenho quando escrevo um artigo pessoal no meu blogue e falo de assuntos que me afetam.

Hesito apenas uns segundos e depois sigo o exemplo da minha mãe e envio a mensagem. Bloqueio o telemóvel e pouso-o ao meu lado no sofá, com o ecrã virado para baixo.

— Obrigada, mamã — digo-lhe a meia-voz.

— Queres conversar comigo sobre isso, meu amor?

Abano negativamente a cabeça. Depois, encosto-me ao ombro do meu pai e afasto o Wren Fitzgerald dos meus pensamentos.

James

— Ena! — exclama o Alistair, brindando com a garrafa de cerveja com o Wren. — Isto está muito giro.

O Wren levanta uma sobrancelha e olha para o quarto como se fosse a primeira vez que o vê.

— Também acho — digo, concordando com o Alistair, e falo com toda a sinceridade.

Talvez não seja tão grande como o antigo quarto do Wren nem tenha as paredes cobertas de papel pintado que vale um dinheirão, mas é acolhedor e o Wren conseguiu dar-lhe o seu toque pessoal. Pendurou algumas fotografias e pôs na estante os troféus de lacrosse que ganhámos ao longo dos últimos dez anos. Eu, o Alistair e o Kesh oferecemos-lhe um conjunto de copos de uísque de cristal que agora decora a secretária. Alguns móveis são do IKEA e outros da casa antiga, e colocou um tapete oriental no meio do quarto.

— A casa é verdadeiramente bonita — diz a Ruby ao meu lado. Está sentada encostada a mim e acaricio-lhe as costas com a mão, perdido nos meus pensamentos enquanto observo o Wren.

Esta noite, passa-se alguma coisa estranha com ele. Ainda não largou o telemóvel nem uma vez e não para de olhar de relance para o ecrã.

Está abatido, e não me parece que seja apenas por achar desagradável não ter espaço para umas cadeiras e estarmos todos sentados no chão. Acho que se passa mais qualquer coisa e pergunto a mim mesmo se terá que ver com aquela rapariga misteriosa sobre quem não quis contar-me nada na semana passada, durante a noite das fogueiras.

— E têm um jardim muito grande — acrescenta o Alistair. — Se tens saudades da piscina, podemos comprar uma insuflável no verão.

Caminha pelo quarto e passa por cima das pernas do Kesh sem olhar para ele. Depois, senta-se entre mim e o Wren com as pernas cruzadas. O Kesh franze o sobrolho e começa a enrolar entre os dedos as franjas do tapete. Pergunto a mim mesmo se terão voltado a discutir.

— Nós tínhamos uma quando éramos pequenas — comenta a Ruby num tom alegre.

— É verdade — confirmo. — Há fotografias que o provam no vosso corredor.

A Ruby dá-me uma cotovelada nas costelas. Embora me tenha magoado, deixo escapar uma pequena gargalhada.

— Não me digas que tens fotografias com braçadeiras — diz-lhe o Alistair num tom surpreendido.

— Sim, mais ou menos — murmura a Ruby. Corou um pouco, mas também sorri quando bebe um gole de *Coca-Cola*. Nunca teria imaginado que a veria tão descontraída na companhia dos meus amigos e sinto-me contente por poder passar esta noite aqui com ela.

— Bem, não tenho dificuldade nenhuma em imaginar quão contentes vão ficar as tuas

vizinhas quando, no verão, fizeres um pequeno espetáculo de *striptease* todos os dias, Wren — brinca o Alistair. — Se calhar, também te tiram fotografias e penduram-nas no corredor. — Mexe as sobrelanceiras para cima e para baixo.

— Quando vinha para cá, cruzei-me com três raparigas que me desejaram que me divertisse na festa de inauguração — acrescenta o Kesh. — Pelos vistos, já deixaste uma marca indelével.

O Wren bufa.

— A minha mãe fala de mais.

— É o que acontece quando se quer ter uma boa relação com os vizinhos — intervém a Ruby.

— Pareceram-me todas muito simpáticas — confirma o Alistair, mas o seu sorriso obsceno é muito expressivo.

— Que tal seres tu a fazer o número da piscina e a seduzir a vizinhança? — propõe-lhe o Wren. — Não me parece que eu vá ter grande sucesso.

— Não é de estranhar, se passares o tempo todo com essa cara. — O Kesh afasta as batatas fritas que, no início, andaram a circular de mão em mão, mas que, no decurso da noite, ficaram em frente dele.

O Wren bufa, indignado.

— Então!? Pode saber-se o que é que a minha cara tem de mal?

— É mais ou menos tão atraente como uma tábua de pregos em chamas. — O Kesh franze vigorosamente o sobrolho e olha para todos com uma expressão furiosa, imitando o Wren. Quando chega ao Alistair, a sua expressão muda ligeiramente, mas afasta imediatamente os olhos.

Faz-se um silêncio desconfortável, durante o qual o Alistair olha para o Kesh de sobrolho franzido, para depois respirar fundo e fazer uma expressão menos irritada.

— Na verdade, também é preciso baixar um pouco os cantos dos lábios ao mesmo tempo — diz o Alistair, depois de uns segundos em que também olha para nós com uma expressão colérica. — Mais ou menos assim.

Por instantes, o Kesh parece desconcertado.

Contudo, o sorriso que se desenha nos seus lábios parece sincero e imita a expressão do Alistair.

— Olá, chamo-me Wren Fitzgerald e não me apetece nada ter companhia. Caros vizinhos, deixem-me em paz para poder continuar a desempenhar o meu papel de adolescente resmungão. Muito obrigado.

Eu, o Alistair e a Ruby desatamos à gargalhada e, após uma breve hesitação, o Wren também se junta a nós. O Kesh inclina-se para trás, apoiado nos cotovelos, e sorri para si mesmo, satisfeito.

— Vocês são completamente idiotas... alguém me pode explicar porque é que vos convidai? — pergunta-nos o Wren, depois de todos nos termos acalmado um pouco.

— Porque gostas dos teus amigos e não queres passar a noite sem eles? — aventura.

— Ou, se calhar, porque precisas de alguém para estrear o sofá? — sugere o Alistair.

— Ou porque queres que alguém deixe migalhas no tapete? — Com uma expressão pensativa, o Kesh sacode alguns restos de batatas fritas do tapete estampado.

— Mano, olha que o tapete é novo.

Ato contínuo, o Kesh pega na taça de batatas fritas e estende-a ao Wren.

— Meninos! — exclama o Alistair, interrompendo o Wren quando este está prestes a

continuar a falar.

Olhamos todos para ele. Levanta o telemóvel e vemos uma fotografia de um aglomerado de gente. É uma imagem queimada pelo *flash* e, à primeira vista, não se distinguem as pessoas.

— Pelos vistos, o James McCormack deu uma festa esta noite.

— E? — responde-lhe o Wren, sem o mínimo interesse. Nenhum de nós suporta o McCormack. Não por ele ser o capitão da equipa de lacrosse do liceu Eastview, mas porque é um tipo arrogante e asqueroso que, quando jogamos, está sempre a tentar provocar-nos.

Inclino-me para a frente e semicerro os olhos. E é então que percebo o que é que o Alistair quer que vejamos. Numa das pontas da fotografia, apoiado noutras duas pessoas, distingue-se outro tipo que parece que vai vomitar de um momento para o outro. E esse indivíduo faz lembrar, de maneira suspeita, o...

— É o Cy? — pergunta o Kesh de sobrolho franzido.

— Em carne e osso — responde-lhe o Alistair, ao mesmo tempo que olha para o Wren com uma expressão interrogativa.

— Está com muito mau aspeto — comenta o Wren.

Dou um grunhido de concordância. O Cyril está branco como a cal e o cabelo cai-lhe desgrenhadamente sobre a testa. Alguém segura um telemóvel em frente da cara dele, para lhe tirar uma fotografia, e vê-se que levanta a mão para se proteger, mas o seu estado não lho permite.

— Não ias convidá-lo?

O Wren anui.

— Sim, mas desta vez também não me respondeu.

O ambiente está a ficar carregado.

— Que é que acham? — pergunta de repente o Alistair a todo o grupo. — Que tal fazermos uma pequena visita ao James McCormack?

O chão parece vibrar debaixo dos meus pés. A música está tão alta que as paredes abanam. Abro caminho entre os grupos de pessoas, algumas das quais estão a dançar e outras tentam conversar por cima do barulho. Alguém levanta bruscamente a garrafa de cerveja e salpica-me a cara. Seco o rosto com as costas da mão, mal-humorado. Um dos rapazes, que conheço do lacrosse, crava-me o cotovelo nas costelas quando passo ao lado dele. Quando olho para ele de sobrolho franzido, lança-me um olhar desafiador. Contudo, não vou perder tempo com ele.

Inclino-me para a Ruby, que caminha ao meu lado e que já está há algum tempo sem dizer nada.

— Está tudo bem? — pergunto-lhe aos gritos.

Anui e lança-me um sorriso forçado. É lógico. Em vez de estarmos confortavelmente sentados no quarto do Wren, pedimos ao motorista do Alistair que nos trouxesse a Eastview, onde é evidente que se celebra a festa do ano.

Dada pelo imbecil do James McCormack.

— Se preferires ir para casa... — sugiro pela enésima vez, ao que a Ruby responde revirando os olhos.

— Fico convosco. — Aperta-me a mão e conduz-me para a escada que leva ao piso superior da mansão.

Ignoro os olhares das pessoas. Não gozamos de boa fama em Eastview. Não só eliminámos a equipa de lacrosse da cidade em repetidas ocasiões, como também o Alistair é tristemente

celebre por se ter atirado ao McCormack por duas vezes... com um desenlace muito feio. Enquanto subimos a escada, oiço alguém insultar o Alistair e, quando olho para trás, tenho tempo de ver o Kesh empurrar com o ombro um tipo que está muito perto do Alistair.

— Ignorem as provocações — diz o Wren, que avança à minha frente e da Ruby e que olha em volta à procura do Cyril.

A música torna a ecoar por todo o átrio, um *house beat* ensurdecidor que faz tilintar o candelabro e que me põe a cabeça como um bombo. Quase me apetece beber, mas nem pensar nisso. Preciso de manter a mente clara.

— Fazes alguma ideia de onde é que ele se pode ter metido? — grita-me o Wren por cima do ombro.

Abano negativamente a cabeça. A casa onde se celebra a festa pertence aos pais do McCormack, e lembro-me vagamente de já ter estado aqui. O corrimão ondulante da escada e os feios quadros e jarrões antigos parecem-me familiares. Contudo, nessa altura estava tão bêbedo que agora não consigo lembrar-me de maneira nenhuma da distribuição da casa.

Subimos os últimos degraus e avançamos por um corredor, até chegarmos a uma porta dupla. As costas do Wren ficam tensas e, quando dou uma vista de olhos ao interior da divisão, percebo porquê.

O Cyril está em cima de uma mesa na qual ainda se distinguem os restos de um jogo de póquer. Canta aos gritos a canção que soa na sala e segura na mão um copo de uísque quase cheio, do qual saltam disparadas várias gotas a cada movimento descontrolado que faz. Em frente dele, também em cima da mesa, está uma rapariga que dança tão descontroladamente quanto ele e que lhe grita que beba. O Cy lança a cabeça para trás, esvazia o copo e, logo a seguir, atira-o na diagonal para o outro lado da sala. Ninguém parece preocupar-se por o copo se partir contra a parede. Pelo contrário: um forte grito de júbilo eleva-se no ar. O Cyril faz uma mesura, a sorrir, depois tropeça e agarra-se à rapariga para não cair.

— Não posso acreditar que estava preocupado com ele — comenta o Wren, abanando a cabeça.

— A mim, parece-me que isto prova que a tua preocupação era justificada — riposta o Alistair, que apareceu ao nosso lado. — O comportamento dele faz-me lembrar do que o James teve em dezembro.

Aquele comentário faz-me sentir uma pontada na barriga.

— Temos de o tirar daqui — digo-lhes, levantando a voz por cima da música. Troco um olhar com os rapazes e depois viro-me para a Ruby. — Importas-te de ficar aqui uns minutos? Vamos buscá-lo e depois vamo-nos embora.

A Ruby passa inquietamente o olhar de mim para o Cyril, que agora está a balouçar em cima da mesa e pede outra bebida aos gritos. No fim, a Ruby anui. Dou-lhe um beijo na testa, viro-me, atravesso a sala e, sem pensar duas vezes, salto para cima da mesa.

Quando o Cyril me vê, franze o sobrolho. Tem os olhos vermelhos, mas não consigo perceber se é por estar pedrado ou se por ter chorado. Quando vê os outros, fica ainda mais sério e, depois, hesita.

A rapariga que estava a dançar com ele fica imóvel. Percebe que, subitamente, a situação se tornou delicada e, dando um suspiro, sai de cima da mesa com a ajuda de alguém. Entretanto, eu e o Cyril limitamo-nos a olhar um para o outro. Procuro a raiva que senti em relação a ele nestas últimas duas semanas, mas, surpreendentemente, não a encontro. Não quando vejo quão mal ele está neste momento.

— Que é que estão aqui a fazer? — balbucia passado um bocado.

Tenho dificuldade em responder-lhe.

— Viemos buscar-te.

O Cyril cambaleia de um lado para o outro, sem afastar os olhos de mim e, subitamente, fica com o olhar vidrado.

— Anda — digo-lhe, apontando para a porta. Depois, pego-lhe no braço e, com o Wren, ajudo-o a descer de cima da mesa.

Chegam-me aos ouvidos alguns apupos, mas vejo que outro rapaz ocupa imediatamente o lugar do Cyril e que os outros o encorajam a beber.

Tentamos segurar o Cyril — o Wren do lado esquerdo e eu do direito —, mas ele mal consegue manter-se de pé.

— Merda, Cy — bufa o Wren. — Podias ajudar-nos um bocado, pelo menos?

O Cy balbucia uma resposta, mas mal o oiço, porque chegamos à porta dupla e a Ruby já não está lá.

Solto uma imprecação em voz baixa e procuro o Alistair e o Kesh com o olhar, vendo que têm os olhos fixos no mesmo sítio.

— Onde é que ela está? — pergunta-me o Alistair.

O Kesh, que é o mais alto de nós, olha em todas as direções. Quando a sua expressão fica tensa, percebo que a encontrou.

— Está na galeria, com o McCormack — diz, mas eu já me pus em marcha. Deixo o braço do Cyril em volta dos ombros do Keshav e abro caminho em direção a ela.

— Beaufort! — exclama o McCormack quando me vê. Tem uma mão apoiada no corrimão, ao lado da Ruby. Na outra, segura um copo que levanta à minha saúde. — Ainda bem que apareceram. Não me lembro de vos ter convidado. — O tom em que fala é simpático, quase como se estivesse a cumprimentar um velho amigo, embora todos saibamos que somos exatamente o contrário. — Pelo que vejo, estão a tomar conta deste falhado — continua. Contrai o rosto numa expressão de nojo enquanto olha para o Cyril da cabeça aos pés. — O grande javardo deixou-me a casa de banho toda vomitada.

Não vou permitir que ele me provoque. A sério que não. Contudo, nesse momento, o McCormack tira a mão do corrimão e põe-na na anca da Ruby.

— E a ti, o que é que te traz por cá?

A Ruby dá um passo para mim, afastando-se do McCormack, no preciso momento em que eu dou um passo em frente.

Abro a boca, mas a Ruby é mais rápida.

— Por favor, não me toques — diz-lhe num tom cordial.

Quando se põe ao meu lado, dou-lhe a mão.

O McCormack olha alternadamente para a Ruby e para mim, e o seu sorriso gozão aumenta um pouco mais.

— Que engraçados. Agora que já esclarecemos as coisas, podem pôr-se a andar. Aqui não preciso de lixo como vocês.

Sinto a mão que tenho livre cerrar-se num punho.

— Cuidado com o que dizes — resmungo.

— Deixa-o estar, James — diz-me o Wren em voz baixa.

— Mais vale dares ouvidos ao teu cãozinho de colo, Beaufort.

Dou mais um passo em direção ao McCormack, mas, subitamente, o Alistair aparece ao

meu lado e segura-me no braço. Olho para ele com uma expressão furiosa.

— Da última vez que me atirei a ele, disseste-me das boas, portanto, não olhes assim para mim — repreende-me. — Temos coisas mais importantes para fazer.

Sei que tem razão. Mesmo assim, estou enraivecido. Uma coisa é o McCormack meter-se comigo e outra é ofender os meus amigos e a Ruby, e o meu corpo pede-me que lhe demonstre o que penso dele.

No entanto, depois olho para a Ruby e imagino o que é que os pais dela pensariam se eu chegasse a casa com um olho negro e os nós dos dedos esfolados.

Nada de bom, isso é mais do que certo.

Contenho-me e rodo bruscamente sobre os calcanhares. Enquanto o Kesh e o Wren seguram o Cyril, não largo a mão da Ruby.

Sáímos da festa todos juntos.

Alistair

De certeza que causamos uma excelente impressão, a deambular pelas ruas desertas de Eastview, com o Cyril no meio de nós. Inicialmente, mal consegue manter-se direito e só conseguimos avançar porque o Keshav e o Wren o puxam. Contudo, quanto mais caminhamos, melhor se vai sentindo. Ao fim de três quilómetros, quando finalmente encontramos um estabelecimento ainda aberto a estas horas, já estamos ao ar livre há tanto tempo que, pelo menos, já se pode falar com ele.

Senta-se num banco, com o Wren e o Kesh ao lado, e eu, o James e a Ruby à frente. Depois, afasta os olhos de nós e fica a olhar para o exterior, pela janela, com uma expressão apática nos olhos.

Quanto mais observo o Cyril, mais preocupado fico. O James parece sentir o mesmo, porque o rosto dele reflete pena, inquietação e raiva, tudo ao mesmo tempo. No entanto, não posso censurá-lo por estar furioso, depois de tudo o que o Cyril lhes fez, a ele, à Lydia e à Ruby.

— E que tal se nos dissesse o que diabos estavas a fazer em casa do McCormack? — sugere o Wren, num tom de indiferença exagerada, depois de nos servirem as bebidas. Água natural para o Cyril e *Coca-Cola* para o resto de nós, embora me tenha apercebido perfeitamente de que o Kesh e o Wren estavam a ver a carta de bebidas alcoólicas com vontade de pedirem uma.

— A distrair-me — limita-se a responder o Cyril, esforçando-se por não balbuciar. Realmente, já teve melhores dias: tem o rosto vermelho e o cabelo desgrenhado, e umas nódoas na camisa branca que prefiro não saber de onde vêm.

— Convidei-te para a minha festa de inauguração. Aí também te terias distraído.

O Cyril suspira.

— Resta saber se o convite era a sério.

— Nesse caso, com que outra intenção te estava a convidar? — pergunta-lhe o Wren.

O Cyril cerra os lábios e afasta os olhos.

Passados uns segundos, o Wren pigarreia.

— Sei como te sentes, mano. E eu...

— Sabes uma merda — resmunga o Cyril. — Não fazes a mais pequena ideia do que uma pessoa sente quando perdeu tudo o que alguma vez amou. Quando, por tua própria culpa, todos os teus amigos te detestam.

Silêncio. Acho que ninguém se atreve a respirar.

— Nós não te detestamos, Cy — digo-lhe em voz baixa.

Depois disto, o Cyril cerra os dentes. Não sei o que é que lhe estará a passar pela cabeça neste momento, mas, pelas manchas vermelhas que se lhe espalham lentamente do rosto ao pescoço, imagino o quanto esta conversa o afeta.

— O Alistair tem razão — concorda o James. — Estávamos preocupados contigo.

O Cyril levanta a vista e trespassa o James com os seus olhos azul-gelo.

— Tu próprio disseste que já não éramos amigos.

O James sustém o olhar dele e encolhe os ombros.

— Lixaste-a bem lixada. E eu estava furioso contigo, sim, mas isso não quer dizer que te detestamos.

O Cyril dá uma gargalhada amarga e abana a cabeça. Pousa o olhar na ponta do banco, como se considerasse a possibilidade de saltar por cima do Wren e do Kesh e de sair a correr do bar. Nesse preciso momento, o Wren inclina-se para a frente e apoia os cotovelos na mesa de madeira onde se veem os veios. O Cyril cerra os dentes e recosta-se no banco, esfregando o rosto com as mãos e dando um pequeno suspiro.

— Não te entendo, Cy — digo-lhe, e, quando torna a baixar as mãos, lanço-lhe um olhar furioso. — Foste tu quem armou esta confusão. Foste tu quem se encarregou de que a Lydia tivesse de desaparecer do mapa e de que a Ruby fosse expulsa do colégio. Não tentaste falar connosco nem uma só vez e, em vez disso, preferes pressupor que te detestamos. Como é que este assunto vai terminar? Vamos ficar para sempre assim, desfeitos? — Abano a cabeça. — Porque é que és assim?

— Porque sei que fiz merda, está bem? — grita o Cyril, dando um soco com o punho na mesa com tanta força que o copo balouça perigosamente. — É mais do que evidente. Sei que nunca me perdoarão, portanto, para que é que hei de me dar ao trabalho?

Fico a olhar para ele, boquiaberto. Os ombros dele sobem e descem rapidamente. Está com o mesmo aspeto que tinha na festa, quando o James o ajudou a descer da mesa: como se estivesse prestes a desatar a chorar e tentasse reprimir essa vontade com todas as suas forças.

— Não sei o que é que querem de mim — continua, já mais tranquilo. — Que é que vos interessa o que eu faço no meu tempo livre?

— Interessa-nos porque continuas a ser nosso amigo — responde-lhe o Wren com determinação. — Apesar de tudo.

Eu bufo em confirmação e o Cyril cerra os lábios com força.

— Fala connosco, só isso — sugere o Kesh num tom tranquilo. — Nem sequer sabemos exatamente o que é que aconteceu.

— Achas que isso mudava alguma coisa? — pergunta-lhe o Cy, resignado.

O Kesh olha para ele de soslaio com olhos escuros e depois encolhe os ombros.

— Também não vai prejudicar ninguém, pois não?

O Cyril fica a olhar para a superfície da mesa e expira com força. O seu olhar detém-se na Ruby, que está sentada ao lado do James e não abriu a boca durante toda a conversa.

— Queria ir ter com o Lexington e contar-lhe a verdade — começa a dizer com voz rouca. Depois, abana a cabeça e olha para a mesa. — Mas, então, o teu pai apareceu em minha casa, James. Disse-me que, se eu fizesse a mínima tentativa de ajudar a Ruby, ia declarar-me guerra. Tive... tive medo e deixei-me intimidar, porque sei do que ele é capaz.

De repente, reina um tal silêncio na mesa que quase se consegue ouvir o gás da *Coca-Cola* a subir pelo rebordo dos copos.

— Não me atrevi a falar com o Lexington, mas sabia que tinha de fazer alguma coisa. Portanto, enviei-te as fotografias — continua o Cyril com dificuldade. — E também estava a falar a sério em relação ao que te disse no clube. Lamento muito, mesmo.

O empregado passa ao nosso lado e pergunta-nos se queremos mais alguma coisa. A Ruby é a única que reage e que lhe responde educadamente que não. Durante uns minutos, ninguém fala, até que já não aguento mais.

— Temos de fazer as coisas melhor do que os nossos pais — digo. A minha voz quebra

aquele silêncio incómodo. — Foi o que sempre dissemos, certo? Que não queremos ser como eles. Talvez com exceção do Kesh, porque os pais dele são uns santos.

— Não sei o que é que vocês pensam, mas estou farto de tudo isto — acrescenta o James, e viramo-nos todos para ele. — Estou farto de ver como nos afastamos. Embora ultimamente tenha havido muitas coisas que mudaram entre nós, de uma coisa tenho a certeza: vocês são importantes para mim. Quero que façam parte da minha vida. Todos e cada um de vocês — diz, olhando diretamente para o Cyril.

— Já passámos por tanta coisa juntos... — o Wren dá um pequeno soco no ombro do Cyril.

— Não podes livrar-te desta, Cy — afirma o Kesh. — Não podes limitar-te a desaparecer, e não voltar ao colégio e a passar os fins de semana com o James McCormack, a apanhar bebedeiras. Está bem?

Outro minuto de silêncio. Depois, o Cyril levanta os olhos da superfície da mesa e fixa-os na Ruby.

— Desculpa — diz, compungido. — Gostava de poder voltar atrás com o que fiz com as fotografias.

A Ruby cerra os lábios e anui bruscamente. De repente, as suas maçãs do rosto perderam a cor.

— Está... está bem, Cyril, já passou.

— Não passou e ambos sabemos isso — objeta ele. — Mas, apesar de tudo, quero que saibas o quanto me arrependo.

Ele e a Ruby olham um para o outro e, entre eles, parece surgir uma compreensão tácita de que ela percebe a seriedade do que ele lhe está a dizer.

— Acho que nunca o tinha ouvido pedir desculpas tantas vezes seguidas — intervém de repente o Wren.

— Eu nunca tinha ouvido o Cyril pedir desculpas — concorda o Kesh.

O Cyril afasta os olhos da Ruby e passa a mão pelo cabelo. Depois, como se isso tivesse acabado de lhe ocorrer, dá um soco primeiro no ombro do Wren e depois no do Kesh. Este último tenta esquivar-se e quase cai do banco, uma imagem tão cómica que eu e o James desatamos à gargalhada.

— Já vai sendo altura de voltares ao colégio — diz o James ao Cyril.

Parece passar um século até que o Cyril anui.

— Tens razão.

Já passa das três da manhã quando ligo para o motorista e lhe peço que nos venha buscar ao bar de Eastview. Primeiro, deixamos o Wren, o James e a Ruby em Gormsey e, depois, levamos o Cyril a casa. Sai do carro, mas, antes de fechar a porta, inclina-se para a frente e espreita para o interior, olhando alternadamente para mim e para o Kesh.

— Eu... — começa a dizer e, depois, pigarreia. — Obrigado por esta noite, rapazes.

— É para isso que aqui estamos — responde-lhe o Kesh.

— Da próxima vez, o melhor é embebedares-te connosco e não com o James McCormack — digo-lhe, e o Kesh dá-me imediatamente um pontapé na canela.

— Entendido — murmura o Cyril, dando meia-volta.

Fecho a porta do carro e bato no separador, para indicar ao Rupert que continue.

— Para onde, senhor? — pergunta-me.

— Para casa do Keshav, por favor — respondo-lhe.

Pouco depois, põe o carro em marcha. Cansado, apoio a cabeça no encosto do banco.

— Magoaste-me — queixo-me, esfregando a canela com a mão.

— Com aquele comentário, estragaste um momento muito comovente. — Dirige os olhos para a minha perna. — Mas não queria dar-te com tanta força, desculpa.

— Só queria tornar o ambiente um pouco mais leve — admito. — Foi uma noite demasiado pesada para o meu gosto.

O Kesh limita-se a soltar um grunhido. Está sentado no banco à minha frente. Contrariamente a mim, não fica agoniado por ir de costas para a estrada. Até consegue ler no carro, coisa que, para mim, é inconcebível. Assim que pego num livro, tenho de pôr a cabeça de fora da janela e vomitar.

Ao princípio, o Kesh metia-se comigo porque eu ficava muito agoniado quando andava de carro, mas depois começou a fazer experiências para determinar qual era o motivo exato de eu me sentir tão mal. Desde então, percebi que andar aos beijos dentro do carro não me provocava nenhuma indisposição, mas olhar para o telemóvel está fora de questão.

Por sorte, o meu corpo sabe muito bem quais são as suas prioridades.

— Não olhes assim para mim — diz-me de repente o Kesh. A voz dele tem um tom mais sombrio do que é normal. Desliza os olhos dos meus para a minha boca e depois afasta-os bruscamente de mim, como se tivesse acabado de se aperceber do que fez, e vira a cabeça para a janela.

— Como é que olhei para ti? — pergunto-lhe.

O ambiente mudou tão rapidamente que quase fico agoniado.

— Olhaste para mim como se fosses refletir sobre o passado — responde-me depois de um bocado.

Engulo em seco.

— Por acaso não o posso fazer?

O Kesh faz um som semelhante a uma gargalhada, mas que, ao mesmo tempo, tem um tom de aflição.

— Não.

— Não? Porquê?

Torna a olhar para mim.

— Porque não devias agarrar-te às memórias quando podes viver experiências novas comigo.

As palavras dele deixam-me mudo. Preciso de uns minutos para voltar a falar.

— Kesh...

— Conte à minha mãe — diz, interrompendo-me.

Sinto o coração a bater com força. De repente, para mim, só existe o Kesh, tudo o resto desapareceu.

— O quê?

— Disse-lhe que sou bissexual e que me sinto atraído tanto por mulheres como por homens.

Os pensamentos amontoam-se na minha cabeça. Não sei o que lhe dizer. Pigarreio e faço a pergunta que, neste momento, me parece mais importante.

— Como é que ela reagiu?

O Kesh expira com força.

— De maneira diferente da que eu imaginava. A verdade é que me foi difícil contar-lhe,

apesar de não ter tanto medo da reação da minha mãe quanto da do meu pai. Inicialmente, pensei que eu estava doente ou qualquer coisa parecida, porque estava tão nervoso que desatei a chorar antes de começar a falar. Depois, quando lhe contei, ficou aliviada por não ser nada de mau. E, a seguir, pediu-me desculpa e perguntou-me se tinha dito algum disparate.

Oíço o que me conta com toda a atenção.

— Fazendo o balanço, correu... não sei. Melhor do que pensei que ia correr? — diz a última frase em tom interrogativo.

— Parece-me uma reação fantástica — digo-lhe com a voz rouca.

O Kesh anui e olha para as mãos.

O tempo dilata-se entre nós.

— Eu... eu não te forcei a contares-lhe, pois não? — pergunto-lhe por fim.

Abana negativamente a cabeça, sem levantar os olhos.

— Não. Não o fiz por ti, mas sim por mim mesmo. Queria contar à minha mãe porque sabia que era o correto.

Sinto que a pressão no meu peito se alivia um pouco.

— Disse-me que me ama. E acho que pedi folhetos informativos ou que andou a investigar na Internet, porque agora não para de me perguntar coisas que parecem tiradas de um manual de pedagogia. Além disso, já é a segunda vez que me faz um discurso sobre sexo seguro. — O Kesh contrai o rosto. — Desta vez, foi muito mais desagradável do que da primeira.

Dou uma gargalhada.

— Amo a tua mãe.

O Kesh sorri enquanto continua a olhar para as mãos.

— E eu amo-te a ti.

O carro trava e acho que o meu coração também.

Olho para o Kesh, que levanta a cabeça e me olha nos olhos. O seu olhar é franco e mais vulnerável do que nunca. No carro, o ambiente torna a mudar. Tenho a sensação de que o Kesh está demasiado próximo e, ao mesmo tempo, demasiado longe. Quero esticar a mão, mas não consigo mexer-me do mesmo sítio.

— Que é que acabaste de dizer? — murmuro.

O Keshav hesita momentaneamente.

— Disse que te amo, Alistair. Desde há já algum tempo. E lamento se te dei a impressão de que não era isso que sentia.

Cada uma das palavras dele atinge-me no mais fundo do meu ser. Estava tão ansioso por ouvir dizer isto... ou por que, pelo menos, fizesse alguma alusão a este sentimento. Agora, ouvi-lo dizer estas palavras supera tudo o que eu tinha imaginado. Sinto os olhos a arder com as lágrimas e não consigo retê-las pestanejando. Não consigo evitar que caiam dos meus olhos e que me deslizem pelas maçãs do rosto.

O que faço a seguir surge sem pensar. O meu corpo reage como se fosse controlado por um comando à distância, quando me atiro para ele e lhe rodeio o pescoço com os braços. O Kesh fica sem respiração debaixo do meu peso, mas, neste momento, é-me indiferente. A única coisa que me importa é estar o mais próximo possível dele.

— Eu também te amo — murmuro, com os lábios encostados ao cabelo dele.

O Kesh rodeia-me as costas com os braços e abraça-me com força.

— Fantástico.

Escapa-se-me uma gargalhada rouca, ao mesmo tempo que as lágrimas continuam a cair-me pelo rosto. Afasto-me um pouco dele para conseguir olhá-lo nos olhos.

— É essa a tua resposta? Fantástico?!

Põe-me a mão na cara e limpa-me as lágrimas das maçãs do rosto. Nos cantos dos lábios aparece-lhe um sorriso.

— Sim — diz.

A resposta é tão típica do Kesh que tenho de voltar a abraçá-lo e a apertá-lo contra mim. Acaricia-me suavemente as costas, o que não contribui muito para eu me acalmar.

— Queres ir para casa comigo? — pergunta-me, esboçando um sorriso inseguro. — Ainda não quero despedir-me de ti.

Torno a afastar-me um pouco e a olhá-lo nos olhos.

— Com todo o prazer.

O Kesh inclina-se para a frente e roça a boca dele na minha. É como um assomo de contacto e, no entanto, fico com pele de galinha.

— Fantástico — murmura novamente.

E, depois, funde lentamente os lábios nos meus.

Ember

Esta semana é um autêntico inferno. Por um lado, porque tenho duas notas más nuns testes e os meus pais vão ficar dececionados, e, por outro, porque não consigo tirar da cabeça o que aconteceu com o Wren e não consigo parar de pensar nele.

Ultimamente, mal tenho visto a Ruby e o James. Quando não estão sentados à secretária dela ou na mesa da cozinha a preparar-se para os exames finais, vão visitar a Lydia ou estão a organizar algum evento com a comissão. Só os ouvi falar uma vez sobre a festa, na sala de estar, quando o James disse que a noite tinha acabado bem para todos e que, a partir de agora, ia estar com o Wren com mais frequência. Tive de fazer um grande esforço para evitar bufar de desprezo.

— Está tudo bem? — pergunta-me a minha amiga Maisie quando saímos do edifício da escola depois da última aula do dia.

Em geral, não costumamos ter pressa e demoramo-nos na escada, a conversar sobre qualquer assunto, mas, hoje, a única coisa que quero é ir para casa e mergulhar na Internet, para poder afastar da minha mente qualquer pensamento que diga respeito ao Wren Fitzgerald.

— Não foi a minha melhor semana — respondo-lhe, com o olhar fixo nas minhas botas de cabedal envernizado. São rosa-néon, com fivelas grandes, e não condizem minimamente com o uniforme da escola, mas é-me indiferente. Encontrei-as a muito bom preço num mercado de rua e, desde então, todos os dias me sinto contente por as usar. Sobretudo porque a cor costuma pôr-me de bom humor. No entanto, hoje, infelizmente, não tem esse efeito.

— Eu também tive uma nega a Química. Aparentemente, não vamos seguir a via científica — diz-me a Maisie, dando-me umas palmadinhas animadoras nas costas.

— A rima foi intencional? — pergunto-lhe com um sorriso.

— Não, mas isso só volta a provar que tenho muito talento — responde-me com um ar gozão.

— A professora Wright não é da mesma opinião. — Rindo-me, desvio-me da palmada que se segue e quase tropeço no degrau seguinte.

— Então?! Tens de ser simpática comigo. Ao fim e ao cabo, não sou eu que tenho um borracho misterioso que me vem buscar à escola.

— Eu não tenho nenhum borracho misterioso... — começo a dizer, mas paro a meio da frase quando vejo quem está lá em baixo, encostado ao corrimão, de mãos nos bolsos e a olhar para mim.

É o Wren.

Está aqui.

Na minha escola.

Mordo a língua. Estou furiosa, mas, ao mesmo tempo, também me sinto insegura. Ele não respondeu à minha mensagem. Para ser mais precisa, desde sábado que não sei nada dele.

Não faço a mais pequena ideia do que o trouxe até aqui.

— Vemo-nos amanhã, está bem? Ah, pergunta à tua mãe se pode voltar a dar-te uma madalena para mim. Obrigada, és a maior! — grita-me a Maisie, e, antes que eu tenha hipótese de a manter ao meu lado, desce o resto dos degraus a saltar, com as tranças a flutuar no ar.

Abandonada à minha sorte, respiro fundo e desço lentamente a escada. Nestas últimas semanas, sempre que combinei encontrar-me com o Wren, observei-o da cabeça aos pés, tentando gravar na memória todos os pormenores da sua pessoa, como a ligeira prega da orelha esquerda, a pequena queimadura no blusão de cabedal ou as rugas que lhe rodeiam os cantos dos lábios quando sorri de determinada maneira.

Hoje, nem sequer olho para ele enquanto desço a escada, nem quando ficamos à mesma altura e ele abre a boca para dizer qualquer coisa. Em vez disso, passo ao largo sem dizer palavra.

— Espera! — grita-me, e oiço-o correr atrás de mim.

Não lhe ligo.

— Claro que somos amigos, Ember — diz-me.

Fico parada e cerro os lábios.

O Wren ultrapassa-me e para à minha frente. Magoa-me olhar para ele, portanto, fixo os olhos nas biqueira amarelecidas dos ténis dele.

Mas isso também não me faz sentir muito melhor.

Como é possível que, em tão pouco tempo, eu tenha investido tanto nesta amizade?

Como é possível que, agora, dependa tanto deste rapaz?

— Sei que a resposta chega muito tarde, mas... claro que somos amigos — repete o Wren, desta vez mais energicamente.

Agora não consigo evitá-lo, tenho de o olhar nos olhos.

— Pois olha que esta semana não foi o que me pareceu — respondo-lhe. — Eu tinha entendido que íamos falar da nossa amizade à Ruby e aos outros. E, depois, fico a saber pela minha irmã que vais organizar uma festa em que é evidente que minha presença não é desejada.

— Desculpa — diz-me. Passa a mão pelo cabelo e, precisamente nesse momento, dou-me conta do quanto sobressai aqui, com o seu uniforme de Maxton Hall. Alguns colegas olham para nós com curiosidade quando passam ao nosso lado, mas, neste momento, não quero preocupar-me com isso.

Abano a cabeça.

— Passaste uma semana inteira sem responder às minhas mensagens. E também não destes sinais de vida. Os amigos não se comportam assim.

— Eu sei, e lamento, a sério. — Procura as palavras certas durante uns segundos. — Mas nessa festa... estavam os meus amigos todos. Não podia convidar-te, Ember, só isso.

Quando oiço estas palavras, sinto-me como se ele me tivesse dado um soco na barriga e retrocedo um passo.

Estive a remodelar o quarto com ele e passei as noites à procura de bolsas na Internet para ele. Fui eu quem o ajudou a aceitar a situação em que está agora e fui eu quem estive ao lado dele quando precisou de desabafar com alguém a meio da noite. Passámos horas a conversar e a trocar mensagens. Pensava que éramos bons amigos.

Aparentemente, enganei-me.

Senti-me magoada por não ter notícias dele esta semana, mas isso não foi nada em comparação com a mágoa que as suas palavras acabam de me causar. Ao mesmo tempo, neste

momento percebo tudo claramente.

— Não passei anos ocupada a aprender a aceitar-me a mim mesma para agora permitir que alguém me provoque uma sensação tão desagradável — digo-lhe.

O Wren abana a cabeça e dá um passo para mim.

— Não foi essa a minha intenção. Não queria que tivesses uma má impressão de mim ou dos meus amigos. E em relação à tua mensagem... não sabia o que te responder. Nem se ainda querias saber de mim. Não pensei no que isso significaria para ti.

— Para mim, isto significa que só queres que nos encontremos às escondidas — respondo-lhe num fio de voz.

Estou quase à espera de que ele vá negar isto e reiterar quão importante sou para ele. Estou à espera de uma resposta. Passam dez segundos. Vinte. Mais de trinta, até que me sinto desconcertada e a situação torna-se verdadeiramente insuportável. Percebo que não vou ter uma resposta. Perturbada, olho para o rosto do Wren. Observo os seus olhos castanho-escuros, as pestanas pretas e encaracoladas, o pequeno sinal na bochecha direita.

Depois, afasto os olhos e pigarreio:

— Espero que a vida te corra bem, Wren. — Dou meia-volta e deixo-o plantado no passeio. Nesse instante, dou-me conta de que tenho as palmas das mãos a transpirar e de que a minha pulsação está descontrolada.

E também do muito que me dói o coração.

Lydia

— Que é que achas disto? — pergunta-me a Ophelia.

Mesmo no último segundo, consigo reprimir um gesto de repúdio quando vejo o casaco de malha que a minha tia me mostra no *iPad*. É de um rosa-pastilha-elástica brilhante e seria mais ou menos a última coisa com que eu vestiria os meus filhos.

— Acho que um pouco menos de rosa não seria mau — respondo-lhe diplomaticamente, e agora é a vez de a minha tia franzir o nariz.

— És igualzinha à tua mãe. Queixava-se sempre das cores quando se tratava da vossa roupa.

Nas últimas semanas, tenho estado mergulhada nos álbuns de fotografias da Ophelia e confirmei que a minha mãe tinha ótimo gosto no que respeitava à minha roupa e à do James. Normalmente, eram roupas de tons neutros, que combinavam perfeitamente sem terem de ser exatamente iguais. Quero que os meus bebés também tenham estilo.

— A mamã tinha olho — comento.

A Ophelia suspira e afasta o *iPad*. Depois, continua a pesquisar na loja *on-line* e a pôr no carrinho quase tudo o que há disponível nos tamanhos mais pequenos.

— Não sei como é que aguentas — diz-me, olhando para mim por cima da armação dos óculos de sol. — No teu lugar, morreria de curiosidade.

Recosto-me na espreguiçadeira e olho, de baixo, para o guarda-sol de riscas que está aberto por cima de nós no terraço.

— Eu também estou a morrer de curiosidade. Mas é mais tipo... uma espera alegre.

— Quando é que decidiste que querias que fosse uma surpresa? — pergunta-me a Ophelia.

Passo a mão pela barriga.

— Desde o início que esta gravidez foi uma surpresa. Quando a minha médica me

perguntou se queria saber o sexo dos bebés, achei que era boa ideia esperar. A surpresa é praticamente o tema central de toda a minha gravidez.

Desde que estou com a Ophelia que já não sinto que tenho de baixar a voz quando falo dos meus bebés. A minha tia ajudou-me a encarar a situação com naturalidade, a aceitar as coisas como acontecem e a tirar o melhor partido delas. É possível que a Ophelia não tenha consciência disso, mas agora, quando estou a um mês e meio da data prevista para o parto, acho que se não perdi a cabeça foi graças à proteção dela.

Portanto, perdoo-lhe que o seu gosto em roupa de bebé deixe muito a desejar, embora ainda estremeça ao lembrar-me do bibe verde-néon que ela me mostrou, emocionada, e que eu, pessoalmente, só vestiria aos bebés para afugentar insetos.

— Meu amor, o teu telemóvel está a tocar — diz-me a Ophelia, apontando para a pequena mesa de apoio que está entre as espreguiçadeiras.

Penho os óculos de sol no cima da cabeça, para conseguir ver melhor o ecrã. Quando vejo quem está a ligar-me, fico toda arrepiada.

No ecrã, aparece o nome do Cyril.

Pego no telemóvel e olho indecisa para a pequena imagem que aparece por cima do nome dele. A fotografia foi tirada na última festa de aniversário minha e do James. O Cyril tinha a mão em cima da minha cabeça e apertava-me contra si, e eu estava a sorrir para a câmara, radiante, como se fosse a melhor noite da minha vida.

Lembro-me do que o Cyril significou para mim e o conhecimento do que ele é capaz de fazer e do que realmente fez chocam entre si, e durante uns segundos sinto-me tão avassalada que não sei se devo atender a chamada ou atirar o telemóvel para o mais longe possível.

Depois de respirar fundo um par de vezes, opto por atender.

— Estou? — digo com a voz apagada.

— Lydia. — Parece espantado, como se não esperasse que eu fosse atender.

Espero.

— Como... — Pigarreia. — Como é que estás? — pergunta-me.

Fico tão perplexa que não sei o que lhe responder.

— Estás a falar a sério? — consigo dizer, incrédula.

Fica calado durante uns segundos. Depois, respira fundo e expira.

— Não sei como começar esta conversa.

— Nesse caso, porque é que me ligaste? — pergunto-lhe. Agora, toda a raiva que tenho sentido em relação ao Cyril explode em força.

Não aguento ficar sentada nem mais um segundo, portanto, levanto-me. Sinto o olhar da Ophelia pousado em mim, mas não me viro para ela. Em vez disso, dou uns passos pelo jardim e tento acalmar-me.

O aspersor do relvado está a funcionar e tenho de descrever um círculo para não me molhar.

— Queria pedir-te desculpa — diz-me o Cy.

— É muito tarde para isso — replico com amargura.

— Tens todo o direito do mundo a estar zangada comigo — apressa-se a dizer. — Eu compreenderia se nunca mais te dignasses a dirigir-me a palavra. Só quis telefonar para te pedir desculpa. Lamento... lamento imenso a forma como me comportei.

Sinto picadas nos olhos e contenho as lágrimas. A amizade do Cyril era muito importante para mim. Termos acabado por ir para a cama foi uma combinação do aturdimento provocado pelo álcool e de um desgosto de amor que precisava de esquecer. Foi fantástico, mas, ao mesmo

tempo, sem sentido e frívolo. Se tivesse percebido que o Cyril esperava mais de mim, nunca o teria feito.

— Sei que te magoei, Cy — digo-lhe com a voz trémula. — Mas arranjares um sarilho como o que arranjaste...

— Eu sei.

— Estiveste-te completamente nas tintas para quem arruinavas a vida com isso. A Ruby quase perdeu a vaga em Oxford. Já para não falar do James e do quanto se massacrrou por causa de tudo isto.

— Agi sem refletir — desculpa-se ele.

— O tanas! — expludo. Estou tão furiosa que sinto vontade de espezinhar as florzinhas que crescem no caminho ao meu lado. — Há dezoito anos que te conheço, Cyril. Não fazes nada sem pensar antes no assunto. Nesse aspeto, és igual ao James. Sabias perfeitamente o que estavas a fazer. Sabias perfeitamente as consequências que isso teria.

Por um momento, reina o silêncio. Depois, o Cy dá um gemido.

— Queria que tudo voltasse a ser como antes. Queria que tu e o James estivessem presentes na minha vida, e era-me indiferente quem tinha de pagar por isso, desde que voltássemos a estar juntos. Mas, agora, já não me é indiferente. Arrependo-me do que fiz do fundo do coração.

Nunca tinha ouvido o Cyril falar assim. Costuma transmitir a impressão de manter o controlo... sobre si mesmo, sobre os amigos e sobre toda a gente. Contudo, agora soa como se já não controlasse nada.

— Não sei se conseguirás perdoar-me. Não sei se eu próprio conseguirei perdoar a mim mesmo — continua. — Mas, caso ainda queiras que eu faça parte da tua vida, aqui me tens. Era isto... era isto que te queria dizer.

Nas palavras dele, ouço a aflição e o arrependimento, mas, acima de tudo, a franqueza. O que me disse foi sincero. Contudo, não tenho a certeza de que o Cyril tenha compreendido que eu já não sou a mesma de há meio ano. A minha vida deu uma volta de cento e oitenta graus, enquanto ele parece continuar agarrado ao passado.

Não sei como o fazer entender quão importante o Graham é para mim e o que a nossa relação significa. Nem sequer tenho a certeza de que o Cyril tenha direito a justificar-se, depois de ter abusado tanto da minha confiança. Mas há uma coisa que tenho de lhe dizer. Caso contrário, não sei como podemos seguir em frente.

— Gostava de te contar uma coisa, Cy — digo num murmúrio.

— O quê? — pergunta-me em voz baixa.

Respiro fundo.

— O meu pai não me expulsou de casa só por eu estar com o Graham. Também me expulsou porque estou grávida.

Oíço um arquejo. Ficamos em silêncio durante o que me parece uma eternidade. Caminho um pouco e concentro-me na sensação da relva quente debaixo dos meus pés.

— Não sei o que dizer — confessa por fim.

Eu também não. Não quero continuar a magoar o Cyril, mas acho que chegou a altura de esclarecer tudo de uma vez por todas.

— Lamento muito se isto te perturba — desculpo-me torpemente. — Mas tinha de ser sincera contigo.

— Que é que eu fiz? — pergunta o Cyril com um gemido.

— Mais cedo ou mais tarde, terias sabido — digo-lhe. — Isso não te exime do que fizeste, mas o meu pai ter-me-ia expulsado de casa de qualquer maneira.

Ficamos novamente em silêncio. Tenho a impressão de que passamos mais tempo calados do que a falar. Se calhar, isso não é assim tão mau. Do silêncio partilhado podem surgir muitas coisas.

Por um lado, assim posso perceber como o Cy tenta assimilar o que acabei de lhe confessar. E, por outro, posso recordar-me de tudo o que nos une desde há séculos, como os dias em que decidíamos baldar-nos às aulas e íamos fazer compras a Londres. Ou as noites que passávamos acordados, só a conversar, e nas quais eu achava que nunca voltaria a ter um amigo como ele.

Neste momento, há uma coisa que é clara para mim: não consigo imaginar o futuro sem o Cyril. Apesar de todo o mal que me fez, não quero perdê-lo.

— Consegues aceitar isso, Cy? — pergunto-lhe em voz baixa.

Pigarreja, como se fosse responder, mas não diz nada. Olho para as flores cor-de-rosa do caminho da Ophelia, que não passavam de botões quando aqui cheguei e que, agora, estão completamente abertas.

— Achas que vou ser um tio fixe para os teus filhos? — oiço-o dizer do outro lado da linha.

Um sorriso tímido aparece nos cantos dos meus lábios. Sinto que me liberto de um peso.

— Claro que sim, vais ser um tio fantástico.

Ruby

— Tenho uma coisa para ti — diz-me o James.

Levanto os olhos do livro e dirijo-os para ele. Está ao lado da cadeira de jardim onde estou comodamente sentada há mais de uma hora e olha para mim a sorrir. Tem um pequeno monte de papéis na mão.

— Parece muito misterioso. O que é? — pergunto-lhe, fechando o livro, não sem antes colocar um marcador.

O James dá a volta à mesa e senta-se numa cadeira ao meu lado. Tento deitar uma olhadela aos papéis, mas ele dobra-os imediatamente e encosta-os à barriga.

— Gostas de surpresas? — pergunta-me.

Não consigo evitar pensar no dia em que fomos jantar ao restaurante. Nessa noite também me fez uma surpresa e lembro-me dela como uma das mais bonitas que passámos juntos.

— Se vierem de ti, gosto. Acho eu... — acrescento, o que lhe faz surgir um sorriso de cumplicidade nos lábios.

— No fim de semana, quero raptar-te.

Endireito-me tão bruscamente que o livro quase cai ao chão. Seguro-o com ambas as mãos.

— Quando vamos?

Baixa a cabeça.

— Agora mesmo, se quiseres.

Não consigo conter o sorriso que se espalha pelo meu rosto.

— Aonde vamos?

— Essa é a surpresa — replica ele.

— James!

Desata a rir.

— Vamos dormir fora uma noite.

De repente, fico nervosíssima.

— E vamos já?

— Assim que estiveres pronta.

Levanto-me e, quando atravesso o jardim, sinto o olhar do James nas minhas costas, pelo que, antes de entrar em casa, viro-me para trás. Fico com o coração acelerado quando vejo a expressão do rosto dele.

Parece feliz.

Quando passo junto da cozinha, meto a cabeça pela porta. A minha mãe está junto da bancada, a cortar cebola, enquanto o meu pai deita umas gotas de óleo na frigideira.

— O James acabou de me convidar para fazer uma pequena excursão — anuncio, tentando em vão que a minha voz não denuncie quão emocionada estou.

A minha mãe vira-se para mim.

— Já sabemos. Antes de te dizer, perguntou-nos se concordávamos.

— Sabes aonde vamos?

Sorri.

— Talvez.

Abro a boca, mas, antes que consiga dizer uma palavra que seja, ela aponta para mim com a faca.

— Nem penses nisso. Não vou revelar-te uma única palavra. Nem meia.

— Não é justo. Descais-te sempre com o pai quando se trata de surpresas.

— Isso é porque os meus argumentos são irresistíveis e porque tenho o dom de tocar nos pontos certos — intervém o meu pai, deitando alguns pimentos picados para dentro da frigideira.

— Tens noção de que isso soa muito mal, não tens? — pergunto-lhe, fingindo estar de trombas.

Uma ruga pensativa desenha-se entre as sobrancelhas do meu pai.

— É verdade — diz. — Que divertido. — E depois faz de conta que nada aconteceu e mexe os pimentos com uma colher de pau.

Sinto o James entrar atrás de mim e acariciar-me as costas por um instante. É isto que acontece sempre que estamos na presença dos meus pais: uns gestos e carícias fugazes e dissimulados. Nunca acontece mais nada.

— Não vais dar-me, pelo menos, uma pista minúscula? — pergunto-lhe a sorrir.

O James inclina-se para a frente, até ficar com a boca por cima da minha orelha.

— Quero realizar um dos teus desejos, Ruby Bell.

Um formigueiro espalha-se pela minha barriga, estendendo-se ao resto do corpo.

— Nesse caso, mais vale ir fazer a mala — digo-lhe em voz baixa.

Ruby

Durante a primeira meia hora, não faço a mínima ideia de para onde nos dirigimos. Contudo, a dado momento passamos junto a uma placa que indica as cidades de maiores dimensões mais próximas e, nesse momento, faz-se luz na minha cabeça.

— Não! — exclamo.

— Não, o quê? — pergunta-me o James.

— Vamos... vamos para Oxford?

Na verdade, é uma pergunta supérflua. O sorriso dele já é resposta suficiente.

Como, subitamente, me sinto superemocionada, mas não sei o que fazer, dou-lhe um soco enérgico no ombro.

— É fantástico! Aonde é que vamos? — pergunto-lhe. — À universidade? A Santa Hilda? Na verdade, não há nenhuma atividade planeada, eu sigo o *feed* e também recebo a *newsletter*. Ou será que me escapou alguma coisa? Vão fazer algum evento em qualquer lado?

O James sorri.

— Tens de esperar um pouco para ficares a par do programa. — Depois, esfrega momentaneamente o braço esquerdo. — E olha que me magoaste.

— Não consegui evitar. Deixei-me levar pela euforia.

O James sorri e abana a cabeça.

Ao fim de mais uma hora de viagem, dou-me conta de que já não estamos a dirigir-nos diretamente para Oxford, mas o James responde à minha surpresa com um encolher de ombros. Passamos por uma rotunda e depois por mais duas e, a dado momento, o James vira para uma saída que não reconheço. Continua a circular por uma estrada, portanto, desisto e recuso-me a adivinhar para onde me leva.

Para o *campus* não é, disso tenho a certeza.

Continuamos a avançar pela estrada durante mais meia hora, depois o James mete-se por um caminho mais estreito e a seguir por outro ainda mais apertado. Se nos cruzarmos com um carro vindo de frente, vamos ter de nos meter no milharal que está à esquerda para o deixar passar. Levanto os olhos para o GPS que está desligado e pergunto a mim mesma se ele não se terá enganado no caminho e não quer reconhecer o erro. Contudo, quando olho para ele de soslaio, vejo que está com uma expressão descontraída.

O seu sorriso de satisfação não me passa despercebido.

— Diverte-te que eu esteja em pulgas — digo-lhe.

— Um pouco, talvez — admite, sem parar de sorrir. — Mas, se te serve de consolo, daqui a uns dez minutos já teremos chegado.

O caminho leva-nos a Brightwell-cum-Sotwell, uma pitoresca aldeia do Oxfordshire. Passamos por uma fila de casas com telhado de colmo que são a imagem perfeita de um postal, e junto de algumas quintas em cujos prados se veem burros e ovelhas, e passados uns minutos distingue-se ao longe uma pequena casa de campo. Tem uma galeria contígua cujas ombreiras

estão pintadas de verde-menta e um acesso flanqueado por muitas árvores pequenas e arbustos em plena floração. O conjunto é tão pitoresco e de sonho como o resto da aldeia.

— Vamos dormir numa casa de campo? — pergunto-lhe, sem afastar os olhos da paisagem lindíssima.

— Não exatamente — responde-me o James, estacionando o carro do lado esquerdo do comprido caminho de acesso. Tira o cinto de segurança e sai do carro. Faço o mesmo e dirigimo-nos para a pequena casa de campo onde, nesse momento, uma mulher loira de meia-idade sai pela porta e nos sorri com simpatia.

— Olá. Deves ser o James, eu sou a Martha — apresenta-se.

— Sim, falámos por *e-mail* — responde-lhe o James. — Esta é a minha namorada, a Ruby.

— Fico contente que tenha corrido tudo bem. — Levanta um conjunto de chaves ao qual estão atados uma fita entrançada e um pedaço de madeira talhada que serve de etiqueta. — A cabana fica atrás do jardim. Se quiserem, posso levar-vos lá imediatamente — oferece-se, apontando para um caminho que passa ao lado da casa de campo.

O James anui. Seguimo-la pelo jardim, onde crescem desordenadamente flores silvestres e arbustos, e, passados cerca de cinquenta metros, vemos uma cabana. É um pouco maior do que uma caravana, mas é toda de madeira, com um telheiro escuro e uma porta de correr que, neste momento, está aberta. De um dos lados, há uma pequena janela, diante da qual está pendurada uma cortina branca e translúcida. Uma escada leva ao interior e, em volta, plantaram umas flores que impregnam o ar com o seu perfume.

— É aqui — diz-nos a Martha. — Viste nas fotografias que tem uma cama de casal e vistas para os prados a oeste. Na casa de banho, têm sabonete, champô e todas essas coisas, e qualquer outra coisa de que possam precisar, estou à vossa disposição.

Ao meu lado, o James anui, mas não consigo afastar os olhos deste sítio. A emoção espalha-se desde a minha barriga até às pontas dos dedos.

— Servimos o pequeno-almoço na galeria ao lado de nossa casa — continua a Martha. — Há café, uma seleção de chás, leite fresco da quinta vizinha, compota caseira e ovos das nossas próprias galinhas. Além disso, faço pão todas as manhãs, o qual podem apreciar se se levantarem a tempo.

— Parece fantástico — digo-lhe.

Ela estende a chave ao James.

— Se tiverem mais alguma pergunta, estarei em casa até ao meio-dia. Depois, tenho de ir trabalhar, mas se for alguma coisa urgente, podem ligar-me para o telemóvel. Têm o meu número, certo?

O James anui.

— Sim, muito obrigado.

— Ótimo, até logo, então. — Cumprimenta-nos e vai-se embora pelo caminho pelo qual viemos.

Pego imediatamente na mão do James e puxo-o, para que suba comigo a pequena escada que leva à porta de entrada da cabana. É demasiado estreita para conseguirmos subi-la juntos, portanto, vou à frente e, com o coração a bater descompassadamente, meto a cabeça no interior.

A primeira coisa que vejo é uma cama de casal que se estende de um lado ao outro da parede, porque a cabana é superpequena. Logo em frente, no outro extremo da sala, há uma lareira preta diante da qual estão amontoados alguns pedaços de lenha. No centro, junto da parede, vejo um aparador com um fervedor de água e uma caixa com saquetas de chá de

de diferentes tipos. Por cima, penduradas nuns pequenos ganchos, há chávenas de chá e de café, e ao lado vê-se uma porta de madeira que, provavelmente, leva à casa de banho.

O James acaricia-me as costas da mão com o polegar e viro-me para ele. O seu olhar chega ao mais fundo do meu ser: é carinhoso e terno, mas, ao mesmo tempo, distingo nele um laivo de nervosismo e emoção. Como se duvidasse de qual iria ser a minha reação.

— Depois de tudo o que tiveste de sofrer durante as últimas semanas, achei que uma pausa longe de tudo te faria bem — murmura. — Eu...

Atiro-lhe os braços ao pescoço e, com este abraço efusivo, não deixo que continue a falar. Fecho os olhos e aperto-me contra ele enquanto tento deixar-me levar pelo momento, para que, sempre que passe por um período mau, o possa recordar e aferrar-me a ele.

— É a melhor surpresa da minha vida — digo para o pescoço do James. Depois, afasto-me um pouco para trás e olho-o nos olhos. — Obrigada.

Sorri e afasta-me o cabelo do rosto. Ponho-lhe a mão na nuca, puxo-o para mim e beijo-o.

O James solta um som abafado e depois também me rodeia com os braços. Aperta-me com força contra si e aprofunda o beijo. Gemo quando as nossas línguas se tocam e sinto as mãos do James, que não param de me acariciar as costas. Percorro o seu cabelo suave com os dedos e preparo-me para lhe morder o lábio inferior quando ele se afasta bruscamente de mim.

— Agora não — diz-me, num tom ofegante.

— Não? — pergunto-lhe, aturdida.

Abana negativamente a cabeça.

— Ainda temos outra coisa para fazer, Ruby.

Gostava tanto de ficar aqui... de me deixar cair nesta cama com o James, para, por fim, podermos desfrutar de estarmos sozinhos e esquecermos juntos o tempo. Mas também quero saber porque é que estamos aqui e que mais é que ele planeou para hoje.

— Se quiseres, podemos deixar as coisas aqui e continuar a nossa viagem.

Não preciso de pensar duas vezes.

— Ótimo.

Independentemente de qual seja o sítio para onde me vai levar, estou impaciente por ir.

Oxford fica a cerca de vinte quilómetros de Brightwell-cum-Sotwell. Durante a viagem, que demora um pouco mais do que o previsto por causa de um engarrafamento, ouvimos um programa de rádio totalmente absurdo, mas divertido. No exterior está tanto calor que abro a janela e ponho a mão de fora. Corto o ar com os dedos e absorvo a vista das casas e dos campos que passam ao largo a toda a velocidade.

Viajamos até ao norte de Oxford, por Leckford Road, e paramos num parque de estacionamento junto à praia. O James dá a volta ao carro e abre-me a porta. Depois de sair, olho em redor com curiosidade. Estamos numa zona residencial com casas de família, todas com varandas e telhados de duas águas, paredes com a pedra à vista e fachadas manchadas que o clima inglês foi erodindo durante décadas.

Eu e o James encaminhamo-nos para uma das entradas, onde um jovem que já está à nossa espera lhe estende a mão.

— Bom dia, senhor Beaufort — cumprimenta-o amavelmente, apertando também a minha mão. — Chamo-me Shaun Cornell, falámos ao telefone. — Diz a primeira parte da frase ao olhar para mim e a última dirigindo-se ao James. — Vamos?

Olho para um e para o outro, confusa, e estou prestes a perguntar ao James o que é que se

passa com esta casa quando os meus olhos se fixam numa pasta que o senhor Cornell segura debaixo do braço e que tem um logótipo impresso. É o mesmo logótipo da agência imobiliária que vi no cartaz colocado em frente da casa.

— James — murmuro quando entramos atrás do agente. — Que é que estamos a fazer aqui?

O James acaricia-me as costas da mão com o polegar.

— Estamos à procura de casa.

Fico estarecida. Quando vê a minha cara de susto, abana imediatamente a cabeça.

— Para mim — apressa-se a esclarecer. — Não posso viver convosco eternamente e preciso de um sítio para morar quando terminar os estudos.

— Pensava que não querias ir para Oxford — digo-lhe em voz baixa.

— Se começares a fazer-me um interrogatório, vais deitar por terra o meu plano. Porque é que não entramos primeiro e vemos que aspeto tem o apartamento? Vou explicar-te tudo quando estivermos um bocadinho mais tranquilos.

Sinto-me indecisa. As perguntas encham-me a cabeça e o que mais me apetece é fazer-lhas todas de uma só vez. Contudo, depois, o meu olhar detém-se no agente imobiliário que sobe a escada à nossa frente e exijo a mim mesma ser um pouco mais paciente. O James deve ter pensado nalguma coisa e não quero destruir-lhe os planos.

— Está bem — acabo por dizer.

O James aperta-me a mão.

Quando chegamos ao cimo da escada, o senhor Cornell abre a porta com um grande molho de chaves e afasta-se para o lado para nos deixar entrar.

— O piso que está à venda é um apartamento com dois quartos situado num edifício antigo — começa a explicar. — Dado ser uma propriedade histórica aumenta o seu valor e conta com uma disposição excelente, um grande jardim comunitário e um lugar de estacionamento para um carro. Por favor, deem uma vista de olhos. — Faz um gesto com a mão, abarcando o corredor e o resto da casa. — Ficarei à vossa espera no exterior e voltarei quando estiverem prontos, para o caso de quererem fazer-me mais perguntas.

O James anui.

— Obrigado, Shaun.

O agente sorri cortesmente e sai do apartamento. Oiço o som dos passos dele a desaparecer pela escada e depois reina o silêncio.

Olho lentamente em volta. É um apartamento em bom estado, apesar de o soalho de parquet ranger sempre que mudamos de sítio.

— Damos uma vista de olhos? — pergunta-me o James, apontando com o queixo para a primeira divisão, que sai do corredor do lado direito.

Passo diante dele e entro numa pequena sala de estar retangular, pintada num tom de terracota e com adornos de estuque no teto alto. Vejo uma lareira e uma pequena varanda fechada, através da qual o sol do meio-dia entra na divisão. Há uma mesa de jantar que já mostra alguns sinais de ter sido utilizada e as cadeiras que a rodeiam não parecem especialmente estáveis, mas isso não interfere com o facto de me sentir confortável neste sítio. Como se estivesse em casa, e não num sítio assético que ainda tem de se encher de vida.

— Continuamos? — murmura o James.

— Sim — respondo-lhe, saindo com ele da sala de estar para o corredor. A seguir, vem a cozinha, que, embora seja um pouco estreita, ganha pontos por causa das bancadas de granito

de grande qualidade (e que o meu pai mataria para ter) e porque, além disso, está totalmente equipada, com frigorífico, fogão a gás e forno, se bem que, quando olho para este último com um pouco mais de atenção, vejo que precisa urgentemente de uma limpeza.

Não preciso de que o James volte a perguntar-me se continuamos. Desta vez, sou eu quem lhe puxa suavemente a mão para que me acompanhe.

Contrariamente à sala de estar, o quarto é quadrado e tem paredes cinzento-claras. Só tem a estrutura de madeira de uma cama e um pequeno armário encastrado que é mais ou menos do mesmo tamanho do do meu quarto. No meio do teto está pendurado um grande candeeiro com um *abat-jour* branco.

Passamos à casa de banho. Não é especialmente grande, mas as juntas dos azulejos estão limpas e não vejo manchas nas paredes.

Falta a última divisão. É mais ou menos tão grande quanto o quarto principal e parece ter sido utilizada como escritório pelo inquilino anterior. Junto da parede há uma velha secretária com um cadeirão de escritório preto. Por cima da secretária, está pendurado um quadro branco no qual estão garatujadas umas notas que não consigo decifrar.

O mais bonito é que, daqui, vê-se o jardim. Quando me aproximo da janela, uma das vizinhas está a brincar com o seu *beagle* enquanto no terreno ao lado um homem pendura roupa num estendal. Fico a observar os dois durante um bocado, até que dou meia-volta, apoio-me no parapeito da janela e olho para o James, que está mesmo atrás de mim.

— O apartamento é bonito, apesar de precisar de alguns retoques.

Por sua vez, o James olha para mim. Levanta a mão e afasta-me do rosto uma madeixa que se soltou do rabo de cavalo, pondo-ma suavemente atrás da orelha.

— A mim também me parece fantástico.

Espero, para ver se ele diz mais alguma coisa, mas, neste momento, parece demasiado fascinado com o pavilhão da minha orelha, que percorre pausadamente com o dedo, fazendo-me pele de galinha.

— Queres dizer-me agora porque é que estamos aqui? — pergunto-lhe.

Anui, mas demora um momento a começar a falar.

— Nunca conversámos sobre o que nos vai acontecer — responde-me por fim. — Estou a falar de quando tivermos terminado os estudos.

Reflico. Nem sequer permiti a mim mesma pensar neste tipo de conversa. Não depois de tudo aquilo por que passámos. Não queria ter de enfrentar um novo desafio, logo depois de ter ultrapassado outro.

— Quero comprar esta casa, Ruby — diz-me o James sem preâmbulos.

O meu coração acelera e sinto os batimentos ecoar nos ouvidos.

— O quê?

Nos olhos do James, há uma determinação que me inquieta, mas que, ao mesmo tempo, me faz sentir protegida. Leva a mão ao bolso traseiro das calças e pega numa carteira de pele. Abre-a e tira uma folha dobrada de um dos compartimentos. Os cantos do papel estão acastanhados e parecem ter ido absorvendo a cor da carteira. Quando o James desdobra a folha, reconheço-a imediatamente.

É a lista do James. A que escrevemos em Oxford naquela noite em que conversámos e nos abrimos um com o outro. Naquela noite em que fomos íntimos como nunca tínhamos sido.

Por esta altura, o papel está muito gasto, como se tivesse sido desdobrado e voltado a dobrar em incontáveis ocasiões.

— Ainda te lembras disto? — pergunta-me o James.

— Claro — respondo-lhe.

— Foste a primeira pessoa que me fez sentir que há sonhos pelos quais vale a pena lutar.

— James... — murmuro.

Ele espera que eu diga mais alguma coisa, mas só sou capaz de ficar a olhar para o papel que tem na mão.

— Quero fazer isto. Estou a falar de fazer realmente isto. — Passados uns segundos, continua: — Quero ver o que o mundo tem para mim. E sei que o teu caminho já está decidido e que o meu ainda não, mas passei este tempo todo a pensar em como, apesar disso, poderíamos continuar juntos depois de terminarmos os estudos. Como podemos tornar os nossos sonhos realidade, juntos, sem nos perdermos um ao outro. — Vejo-lhe a maçã de Adão subir e descer.

Tenho o coração a bater cada vez mais depressa e estou a apertar-lhe a mão com tanta força que tenho a certeza de que estou a magoá-lo, apesar de ele não se manifestar.

— Posso mostrar-te uma coisa? — pergunta-me.

Faço um gesto afirmativo, totalmente paralisada e, ao mesmo tempo, fascinada com as palavras dele. O James aproxima-se da secretária e senta-se. Levanta a pasta e tira o *MacBook* para fora. Abre-o, insere a palavra-chave e clica no navegador.

Penho-me atrás dele e apoio as mãos nas costas da cadeira. O James escreve qualquer coisa na barra de endereços, mas fá-lo tão depressa que não consigo ler. Três segundos mais tarde, abre-se uma página. É um blogue cujo nome está escrito em cima com uma caligrafia nítida: *Beyond Beaufort*.

O *design* é simples e fácil de visualizar. As únicas cores são uns tons ténues de cinzento e azul. Na metade superior da página de início vão alternando imagens de paisagens e fragmentos de texto.

Deslizo os olhos pela página e fico sem respiração.

Num quadrado com o título «Sobre o James Beaufort» há uma fotografia do James que nunca tinha visto. Usa uma *T-shirt* preta simples e, embora a fotografia seja a preto-e-branco, reconheço imediatamente que foi tirada no nosso jardim. Se, no fundo, não se visse a macieira, mais tarde ou mais cedo a proveniência teria sido revelada pelo *copyright* que aparece em letras pequenas no canto inferior direito: © Ember Bell.

Perplexa, olho primeiro para o ecrã do portátil e depois novamente para o James, que respira fundo.

— Gostava de ver como é que isto corre, Ruby. Quero tornar realidade a lista que fizemos juntos, ponto por ponto. Quero descobrir qual é a minha paixão e quero demorar o tempo que for preciso a desenvolvê-la. Quero viajar e ver o mundo — diz. As palavras saem-lhe dos lábios precipitadamente. Vira-se na cadeira e levanta os olhos para mim. — Mas, acima de tudo, quero-te a ti.

Deixou-me sem fala. Tento organizar os meus pensamentos caóticos, mas as palavras do James apanharam-me completamente de surpresa. Tento responder-lhe várias vezes, mas acabo sempre por desistir porque não sei como expressar o que sinto.

No fim, a única coisa que consigo fazer é soltar uma gargalhada entrecortada.

— Pode saber-se quando é que aprendeste a mexer no WordPress?

O James pestaneja, confuso, e esboça um sorriso.

— A Ember deu-me aulas.

Olho para a página de início, abanando a cabeça. Inclino-me para a frente e leio-a de cima a

baixo. Ainda não tem muita coisa, apenas algum texto explicativo e exemplos de formatos de diferentes crônicas de viagens, mas já consigo imaginar como o James vai encher este blogue com as suas vivências. Só de pensar no que deve significar para ele dar este passo, sinto-me emocionada.

Sem hesitar mais, dou a volta à cadeira e sento-me ao colo dele. Passo-lhe os braços em volta do pescoço, fecho os olhos e abraço-o com força.

Não posso evitar recordar-me do rapaz que conheci em setembro, tão introvertido e a quem os deveres familiares tinham abafado quase por completo. Esse rapaz nunca teria considerado a possibilidade de construir o seu próprio futuro.

— É uma ideia fabulosa — murmuro junto ao pescoço dele.

O James rodeia-me com os braços e abraça-me com força.

— Fico contente por pensares isso. Juro que estava com medo deste dia. Eu... — Interrompe-se. — Tenho de agradecer tudo isto a ti e só a ti, Ruby. Foste tu quem me incentivou a ouvir a minha própria voz e a refletir sobre o que queria realmente fazer depois dos estudos. Ficar-te-ei eternamente grato por isso.

Inclino-me um pouco para trás, para o olhar nos olhos. Acaricio-lhe a nuca com a mão e avanço até ao queixo, sorrindo, apesar de, subitamente, ter os olhos marejados de lágrimas.

— Mas teres um apartamento não te vai prejudicar? — pergunto-lhe, angustiada. — Porque... se queres viajar?

Abana lentamente a cabeça. Ensimesmado, percorre-me a coxa com a mão, para cima e para baixo... um toque que me tranquiliza e, ao mesmo tempo, me agita em igual medida.

— A minha mãe sempre disse que os bens imóveis são um investimento razoável — responde-me. — Quando tiver vendido as minhas ações da Beaufort, vou ter de investir parte do dinheiro que não gastar nas minhas viagens. Além disso, não tenciono estar fora o ano inteiro e, quando ficar em Inglaterra, vou querer estar ao teu lado. Uma vez que vais para Oxford, não consigo imaginar um sítio melhor do que este.

— Não deves fazê-lo por mim, James — murmuro num tom abafado.

— Não quero que nos distanciemos. Isto é um lembrete, Ruby. Para mim, a nossa relação é muito séria e quero continuar contigo depois de acabar os exames.

Subitamente, o pequeno escritório parece-me muito maior. Todo o mundo parece dilatar-se enquanto o James me olha nos olhos e me murmura estas palavras tão carregadas de significado.

— Eu também quero continuar contigo — respondo-lhe num fio de voz.

Ato contínuo, o James inclina-se para mim e vou ao seu encontro. Cola a boca à minha, tão emocionado pelo momento quanto eu. O nosso beijo é tão intenso que já nem sei onde estou. Tudo o que consigo fazer é agarrar-me com força ao James.

Não faço a mínima ideia de quando foi a última vez que nos beijámos assim.

Deslizo as mãos pela nuca do James, até ao colarinho da *T-shirt*, e acaricio-lhe a pele por baixo. Está quente ao tato, e também sinto imenso calor nesse instante. O James passa as mãos pelo meu corpo, até chegar à cintura. Acaricia-me a curva das costelas, antes de pousar as mãos abertas nas minhas costas, para me apertar ainda mais contra si. Gemo quando me beija ainda com mais intensidade e me mordisca suavemente os lábios.

— Senhor Beaufort? — soa de repente a voz do agente imobiliário.

Afasto-me do James tão bruscamente que tropeço e a cadeira do escritório cai ao chão. O James segura-me e levantamo-nos ao mesmo tempo. Põe uma mão nas minhas costas e fecha o

portátil com a outra.

— Estamos no escritório, Shaun — responde, depois de compor a *T-shirt*.

Passados uns segundos, o vendedor aparece na ombreira da porta. Olha alternadamente para mim e para o James. Não me escapa o ligeiro sorriso que tem ao canto dos lábios quando nos pergunta:

— Querem ver o jardim?

James

De volta a Brightwell-cum-Sotwell, a Ruby e eu comemos um pequeno-almoço ajantarado e pergunto-me por que diabos nunca fiz isto. Juntar o pequeno-almoço ao jantar parece-me a melhor ideia de todos os tempos.

Depois, decidimos aproveitar o bom tempo para nos sentarmos no jardim. A Martha disse-nos que, atrás da cabana, a poucos metros, há umas quantas cadeiras das quais se tem uma vista panorâmica da paisagem. Enquanto a Ruby vai andando para lá, pego em duas mantas de lã para nos taparmos. Faço uma *playlist* de canções tranquilas dos Death Cab for Cutie, dos Iron & Wine, do Keaton Henson e dos Vancouver Sleep Clinic e ficamos a ver o céu mudar de cor.

— Já sabes para que país queres viajar primeiro? — pergunto-me a Ruby a dado momento.

— Para a Tailândia — respondo-lhe tão depressa que quase sinto vergonha. — É o que também está na lista. Independentemente da quantidade de crónicas de viagens que leia sobre outros destinos, no fim acabo sempre por me inclinar para aí. Até já fiz uma rota na qual marquei todos os sítios escondidos que encontrei na Internet até agora.

Assim que penso em sentar-me num avião e, por fim, ir ver todas as coisas que agora apenas conheço através das revistas e dos artigos dos blogues, o meu corpo liberta uma energia que me parece totalmente nova. Sinto-me como se isso despertasse dentro de mim qualquer coisa que não consigo conter e, apesar de agora serem apenas projetos difusos, é emocionante e melhor do que tudo o que tinha sentido antes quando pensava no meu futuro.

— Quero ajudar-te — diz-me a Ruby. — Tenho jeito para organizar. Podemos reservar juntos os teus voos e alojamentos, e posso fazer uma lista de tarefas para preparares a viagem, que depois podemos estudar ponto por ponto.

Olho para ela com uma expressão agradecida. Enquanto a música suave do Keaton Henson soa em pano de fundo nas colunas, a Ruby contempla o pôr do sol. Acho que nunca esquecerei esta imagem: o rubor das suas maçãs do rosto, as madeixas do cabelo. Às vezes, a beleza dela transtorna-me.

— Tudo isto te parece bem, Ruby? A sério? — pergunto-lhe em voz baixa.

A Ruby dobra os joelhos e abraça-os. Depois, apoia a cabeça neles e olha para mim de lado. Vejo uma certa nostalgia nos olhos dela, mas também uma chispa de alegria.

— De certeza que vai ser difícil — começa a dizer calmamente. — Mas, ao mesmo tempo, parece-me fantástico que queiras fazê-lo. Seja como for, vou apoiar-te, tal como tu me apoias a mim.

Anuo e dou-me conta de que, inconscientemente, estive a conter a respiração. Expiro lentamente.

Não posso prever se o meu blogue vai ou não atrair leitores. É possível que, passados uns meses, regresse de mãos vazias e tenha de reconhecer que a minha tentativa fracassou. Contudo, se correr bem... o que farei depois? Será que poderemos estar tanto tempo afastados um do outro sem que, automaticamente, nos comecemos a distanciar?

Dentro de poucos meses, terei a resposta a estas perguntas. A única coisa que posso fazer agora é esticar a mão para acariciar o rosto da Ruby, inclinar-me para ela e colar os meus lábios aos seus.

É um beijo suave. Cheio de incerteza e, ao mesmo tempo, maravilhoso.

— Para que não me interpretes mal: tenho a certeza de que, no aeroporto, vou chorar como uma madalena — diz a Ruby quando nos separamos.

— Nesse caso, vamos ser esse tipo de casal patético que dá espetáculo no meio do aeroporto?

Ri-se baixinho, mas faz uma expressão triste. Apoio a minha testa na dela e fecho os olhos.

— Podias vir comigo — digo-lhe. — Estou a falar das primeiras semanas de verão.

A Ruby não diz nada e torno a abrir os olhos.

— Esta aventura tem de ser só tua, James — murmura.

— Não consigo imaginar nada mais bonito do que passar o verão contigo — declaro. Na verdade, queria propor-lhe isto mais tarde. A excursão a este sítio, o apartamento, o blogue... não quero forçar as coisas com a Ruby. Contudo, neste momento, não consigo evitá-lo. Quero simplesmente que ela compreenda o muito que isto significa para mim. — Só se te apetecer, claro — acrescento, apesar de tudo. — Se já tiveres planeado o teu tempo para te preparares para Oxford, eu entendo, evidentemente.

A Ruby sorri enquanto me ouve.

— A sério que posso ir contigo à Tailândia?

Anuo.

— Podemos fazer um périplo. Ou ficar sempre no mesmo sítio, como quiseses.

— Parece demasiado bonito para ser verdade — murmura, aninhando-se contra mim. — Eu até iria contigo a um desses mercados de rua, provar a comida que lá fazem.

— E temos de ir ao parque nacional de Khao Sok. Oh, e depois ficarmos num *bungalow* em Khao Lak.

— Dir-se-ia que temos um plano.

A Ruby vira-se para mim e dá-me um beijo suave no rosto. E depois outro. Traça um percurso desde o meu maxilar até abaixo e solto um suspiro quando sinto a sua língua no meu pescoço. Pouco depois, começa a subir, sempre a dar-me beijos, e para a um palmo do meu rosto. O verde dos olhos dela nunca me pareceu tão claro.

— Amo-te, James — murmura.

O meu coração dá um salto. Inclino-me e acaricio-lhe os lábios com os meus, sentindo-a ficar sem respiração.

— E eu a ti, Ruby Bell.

Quando torno a beijá-la, os meus projetos de futuro vão-se desvanecendo à medida que nos aproximamos um do outro.

Pego-lhe no rosto com as mãos e puxo-a cada vez mais para mim. Vejo de soslaio que a manta lhe resvala dos ombros e cai ao chão. Ato contínuo, levanta-se da cadeira e senta-se ao meu colo, como fez antes no apartamento.

Desta vez, não quero correr o risco de que alguém nos interrompa, portanto, sem pensar duas vezes, pego na Ruby ao colo e levanto-me com ela nos braços. Continuamos a beijar-nos enquanto voltamos para a cabana. Quando chegamos à escada, afasto pela primeira vez a minha boca da dela e olho para os degraus para não tropeçar. Depois de entrarmos, baixo a Ruby a pouco e pouco, até ela ficar com os pés no chão. Depois, fecho a porta e encosto-me a ela.

— Tens frio? — pergunto-lhe em voz baixa. — Queres que acenda a lareira?

A Ruby continua a olhar para mim com os seus olhos de um verde profundo e abana lentamente a cabeça. Dá um passo para mim e depois outro. Põe as mãos na minha barriga e desliza-as para o meu peito, fazendo-me respirar fundo.

— Tinha saudades disto — murmura, batucando brevemente com os dedos nos meus peitorais. — De estar tão próxima de ti.

— Eu também — murmuro.

Embora tenha passado quase meio ano desde a última vez que estivemos juntos assim, houve noites e dias em que não conseguia pensar noutra coisa. Queria fazer precisamente isto. Afastar-lhe o cabelo do rosto, pôr-lhe a mão no queixo e beijá-la o mais profundamente possível.

Mas nunca surgia o momento certo. Até agora.

Não há nada que nos possa deter e, em cada uma das minhas carícias, há uma determinação que a Ruby me devolve em igual medida. O que sinto por ela far-me-ia ter medo, se não me sentisse tão incrivelmente feliz com ela ao meu lado, na minha vida, nos meus braços.

As mãos da Ruby percorrem-me o corpo todo enquanto as minhas deslizam por baixo da camisola dela. Acaricio-lhe suavemente a pele quente e a Ruby faz o mesmo. Avança aos apalpões por baixo da minha *T-shirt*, passa as pontas dos dedos pela minha barriga e desliza para as ancas, para depois tornar a subir. Fico todo com pele de galinha e o sangue corre-me pelo corpo com energia. Oiço um zumbido nos ouvidos e, ao mesmo tempo, sinto a respiração suave da Ruby, que vai acelerando sempre que a acaricio.

Com mãos trémulas, puxo a camisola da Ruby para cima. Depois de me despir lentamente a *T-shirt* pela cabeça, envolve-me com os braços e pressiona os lábios contra o meu peito. O tecido do sutiã cor de carne roça-me ligeiramente na pele e essa sensação aumenta o volume das minhas calças.

— Cheiras a James — murmura a Ruby enquanto acaricia a minha clavícula com a boca.

Dou uma gargalhada abafada.

— Espero que cheire bem.

Anui, fazendo com que o cabelo me faça cócegas no queixo.

— Muito bem, até.

Acaricio-lhe as costas, percorrendo-lhe o corpo com as mãos, desde os ombros até baixo e ao longo da coluna. Ponho-lhe uma mão na pequena reentrância do cóccix e aperto-a contra mim, o que a faz soltar um leve gemido. Logo a seguir, torna a levantar os olhos para mim. O seu olhar arde no meu. Levanto a mão, passo-lha pelo cabelo e depois torno a beijá-la. Esfrego os lábios nos dela, enfio-lhe a língua na boca, desfruto do suspiro que emite e abandono-me por completo. O meu corpo assume o comando. Com toda a naturalidade, levo a Ruby para a cama. Quando toca na estrutura com a parte de trás dos joelhos, paro.

— Está tudo bem? — murmuro, afastando-lhe o cabelo do rosto.

A Ruby anui. Os olhos dela têm um brilho febril.

— Sim.

Torno a inclinar-me sobre ela e percorro-lhe o rosto lentamente com a boca até aos cantos dos lábios, descendo pelo queixo até ao pescoço. Beijo-a na garganta e sinto as suas mãos a subir-me pelas costas. Agarra-se aos meus ombros e segura-se a eles com firmeza, ao mesmo tempo que eu lhe preno a pele entre os dentes e a sugo. Oiço-a gemer e sinto-a apertar-se mais contra o meu corpo.

— Gosto disto — murmurava.

Tomo o meu tempo. Depois do pescoço, dedico-me aos seus ombros e às suas clavículas. Exploro-lhe o peito com os lábios e envolvo-lhe os seios com as mãos. Apalpo-lhos suavemente, antes de descer pelas costelas e lhe cobrir a barriga de beijos. Cuidadosamente, ponho-lhe as mãos nas calças e levanto os olhos.

— Achas bem? — pergunto-lhe.

Os olhos da Ruby resplandecem quando me responde afirmativamente.

Continuo, desabotoando-lhe as calças de ganga, para depois abrir a braguilha e as puxar pelas ancas. A Ruby usa umas cuecas pretas e, quando as vejo, sinto o coração acelerar. Depois de a ajudar a despir as calças, torno a endireitar-me. Ela leva imediatamente as mãos ao meu cinto, pondo-se em bicos dos pés e beijando-me, cada vez com mais paixão, e desaperta-mo. Depois de duas tentativas, consegue, e as minhas calças deslizam para o chão.

A Ruby deixa-se cair para trás por cima da colcha suave e sigo-a sem interromper o nosso beijo. Na verdade, ainda lhe queria dizer muito mais coisas, mas todas as palavras que tenho na mente são abafadas pelo desejo que se apodera do meu corpo neste momento. A Ruby rodeia-me as ancas com uma perna e aperta-me ainda mais contra si.

Tenho dificuldade em lembrar-me de porque é que queria avançar tão lentamente. As minhas mãos vagueiam pelo corpo dela como se tivessem vontade própria. Toco-lhe em todo o lado, quero senti-la, explorá-la. Aperto-me contra ela, mesmo entre as suas pernas, e o som que emite quase me faz perder a razão. Toca-me com mãos febris e morde-me o lábio quando repito o movimento.

Seguro-a por baixo dos ombros e puxo-a um pouco mais para cima, até ficar meio sentada. Continuo a beijá-la enquanto a rodeio com os braços e aproximo as mãos do fecho do sutiã. Agora, tenho os dedos a tremer tanto que preciso de três tentativas para abrir o pequeno fecho. A Ruby lança-me um sorriso e deixa que as alças lhe deslizem pelos braços, antes de tirar o sutiã.

Fico a olhar para ela durante um segundo. A visão da sua pele nua, o cabelo despenteado e a expressão viva dos seus olhos atingem-me com força.

Movemo-nos ao mesmo tempo. A Ruby torna a deixar-se cair para trás e deito-me por cima dela, beijando-a e apoiando os braços ao lado dela, em cima do colchão. A língua dela brinca lentamente com a minha e as suas mãos deslizam por baixo dos meus *boxers*.

A Ruby hesita e murmura qualquer coisa contra os meus lábios. Afasto-me um pouco dela e olho-a nos olhos.

— Achas bem? — pergunta-me com um sorriso, repetindo a pergunta que lhe fiz.

Dou uma gargalhada abafada e anuo.

A Ruby começa a deslizar hesitantemente os *boxers* pelas minhas nádegas abaixo. Ajudo-a um pouco e depois dispo-lhe as cuecas. A seguir, estico-me um pouco para pegar nas calças que estão no chão e tirar um preservativo da carteira. A Ruby observa-me enquanto me ponho em cima da cama ao seu lado e depois volto a deitar-me em cima dela.

O meu coração palpita ainda mais depressa do que é habitual quando vejo o seu olhar alentador. Passa-me os braços em volta do pescoço e a sua boca torna a colar-se à minha. Podia continuar assim eternamente, nu com ela, estendido nesta cama, a beijá-la até que todos os pensamentos relativos ao passado e ao futuro desaparecessem e ficássemos só nós os dois. Por minha vontade, este instante podia durar toda a vida.

A Ruby continua a acariciar-me as costas e desce até às minhas nádegas. Arqueia as costas e

suspira suavemente quando o meu membro faz pressão contra ela. A pouco e pouco, começo a perder o controlo. O nosso movimento seguinte é mais febril do que o anterior, quase selvagem, e, então, sinto que a Ruby me crava as unhas nas costas. Agora sou eu que não consigo reprimir um gemido. Sustenho a respiração e afasto-me um pouco para pôr o preservativo.

Depois, deito-me de lado para lhe ver o rosto. Tem os olhos turvos de desejo, mas a expressão não deixa espaço para dúvidas sobre o que quer.

E, a partir daí, já não perguntamos mais nada um ao outro. Movemo-nos a compasso. Apinho-me novamente em cima dela e a Ruby entrelaça as pernas à minha volta, para me apertar contra o seu corpo. Penetro-a com toda a naturalidade. É uma sensação tão impressionante que tenho de fechar os olhos momentaneamente para não perder a cabeça.

Quando torno a abri-los, vejo que a Ruby também fechou os dela. Apoio-me nos cotovelos e acaricio-lhe as têmporas com os dedos, descendo para as maçãs do rosto. Ela torna a abrir os olhos. E depois começo a mover-me lentamente. Afasto-me e torno a penetrá-la com cuidado, sem nunca tirar os olhos do seu rosto lindíssimo. A Ruby move-se comigo, passando-me a mão pelo cabelo e agarrando-se a mim.

Nunca na vida senti o que sinto neste instante. O que estamos a fazer tem que ver com uma confiança incondicional. Entrego-me à Ruby e ela entrega-se a mim.

Enquanto, antes, tinha relações sexuais só para me vir, agora isto é muito mais. Com a Ruby, não há um objetivo definido. Só existimos eu, ela e as emoções que me invadem da cabeça aos pés.

Não preciso de lhe dizer o quanto a amo. Demonstro-lho com o meu corpo, com cada beijo doce e profundo, com cada investida das minhas ancas, com a maneira como a seguro quando o meu corpo treme debaixo do meu e também me abandono totalmente.

Ruby

O tempo que passei com o James em Brightwell-cum-Sotwell acompanha os meus pensamentos em cada um dos dias da semana seguinte. E também da outra. E da outra.

Não consigo esquecer o que essa intimidade com o James significou para mim, o que significou sentir as suas mãos no meu corpo, a sua respiração nos meus ouvidos. Naquela noite, só existíamos nós os dois, mais nada, e surpreendo-me nos momentos mais inauditos a recordar-me desses instantes e a desejar poder voltar atrás no tempo, precisamente até essa altura.

Quando estou a tomar o pequeno-almoço com a minha família, não consigo evitar pensar na manhã do dia seguinte, no pão acabado de fazer e no sorriso cúmplice do James quando me passou a compota.

Quando tento concentrar-me nas disciplinas dos exames finais, penso no apartamento que o James me mostrou e em termos estado deitados juntos na cama, a imaginar como vamos decorá-lo quando ele vender as ações da Beaufort.

E à noite, quando tento dormir, não consigo deixar de me lembrar da voz dele, da maneira como me murmura ao ouvido, apaixonado e ofegante, o quanto me ama e que nunca foi tão feliz na vida.

— Desce à terra, Ruby — diz-me a Lin.

Viro a cabeça para ela quando me apanha no meio dos meus devaneios.

— O quê? Desculpa. Estava a pensar.

A Lin olha para mim de soslaio.

— Já percebi. Está tudo bem?

Sinto o rubor espalhar-se-me pelas maçãs do rosto e apresso-me a abanar a cabeça afirmativamente.

— Sim. Que é que disseste?

— Só disse que parece que as costuras da tua mala vão rebentar de um momento para o outro. — A Lin aponta para a mala *James*, que baloiça ao lado do meu corpo. É o primeiro dia em que volto a trazê-la para o colégio e enchi-a tanto que fiquei preocupada com a possibilidade de a alça se rasgar.

Puxo-a melhor para o ombro.

— Eu sei, mas esta manhã o James disse-me que vai aguentar, portanto, espero que não aconteça nada.

— Se o James o diz, deve ser verdade. — A Lin abre a porta da biblioteca e deixa-me entrar primeiro.

— Tu também tens a sensação de que estás prestes a perder o juízo por causa do stresse? — pergunto-lhe, enquanto passamos ao largo das estantes e nos dirigimos para a sala de grupos.

Quando penso nos exames finais, que estão ao virar da esquina, e em tudo o que ainda temos de planear com a comissão de eventos para os dois últimos eventos do ano, sou invadida

por um pãoco tal que nem os meus vídeos preferidos de ASMR me conseguem acalmar. E a pressão aumenta à medida que nos aproximamos do final do terceiro trimestre.

— Eu já perdi o juízo há muito tempo — responde-me a Lin. — E também não faço ideia de quando vou ter tempo para me dedicar aos trabalhos manuais para fazer a prenda da Lydia antes de sábado.

— Já te disse que podemos oferecer-lhe uma prenda juntas.

Abana negativamente a cabeça.

— Não, não me parece apropriado. Tu és praticamente cunhada dela, e eu e a Lydia não temos um vínculo tão forte. Mas obrigada por te ofereceres.

Dou um suspiro profundo.

— Se puder ajudar-te de alguma maneira, diz-me.

A Lin limita-se a dar uma gargalhada.

— Acabaste de dizer que tens a cabeça prestes a rebentar e agora ofereces-me ajuda. Típico da Ruby.

— Típico da Ruby? — Arqueio as sobrancelhas.

— Enfim, tu sabes: aceitar demasiadas coisas e depois queixar-se — responde-me a Lin com um sorriso.

Deito-lhe a língua de fora.

— Mas vamos planear os presentes juntas, certo? — pergunto-lhe.

A Lin anui.

— No fim, vamos fazer tudo com as tigelas de papa, com as cartolinas ou com as duas coisas?

— Com as duas coisas, não achas? Assim podemos alternar. A minha mãe tem material de sobra em casa, portanto, não teremos de fazer compras extras.

— Já recebeste as fotografias da tia da Lydia? Ela disse-te qual vai ser o tema central? Há algum tema? — pergunta-me a Lin.

Abano a cabeça.

— É melhor não perguntares. Segundo a Lydia, a Ophelia endoideceu. Compra tudo o que lhe cai nas mãos. O mais importante é que seja de muitas cores. A Lydia acha que vai ser esse o tema.

— Multicolorido? — pergunta-me a Lin, olhando para mim de soslaio, com uma expressão incrédula. — Isso não é um tema.

— Eu sei — admito. — Mas, para a Ophelia, parece que é.

— Está bem, então, temos... — A Lin para de falar e estaca.

Olho para ela com estranheza e depois dirijo os olhos para o sítio para onde ela está a olhar.

Fico gelada.

Diante da sala de grupos da comissão de eventos, vejo o Cyril.

Não está com ar de ter aterrado no colégio vindo diretamente de uma festa selvagem, como aconteceu nas últimas semanas. O uniforme está engomado, a gravata está direita e está bem penteado. Os círculos escuros que tem debaixo dos olhos já não estão tão marcados e fez a barba. Está quase com o mesmo aspeto que tinha antes.

— Lin? — digo em voz baixa, ao ver que a minha amiga ainda não saiu do seu imobilismo.

A Lin recupera o controlo e endireita as costas. Um segundo depois, continua a falar como se nada se tivesse passado.

— Temos de continuar a trabalhar nisso — diz, concluindo a frase. — Depois das aulas,

não tenho nada planeado, começamos pelas cartolinas?

Pestanejo, perplexa, mas apresso-me responder:

— Claro.

— Ótimo. — Só conhecendo bem a Lin é que se consegue perceber quão rígidas estão as suas costas e quão forçada é a naturalidade que mostra. — Então, assim faremos.

Quando chegamos à sala de grupos, o Cyril afasta-se da parede a que estava encostado e endireita as costas. A Lin para diante dele e ficam a olhar um para o outro sem dizer palavra.

Eu entro na sala e fecho a porta sem fazer barulho.

Não tenho oportunidade de perguntar à Lin porque é que o Cyril estava à espera dela. Pouco depois de entrar na sala, apareceram a Camille e o Doug, seguidos do Kieran, e apenas dois minutos depois chegaram a Jessalyn e o James. Quando a reunião terminou, fomos os três no carro da Lin para minha casa e, embora estivesse a morrer de vontade de saber, não quis perguntar-lhe nada na presença do James.

Agora, o James tem uma reunião com a potencial compradora das suas ações da Beaufort e estamos sentadas no chão do meu quarto com a Ember, a recortar cartolinas em forma de bonecos, com as quais tencionamos adivinhar, durante o *baby shower*, o sexo dos bebés, além da altura e do peso. Se não perguntar imediatamente à Lin o que é que aconteceu, de certeza que rebento.

— Que é que o Cyril queria? — Digo aquilo tão bruscamente que a Lin se sobressalta.

A Ember levanta os olhos, surpreendida. Durante um bocado, fica a olhar para mim e para a Lin, até que, por fim, se detém nas costas tensas da minha amiga. Sem dizer palavra, pega noutra cartolina e começa a desenhar a silhueta do boneco usando o molde e um lápis branco.

A Lin fica a olhar para o pequeno pijama que acabou de recortar.

— Pediu-me desculpa.

Franzo o sobrolho.

— E?

Encolhe os ombros.

— Não há muito mais para contar.

Pouso o marcador no chão.

— Como é que correu? Foi... educado? — Na verdade, não é uma palavra que condiga com o Cyril, mas tenho a sensação de que algo se esconde por trás do silêncio da Lin.

— Não sei. Estava... estranho.

— Até que ponto? — pergunto-lhe cautelosamente.

— Disse-me que nos íamos ver no fim de semana, na festa dos bebés, e que não queria que estivéssemos estranhos um com o outro. Até me perguntou se prefiro que ele fique em casa. — Pela maneira como relata o que aconteceu, parece ser a proposta mais inconcebível que o Cyril alguma vez lhe fez.

— A mim, também me pediu desculpa. Acho que está em processo de mudar totalmente a vida — comento. — O James acha que ele quer realmente corrigir os erros que cometeu.

— A mim, parece-me mais que está à procura de uma desculpa para não ter de ir à festa — solta a Ember, sem levantar os olhos.

Pestanejo, surpreendida.

— O quê?

A Ember faz um gesto de indiferença.

— A Lin disse que o comportamento dele lhe pareceu estranho. De certeza que quer evitar ver a rapariga por quem está apaixonado com o homem por quem ela está apaixonada.

— Achas? — pergunto-lhe com ceticismo.

Tendo em conta a maneira de ser da Ember, esta forma de encarar este assunto é inquietantemente suspeita. Em geral, a minha irmã costuma ser a otimista e a que acredita na bondade das pessoas, enquanto eu questiono tudo vinte vezes.

Há já bastante tempo que suspeito de que algo se passa. A Ember atirou-se como nunca ao trabalho no blogue, mal sai do quarto e, quando lhe pergunto se está tudo bem, muda rapidamente de assunto. Passei semanas a perguntar a mim mesma com quem é que ela passaria o tempo e, agora, pergunto-me porque é que já não passa o tempo com essa pessoa.

E porque é que continua a pensar que não pode falar comigo sobre isso.

— Acho que o Cyril bateu no fundo e que agora está a lutar por vir à superfície. Depois de tudo o que me contaste sobre o período em que vocês estiveram juntos, parece-me que teve consideração por ti ao perguntar-te se não querias que ele fosse — digo à Lin, para a tranquilizar. — De certeza que, para ele, também não é fácil. Mas o que importa é o seguinte: preferes que ele não vá à festa?

A Lin abana a cabeça.

— Não, isso seria muito infantil. Iremos os dois para Oxford e de certeza que os nossos caminhos se vão cruzar. E também não posso mandá-lo plantar batatas.

— Podias. Pelo menos, teoricamente.

Os cantos dos lábios da Lin levantam-se. Põe o cabelo atrás da orelha e torna a pegar na tesoura.

— Além disso, estou-me nas tintas para ele.

Olho para ela com atenção. Da última vez em que falámos sobre o Cyril, era evidente que a Lin estava muito afetada por todo o assunto. Agora, já não tenho tanta certeza.

— A Lydia também compreenderia se não fosses à festa — sugiro com cuidado.

— Não — responde-me a Lin imediatamente. — Nem pensar. Quero ir. Quem sabe... talvez apareça alguém de quem eu goste.

Fico surpreendida com este comentário, mas, ao mesmo tempo, também me sinto aliviada. Pelos vistos, a Lin está disposta a olhar para a frente e a ficar aberta a algo novo. Não lhe digo que o resto dos convidados são apenas velhos amigos da Ophelia. Estou demasiado contente por ela e parece-me demasiado otimista para que eu destrua isso.

— Ruby, posso desenhar um pénis no boneco?

Esta mudança de assunto repentina ultrapassa-me, mas não consigo reprimir um sorriso.

— Se achas que é preciso, não te cortes. A única coisa que não sei é se a Lydia vai ficar contente com isso.

— A Lydia vai desatar às gargalhadas — replica a Ember, começando a desenhar os genitais masculinos no boneco de cartolina, com um dos meus marcadores preferidos de purpurinas.

— Não devias tê-lo desenhado tão grande — comento, mas a Ember encolhe os ombros e esboça um sorriso.

— Oh, está fantástico — diz a Lin a rir. — Eu também vou desenhar qualquer coisa divertida.

Respiro fundo e olho para os modelos que escolhemos no Pinterest. São cartolinas castanhas, com um pequeno orifício na parte de cima, pelo qual se passa um cordel para poder pendurar os bonecos. Têm o rebordo dourado e umas linhas finas, além de um cabeçalho com uma

caligrafia sinuosa. A obra de arte da Ember não tem nada em comum com isto, mas se isso a fizer voltar a rir, para mim, serve.

— A Lydia e o Graham saberão dar valor à nossa criatividade — comenta, pondo-se a decorar o pénis.

— Exatamente — concorda a Lin, desenhando concentradamente qualquer coisa no boneco dela. Passado um bocado, levanta-o e observa-o com um olhar crítico. Depois vira-se para nós. Desenhou o esse de Super-Homem com um marcador metalizado.

A Ember grita de júbilo.

— Devia ter recortado uma capa — diz a Lin, compungida.

— Faz isso no próximo boneco — comento na brincadeira.

Contudo, nesse momento, a Ember e a Lin olham uma para a outra e depois viram-se para mim com uma expressão radiante. E depois inclinam-se sobre a cartolina e começam a fazer alterações no contorno original do boneco.

Passado um bocado, a única coisa que posso fazer é juntar-me a elas, até que chega uma altura em que tudo consiste em ver quem tem as ideias mais extravagantes e faz rir mais as outras.

Pomos asas de anjo num dos bonecos e um taco de hóquei no gelo e um minidisco noutro. A Lin esboça um boneco com um biquíni com um estampado de fruta e pinta uns corninhos de diabrete noutro. No entanto, o meu preferido é uma cabeça de cavalo frustrada de que a Ember está especialmente orgulhosa. De todas as vezes que olho para o boneco, sou incapaz de me conter e desato novamente às gargalhadas.

A dado momento, alguém bate à porta.

— Entre! — grito.

O James põe a cabeça dentro do quarto.

— Olá, *loverboy* — cumprimenta-o a Ember com voz grave, fazendo com que eu e a Lin nos ríamos ainda mais.

O James entra no quarto e levanta uma sobrancelha, com uma expressão divertida.

— Pelo que vejo, estão a divertir-se à grande.

— Vê estes bonecos para o *baby shower* e escolhe um — diz-lhe a Lin, apontando para as cartolinas que cobrem o chão quase todo.

— Isto é?... — pergunta o James, mas para de falar e inclina a cabeça para o lado.

— Devia ser um unicórnio — diz-lhe a Ember, revirando os olhos. — Como se fosse assim tão difícil de reconhecer.

— Parece-me mais um porco. E, mesmo assim, só com muita imaginação.

— Ei! — exclama indignada a Ember, tirando uma almofada de cima da minha cama e atirando-lha.

A almofada voa pelo quarto e cai muito perto do James, que, ao ver aquilo, esboça um meio-sorriso.

— Na verdade, só queria dizer-vos que já voltei. Ah, e o Angus disse que o almoço não tarda a estar pronto. Portanto, têm de descer.

— Como correu a reunião? — pergunto-lhe.

— Muito bem — responde-me o James. — Ela parece conhecer a empresa a fundo e deu-me a impressão de ser uma pessoa competente. O seu interesse nas ações pareceu-me sincero, não como se apenas estivesse interessada em ficar com uma fatia do bolo.

— Que é que o teu instinto te diz? — pergunto-lhe cautelosamente.

Há semanas que o James anda à procura de um comprador adequado para as ações dele, mas a Fiona Green foi a primeira interessada que ele quis conhecer pessoalmente. A Beaufort é a grande obra da mãe dele e acho que a pressão de encontrar a pessoa certa lhe pesa mais do que ele gostaria.

— O meu instinto diz-me que não devo hesitar durante muito tempo — responde-me.

— A minha avó diz-me sempre que o instinto é o indicador mais importante quando é preciso tomar uma decisão importante — comenta a Lin, e a Ember anui em concordância.

— Tem de haver um clique, caso contrário não é a pessoa certa.

— No meu caso, raras vezes há esse clique — responde-lhe o James. — Preciso sempre de bastante tempo para avaliar bem as pessoas, além da primeira impressão. No entanto, tornei a combinar encontrar-me com ela na próxima terça-feira. Talvez depois me seja mais fácil decidir.

— Mas parece estar a correr bem — comenta a Ember, levantando o unicórnio de cartolina.

— E, se precisares de conselhos, podes sempre consultar o *Ernie*, o Unicórnio, com toda a confiança.

Os cantos dos lábios do James levantam-se.

— Entendido.

— Já acabámos os trabalhos manuais? — pergunta a Lin.

— Sim — respondo-lhe, olhando para o chão à minha volta. — Temos mais do que o suficiente.

A Lin levanta os braços por cima da cabeça e espreguiça-se. Depois, estica as pernas e inclina-se para a frente, para tocar nos pés com os dedos. Oíço o estalido de um dos ossos das costas dela e abro muito os olhos, assustada.

— Acho muito fixe que estejam a preparar tudo isto para a Lydia — diz o James e, quando os nossos olhares se cruzam, o seu sorriso muda um pouco. É um sorriso só para mim, um sorriso cheio de segredos que só nós os dois conhecemos. Quanto mais olha para mim, mais fico com a garganta seca e mais calor sinto.

Inquieta, começo a juntar os bonecos de cartolina num monte. Estou com a minha irmã no quarto onde durmo desde pequena. Neste momento, não posso, de maneira nenhuma, pensar no corpo nu do James.

— Vamos para baixo? — sugere de repente a Ember. — O pai mandou uma mensagem. — Levanta o telemóvel e mostra-nos o texto.

Nesse momento, vejo que recebe outra mensagem, mas, antes que eu consiga distinguir quem é o remetente, a Ember vira o ecrã para si. Quando lê o texto, fica com uma expressão sombria. Desliga o telemóvel e, apoiando-se no chão, levanta-se.

Enquanto a Lin e o James se dirigem para a porta, seguro no braço da minha irmã e retenho-a momentaneamente.

— Podes conversar comigo, Ember — murmuro. — Sempre. Sabes isso, não sabes?

Olha para a minha mão e depois para o meu rosto. Luta consigo mesma durante uns segundos, mas, no fim, abana negativamente a cabeça.

— Infelizmente, sobre isto, não posso, mana.

Antes que eu consiga dizer o que quer que seja, segue a Lin e o James pela escada abaixo.

Lydia

— Os convidados! — grito para o James, a Ruby, a Ember e a Lin quando abro a porta.

Pego no braço do James e arrasto-o para dentro de casa enquanto as outras o seguem.

— Isto é que eu chamo um cumprimento — responde-me ele, rodeando-me com um braço. Dá-me um apertão e percorre o corredor com o olhar. Depois, levanta uma sobrancelha. — Isto é um?... —

— Um coração enorme feito de rosas de várias cores? Sim. — Viro-me para a Ember, para a Lin e para a Ruby, e também as abraço uma por uma.

— Estás lindíssima, Lydia — diz-me a Ember.

Passo as mãos pelo tecido do meu vestido tubular verde, que tem um corte que faz com que a minha barriga, que em minha opinião já não pode crescer mais, sobressaia de uma forma bonita.

— Também acho — diz a voz do Graham atrás de mim.

Viro-me para ele e lanço-lhe um sorriso. Depois, dou-lhe a mão e entrelaço os meus dedos nos dele.

Não consigo descrever quão agradável é poder fazer isto agora, sem me importar com onde estamos ou com quem nos vê. Ontem à noite, conversámos sobre se, para os meus amigos, uma parte dos quais foram alunos dele, seria estranho ver-nos assim, mas depois decidimos não nos preocupar com isso. O Graham é meu namorado e pai dos meus filhos. Quero poder tocar-lhe quando e onde me apetecer.

Quando torno a virar-me para os outros e olho para as suas expressões, vejo apenas alegria e uma mentalidade aberta. Nenhum deles parece incomodado por nos ver de mãos dadas.

— Vocês também estão com ótimo aspeto — digo-lhes, examinando as roupas de verão.

Normalmente, adoro o calor, e o verão sempre foi a minha estação preferida, mas, com esta barriga e com o doloroso edema que tenho nas pernas, preferia que fosse outono. Ou inverno. O melhor seria que fosse inverno e estivesse na Antártida.

Embora seja provável que um *baby shower* na Antártida não fosse divertido.

— Pelo que oiço, a festa já está em pleno andamento — comenta a Ruby, sorrindo. De certeza que se refere à música que está a tocar no jardim e que ouvimos aqui.

— Esta manhã, a Ophelia já andava a dançar pelo jardim. Queria que eu a acompanhasse, mas, passados dois minutos, já me estava a sentir desfeita — explico-lhe. — Preferi controlar a preparação do bufete. Há um bolo com três andares e para aí um milhão de *cake-pops*.

— Adoro esses bolinhos em forma de chupa-chupa — confessa alegremente a Ember. Levanta um enorme embrulho com papel às bolinhas e olha para mim com uma expressão inquisitiva. — Onde é que se deixam as prendas?

— Vem comigo — digo-lhe, fazendo tenção de a levar pelo corredor até ao jardim que fica ao fundo, mas o James pega-me no braço e retém-me.

Largo a mão do Graham e olho para o meu irmão com uma expressão desconcertada.

— Trouxemos um convidado-surpresa — anuncia.
A primeira coisa que me passa pela cabeça é: *Espero que não seja o meu pai.*
A segunda coisa que penso é que o James me conhece melhor do que ninguém e que não me faria uma maldade dessas.
O meu irmão dá um passo atrás, em direção à porta, e torna a abri-la. Há uma pessoa parada à entrada. Uma pessoa que eu nunca tinha visto de calças de ganga e camisa.
— Percy! — exclamo, atirando-me para os braços do meu antigo motorista.
— Fico muito contente por a ver com tão bom aspeto, menina Beaufort — diz-me cerimoniosamente.
No entanto, corresponde ao meu abraço e apercebo-me de quão familiar me é o seu cheiro. Cheira a bancos de pele e a uma loção de barbear que conheço desde a minha infância. Passados uns segundos, afastamo-nos.
— Foi o seu irmão que me convidou — explica-me o Percy. — Espero que não leve a mal.
— A mal? — pergunto, incrédula, olhando alternadamente para ele e para o James. — É uma surpresa fantástica!
Com um gesto, convido-o a entrar em casa.
— Percy, este é o meu namorado, o Graham. Graham, este é o Percy — apresento-os e dão um aperto de mão.
— Quando te vir, a Ophelia vai desmaiar — digo-lhe, emocionada, ao mesmo tempo que aponto para trás. — Vamos lá para fora?
Quando todos anuem, torno a entrelaçar os dedos nos do Graham, percorremos o corredor até chegar à galeria, cujas portas estão abertas de par em par, e saímos para o jardim.
— Uau... — oiço a Lin murmurar.
— Agora já percebem o que é que eu queria dizer, exatamente, quando falei em «muitas cores» — comento, virando a cabeça para trás e observando as minhas amigas enquanto estas olham para o jardim.
No meio do relvado, há uma comprida mesa de exterior coberta com uma toalha verde. Mesmo por cima, está pendurado um monte de balões de hélio em tons de pastel, que estão presos a umas luzinhas coloridas, para não voarem. O bufete foi montado de um dos lados. Entre pequenos vasos de barro, com flores ou catos, estão preparadas as primeiras bebidas e uma seleção de várias entradas que, só de olhar para elas, fico com água na boca. Por todo o lado, estão penduradas luzinhas, balões e serpentina.
A Ophelia vê-nos da outra ponta do jardim e corre imediatamente para nós. Usa um vestido às flores e apanhou o cabelo num carrapito alto e solto.
— Olá a todos!
Quando se apercebe da presença do Percy, fica de olhos esbugalhados. Parece hesitar um instante, mas, depois, aproxima-se dele e abraça-o.
— Isto sim, é uma verdadeira surpresa.
— Olá, Ophelia — diz-lhe o Percy, acrescentando mais qualquer coisa em voz baixa, que não oiço porque, nesse preciso momento, a campainha torna a tocar.
— Vens comigo? — pergunto ao Graham, e, quando ele anui, viro-me para os outros e digo-lhes: — Vão-se servindo calmamente, já voltamos.
Eu e o Graham atravessamos novamente a galeria e o corredor, em direção à porta de casa. Antes que eu a abra, o Graham pega-me no pulso. Levanto os olhos, curiosa, e, sem que eu esteja à espera, ele inclina-se para mim e beija-me carinhosamente. Os meus olhos fecham-se e

encostou-me a ele, sentindo-me, literalmente, que o meu corpo se vai fundir com o dele. Passados uns segundos, afasta-se de mim e olha-me nos olhos com um leve sorriso nos lábios.

— Porque é que fizeste isto? — pergunto-lhe em voz baixa.

Abana a cabeça.

— Porque sim.

Estas palavras tão simples fazem o meu coração dar um salto de alegria. Antigamente, nem sequer podíamos fazer uma coisa tão simples como esta.

Contudo, agora, o mundo abre-se diante de nós.

Ponho-me em bicos dos pés para lhe dar outro beijo, e a campainha ecoa pela segunda vez em toda a casa. O Graham ri-se baixinho quando reviro os olhos por causa da interrupção e me viro para a porta.

Quando a abro, não consigo ver mais nada a não ser um enorme presente que, ao observar com mais atenção, vejo que tem a forma suspeita de um ursinho de peluche. Tem à volta um laço que, sem dúvida alguma, mede o triplo do contorno da minha cabeça. Quando se desvia um pouco para a esquerda, vejo o rosto do Alistair aparecer ao lado e lançar-me um enorme sorriso.

— Trago uma encomenda para a Lydia Beaufort.

O Kesh, que está ao lado do Alistair, dá uma gargalhada abafada. Baixo os olhos e vejo que está de mãos dadas com o Alistair. De certeza que a surpresa é visível no meu rosto, mas ele limita-se a sorrir e a dar um passo para entrar. Depois, abraça-me com força.

— Obrigado por nos convidares, Lydia — diz-me.

— É um prazer — respondo-lhe, olhando para ele com uma expressão radiante.

O Kesh afasta-se de mim e aperta a mão ao Graham e, entretanto, o Alistair tenta atravessar a porta com aquele presente gigantesco e, quando, por fim, consegue, pousa o embrulho no chão e passa as costas da mão pela testa, como se estivesse a transpirar por causa de um exercício difícil durante o treino. Depois, abraça-me ainda com mais energia do que o Kesh fez.

A seguir, estende a mão ao Graham.

— Olá, professor Sutton.

— Graham, por favor — diz-lhe imediatamente o Graham.

O Alistair anui.

— Entendido. — Observa a casa da Ophelia com curiosidade. — Estou impaciente por saber como é que isto vai correr. Nunca fui a um *baby shower*. Imagino que te dediques a abrir as prendas e esse tipo de coisas, certo?

— Isso é que era bom — respondo-lhe, dando um suspiro.

— A Ophelia tem tudo programado — esclarece o Graham, com um sorriso divertido. — As prendas são para depois do almoço. Por minha vontade, podíamos começar já. Esta parece muito interessante — diz, apontando com o queixo para a prenda do Alistair.

Aproximo-me do embrulho para o observar melhor, mas o Alistair torna a pegar nele imediatamente.

— Não faças isso — oiço-o dizer com a voz abafada.

— Acho que o Wren e o Cy acabaram de chegar — comenta o Kesh, virando a cabeça lá para fora, onde um carro todo podre se está a aproximar da casa.

— Porque é que não vieram todos juntos? — pergunto-lhes, surpreendida.

— O Wren acha que faz bem ao carro dele andar a toda a velocidade. Por outro lado, também não teríamos cabido os quatro lá dentro — responde-me o Keshav.

— Com isso, de certeza que não — intervém o Graham, apontando para a prenda.

— Este cheiro é de bolos? Acho que sinto o cheiro a bolos — diz o Alistair de repente enquanto tenta olhar para mim e desviar o boneco de peluche.

Sou obrigada a abafar uma gargalhada.

— Podem ir entrando. Ainda se lembram do caminho, certo?

O Alistair murmura que sim e ele e o Kesh avançam pelo corredor. O meu coração dá um pequeno salto de alegria quando vejo o Kesh pôr a mão no fundo das costas do Alistair e fazer-lhe uma carícia fugaz. Embora eu soubesse que eram bons amigos, nunca imaginei que viessem a ser um casal, mas esta imagem faz-me pensar noutra coisa. Levanto os olhos para o Graham, que também os segue com o olhar e depois me lança um sorriso.

— Ouvimos dizer que vai haver uma festa aqui — soa a voz do Wren, e viro-me mesmo a tempo de o ver subir a escada de acesso à porta acompanhado pelo Cyril. Tal como o Kesh e o Alistair, estão os dois de camisa, e pergunto a mim mesma se terão combinado a indumentária.

Quando vejo o Cyril, encolhe-se-me o coração. É sempre estranho voltar a estar cara a cara com alguém com quem se teve uma discussão acesa. Depois da nossa conversa telefónica, não voltámos a falar e não sei como devo comportar-me com ele.

— Ouviram bem — respondo com algum atraso, ao mesmo tempo que devolvo o abraço breve, mas vigoroso, do Wren.

— Uau — diz este. Levanta os óculos de sol, põe-nos em cima da cabeça e olha para a minha barriga. — Não tinha a sensação de estarmos assim há tanto tempo sem nos ver.

— Escondi a barriga propositadamente — respondo-lhe.

— Estou a ver que sim — replica. Depois, dirige os olhos para o corredor. — Já chegou toda a gente?

— Sim, estão no jardim.

Anui e passa ao nosso lado, avançando pelo corredor.

Depois, eu, o Cyril e o Graham ficamos sozinhos, e um silêncio embaraçoso instala-se entre nós.

— Olá — murmura o Cyril. Tal como o Wren, está de óculos de sol, portanto, não consigo ver-lhe os olhos.

— Oi — respondo-lhe. — Fico contente por teres vindo.

O Cyril hesita e decide esboçar um sorriso.

— Obrigado por me convidares. — Por fim, tira os óculos de sol e guarda-os no bolso da camisa.

Ele e o Graham estão frente a frente, ambos rígidos e com os dentes cerrados. O ambiente está tão carregado que não consigo evitar sustar a respiração.

O Cyril pigarreia.

— Professor Sutton...

Novo silêncio.

Ao meu lado, oiço o Graham expirar suavemente.

— Podes tratar-me por Graham, Cyril — diz-lhe.

Passa um segundo e mais outro. O Cy anui.

— Entendido — diz. — Graham.

Dou um passo em frente para abraçar o Cyril, tal como fiz com os outros. Fica tão surpreendido que, por um instante, não faz qualquer movimento. Só passados alguns segundos é que levanta um braço para me rodear as costas, com cuidado e timidamente, como se tivesse

medo de me assustar se me abraçar como demasiada força. Confirmo quão familiar isto é para mim. Neste momento, ele é apenas o rapaz que conheço de toda a vida e que sempre esteve ao meu lado quando precisei dele.

— Está tudo bem? — pergunta-me, afastando-se um pouco. Olha para mim com atenção e vejo nos seus olhos a insegurança e a dor que também sinto.

— Ainda não — digo-lhe com franqueza.

Nos olhos do Cyril, aparece um brilho escuro. Abre a boca para dizer qualquer coisa, provavelmente que pode ir-se embora, se eu quiser, portanto, adianto-me a ele:

— Mas há de ficar melhor. De certeza.

Dizendo isto, fecho a porta atrás dele e, com o Graham, acompanho-o ao jardim, onde estão os outros.

Ember

Não estamos aqui nem há uma hora e já posso dizer com toda a convicção que adoro a Ophelia Beaufort. E não só porque a decoração da festa é tão colorida que ninguém consegue encontrar uma razão para estar de mau humor, mas, acima de tudo, porque a tia da Lydia e do James é superfixe.

É uma dessas anfitriãs que conseguem, automaticamente, que uma pessoa se sinta bem em casa delas, apesar de ser a primeira vez que lá está. Durante os primeiros quinze minutos, pôs-me um coquetel sem álcool na mão e conversou comigo e com a Ruby sobre os nossos projetos. Até me falou sobre o meu blogue e disse-me que o subscreveu e que segue os meus artigos com interesse. Depois disso, não tive outro remédio senão adorá-la.

Eufórica como estava, não fiquei subitamente triste quando o Wren apareceu no jardim. Enquanto os outros o cumprimentaram efusivamente, eu virei-lhe costas repentinamente e comecei uma conversa com a Lin, sobre a galeria da mãe dela. Senti-me incapaz de olhar para o Wren.

Sabia que o dia de hoje não ia ser fácil. Ter perdido o Wren como amigo é algo que me magoa. E, apesar de me ter proposto a não deixar que isso se note, a pontada que senti no peito foi tão forte que, por momentos, não soube como me comportar e tive de pedir à Lin que repetisse por duas vezes o que tinha acabado de me dizer.

Depois, tentei ignorar a presença do Wren e não estremecer sempre que ouvia a gargalhada dele.

Fico contentíssima quando a Ophelia se aproxima, me pega na mão e me leva até uma grande tela que está no fundo do jardim.

— Oh, que engraçado! — exclamo, ao ver o desenho: duas pequenas tartarugas que sobem para o céu arrastadas por um enorme conjunto de balões. — Foste tu que desenhaste?

A Ophelia anui e fica com um ar tão orgulhoso que não consigo evitar sorrir.

— Encontrei o modelo no Pinterest.

Observo a paleta de pintor cheia de cores que está ao lado da tela, em cima de uma mesa de madeira.

— Que devo fazer?

— É pintura com os dedos — explica-me a Ophelia. — Pintas os balões e as carapaças das tartarugas com o polegar. Olha...

Seguindo as instruções da Ophelia, molho o polegar primeiro no verde e depois no amarelo e espalho as cores sobre a tela. Está tanto sol que a luz reflete-se na superfície branca e os meus olhos começam a lacrimejar, mas, pelas exclamações entusiasmadas da Ophelia, parece-me que, apesar de tudo, estou a fazer a coisa bem-feita.

— Muito bonito, Ember! É evidente que tens um talento inegável para a pintura — diz-me a Ophelia, olhando para mim com uma expressão radiante. Pergunto a mim mesma como pode ter percebido isso pela maneira como usei o dedo, mas fico contente na mesma.

— Também fizeste a mesma coisa? — pergunto-lhe, olhando para os poucos balões do quadro que já estão coloridos.

— Sim, esta dedada é minha — responde-me.

— A tua brilha — comento. — Porque é que brilha? Não vi purpurinas em lado nenhum.

— Pelo que vejo, demonstras ter ainda mais bom gosto. — A Ophelia faz um sorriso ainda maior. — A Lydia disse-me para não exagerar, portanto, guardei as purpurinas. Mas, se quiseres, posso ir buscá-las.

Abano negativamente a cabeça.

— Não, não, assim já está bem. Por falar nisso, esta ideia do quadro é muito bonita.

— Acho que, nestas últimas quatro semanas, não fiz mais nada a não ser procurar inspiração para o *baby shower*. Depois, a dada altura, tive de começar a fazer uma lista de prioridades, caso contrário o jardim ficaria a rebentar pelas costuras. Como podes verificar... — Faz um movimento amplo com o braço. — Ei, Percy, ainda tens de vir colorir a tela! — grita de repente.

O motorista, que está a poucos metros de nós e acaba de pegar num copo de coquetel de toranja, fica tenso.

— Eu... hum... acha? A sério?

A Ophelia rejeita as objeções dele com um gesto da mão.

O Percy torna a lançar um olhar melancólico à mesa da comida, mas, no fim, aproxima-se de nós e do quadro, dando um suspiro.

Certa vez, ouvi a minha mãe dizer maravilhas do Percy e devo dizer que, agora, compreendo o entusiasmo que se refletia no rosto dela. É realmente cativante, com aquela voz profunda e sorriso simpático. Além disso, acho muito divertida a maneira formal como fala com a Ophelia, com a Lydia e com o James, apesar de estarmos todos no meio de um mar de balões coloridos.

— Olha, molha o dedo no amarelo — diz-lhe a Ophelia.

— Porquê o amarelo?

— Porque é uma cor alegre e este quadro tem de ser alegre.

Pela maneira como se comportam — a forma como a Ophelia lhe passa a tinta e o modo como o sorriso do Percy perde parte da distância e se torna mais carinhoso —, nota-se que se conhecem há muito tempo.

O Percy pega na tinta amarela, molha o polegar e encosta-o à tela. Em comparação com a minha dedada, o diâmetro da dele é muito maior.

— Não posso acreditar que tenham conseguido que o Percy pinte — oiço dizer de repente a voz do James, muito perto de mim.

Viro-me para ele.

— E fá-lo muito bem, não ach...?

As palavras ficam-me presas na garganta, sem conseguir sair, e todo o meu corpo fica tenso.

O Wren está ao lado do James, com os olhos cravados em mim. Parece que, de um momento para o outro, vai abrir a boca para falar comigo. Não estou preparada para isso. Quando afasta os lábios, ajo de maneira totalmente instintiva: murmuro uma desculpa, rodo sobre os calcanhares e dirijo-me para a casa.

Atravesso a galeria, percorro o estreito corredor e entro na casa de banho das visitas. Assim que fecho a porta atrás de mim, inspiro e expiro durante alguns segundos, tentando desesperadamente acalmar, na medida do possível, os batimentos do meu coração. Depois, inclino-me para o lavatório, deixo correr a água fria pelas mãos e pelos pulsos, e molho um

pouco o pescoço.

Com uma expressão pensativa, olho para os azulejos de um castanho-amarelado que, aqui e ali, têm alguns cachorros. A Ophelia tem um gosto claramente peculiar, mas, ao mesmo tempo, encantador e que me toca num ponto sensível. Não sei se é por causa das plantas e do pólen, por causa dos azulejos com os cachorrinhos ou, talvez — uma probabilidade com uma percentagem muito limitada —, por causa do Wren, mas, de repente, fico com os olhos cheios de lágrimas.

Contenho-as com todas as minhas forças e esforço-me por me controlar. Hoje tem de ser um dia bonito. Recuso-me a permitir que a presença do Wren me deprima tanto. Decidida, verifico se o rímel não escorreu, torno a lavar as mãos e abro a porta.

Viro à direita e quase choco com alguém.

— Era aqui que estavas... — diz-me o Wren.

Só sou capaz de olhar fixamente para ele. Cumprimenta-me como se fosse meu acompanhante, como se tivesse estado à minha procura e, por fim, me tivesse encontrado. Como se tivéssemos vindo juntos à festa.

Que grande treta.

Afasto-me dele.

— Querias alguma coisa? — pergunto-lhe.

— Gostava de falar contigo, se tiveres tempo — responde-me.

Não consigo decifrar a expressão do rosto dele, apesar de pensar que já era perita nisso. Mas, pelos vistos, isso também era uma ilusão minha.

— Não sei — respondo-lhe, indecisa, olhando à volta para o caso de haver alguém por perto que nos possa ouvir.

Não sei o que é que a Ruby diria, se me surpreendesse num corredor escuro com o Wren. Não saberia explicar-lhe que ele é o motivo de eu ter estado tão pouco em casa e de ter faltado a algumas aulas. Que queria estar com ele porque despertou em mim algo que nunca tinha sentido.

Acho que a minha irmã não me compreenderia. Nem eu própria tenho a certeza de me compreender.

— Temos de falar urgentemente. Isto não pode continuar como até agora.

— Não há nada para continuar — replico com a voz abafada.

O Wren estremece quase impercetivelmente. A expressão do rosto dele suaviza-se, tornando-se quase vulnerável.

— Ember — diz num tom rouco. — Tenho de te dizer uma coisa.

Todos os pensamentos negativos que me perseguiram depois do nosso encontro em frente da escola regressam agora com todas as forças.

Não és suficientemente boa. Voltaste a ser posta na mesma gaveta em que toda a gente te põe quando te conhece.

— Com as mentiras que me disseste, não tenho grande certeza de, agora, querer ouvir a verdade. — A minha atitude é própria de alguém mordaz e ressentido, não tem nada que ver com quem sou. Pergunto a mim mesma como é que ele consegue fazer isto. Como é que consegue despertar em mim estes pensamentos quando me esforço tanto para que na minha vida só haja lugar para coisas positivas. Não quero perder esta guerra. Simplesmente não posso perdê-la.

O Wren avança um passo para mim e já só nos separa meio metro de distância.

— Menti-te quando te disse que éramos amigos, Ember.

Sinto uma pontada dolorosa na barriga.

Eu sabia.

Já o sabia da primeira vez em que falou comigo. Tenho vontade de me esbofetear, por ser tão curiosa e por me ter empenhado em conhecer pessoas novas.

Uma tempestade desejosa de me arrastar para o fundo estala dentro de mim, mas luto com todas as minhas forças para a sufocar.

— Sabes que mais? Não tenho necessidade de passar por este mau momento — resmungo entre dentes, decidida a ir-me embora. — Importas-te de me deixar passar?

— Ember — insiste o Wren.

Evito olhá-lo nos olhos e cravo o olhar no seu peito.

— Compreendeste mal o que te disse — diz-me em voz baixa, mas num tom veemente. — Não quero ser apenas teu amigo, Ember. Quero... mais.

De repente, todo o tumulto que se tinha apoderado da minha mente emudece.

Olho para o rosto do Wren, mas não consigo dizer uma única palavra.

Ele respira entrecortadamente e pigarreja.

— Da primeira vez em que nos vimos, só queria divertir-me. Mas, depois, quando te conheci melhor, dei-me conta de quão fantástica és. Embora nos fartássemos de falar, queria estar mais tempo contigo. Cada um dos nossos encontros foi incrível para mim. Apoiaste-me o tempo todo, apesar de eu não te dar quase nada em troca, portanto, só a pouco e pouco é que fui compreendendo o que sentia. — Quanto mais fala, mais rouca se torna a sua voz, e preciso de voltar a pigarrear para continuar. — Gosto de ti, Ember. Até mais do que isso. Acho que estou a ficar perdidamente apaixonado por ti.

Nos meus ouvidos só soa um zumbido, enquanto as palavras do Wren se vão repetindo uma e outra vez na minha mente. Tento compreender o significado delas, tento compreender o que acabou de acontecer... mas não consigo.

Fico ali espedada, a olhar para ele.

— Percebo que não queiras ter nada que ver comigo nesse sentido. E também tenho consciência de que...

Aquilo arranca-me do meu transe.

— Quem te disse isso? — interrompo-o.

Abre a boca e torna a fechá-la.

— Quem é que me disse o quê?

— Que, nesse sentido, não queria ter nada que ver contigo. Quem é que te disse isso? — pergunto-lhe.

— Tu. Disseste-mo na noite em que nos conhecemos, em Maxton Hall. Foste muito clara sobre o que pensavas de mim. E respeito isso.

— Estás a falar da noite em que nos conhecíamos há dois segundos aproximadamente e quiseste beijar-me, apesar de já estares bem bebido? — objeto, incrédula.

O Wren engole em seco.

— Sim.

— Não te conhecia! Não sou uma pessoa extrovertida, e menos ainda uma pessoa que se enrola com um desconhecido, sem mais nem menos.

Ao princípio, o Wren fica em silêncio. Um par de segundos depois, lança um curto «oh».

Sinto o coração a martelar-me no peito. É tal a intensidade do momento que quase fico

agoniada.

— Foi por isso que não quiseste que eu fosse à tua festa? — pergunto-lhe em voz baixa.

O Wren levanta a mão e esfrega a nuca.

— Tinha medo. Da reação dos meus amigos, porque era a primeira vez que iam à minha nova casa. Da reação da Ruby e do James, quando soubessem que andávamos a encontrar-nos. E, de certa maneira, também dos meus próprios sentimentos. Nesse momento, tudo isso me caiu em cima ao mesmo tempo.

— Pensei que não querias que os teus amigos me vissem contigo, e isso magoou-me — digo-lhe, e o Wren abana imediatamente a cabeça.

— Não foi isso. De todo, Ember. Foi... a situação. Sentia-me assoberbado, só isso.

— Se soubesse disso, não teria reagido de maneira tão dura.

— Devia ter-te explicado o que se estava a passar comigo — replica ele. — Tinha pânico de me comportar de maneira estranha na tua presença e de te afugentar... não sei. Não quero deitar a perder o que temos. És demasiado importante para mim.

— Tu também és importante para mim, Wren. Foi precisamente por isso que me senti tão magoada — confesso em voz baixa.

— Sim? — pergunta-me.

Anuo.

Lentamente, o sorriso do Wren começa a espalhar-se-lhe pelo rosto, esse sorriso preguiçoso e espontâneo que já no nosso primeiro encontro me atraiu. Por esta altura, é-me muito familiar.

E, depois de ter estado tanto tempo sem o ver, provoca um formigueiro dentro de mim, que me percorre da cabeça aos pés.

— Que fazemos agora, *supergirl*? — pergunta-me em voz baixa.

Embora tenha uma atitude descontraída, a expressão dos seus olhos castanhos está cheia de incerteza.

— Não sei — murmuro, e estou a falar a sério. Não sei como gerir tudo o que acabou de me dizer. O meu coração bate descompassadamente e o formigueiro que sinto na barriga enerva-me.

— Tens de me dizer o que queres, Ember — murmura. — Se continuamos a ser amigos. Se podemos ser algo mais. Se ainda queres que me afaste do teu caminho, para poderes voltar para ao pé dos outros no jardim.

«Se podemos ser algo mais.»

Não sei bem o que é que isso significa, o que é que significaria para mim, mas acho que é precisamente o que desejo.

— Não tens de te afastar do meu caminho, Wren — digo-lhe num tom firme.

O Wren suspira de alívio.

— Não?

Abano lentamente a cabeça.

— Não.

Um sorriso desenha-se nos lábios dele e também lhe sorrio com timidez.

— Posso abraçar-te, Ember? — murmura.

Em vez de lhe responder, dou um passo em frente com cautela e rodeio-lhe a cintura com os braços. Sinto as mãos dele nas minhas costas, primeiro ao de leve e depois com mais determinação. Fecho os olhos e, para variar, tento não pensar, e limito-me a desfrutar do momento.

Há umas poucas horas, queria que o Wren desaparecesse por completo da minha mente. Agora segura-me entre os braços e posso afirmar com toda a certeza que esta é uma das coisas mais bonitas que me aconteceram em muito tempo.

Não o perdi, penso, enquanto ele me acaricia as costas. Sinto no corpo os batimentos rápidos do coração dele, que parecem ir acalmando de maneira gradual... tal como os meus.

Como se apenas precisássemos um do outro para voltar a acalmar.

— Wren! — exclama de repente uma voz encolerizada. — Podes dizer-me que diabos estás a fazer com a minha irmã?

Ruby

Não posso acreditar no que os meus olhos acabam de ver.

A Ember e o Wren abraçados no meio do corredor da casa da Ophelia.

Parecem conhecer-se há já algum tempo e dir-se-ia que não é a primeira vez que se abraçam.

Quando ouvem a minha voz, afastam-se de um salto e olham para mim como se os tivesse apanhado a fazer qualquer coisa proibida. A expressão de culpa da minha irmã desperta sinais de alerta na minha cabeça. A pouco e pouco, as peças que faltavam no quebra-cabeças destas últimas semanas, durante as quais a Ember se comportou de maneira muito estranha e envolveu em grande mistério a pessoa com quem passava os tempos livres, começam a encaixar.

Ela ter-se baldado às aulas, ter-me mentido a mim e às amigas, estar sempre ao telemóvel e recusar-se terminantemente a falar comigo, apesar de normalmente contarmos tudo uma à outra.

Isto deve ser a causa de tudo.

O *Wren*.

— Não posso acreditar — digo. — É por culpa dele que, ultimamente, andas tão estranha?

A Ember levanta o queixo com uma expressão orgulhosa.

— Isso não te diz respeito.

Cerro os dentes com tanta força que rangem. A Ember tem razão, eu sei. Não tem de me dar explicações, mas, porra!., estamos a falar do Wren.

— Para mim, é perfeitamente indiferente o que fazes e com quem o fazes, desde que se trate de uma boa pessoa.

— Para de julgar os outros, Ruby! — responde-me ela, furiosa.

— Ember... — diz o Wren em tom conciliador, mas a minha irmã recusa as objeções dele com um gesto rude da mão.

— Já estou farta de que te comportes constantemente como se fosses minha mãe. Isto está a tornar-se insuportável.

Estremeço perante a aspereza daquelas palavras.

— Não quero fazer de tua mãe. Só quero...

— «...o melhor para mim»? Enquanto as irmãs das minhas amigas saem sempre com elas, tu dás-me sermões sobre quem devo e não devo conhecer. Até decides com quem tenho de passar o tempo nas festas de Maxton Hall e pões uma ama-seca ao meu lado, para me vigiar. Em vez de aproveitares o tempo que ainda temos juntas, antes de te ires embora, tratas-me com superioridade.

Sinto o sangue esvair-se do meu rosto. A Ember nunca tinha falado assim comigo. Algo explode dentro de mim, algo intenso, potente, impossível de conter.

— Lamento que seja precisamente o tipo que, na minha primeira festa da escola, me embebedou para se enrolar comigo que não me pareça suficiente para a minha irmã.

A Ember fica de olhos esbugalhados e olha alternadamente para mim e para o Wren.

Depois, abana a cabeça, incrédula.

— Tu não farias isso — diz para o Wren, num tom subitamente hesitante.

O Wren abana a cabeça, negativa e afirmativamente ao mesmo tempo. Depois, levanta as mãos, desarmado.

— Foi há muitos anos. E nessa altura... já te pedi desculpa por isso.

A Ember exclama, num tom furioso:

— Não posso acreditar!

— Era um imbecil, está bem? Nunca mais tornaria a fazer o mesmo.

A minha irmã bufa com desprezo.

— Posso garantir-te que não. E porque é que embebedaste a minha irmã, se é que posso perguntar? Para te divertires? Para fazeres o mesmo que tentaste fazer comigo?

— Que é que ele tentou fazer contigo? — pergunto, dando um passo ameaçador em frente. Estou pronta para dar um empurrão ao Wren e para o afastar do meu caminho, caso seja necessário. Ou até para fazer algo pior.

— Vou sempre arrepender-me disso, Ruby. Lamento, do fundo do coração, o que aconteceu nessa altura, mas pensava que já o tínhamos ultrapassado. E a Ember... — Olha para a minha irmã com uma expressão desesperada. — Tudo o que acabei de te dizer é verdade. Espero que o saibas.

A Ember olha para ele durante bastante tempo e, finalmente, abana negativamente a cabeça.

— Neste momento, já não sei nada, Wren.

Enquanto pergunto a mim mesma o que é que o Wren terá dito à minha irmã, a Ember vira costas e percorre o corredor em direção ao exterior, sem se dignar a dirigir sequer um olhar para mim ou para o Wren. Subitamente, sinto uma espécie de vertigem e pergunto a mim mesma se não terei cometido um erro grave.

— Magoaste-a — diz-me de repente o Wren.

Viro a cabeça para ele e fulmino-o com o olhar.

— Ouve, isso conseguiste tu sozinho. Que diabos lhe fizeste?

— Absolutamente nada. Eu e a Ember esclarecemos as coisas, e é precisamente como ela te disse. Isto não te diz respeito. Deixa de meter o nariz onde não és chamada.

— Quero protegê-la! — grito. — Se tivesses alguém de quem gostasses tanto como eu gosto dela, compreender-me-ias.

O Wren abre a boca para replicar, mas há outra pessoa que se lhe adianta.

— Meninos! — Viro-me e vejo o Alistair no corredor. Está branco como a cal e tem o cabelo despenteado. — Sei que estão muito ocupados a atirar coisas à cara um do outro, mas acaba de surgir um problema maior.

— Que é que aconteceu? — pergunta-lhe o Wren, tirando-me as palavras da boca.

O Alistair anuncia, num tom alterado:

— O Mortimer Beaufort acabou de arruinar a festa da Lydia.

James

Ver o meu pai aqui provoca-me calafrios. Automaticamente, o meu olhar desliza para a Lydia, que está sentada à mesa com a Lin, morta de riso com as cartolinas que as miúdas recortaram.

para evitar a qualquer custo que ela veja o meu pai. Deve guardar uma boa recordação deste dia.

Infelizmente, o nosso pai entrou diretamente para o jardim, sem tocar à campainha. Assim que a Lydia pousa os olhos nele, o meu coração encolhe-se. A minha irmã para de rir imediatamente e toda a cor desaparece do seu rosto.

Contudo, precisamente quando me preparo para avançar para o meu pai, vejo o Graham caminhar pelo relvado em direção a ele e parar mesmo à sua frente.

— O senhor não tem nada que fazer aqui — avisa o Graham num tom duro.

O meu pai arqueia uma sobrancelha, com uma expressão gozosa.

— E o senhor não tem de falar comigo — responde-lhe friamente.

— Esta é a nossa festa. E, tanto quanto me lembro, o senhor não foi convidado. Não vai arruinar o dia à Lydia — replica o Sutton com determinação. Parece que, de um momento para o outro, vai agarrar o meu pai e expulsá-lo do jardim.

Um calafrio na nuca obriga-me a olhar para a Lydia. Observa o meu pai e o Graham com os olhos esbugalhados e os nossos olhares cruzam-se.

«Faz alguma coisa», diz-me sem palavras. «Por favor.»

Sem pensar duas vezes, pouso o prato que acabei de encher no bufete e aproximo-me do meu pai.

— Que fazes aqui? — pergunto-lhe.

O meu pai passa tranquilamente os olhos pelos balões, pelas peónias que decoram a comprida mesa de jardim, pela tela pintada com os dedos e, por fim, pelo bufete. O meu coração parece estar prestes a rebentar quando vejo um sorriso sarcástico aparecer-lhe no rosto.

— Vim para falar contigo — diz-me, num tom tão baixo que só os dois ouvimos. No jardim, instalou-se de repente um silêncio sepulcral. É como se todos estivessem a conter a respiração, à espera do que vai acontecer. — Não respondeste aos meus *e-mails*.

— Que é que te leva a pensar que quero falar contigo? — pergunto-lhe com frieza.

Nos seus olhos gelados brilha algo que conheço demasiado bem. É a cólera irrefreável que sempre o levou a levantar a mão para mim. Embora me tenha proposto firmemente a não voltar a bater em ninguém, isso não significa que não vá defender-me se ele me atacar.

— Vem comigo. O Graham tem razão. Não vais arruinar o dia à Lydia — peço-lhe, apontando com o queixo para o interior da casa. Dou meia-volta e avanço, sem verificar se ele vem atrás de mim. Pelo canto do olho, vejo que a Ophelia se levanta e se aproxima de nós.

— Mortimer — diz, quando estamos prestes a cruzar a porta da galeria. — Tinhas de vir precisamente hoje?

O meu pai nem sequer se digna a olhar para ela.

— É um assunto entre mim e o meu filho — diz, passando de largo ao lado dela. — Não te intrometas.

— Transformaste-o num assunto meu quando mandaste a tua filha para minha casa — responde-lhe a Ophelia. O tom de voz dela é gélido. Nunca a tinha ouvido falar assim.

Vejo que os ombros do meu pai ficam tensos. Lentamente, vira-se para a minha tia.

Nesse preciso momento, a Ruby, o Wren e o Alistair entram na galeria. Estacam subitamente, com expressões de preocupação, quando percebem quão tensa é a situação.

— Está tudo bem, Ophelia — tranquilizo-a.

Tenho de fazer os possíveis para que o meu pai desapareça daqui o mais depressa possível e para que não se aproxime demasiado nem da Lydia nem da Ruby. Se o fizesse, não me

perdoaria.

— É melhor irmos para a sala de jantar — proponho.

O meu pai segue-me quando saio da galeria. Quando chegamos à sala de jantar, fecho a porta atrás de nós e viro-me lentamente para ele. Nestas últimas semanas, não reprimi nenhum sentimento, portanto, neste momento, o meu pai deve conseguir ler no meu rosto todas as minhas emoções.

— Que é tão urgente para teres de aparecer precisamente na festa da Lydia? — pergunto-lhe, tentando manter na voz toda a calma possível.

— Não sabia que, agora, a gravidez de uma adolescente era motivo para festas. Além disso, ninguém me informa sobre o que a Lydia faz nos seus tempos livres.

— Pergunto-me se terias vindo, caso a Lydia te tivesse convidado.

Contrariamente à minha, a máscara do meu pai é perfeita e o seu olhar é imperscrutável. É evidente que não vai responder à minha indireta. Com ele, é sempre assim, quando acha que algo está abaixo do seu nível.

— Que é que queres, pai? — pergunto-lhe com uma voz forçadamente serena.

Endireita as costas. Embora seja sábado e o sol esteja mais quente do que é habitual em maio, veste um fato preto completo, com camisa, gravata e colete. Como sempre, é o homem de negócios perfeito.

— Não dei importância à tua saída da empresa, porque considereei que era um ato de rebeldia infantil — anuncia. — Mas, entretanto, já passaram mais de cinco semanas.

— E? — digo-lhe secamente.

Os cantos dos lábios do meu pai contraem-se um milímetro.

— Pergunto a mim mesmo quando vais compreender que nunca conseguirás vender as tuas ações da Beaufort.

Fico com os pelos da nuca eriçados.

— De acordo com o contrato, tenho de encontrar a pessoa certa e apresentá-la aos sócios.

— Não me digas que pensaste realmente que irias conseguir uma maioria do conselho de administração, que esteja de acordo com que vendas a tua participação à Fiona Green?

De repente, o meu coração encolhe-se. Sinto a boca ficar seca, enquanto o meu pai me fulmina com o olhar, arvorando uma expressão de quem está ao corrente de tudo.

Não sei como, mas o meu pai já sabe das minhas conversas com a Fiona. Conhece os meus planos concretos. Sabe que os projetos da Fiona no que respeita à empresa coincidem com os da minha mãe. Neste momento, sou assaltado por um pressentimento horrível.

— Que é que queres dizer-me com isso? — pergunto-lhe, desanimado.

— Acho que sabes perfeitamente o que quero dizer-te.

Olho para ele com uma expressão consternada. Com as suas palavras, a minha esperança de conseguir libertar-me completamente da Beaufort desvanecem-se, tal como a certeza de estar a deixar o legado da minha mãe em boas mãos. A única coisa que consigo fazer é soltar uma gargalhada amarga.

— Devia ter sabido.

— Devias ter percebido claramente quais seriam as consequências dos teus atos.

Cravo os olhos nos do meu pai enquanto abano a cabeça.

— És realmente incrível.

Fica com o maxilar tenso.

— Estou a tentar salvaguardar o legado da nossa família, e tu fazes todos os possíveis para o

destruir.

— Não é o legado da nossa família, é o legado da família da mamã. E da Ophelia — respondo-lhe. — E não estou a destruir nada. Não quero ter nada que ver com a empresa. Não és capaz de entender isso?

— Nem sequer tentaste. — Dá uma gargalhada amarga. — Pelo contrário, assim que as coisas ficaram sérias, abandonaste o barco.

— Tu quase destruístes o futuro da minha namorada. Ofereceste dinheiro ao homem que a Lydia ama, para ele desaparecer da vida dela. Se pensas realmente que consigo olhar-te nos olhos sem sentir náuseas, então... — Abano a cabeça. — Não sei que mais te dizer.

O meu pai observa-me em silêncio, com uma expressão impávida.

Um segundo, dois, três... não suporto mais este silêncio.

— Para que é que vieste aqui? — torno a perguntar-lhe.

— Para te dizer que, na segunda-feira, espero por ti às três da tarde na reunião do conselho de administração. — Afasta as pernas.

— Ouviste o que acabei de te perguntar?

— Sim.

— E o que é que vai acontecer se eu não for? Vais obrigar-me a trabalhar na Beaufort?

Na verdade, é uma pergunta retórica, mas o meu pai permanece impertérrito.

Olho para ele.

— Não podes estar mesmo a pensar isso.

— Quero pôr um ponto final no nosso desacordo, filho — responde-me. — Quero que tornemos a juntar forças. Que estejamos juntos. Tal como eu e a Cordelia planeámos quando nasceste.

Ouvir o nome da minha mãe na boca dele dá-me a volta à barriga.

— Não posso acreditar que esperes que a nossa relação algum dia volte a ser normal.

— James — diz o meu pai, mas abano a cabeça.

— Não vou voltar para a Beaufort, pai. Nunca.

Durante uns segundos, reina um silêncio absoluto na sala e limitamo-nos a olhar um para o outro: o olhar do meu pai é escuro, o meu é decidido.

Então, o meu pai leva a mão ao bolso interior do casaco e pega no telemóvel.

— Não me deixas outra opção.

Sinto-me levemente agoniado.

— Que é que queres dizer? — pergunto-lhe.

Não me responde, mas começa a escrever qualquer coisa no telemóvel.

— Que é que estás a fazer? — insisto. Detesto o tom rouco da minha voz.

O meu pai olha para mim. Embora tenhamos a mesma altura, tenho a impressão de que me observa de cima, prestes a abanar a cabeça, dececionado.

— Tentei fazê-lo a bem, mas estás tão obcecado em atirar o teu futuro borda fora que não me resta outra opção senão obrigar-te a tomar o rumo certo.

O tom ameaçador daquelas palavras não me passa despercebido, mas não vou permitir que ele me intimide. Nunca mais.

Respiro fundo.

— Não preciso de que tu me leves pelo bom caminho, eu próprio o encontrarei sozinho. E se vieste aqui apenas para me ameaçar, em vez de vires dar os parabéns à tua filha pela gravidez e festejá-la com os amigos dela, podes ir-te embora e deixar-nos em paz de uma vez por todas.

— replico com toda a calma que consigo.

O meu pai sorri.

— Sabias que, quase todos os dias, a Helen Bell leva para casa artigos da pequena padaria onde trabalha? Apesar de, na verdade, isso ser proibido?

Sinto o sangue gelar-me nas veias.

— Um dia, meio bolo; outro, um saco de pãezinhos...

— Caso contrário, iriam para o lixo — digo-lhe em voz baixa. — Da maneira como contas isso, parece que ela está a roubar.

O meu pai encolhe os ombros.

— Achas que o chefe dela vai encarar a coisa dessa maneira? Vais mesmo deixar isto nas mãos da sorte?

Não me atrevo a mexer-me nem um milímetro.

— E os níveis de higiene do restaurante onde o Angus Bell trabalha são péssimos. Conheço várias pessoas que, depois de lhes termos perguntado, confirmaram que tiveram uma intoxicação alimentar depois de lá terem ido... — Encolhe os ombros. — Que desagradável.

De repente, a sala de jantar parece-me extremamente asfíxiante e o ar não me chega aos pulmões.

— Que é que os Bells farão se, subitamente, deixarem de ter rendimentos?

— Pai...

Dá um estalido com a língua.

— Além disso, temos a tua namorada. A Ruby. — Há tanto desprezo na voz do meu pai quando pronuncia o nome da Ruby que sinto vontade de me atirar a ele. Contudo, o choque que as suas palavras me provocaram deixa-me imóvel, como se me tivesse congelado. — Achas mesmo que ela teria alguma hipótese de frequentar Oxford? Não se a bolsa de estudos dela se desvanecesse no último segundo, não é assim?

À minha volta, começa tudo a andar à roda.

— Nessa altura, o que é que poderá salvá-la, hem? De certeza que não será uma carta de recomendação escrita por um professor que, seis meses antes, foi expulso do colégio por se deitar com uma aluna.

— Não és capaz de uma coisa dessas — digo-lhe, afónico.

— Quando é que alguma vez fiz ameaças vãs? — responde-me.

O meu pai está louco, passa-me pela cabeça de repente. Está totalmente fora de si.

— Que é que os Bells te fizeram? — pergunto-lhe com a voz quebrada.

O meu pai põe-se a andar de um lado para o outro pela sala de jantar, com as mãos cruzadas atrás das costas. Quando chega à janela, estaca e olha para o jardim.

— Já vos disse uma vez que faria qualquer coisa para manter a reputação da Beaufort.

— Destruirias uma família inteira.

Fica uns segundos junto da janela, até que se vira novamente para mim e me observa com atenção.

— Está nas tuas mãos, James.

Tenho a cabeça a andar à roda. Sinto-me como se estivesse numa dessas atrações que rodopiam e sobem a uma velocidade vertiginosa, sentado à beira do assento, sem conseguir mexer-me.

Conheço o meu pai. Sei que cada uma das palavras que acaba de dizer é a sério.

Sinto uma sensação de vazio apoderar-se de mim.

A felicidade que senti nestas últimas semanas, a esperança que me permiti ter, pela primeira vez na minha vida... tudo vai minguando a pouco e pouco, até já não restar nada.

Nada exceto a certeza de que perdi.

Sinto a máscara voltar a cobrir-me o rosto, como se nunca tivesse desaparecido. Então, pergunto-lhe como um autómato:

— Que é que tenho de fazer?

Ruby

Depois de o Mortimer Beaufort se ter ido embora, toda a gente ficou de rastos.

O James regressa ao jardim, branco como a cal e com uma expressão nos olhos que me deixa aterrada. No entanto, quando lhe perguntamos o que é que aconteceu, faz um gesto de recusa, pega no prato que tinha deixado no bufete e começa a comer.

Depois do incidente, a festa dura pouco. Estou tão preocupada com o James que nem sequer pestanejo quando a Ember entra para o carro do Wren. Pelo menos, ele tem a decência de hesitar e de me lançar um olhar inseguro, mas limito-me a abanar a cabeça e a encolher os ombros.

Pelo menos, assim tenho oportunidade de falar tranquilamente com o James, cujo comportamento aumenta a minha inquietação a cada minuto que passa.

Passada uma longa meia hora, em que ficamos calados no carro, enquanto nos dirigimos para Gormsey, aproximo-me do James e aperto-lhe a mão.

— Fala comigo — murmuro.

O James, que tem estado a olhar pela janela, vira-se para mim. Ato contínuo, segura-me no rosto com as mãos e dá-me um beijo.

Quando afasta os lábios dos meus, continua a segurar-me no rosto e, quando abro os olhos, vejo que ainda tem os seus fechados.

— James...

Tem as mãos a tremer.

— Lamento muito — diz-me, num tom alterado. — La... lamento imenso.

— O quê? — pergunto-lhe com urgência, agarrando-o pelos pulsos. Neste momento, quero que esteja o mais próximo possível de mim. — James, estás a assustar-me.

A respiração dele é irregular. Estou morta por saber que efeitos é que a conversa com o pai teve sobre ele.

— Que é que aconteceu? — murmuro, acariciando-lhe a mão com o polegar.

O James deixa-me mimá-lo durante uns segundos e depois recosta-se para trás no banco, esfregando o rosto com as mãos.

— O meu pai... — Tenta encontrar as palavras certas. — O meu pai venceu.

As luzes difusas dos candeeiros de rua vão passando ao nosso lado, mas tenho a sensação de que o tempo parou.

— O quê?

— Na segunda-feira, voltarei para a Beaufort. — Pigarreia. — E esta noite volto para casa.

— Não — protesto. — Não vais fazer isso, James. — Quero dar-lhe a mão, mas ele retira-a. O meu coração encolhe-se. — Não interessa o que ele te disse — insisto. — Havemos de encontrar uma solução.

— Há demasiado em jogo. É demasiado perigoso.

Abano a cabeça.

— Ruby...

— Não! Independentemente do que ele usou para te ameaçar, isso não merece que sacrifiques o teu futuro.

Olha para mim durante bastante tempo sem dizer nada e, depois, suspira.

— Sim. Merece, sim.

— Que é que ele te disse? — pergunto-lhe num fio de voz.

O James abana a cabeça, mas não o deixo levar a sua avante.

— Prometemos que não teríamos mais segredos um com o outro.

— Ruby...

— Prometesteste-me!

— Ele vai destruir a tua família — acaba por confessar. — Não só Oxford, mas também tudo o que é importante para ti.

Sinto-me ficar sem respiração.

— Vocês fizeram tanto por mim... — continua. — Não posso permitir que isso aconteça.

— Nós... — Quebra-se-me a voz e tenho de pigarrear. — Havemos de encontrar uma solução. Ele não vai levar a sua avante.

— Ruby, ouve-me...

— Nem pensar! Não vou permitir que atires os teus planos borda fora, James. Os nossos planos.

— A decisão não é tua — responde-me o James, com uma doçura quase insuportável. Levanta a mão e acaricia-me o rosto com os nós dos dedos.

Afasto-me dele, de sobrolho franzido.

— Como é que podes permitir que ele te faça isto uma e outra vez? — pergunto-lhe, consternada.

O James cerra os lábios, obstinado.

— Cuidadinho com voltares a esconder-me o que quer que seja — resmungo. — Somos uma equipa. Não podes limitar-te a... ir-te embora.

Expira com força.

— O período que passei contigo, o período que passei com a tua família, foi mais bonito do que podia ter imaginado. Foi a única coisa que me manteve de pé. Tens de acreditar em mim — assegura-me. — Mas... não me resta outra opção.

— Há sempre outra opção! — protesto energicamente. — Não vou permitir que sacrifiques o teu futuro a troco do meu.

O sorriso triste que, nesse momento, lhe aparece no rosto deixa-me sem respiração. Nesse instante, percebo que não vou conseguir convencê-lo.

Já tomou a sua decisão.

Sinto os olhos a arder e tenho de pestanejar porque fico com a vista turva.

— Com que é que ele te ameaçou? — murmuro.

— Espero... — responde-me com a voz rouca. — Espero que aceites a minha decisão e não me detestes por isso.

Abano a cabeça. As palavras dele chegaram-me ao coração. Quero gritar ou partir alguma coisa, simplesmente para me libertar deste sentimento de impotência que se apodera do meu corpo. Contudo, em vez disso, continuo sentada em silêncio, a olhar para o James.

Uma lágrima escapa-se-me pelo canto do olho e desliza-me pelo rosto. O James limpa-me com o polegar.

— Nunca conseguiria detestar-te, James.
Puxa-me para si e enterra o rosto no meu cabelo.

*

Passada uma hora e meia, quando chegamos a Gormsey, sinto-me física e psicologicamente exausta. Eu e o James fizemos o resto do percurso de braço dado, sem falar. Tentei acalmar-me, repetindo para mim mesma incessantemente que não vou perdê-lo, mas é-me difícil acreditar nisso quando vejo a expressão vazia dos olhos dele. Hoje, o Mortimer Beaufort roubou-me uma parte do James e, por isso, detesto-o mais do que alguma vez na vida detestei alguém.

Esforço-me por conter as lágrimas quando vejo o James pegar no saco de viagem na nossa sala de estar e despedir-se dos meus pais, que olham para nós com expressões aflitas porque pensam que tivemos uma discussão. Só quando a Ember, que chega a casa pouco depois de nós, lhes conta em voz baixa que o pai dele apareceu na festa é que a minha mãe segura no braço do James.

— És sempre bem-vindo nesta casa — diz-lhe.

O James fecha os olhos momentaneamente, com força.

— Obrigado — diz num tom grave. Depois, aperta a mão ao meu pai e dirige-se para a porta.

Acompanho-o até lá fora e atravessamos o jardim da frente até chegar ao carro dele. Como o James ainda tinha de passar aqui por casa, o Percy regressou sozinho no *Rolls-Royce* depois de nos deixar. O James abre o porta-bagagens e guarda o saco de viagem.

Depois, vira-se para mim.

— Já está — pigarreia.

— Já está — murmuro.

O James mordia o lábio inferior e olha para mim.

— Amanhã escrevo-te.

Tenho medo de desatar a chorar se lhe disser alguma coisa, portanto, limito-me a anuir. Ele inclina-se para a frente e dá-me um beijo suave. Quando começa a endireitar-se, pego-lhe nos braços e aproximo-o mais de mim. Faz um som de surpresa contra os meus lábios, mas não interrompe o beijo. Em vez disso, enterra a mão no meu cabelo e beija-me tão desesperadamente como eu a ele.

Quando chega o momento de nos afastarmos, estamos os dois a respirar entrecortadamente e com dificuldade. O James levanta a mão e afasta-me cuidadosamente uma madeixa do rosto.

— Amo-te — diz-me com voz rouca, antes de se virar, abrir a porta do condutor e entrar para o carro.

Imóvel, fico a vê-lo arrancar e desaparecer na esquina da rua. Dói-me o coração. Por ele, por mim. Por nós.

— Ruby? — diz a voz preocupada da Ember junto ao meu ouvido.

Viro-me e vejo-a parada à porta do nosso jardim, com uma expressão indecisa.

— Estás bem? — pergunta-me.

Abro a boca para lhe responder, mas não sou capaz de dizer palavra. Em vez disso, sai-me um soluço que me surpreende tanto quanto à Ember, que, alarmada, abre os olhos e se aproxima imediatamente de mim para me abraçar.

— Oh, Ruby — exclama, acariciando-me as costas, enquanto deixo as lágrimas sair.

Embora não ultrapasse o limite de velocidade, tenho a sensação de que as casas de Gormsey passam ao largo demasiado depressa. Ao mesmo tempo, sinto-me como se estivesse neste carro há uma eternidade, apesar de terem passado, no máximo, cinco minutos desde que saí de casa dos Bells.

«Está nas tuas mãos, James», oiço uma e outra vez na minha mente a voz do meu pai. «Está nas tuas mãos.»

Se a decisão está nas minhas mãos... porque é que não me parece assim? Porque é que o mundo gira tão depressa? Porque é que sinto no peito esta opressão cada vez mais forte?

Fico com a vista turva. Passo a manga por cima dos olhos, mas não serve de nada. Desacelero um pouco e dirijo o carro para a berma. Depois, desligo o motor e encosto a testa ao volante.

A voz do meu pai soa cada vez mais alto na minha cabeça, até que, a dado momento, já não aguento mais e, instintivamente, tapo os ouvidos com as mãos. Estou prestes a rebentar de ira. Detesto perder o controlo, detesto que o meu pai me tenha obrigado a deixar a Ruby e a família dela.

Esmurro o volante, cego de raiva. Não aguento mais. Não aguento mais, tão simples quanto isso. Continuo a dar murros no volante sem parar, até que já não tenho forças e apoio a cabeça no encosto. Fecho os olhos e respiro fundo um par de vezes e, a dado momento, o mundo já não gira tão depressa. Os meus olhos também já não estão tão turvos, apesar de ainda sentir picadas.

Olho para a rua e reflito sobre o que acontecerá se voltar para casa do meu pai agora. Sobre o que isso significará.

Torno a ligar o motor. O meu corpo funciona como se estivesse em piloto automático quando dirijo o carro para o meio da estrada e, antes de realmente ter consciência do que estou a fazer, viro à esquerda. Por esta altura, já interiorizei o trajeto e é provável que até conseguisse fazê-lo de olhos fechados.

Estaciono logo atrás do carro do Wren, saio e atravesso o jardim da frente pelo curto caminho que me leva à porta de casa dos Fitzgeralds. Sem pensar duas vezes, toco à campainha.

Passa um minuto, durante o qual nada acontece, e depois o Wren vem à porta. Abre um bocado mais os olhos quando me vê. Depois, franze o sobrolho.

— Estás aqui para me dares um sermão por causa da Ember?

Quando processo o que acabou de me perguntar, fico sem palavras.

— Porque é que te iria dar um sermão por causa da Ember?

— A Ember é a rapariga de quem te falei. Pensava... pensava que a Ruby te tinha mandado vir cá. Hoje, viu-nos juntos.

Não faço a mais pequena ideia do que hei de dizer-lhe. As perguntas amontoam-se na minha cabeça. O Wren e a Ember? Como é que a Ruby terá reagido quando soube?

Ao pensar na Ruby, sinto uma pontada dolorosa que me recorda do que me trouxe aqui.

— Não vim por causa da Ember.

O Wren anui lentamente.

— É por causa do teu pai?

Agora sou eu que faço um gesto afirmativo.

— Está à minha espera em casa, mas sou incapaz de ir para lá.

— Queres falar sobre isso? — pergunto-me cautelosamente.

Abano negativamente a cabeça.

— É só isso, neste momento, não consigo ir para casa.

Quando ainda estou a dizer as últimas palavras, o Wren desvia-se para o lado.

— Entra.

Cruzo a entrada e subimos para o quarto dele.

Estar aqui parece-me cada vez menos estranho. A antiga casa do Wren era algo parecido com o meu segundo lar e pergunto a mim mesmo se algum dia me acontecerá o mesmo com esta casa.

— Senta-te — diz-me o Wren, apontando para a cama, enquanto se instala junto da secretária.

O meu olhar pousa no ecrã do computador. O logótipo florido da página *web* parece-me extremamente familiar, tal como a imagem da margem direita. O Wren fecha imediatamente o portátil, mas é demasiado tarde: conseguiria reconhecer o blogue da Ember entre milhares.

— Wren? — digo quando me sento.

Vira a cabeça para mim.

— Sim?

Olho fixamente para ele.

— Nas últimas semanas, a Ember transformou-se numa espécie de irmã para mim. Se a magoares, podes ter a certeza de que te magoarei. Está claro?

Os cantos dos lábios do Wren contraem-se ligeiramente, mas continua com um olhar sério.

— Sem dúvida. No entanto, caso estejas interessado em saber, não tenho a menor intenção de a magoar.

Baixo os olhos para as mãos e concentro-me nas linhas da minha pele.

— Às vezes, não temos escolha. Às vezes, magoamos uma pessoa, apesar de ser a última coisa que queremos fazer.

Depois, sumimo-nos em silêncio. Cerro as mãos e torno a abri-las. Os meus pensamentos vão da Ruby para o meu pai e, no fim, também para a minha mãe. Pergunto-me o que é que ela faria se ainda estivesse viva. Será que compreenderia que eu não me sinto minimamente envolvido na empresa? Será que permitiria que o meu pai ameaçasse a família da Ruby? Não me parece. Mas, infelizmente, a minha mãe já não está aqui para deter o meu pai e sinto-me mais inútil do que nunca.

Quando se senta ao meu lado, o Wren desperta-me dos meus pensamentos. Estende-me um copo de uísque generosamente cheio, um dos que lhe oferecemos na festa de inauguração. Pego no copo, agradecido, e agito o líquido castanho.

— Pouco importa o que o teu pai queira: vais ultrapassar isso. Vamos ultrapassar isso.

Aferro-me a estas palavras quando brindamos batendo os copos.

Ember

Não sei há quanto tempo é que eu e a Ruby estamos abraçadas quando finalmente nos separamos e voltamos para casa. A minha irmã evita as perguntas dos meus pais e limita-se a murmurar que está demasiado cansada para falar e que prefere ir dormir. Depois, enfia-se no quarto e deita-se sem dizer palavra. Encaro a atitude de não fechar a porta como um convite

para ir atrás dela.

Quando me sento ao seu lado, endireita-se, apoia as costas na cabeceira da cama e olha para mim. Eu devolvo-lhe o olhar e fico à espera, para ver se é a primeira a dizer alguma coisa. A verdade é que o comportamento que ela teve em casa da tia da Lydia me magoou e, embora agora não queira deixá-la sozinha, não consigo esquecer o que me fez.

— Desculpa ter passado tanto das marcas antes — começa, por fim, a dizer. Ainda tem os olhos vermelhos e a voz embargada, embora já tenha parado de chorar há um bom bocado. — A última coisa que esperava era ver-vos aos dois juntos. Em que momento é que deixámos de contar estas coisas uma à outra, Ember?

Respiro fundo.

— Queria averiguar por mim mesma o que é que ia acontecer entre mim e o Wren, antes de contar a quem quer que fosse. Além disso, sabia perfeitamente como é que ias reagir.

— Por acaso dou-te a impressão de que não podes confiar em mim? Só quero o melhor para ti. Nada mais.

— Eu sei — respondo-lhe em voz baixa.

— Desculpa ter sido tão protetora. Eu... — Encolhe os ombros. — Quero saber tudo sobre o que fazes nos teus tempos livres. Quero que possamos contar tudo uma à outra. Como sempre fizemos.

Quando oiço estas palavras, fico com um nó na garganta.

— Eu também quero o mesmo.

— Não quero, de maneira nenhuma, ser uma irmã mais velha com a qual não possas falar por medo de que eu te julgue. — Hesita. — É só que... eu e o Wren temos um passado que, realmente, a mim... não sei exatamente que tipo de pessoa é ele agora, mas, a dada altura, portou-se muito mal.

— Eu compreendo — digo-lhe. — A mim também me parece horrível o que ele fez.

— Mas, apesar de tudo, entraste para o carro com ele.

Faço um esforço por me expressar de maneira adequada.

— Estivemos estas últimas semanas sem nos falar e, hoje, fizemos as pazes. Queria dar-lhe uma oportunidade para se explicar. Devo acrescentar que, desde que o conheço, é uma pessoa completamente diferente. E deu a cara, não foi?

A Ruby respira fundo e anui.

— Gosto realmente dele, Ruby. Tenho a sensação de que me compreende. De certa maneira... encaixamos.

— Está bem — murmura. — Talvez tenha mesmo mudado.

— Sou prudente. Mas é uma experiência pela qual tenho de passar sozinha. Não podes proteger-me dela.

A Ruby fica momentaneamente em silêncio e percorre com o indicador uma linha imaginária no colchão, pelos vistos perdida nos seus pensamentos. Finalmente, suspira e diz, mais para si mesma do que para mim:

— Não. Tens razão.

— Queres contar-me o que é que aconteceu entre ti e o James? — pergunto-lhe cautelosamente.

A Ruby reúne forças. Passa os olhos pelo quarto e para na secretária.

— Vai voltar para casa do pai. E para a Beaufort.

Olho para ela, atónita.

— Como?

A Ruby não diz nada. Passam uns minutos em que se limita a cravar os olhos em frente. Parece não estar de todo aqui e os seus olhos estão tão vazios que fico com pele de galinha.

— No caminho de regresso, o Wren contou-me que não estranharia que o pai do James recorresse a jogos sujos para o recuperar — comento com prudência. — Achas que foi o que aconteceu hoje?

Isto desperta a Ruby do seu transe. Quando olha para mim, saltam-lhe chispas dos olhos.

— Aquele sacana está a fazer chantagem com o James.

Bufo. Portanto, aconteceu o que o Wren me disse.

— Com quê? — pergunto-lhe.

A Ruby engole em seco. Abre a boca e torna a fechá-la imediatamente. Depois, pigarreia e tenta falar novamente.

— Disse... disse que destruiria a nossa família.

Fico de olhos esbugalhados.

— Como?

— O James não me contou mais nada, mas também não é preciso. Ambos sabemos que o Mortimer Beaufort nunca faz *bluff*. — Passa a mão pelos olhos, que tornaram a ficar húmidos. — Fico furiosa só de imaginar o que ele pode ter dito ao James.

Penso incessantemente no que a Ruby acabou de me contar e reflito sobre se existirá um motivo que justifique que o pai do James se comporte desta maneira. Contudo, por muito boa vontade que tenha, não me ocorre nada. O nosso pai nunca nos causaria uma mágoa assim, fosse qual fosse a situação em que se encontrasse.

— Não compreendo como é que alguém é capaz de fazer isto aos próprios filhos.

A Ruby pega numa almofada e põe-na no colo. Abraça-a com firmeza, como se se agarrasse, literalmente, a ela.

— Meteu na cabeça que só consegue continuar a administrar a Beaufort com o James. A única coisa que lhe interessa é a sua reputação e o efeito que provoca nas outras pessoas ter o filho varão sentado ao seu lado durante as reuniões e negociações. Fico agoniada só de pensar em que, a partir de agora, o James vai ter de voltar a fazer tudo o que o pai lhe exigir. Adoraria poder ajudá-lo, mas não sei como o fazer. — A voz quebra-se-lhe e tem de voltar a pigarrear.

Inclino-me para a frente e pego-lhe no braço com que se agarra com força à almofada.

— Tu já o ajudas, Ruby.

— Como? Estando aqui sentada e permitindo que se vá embora? — replica.

Abano negativamente a cabeça e aperto-lhe o braço suavemente.

— Estás ao lado dele. Acho que é precisamente isso de que o James precisa de ti neste momento.

A Ruby soluça. Não posso deixá-la sozinha neste estado, é inconcebível. De repente, tenho uma ideia.

— Que é que achas de eu hoje ficar aqui a dormir contigo? — pergunto-lhe cautelosamente.

A Ruby pensa durante uns segundos. Depois, afasta-se para o lado, mais ou menos meio metro, e deita-se. Dá-me a almofada que tinha no colo e ponho-a na metade da cama que ficou livre. Depois, deito-me de lado e olho para a Ruby.

— Obrigada por estares aqui, Ember — murmura ela.

Dou-lhe a mão.

Ruby

Na segunda-feira, sinto-me como se estivesse isolada de tudo o que me rodeia. A manhã passa sem que me dê realmente conta de nada, porque os meus pensamentos só giram em torno do James e de a sua partida ter deixado um vazio doloroso na minha família.

No domingo, mandei-lhe uma mensagem para saber como estava e se tinha vontade de falar, e respondeu-me que estava tudo bem.

A tarde já ia avançada quando recebi uma notificação de que ele tinha feito a primeira publicação no *Beyond Beaufort*.

Passei a maior parte da noite a ler uma e outra vez as palavras do James. Escreveu sobre os sonhos. Sobre quão importantes são e ser preciso conservá-los, independentemente de as coisas nos correrem mal ou de uma situação parecer não ter solução. Disse que devemos rodear-nos de pessoas que nos ajudem a concretizar esses sonhos e que não há nada mais bonito do que encontrar uma pessoa que os partilhe. E também disse que alguns sonhos surgem num momento inoportuno, mas que, mesmo assim, não devemos abandoná-los, apesar de os manter custar mais do que qualquer outra coisa.

As palavras dele fizeram-me voltar a chorar e não consigo deixar de pensar nelas.

Desespera-me não poder fazer nada por ele. Por muito que a Ember seja da opinião de que basta eu estar ao lado dele, para mim, não é suficiente. Gostava de ir a Londres e pedir explicações ao Sr. Beaufort, mas posso imaginar o que o James pensaria sobre isso.

Portanto, na segunda-feira de manhã, estou sentada na sala de aulas, a esforçar-me por tirar apontamentos, mas, por muito boa vontade que tenha, não tenho forças para escolher os temas de maneira organizada e muito menos para pegar sequer num marcador colorido. Nem sequer a agenda consegue transmitir-me a sensação de que tenho a minha vida sob controlo.

Na pausa da hora de almoço, como sem apetite, enquanto levanto os olhos na expectativa de que o James apareça. Hoje ainda não o vi. Tinha esperança de que ele estivesse na paragem do autocarro para me ir buscar, mas tive de aguentar o duro golpe da decepção quando isso não aconteceu.

— A verdade é que podemos considerar-nos muito afortunadas, Ruby — diz-me a Lin em voz baixa.

Levanto os olhos do prato de arroz com uma expressão inquisitiva.

— Porque temos uns pais que não nos pressionam. A minha mãe e a minha avó sempre quiseram que eu estudasse, claro, mas nunca me obrigaram a fazer nada que eu não quisesse.

— É precisamente esse o meu problema. Como sei o que acontece quando tens uma família carinhosa e protetora, esta situação parece-me ainda mais insuportável.

— Infelizmente, neste momento não podes fazer nada para a mudar — responde-me a Lin, bebendo um gole de chá frio. Depois, põe o cabelo atrás da orelha. — Faça o pai do James o que fizer, isso não depende de ti. E compreendo quão difícil é para ti estares a ver o que acontece e não poderes intervir. Contudo, a pior coisa que podes fazer ao James é deixar que

— Nossa relação sofre por causa disso. Já lhe basta o que está a sofrer com a decisão que tomou.

— Eu sei — murmuro, pousando o garfo ao lado do prato. Nem sequer quero imaginar o que o Mortimer Beaufort teria feito se o James se tivesse recusado a voltar. O que teria feito à minha família.

Nesse momento, o James entra no refeitório. O Wren e o Cyril estão ao lado dele e o Kesh e o Alistair mesmo atrás. Estão a conversar, o Wren dá-lhe uma cotovelada nas costelas e esboça um grande sorriso. O Cyril revira os olhos quando ouve o que ele diz, mas não consegue deixar de sorrir. E o James? O James também tenta esboçar um sorriso, mas mesmo a esta distância reconheço quão inverosímil e pouco natural parece. Não tem nada que ver com o sorriso que se espalha pelo rosto dele quando o meu pai diz uma piada. Não tem nada que ver com o sorriso que esboça quando fala com a Lydia. E não tem absolutamente nada que ver com o sorriso que me lança imediatamente depois de me beijar.

Como se tivesse lido os meus pensamentos, o James dirige o olhar para mim. Os rapazes avançam na nossa direção, certamente para se sentarem no seu lugar habitual, ao lado da janela. O James para diante da nossa mesa. Agora, vejo quão pálido está e quão profundos são os círculos negros debaixo dos seus olhos azul-turquesa.

— Oi — diz, acariciando-me o rosto.

Quando passa os nós dos dedos pela minha pele, sinto um formigueiro. O sorriso dele é hesitante, como se não tivesse a certeza de como vou reagir ao seu contacto.

Neste momento, há uma coisa que é muito clara para mim: o James está a esforçar-se ao máximo por ser forte. Pela Lydia, pela minha família, por mim. E, da maneira como estou a comportar-me, não estou a ajudá-lo. Pelo contrário, estou a ser mais um peso para ele. Não estou a ser justa com o James. Ele está a fazer um sacrifício enorme pela minha família e por mim e, em vez de lhe dar o apoio de que precisa e que é evidente que os amigos lhe estão a dar, ponho em causa a decisão que tomou e até é possível que ele tenha a consciência pesada por minha culpa. Devia estar ao lado dele e não complicar-lhe mais a vida.

— James?

Olha para mim com curiosidade.

— Sim?

— Tens alguma coisa combinada para depois do almoço? — pergunto-lhe.

— Tenho meia hora livre, antes de o Percy vir buscar-me. — Inclina um pouco a cabeça e semicerra os olhos. — Porquê?

Lanço-lhe um sorriso. Depois, inclino-me e murmuro-lhe algo ao ouvido, esperando ter falado suficientemente baixo para que ninguém consiga ouvir. Quando me endireito, vejo os olhos do James cintilar. E gosto muito mais de o ver assim do que de o ver tão triste.

A pausa da hora de almoço ainda não terminou, portanto, a biblioteca está agradavelmente vazia. Em vez de seguir o meu caminho diário para a impressora, para os empréstimos e, por último, para a sala de grupos, viro à direita e atravesso a sala quase até ao fundo, onde, num canto, entre duas estantes com pesados volumes ilustrados e livros de História, há uma mesinha.

Pouso a mala no chão, sento-me em cima da mesa e reclinio-me para trás, apoiada nas mãos. Tenho o coração a mil e sinto-me como se fosse fazer algo ultraproibido — no entanto, só estou à espera do James.

Mandei-lhe uma mensagem com as instruções exatas para me encontrar e, quando ainda

nem sequer passaram cinco minutos, vejo-o aparecer entre as estantes e aproximar-se de mim. Embora esteja triste, não consigo evitar sorrir para ele.

— Estás aqui.

O James para junto a mim.

— Como se eu fosse recusar um encontro secreto com a miúda mais incrível de Maxton Hall.

As palavras dele enternecem-me. Estendo-lhe a mão e segura nela carinhosamente.

— Desculpa — começo a dizer, olhando para os nossos dedos entrelaçados.

— Desculpo o quê?

Acaricio-lhe as costas da mão com o polegar.

— A maneira como reagi. — Torno a levantar a vista e olho-o nos olhos. — Caso não tenha sido suficientemente clara: apoio tudo o que fizeres. E também havemos de ultrapassar isto. Não podemos permitir que o teu pai torne a interpor-se entre nós. Está combinado?

O James parece ter parado de respirar quando eu falava. Fica a olhar para mim e precisa de uns segundos para responder.

Aproxima lentamente as minhas mãos dos lábios e beija-as.

— Obrigado — diz-me em voz baixa.

Inclino-me para a frente e puxo-o para mim, para o abraçar. Abro as pernas, para ele se pôr entre elas. Ficamos entrelaçados durante um minuto enquanto inspiro o seu aroma tão familiar e lhe acaricio as costas com as mãos.

— Porque é que querias que nos encontrássemos aqui? — murmura-me o James ao ouvido. Tem a mão atrás da minha cabeça e puxa-me mais contra si. Afasto-me um pouco e respiro fundo.

— Queria mostrar-te que, mesmo num dia como hoje, em que tens de ir a Londres, podem acontecer coisas fantásticas. Por isso, pensei dar-te, por fim, o beijo no sítio em que querias.

O James franziu o sobrolho, mas as minhas palavras suavizam a sua expressão pensativa e aparece-lhe um brilho atrevido nos olhos. Passa a mão pelas minhas costas até quase chegar ao cóccix. Depois, puxa-me para a frente até eu ficar praticamente sentada no canto da mesa, e tenho de me apoiar no seu peito com uma mão.

— Tens umas ideias fantásticas, Ruby Bell — murmura o James.

Não sei qual de nós se mexe primeiro, mas os nossos lábios fundem-se imediatamente. Agarro-me a ele com firmeza e o James aperta-se contra mim, com a boca ansiosa sobre a minha. Segura-me na nuca e deixo-me levar totalmente por esta sensação que ele desencadeia em mim. Percebo que, entre nós, nada mudou.

E proponho-me firmemente a que isto continue a ser assim no futuro, independentemente de qual seja a próxima manobra do pai dele.

James

É realmente complicado concentrar-me no *brainstorming* para o novo catálogo da Beaufort ou no novo decreto-lei da União Europeia quando não consigo tirar a Ruby da cabeça.

— James? — diz o Edward Culpepper, e a voz dele dissipa a imagem da Ruby em cima da mesinha da biblioteca.

Tal como todos os presentes nesta sala, trata-me pelo nome próprio. Os membros do

conselho de administração esforçam-se por me tratar como um igual, mas sinto o ceticismo que despertou neles. E isso apesar de não conhecer dois terços dos participantes, uma vez que o meu pai deve ter mudado grande parte dos administradores nas últimas semanas.

— Sim? — respondo-lhe, inclinando-me para a frente com os cotovelos apoiados na mesa de reuniões, para fingir que estou interessado.

— Estava a perguntar-lhe se queria acrescentar mais alguma coisa.

Fico a olhar para ele e sinto a garganta completamente seca quando me apercebo do repentino silêncio que reina na sala. Pestanejo perante os rostos severos dos homens e das mulheres que ocupam a mesa. Aposto que pensam que não faço a mínima ideia do que estiveram a falar. Contudo, desde que era pequeno que o meu pai me incutiu estes assuntos. Podia elaborar um plano de negócios anual para a Beaufort de olhos fechados. Sei como funciona esta empresa, mesmo apesar das pequenas mudanças que foram introduzidas depois da morte da minha mãe.

— Sim. Gostaria de que, a partir de agora, os indicadores fossem avaliados todos os meses e não semestralmente. Desse modo, poderíamos reagir mais depressa caso ocorresse uma evolução inesperada. E penso que o conselho de administração deve estar presente nessas avaliações e não apenas os chefes de departamento.

A boca do Culpepper abre-se ligeiramente, mas fecha-a de imediato e limita-se a anuir. Depois, escreve uma breve nota no *iPad* e olha para o meu pai, que está à cabeceira da mesa e que toma a palavra, dizendo uma treta qualquer sobre as medidas atuais. Depois, projeta num ecrã um diapositivo com números e um gráfico, portanto, passo os seguintes quarenta e cinco minutos a fingir que estou a ouvir e a tirar apontamentos. Contudo, na minha folha de papel só há círculos arbitrários. A caneta que seguro na mão parece pesar mil vezes mais quando tento anotar o que o meu pai e os outros estão a discutir. A dada altura, surpreendo o homem mais velho que está sentado ao meu lado a lançar uma olhadela ao meu caderno aberto e a contrair a boca num esgar de desagrado. Fecho o caderno e, a partir desse momento, fixo o olhar em frente e não volto a tocar na caneta nem uma só vez.

Finalmente, a hora e meia mais longa da minha vida termina. Dois dos membros do conselho de administração aproximam-se do meu pai e embrenham-se numa conversa com ele enquanto eu me levanto e estico os braços por cima da cabeça, para me desfazer da rigidez dos meus membros. O meu pai lança-me um olhar severo e baixo novamente os braços. Depois, fico à espera dele, com as costas direitas e o caderno na mão. Com um gesto, o meu pai comunica aos sócios que aguardem um segundo e depois aproxima-se de mim.

— Vais para casa com o Percival. Ainda tenho um jantar de negócios com o Edward e o Bancroft. Como vai dar para o tarde, esta noite ficarei em Londres — diz-me, despedindo-se com um breve movimento do queixo.

Por fim, estou livre. Despeço-me rapidamente e desço os vinte pisos no elevador. Quando saio pelas portas giratórias e respiro o ar fresco da tarde, sou invadido por uma ligeira e incrível. O Percy já está encostado ao *Rolls-Royce* e, quando me vê, endireita-se. Abre-me a porta e deixo-me cair no banco traseiro. Agora que estou atrás dos vidros escurecidos e que ninguém me vê do edifício, posso, por fim, alargar o nó da gravata que me está a estrangular há horas.

— Está tudo bem, senhor? — pergunta-me o Percy, e os nossos olhares cruzam-se no retrovisor.

Limito-me a encolher os ombros. Não faço a mais pequena ideia de como responder a esta

pergunta. É como se, depois de umas férias fantásticas de vários meses, tivesse regressado a uma vida que me deprime profundamente de manhã à noite.

Recosto a cabeça para trás e fecho os olhos. Quando torno a abri-los, sinto-os secos e cansados. Devo ter adormecido. Esfrego o rosto com as mãos e olho para o exterior. Acabámos de passar pela placa de Pemwick, mas, em vez de virar na saída, o Percy passa-a de largo.

— Falhaste o desvio, Percy — digo-lhe com voz rouca, inclinando-me para o minibar para pegar numa garrafa de água pequena. Esvazio-a de um só trago, na esperança de deixar de sentir a garganta tremendamente seca.

Depois, torno a olhar para o exterior. O Percy sai no desvio seguinte, mas vira à esquerda. Seguem-se mais dois cruzamentos que é evidente que não levam à rua principal.

— Percy — torno a dizer, verificando a pequena luz do intercomunicador do *Rolls-Royce*. Está acesa, portanto, ele tem de me ouvir.

No entanto, não me responde. Em vez disso, vira o carro para um parque de estacionamento em frente de um pequeno bar. De sobrolho franzido, observo a luz amarelada que brilha através da janela.

Preparo-me para perguntar ao Percy onde diabos estamos, mas ele adianta-se-me.

— Tenho de falar consigo, senhor Beaufort.

O bar é pequeno, com uns corredores estreitos que me levam a pensar em como é que os empregados de mesa conseguem passar com as bandejas. Exceto eu e o Percy, só há mais dois homens sentados a um canto, a ver um jogo de futebol num pequeno televisor elevado. O Percy aponta para uma mesa ao pé de uma parede cheia de fotografias e cartazes emoldurados de filmes antigos. Sentamo-nos e, pouco depois, o empregado de mesa traz-nos o *menu*. Nem eu nem o Percy lhe tocamos.

— É possível que isto que estou a fazer agora me custe o emprego — diz-me o Percy, passados uns minutos. O tom de voz é sereno, como se estivesse resignado com o seu destino.

Olho para ele com uma expressão expectante.

O Percy pigarreia e abre a boca, mas, nesse momento, o empregado de mesa torna a aparecer junto de nós e pergunta-nos o que queremos beber. Sem afastar os olhos do Percy, peço uma garrafa de água grande e dois copos. Depois, ficamos sozinhos.

— Em finais do ano passado — começa ele a dizer — ouvi uma conversa telefónica do meu pai.

Vou intervir, mas, aparentemente, o Percy já sabe o que lhe vou perguntar.

— O intercomunicador do carro estava ligado. — Faz uma breve pausa. — Inicialmente, não suspeitei de nada, o meu pai tem todo o tipo de conversas na minha presença. Contudo, não consegui parar de pensar no que ele disse.

Olho para o Percy com uma expressão impaciente e confusa.

Ele fixa os olhos na mesa e fica calado durante uns segundos. Depois respira fundo.

— Não consegui parar de pensar nas palavras dele, porque disse: «A Cordelia morreu. Preciso da tua ajuda.»

Os pelos da minha nuca ficam eriçados.

— Como continuou a conversa?

— Disse que demoraria vinte minutos e pediu ao interlocutor que o recebesse a sós.

Os meus pensamentos amontoam-se e fico com o coração acelerado.

— Aonde é que o levaste? — pergunto-lhe num fio de voz.

— Ao gabinete do Clive Allen.

— Porque é que o meu pai precisava de se encontrar em segredo com o nosso advogado?

O Percy prepara-se para me responder, mas o empregado de mesa interrompe-o, regressando nesse momento e pousando os copos e a água à nossa frente.

— Quando é que isso aconteceu? — pergunto-lhe a seguir.

— Na noite depois da morte da sua mãe.

A minha barriga dá um salto e uma suspeita nasce na minha mente. E se a morte da minha mãe não tivesse sido um acidente? E se o meu pai estivesse envolvido nela? Mas, depois, lembro-me daquela noite em que o vi parado diante do retrato de família, na sala de jantar.

«Nunca te perdorei. Agora estou sozinho com os dois e faço tudo mal, e, porra, é novamente por culpa tua!»

É impossível que estivesse a fingir. Parecia ter consciência dos seus erros. E chorou, vi isso com os meus próprios olhos. Apesar de acreditar que o meu pai é capaz de fazer muitas coisas más, sei que amava a minha mãe.

— Durante os primeiros dias depois do falecimento, eu próprio estava demasiado... abalado para refletir. Mas a conversa continuou às voltas na minha mente. E no fim de semana, depois de falar com a Ophelia, percebi que tinha de falar consigo sobre este assunto.

— Que é que a Ophelia te disse?

— Contou-me que, nos últimos meses, ocorreram mudanças inquietantes na Beaufort e que o seu pai despediu uma parte dos membros do conselho de administração.

— Ele não os despediu, eles saíram por iniciativa própria. Esta manhã, falaram disso na reunião — corrijo-o. Contudo, nesse mesmo instante, dou-me conta de que é provável que essa seja a versão oficial e não o que realmente aconteceu. Surge-me uma sensação desagradável na barriga.

— A Ophelia explicou-me que, embora ela nem sempre estivesse de acordo com a maneira como a irmã dirigia a empresa, pelo menos, sabia que o espírito da Beaufort e as tradições familiares ocupavam sempre um lugar de destaque na empresa. Isso parece estar a mudar a pouco e pouco.

Esta tarde, quando estava na reunião com o meu pai, pensei o mesmo. Antigamente, quando ia à sede da Beaufort com a Lydia e observava a maneira de trabalhar da nossa mãe, via sempre a paixão com que ela e os sócios tomavam as decisões. A Beaufort tinha coração. Hoje, pelo contrário, notava-se um ambiente gélido e tenso, as intervenções careciam de emoção e eram pura verborreia.

— Compreendo o que quer dizer — digo-lhe em voz baixa.

— A Ophelia acredita que a irmã não partilhava da visão do senhor Beaufort.

Franzo o sobrolho.

— A minha mãe e o meu pai sempre trabalharam lado a lado.

— Isso só funcionava porque a palavra da sua mãe tinha sempre mais peso do que a do seu pai. Era a sua mãe quem controlava o que o seu pai fazia, porque, para sermos rigorosos, ele não passava de um funcionário dela. — Pigarreia. — Creio que a sua mãe suspeitava de que podia ocorrer uma coisa deste tipo se lhe... se lhe acontecesse alguma coisa.

— Percy — murmuro. — Que é que estás a tentar dizer-me?

O Percy olha para mim durante uns segundos e depois expira bruscamente. Leva a mão ao colarinho da camisa e mostra-me um fino fio de prata com um pingente. Passa-o por cima da cabeça com cuidado e levanta-o para que eu possa vê-lo bem. O que pende do fio não é um

pingente, mas sim uma pequena chave.

— Há uns anos, a sua mãe deu-me esta chave. Disse-me que devia protegê-la com a minha própria vida. — Contempla os pequenos dentes e percorre o metal baço com o dedo. Parece estar quase em transe. Depois, abana a cabeça, como se quisesse despertar-se a si mesmo do sonho em que se perdera, e tira a chave do fio. Fá-la deslizar para mim por cima da mesa e torna a colocar o fio por cima da cabeça e a metê-lo por baixo da camisa.

Pego na chave e viro-a algumas vezes na mão.

— Porque é que a minha mãe te confiou isto? — pergunto-lhe com voz rouca.

O Percy demora algum tempo a responder.

— Éramos algo assim como amigos.

Os pensamentos amontoam-se na minha cabeça, mas tento contê-los. Neste momento, a única coisa que importa é o segredo da minha mãe. Um segredo que não quis confiar a nenhum de nós: nem ao meu pai, nem à Lydia, nem à Ophelia, nem a mim. Um segredo que vou poder desvendar com a chave que tenho na mão.

— Nunca me confessou o que abria — diz-me o Percy com prudência. — Mas creio que, agora, deve ficar consigo.

Levanto a vista, olho para o Percy e, de repente, dou-me conta da sua expressão extremamente triste. Lembro-me do que a Ruby me disse, sobre tudo isto não ser fácil para ele, nem a morte da minha mãe, nem a partida da Lydia ou a minha. Embora seja nosso empregado, faz parte da família. E foi tão importante para a minha mãe que a confiança que ela tinha nele era incondicional.

— Achas que a chave e esse estranho telefonema do meu pai estão relacionados? — pergunto-lhe.

Encolhe os ombros.

— Não sei. Mas o que sei é que o seu pai esconde alguma coisa.

Brinco com a chave na mão e, depois, pego na carteira, abro-a e ponho-a atrás da lista da Ruby. Olho o Percy nos olhos, com determinação.

— Vou averiguar o que se passa.

— Tinha esperança de que dissesse isso, senhor Beaufort.

Ruby

Estou sentada nos degraus frios que levam à casa dos Beauforts e olho para o relógio. Há pouco mais de uma hora, o James disse-me que estava a vir para casa e perguntou-me se podia vir ter com ele. Não hesitei nem um segundo.

O que lhe disse hoje, à hora do almoço, foi a sério. Quero estar ao lado dele e apoiá-lo, e se ele aguentou uma reunião horrível na Beaufort, quero passar, pelo menos, uma tarde bonita com ele antes que o ciclo torne a começar.

Não tenho de esperar muito até ver aparecer o *Rolls-Royce* no caminho de acesso à residência. Levanto-me e sacudo a saia, para me livrar de quaisquer vestígios de poeira. O Percy trava mesmo em frente da entrada e, logo a seguir, o James sai do carro. Embora saiba que ele não está no seu melhor momento, não posso negar quão bem lhe fica o fato cinzento aos quadrados da Beaufort que vestiu para a reunião. Parece que foi feito em cima do corpo dele, e engulo em seco quando torno a levantar os olhos e vejo aquele meio-sorriso nos lábios dele.

Ato contínuo, aproxima-se de mim e abraça-me com força.

— Oi — murmura junto à minha orelha, dando-me um beijo na cabeça.

Aperto-o um pouco mais contra mim, antes de retroceder para lhe olhar para o rosto.

— Que tal correu? — pergunto-lhe com cautela, acariciando-lhe a nuca.

— Anda — diz-me o James, apontando para a porta de entrada. — Conto-te tudo lá dentro.

Olha para o Percy, que acabou de sair do carro, e despede-se dele com um gesto de cabeça, para depois me dar a mão e subir comigo os degraus de casa. Abre-me a porta e, antes de termos pisado o interior, a Mary vem a correr para junto de nós com uma expressão interrogativa.

— Mary, eu e a Ruby queremos estar sozinhos esta tarde — diz-lhe o James. — Seria ótimo que ninguém subisse ao piso de cima.

Sinto-me sufocar, tal como a governanta, cujas maçãs do rosto se tingem com um ligeiro rubor. As palavras do James deixaram-me totalmente desconcertada e sinto-me ligeiramente aturdida enquanto subo a escada e viro à esquerda, em direção ao quarto dele. Quando chegamos ao quarto, antes de fechar a porta, o James torna a olhar para trás.

Estou à espera de que ele me empurre contra a parede e me beije com paixão, mas, em vez disso, mete a mão no bolso das calças e tira a carteira.

— Tenho de te mostrar uma coisa — diz, repetindo as palavras que escreveu na mensagem.

Olho para ele com interesse.

— Que é que se passa?

— Depois da reunião, o Percy foi-me buscar para me trazer para casa, mas fez uma pequena paragem num bar e contou-me uma coisa sobre o meu pai. Uma coisa que pode mudar tudo.

Abre a carteira e tira um objeto lá de dentro: uma pequena chave. Estende-ma e rodo-a na mão. Não parece especial, é apenas uma pequena chave normalíssima.

— Que é que abre? — pergunto-lhe.
— Há uns anos, a minha mãe confiou essa chave ao Percy — responde-me o James de maneira precipitada. As palavras quase tropeçam umas nas outras. Afasta-se da porta e despe o *blazer* enquanto caminha, pousa-o no sofá, desaperta o nó da gravata e torna a olhar para mim.
— Além disso, contou-me que, pouco depois da morte da minha mãe, o meu pai foi ter com o nosso advogado. Disse-lhe que era uma reunião urgente e pediu-lhe discrição.

Sem me dar conta disso, sustenho a respiração.

— Que é que isso significa?

O James atira a gravata para cima do sofá. Depois, desaperta os botões de punho e arregaa as mangas da camisa até aos cotovelos.

— Significa que temos de descobrir o que é que a minha mãe escondeu do meu pai. Se calhar, a chave está relacionada com o que ele fez em segredo. Se calhar... — Não termina a frase e cerra os lábios, que formam uma linha fina.

Levanto-me e aproximo-me do James. Coloco as mãos nas suas maçãs do rosto quentes e ponho-me em bicos dos pés para lhe dar um beijo fugaz. Depois, afasto-me e olho para ele com uma expressão decidida.

— Vamos descobrir para que serve a chave.

Após uma breve hesitação, o James anui. Torna a pegar na chave e mete-a no bolso das calças.

— Esta noite, o meu pai vai ficar a dormir em Londres. É a melhor ocasião para vasculharmos as coisas da minha mãe.

O James despe-me o casaco e saímos novamente do quarto. Retrocedemos pelo mesmo caminho, passando ao lado da escada e entrando numa parte do edifício que ainda não conheço. O corredor é quase tão comprido quanto aquele em que se situam os quartos da Lydia e do James, embora aqui só haja uma porta. Paramos diante dela e o James respira fundo. Depois, roda a maçaneta e empurra a porta de madeira maciça, abrindo-a.

Entrar neste quarto tem algo ilícito e sinto as batidas do meu coração emitirem um som ensurdecador. Inquieta, olho em volta quando o James torna a fechar a porta e corre o trinco. Estamos num corredor estreito que, do lado direito, tem um guarda-vestidos com um espelho iluminado. À esquerda, vê-se uma porta que certamente leva à casa de banho. O James encaminha-se para dentro do quarto e vou atrás dele.

— Não consigo lembrar-me de quando foi a última vez que estive aqui — confessa o James. Diz aquilo num murmúrio, como se sentisse o mesmo medo que eu de ser descoberto a qualquer momento. Atravessa o quarto até à secretária, junto da janela. — A minha mãe sempre gostou de olhar para o exterior enquanto trabalhava. Sempre que entrava no meu quarto, franzia o nariz ao ver a minha secretária virada para a parede. — Observa os papéis que estão em cima da secretária e separa as folhas, dando uma vista de olhos ao conteúdo. — Hoje em dia, também prefiro olhar para o exterior. Quando tiver a minha própria casa, farei exatamente o mesmo que ela.

Aproximo-me dele e acaricio-lhe suavemente as costas.

— Vamos começar? — pergunto-lhe.

O James para uns instantes com a mão em cima das folhas, antes de respirar fundo e anuir.

— Sim. Vamos a isso.

— Já que estamos aqui... — digo-lhe, agachando-me diante das gavetas da secretária e olhando para o James com uma expressão inquisitiva.

— Faz o que quiseres.

Encho-me de coragem e abro a primeira. No interior, descubro um monte de blocos de notas da Beaufort e os respetivos lápis. Tiro tudo para fora, ponho as coisas em cima da secretária e apalpo o fundo da gaveta. Bato na pequena tábua, mas o som que emite não é oco, mas sim totalmente normal.

— Dir-se-ia que fizeste isto centenas de vezes. Há alguma coisa que eu não saiba? — pergunta-me o James do outro lado da secretária, onde está a esvaziar o pequeno armário.

— Vi muitos filmes — respondo-lhe, abanando a gaveta. Não descubro nada, portanto, torno a colocar as coisas no interior, tendo o cuidado de que tudo fique exatamente como estava, e volto a fechá-la. Agora, é a vez da segunda gaveta.

— Não sei se isto me parece mais aterrador ou emocionante.

Sorrio e tiro o dossiê que está na segunda gaveta. Folheio-o, mas não vejo nada que tenha um aspeto suspeito e menos ainda um sítio em que a pequena chave possa encaixar-se.

Continuamos a avançar, até termos revistado todo o móvel. No fim, até o afastamos da parede para ver se tem alguma coisa escondida atrás, mas não serve de nada. A seguir, dirigimo-nos para as mesinhas de cabeceira. Aí, perdemos os dois a vontade de dizer piadas para descontraír os ânimos. Sinto-me pessimamente ao abrir as gavetas da mesinha de cabeceira da Sra. Beaufort e procurar entre os cremes de mãos, joias... até encontro um romance clássico em inglês e uma velha revista em cuja capa aparece uma fotografia da Cordelia Beaufort. Fico espantada por ela a ter guardado na mesinha de cabeceira, mas é provável que eu tivesse feito o mesmo. Com uma capa destas, talvez até a tivesse pendurado por cima da secretária.

— Aqui não há nada. E debaixo da cama também não — oiço dizer a voz abafada do James. Torna a pôr-se em pé e agora já tem a camisa toda enrugada.

— Aqui também não. Passamos ao *closet*? — pergunto-lhe.

— Sim.

Quando abre a porta do *closet* dos pais, fico pasmada. É uma divisão enorme.

Do lado esquerdo e direito há uma série de cabides onde estão pendurados blusas, vestidos, fatos e camisas que foram engomados com esmero, e estantes onde estão pousados incontáveis pares de sapatos. O lado esquerdo deve pertencer ao Sr. Beaufort e começo a transpirar, literalmente, quando vejo as coisas dele. Ao mesmo tempo, passa-me pela cabeça que a minha irmã daria tudo para estar agora no meu lugar. A Ember tem um fraco por *closets* e sei que, para ela, isto seria um sonho tornado realidade. Contudo, envergonho-me imediatamente destes pensamentos e afasto tais ideias da mente, para me concentrar na tarefa que temos em mãos.

O James dá uns passos pela divisão e acaricia o tecido da roupa da mãe.

— Até cheira a ela — murmura com a voz rouca.

Aproximo-me dele por trás e toco-lhe ao de leve no ombro.

— Se quiseres que paremos, diz-me.

Abana imediatamente a cabeça.

— Não.

Considero-me esclarecida e ponho-me junto da primeira estante. Começo a afastar cuidadosamente as *T-shirts*, para ver se há alguma coisa escondida atrás delas. Infelizmente, não encontro nada. O James dedica-se aos compartimentos superiores, aos quais eu não chego, e também às estantes dos sapatos, mas também não encontra nada.

— Queres que procure aqui? — pergunto-lhe, ao mesmo tempo que aponto para uma cómoda lacada a branco que está no fundo da divisão.

O James anui e abre o fecho de pressão.

Fico extasiada. As joias fazem-me cegar, literalmente. Tudo reluz e resplandece: alfinetes de peito, colares, brincos e algumas tiaras que parecem ter sido criadas especialmente para casamentos e para as corridas de cavalos na Grand National.

— Uau — murmuro.

O James aproxima-se de mim e põe-se de cócoras.

— Lembro-me de muitas destas peças. Até me lembro de eventos concretos em que a minha mãe as usou. Achas que é esquisito?

Abano negativamente a cabeça.

— De todo.

Revistamos as gavetas forradas a veludo preto e também as tiramos para fora, para verificar se escondem alguma coisa atrás. A gaveta inferior tem peinetas para o cabelo e outras extravagâncias. Reconheço alguns acessórios que vi a Lydia usar quando ainda se sentava à minha frente nas aulas.

— Porque é que só há meia gaveta? — pergunta-me repentinamente o James.

Eu estava demasiado ocupada a inspecionar um adorno de brilhantes e a perguntar a mim mesma em que ocasião se usa algo assim, e não tinha reparado na gaveta. Ato contínuo, o James inclina-se para a frente e puxa-a o mais para fora possível. Depois, desliza o braço pelo espaço entre a gaveta inferior e a parede do fundo da cómoda e fica de olhos esbugalhados.

— Acho que há aqui qualquer coisa — anuncia, agachando-se um pouco mais, até que o seu braço todo desaparece dentro do móvel.

Oigo um som abafado no momento em que o James tenta pegar no objeto. Sustenho a respiração quando, por fim, consegue e o braço torna a aparecer. Então, franzo o sobrolho.

— Que é isso? — pergunto-lhe a meia-voz.

O James parece tão perplexo quanto eu. É uma caixinha. Está completamente forrada com pequenas pérolas e contas de todas as cores possíveis. O pequeno cofre é tão colorido e berrante que não combina nada com os outros objetos da Cordelia Beaufort.

— Parece uma caixa de joias. Mas... não me parece que pertencesse à minha mãe. Tem qualquer coisa estranha.

Anuo. As contas não estão bem incrustadas, é como se fosse obra de uma criança pequena.

— Vocês não lhe ofereceram uma coisa assim quando andavam na pré-primária?

O James abana negativamente a cabeça.

— E, se tivesse sido esse o caso, o meu pai já a teria deitado fora.

— James — digo-lhe de repente. — Vira a caixa.

Ele segue a minha indicação e fica imóvel. O pequeno cofre tem uma fechadura.

— Tens a chave? — pergunto-lhe, mas o James já levou a mão ao bolso das calças e já a tirou para fora.

Estamos ambos ansiosos quando ele enfia a chave no buraco da fechadura e a roda.

Trocamos um olhar e o James abre a tampa. Inclino-me para a frente.

Em cima de uma cama de veludo preto, está um envelope. O James tira-o para fora e pousa a pequena caixa no chão, ao seu lado. Depois, abre lentamente a carta.

Observo-o enquanto lê. Não manifesta a menor emoção. Faço um esforço por esperar e por não deixar que se note quão impaciente estou.

Passados uns minutos, o James levanta os olhos do papel.

— E então? — murmuro.

— Temos de ligar imediatamente para a Ophelia. — Levanta a carta. — Isto é o testamento da minha mãe.

Lydia

...leigo à minha irmã mais nova, Ophelia, as minhas ações das empresas Beaufort. No caso de eu falecer, a Ophelia deverá assumir as funções de diretora criativa e de primeira presidente do conselho de administração, até que os meus filhos concluam os seus estudos.

Enquanto a Ophelia lê o testamento em voz alta, tapo a boca com a mão. A minha tia esfrega os olhos, como se não conseguisse acreditar no que a minha mãe deixou escrito.

— E isto não é tudo — diz-me a Ophelia, estendendo-me o documento.

Com a mão livre, agarro-me à perna do Graham. Está sentado ao meu lado na galeria e rodeia-me as costas com um braço. Dá-me um breve apertão quando pego na carta da minha mãe com mãos trémulas. Leio o testamento por alto, até chegar ao sítio onde a Ophelia parou. Quando vejo o meu nome, levanto um pouco mais a folha de papel.

Pelo presente, eu, Cordelia Beaufort, nomeio a minha filha, Lydia Beaufort, e o meu filho, James Beaufort, meus herdeiros em partes iguais, com o desejo de que acreditem em si mesmos e alcancem as suas aspirações.

Forma-se-me um enorme nó na garganta.

— Não posso acreditar — murmuro. — Legou-nos o património dela. A mim e ao James.

— Porque acreditava em ti — comenta ternamente o Graham.

Fico com os olhos cheios de lágrimas que turvam as palavras da minha mãe. Apresso-me a devolver a carta ao James, que está sentado à minha direita e que, durante todo este tempo, se manteve surpreendentemente em silêncio.

— Não posso acreditar que a Cordelia tenha conservado este cofre — diz a Ophelia, acariciando a pequena caixa de joias com os dedos. — Fui eu que lho ofereci quando ela fez treze anos.

Sinto-me comovida.

— Se a nossa mãe escondeu este testamento com tanto cuidado, isso significa que... — começo a dizer em voz baixa.

— Que o outro era uma falsificação — diz o James, terminando a frase. — Aquele em que o meu pai é nomeado herdeiro único da empresa.

— O testamento da Cordelia foi custodiado oficialmente — intervém a Ophelia. — Eu estava presente quando o Clive Allen o leu. Foi tudo feito de acordo com a lei.

— Mas não foi o Clive Allen que certificou este testamento — diz de repente o Graham, ao meu lado, olhando para a folha de papel de sobrolho franzido —, foi um tal de Fergus Wright.

Eu e o James trocamos um olhar.

— Era o nosso antigo advogado — explica o meu irmão. — E dos nossos avós. Morreu há um par de anos, e depois disso contrataram o Allen. — Dá uma gargalhada, desconcertado. —

E incrível.

— Que é que se passa? — pergunto-lhe, limpando uma lágrima.

— Na noite em que a mamã morreu, o Percy levou o nosso pai a casa do Allen. O pai pediu-lhe ajuda e discrição. Tenho a certeza de que falsificaram o testamento.

Fico atónita.

— Achas que o pai sabia que a mamã não ia deixar-lhe a Beaufort em herança?

A Ophelia levanta-se da cadeira de verga na qual esteve sentada este tempo todo.

— Pelo menos, devia suspeitar de alguma coisa.

Olho para o James. Parece tão avassalado pela situação quanto eu.

— Mas... se a mamã sempre soube que, um dia, a Ophelia ia herdar a empresa... porque é que não evitou que o pai mantivesse a tia afastada? — pergunta o James, num tom pensativo.

— Porque queria proteger-me — diz a Ophelia em voz baixa. Põe uma madeixa acobreada atrás da orelha. — Vou entrar em contacto com o meu advogado. Ele encarregar-se-á de que o verdadeiro testamento entre em vigor.

Eu e o meu irmão damos as mãos ao mesmo tempo. Enquanto a Ophelia faz o telefonema, mantemo-nos agarrados. Acho que ambos sabemos que, agora, devemos estar mais unidos do que nunca.

James

A Lydia usa um fato preto que a faz parecer-se terrivelmente com a nossa mãe. Arranjámo-nos todos para a ocasião: a Ophelia vestiu um vestido tubular verde-menta e eu um fato da Beaufort.

Temos de esperar um pouco até que a secretária do meu pai nos receba e nos convide a segui-la. Abre-nos a porta e vamos entrando no gabinete um após o outro. Quando vejo o meu pai, uma sensação de opressão espalha-se pelo meu peito.

— A que devo esta surpresa? — pergunta num tom irónico. Nem sequer se dá ao trabalho de se levantar da secretária.

A Ophelia atravessa o gabinete com uma serenidade que nunca lhe tinha visto. Neste momento, parece crescer. Provavelmente, porque sabe que só assim consegue enfrentar o meu pai.

— Temos de falar, Mortimer — anuncia, sentando-se diante da secretária.

A Lydia senta-se na segunda cadeira e eu fico de pé atrás dela, apoiado no encosto.

O meu pai passa o olhar por nós os três, mas sou incapaz de interpretar a sua expressão. Saberá o que o espera?

— Encontrámos isto — diz-lhe a Ophelia, abrindo a carteira preta, tirando uma cópia do testamento da nossa mãe e fazendo-a deslizar por cima da mesa, em direção ao nosso pai.

Observo o rosto dele com muita atenção. Primeiro, pestaneja, perplexo. Depois, as suas maçãs do rosto empalidecem. Aproxima mais a cópia e lê-a por alto.

— Que é que se supõe que isto seja? — pergunta, levantando os olhos.

— É o testamento da minha irmã — responde-lhe a Ophelia. — O que levanta a questão de qual era o testamento que foi lido em dezembro.

O olho esquerdo do meu pai começa a tremer. Levanta a mão e passa-a pelo cabelo fixado com gel. Depois, faz um esforço para se controlar e cerra os lábios, formando uma linha fina.

Com isto, está tudo dito. Mesmo assim, preciso de confirmação.

— Falsificaste o testamento da mamã, pai? — pergunto-lhe, e eu próprio me surpreendo com quão fria e impertérrita soa a minha voz.

O meu pai olha para mim. Abre a boca e torna a fechá-la. Pelos vistos, ficou sem fala.

— Fiz-te uma pergunta. — Observo o meu pai com atenção. Entretanto, a testa dele ficou coberta de pequenas gotas de suor, apesar de continuar branco como a cal. — Falsificaste o testamento da mamã para herdares a Beaufort?

— Não me restava outra opção — responde-me por fim.

A Lydia fica sem respiração. Eu agarro-me às costas da cadeira com tanta força que a pele do forro range sob os meus dedos.

— Porquê? — pergunto-lhe, obrigando-me a manter a calma.

O meu pai olha primeiro para a Lydia e depois para mim.

— Não passei a vida inteira a trabalhar como um louco por esta empresa para, no fim, ficar de mãos vazias.

— A Cordelia ter-te-ia legado a sua participação, se não soubesse perfeitamente quão ambicioso és — comenta a Ophelia num tom veemente.

— Não fazes a mais pequena ideia do que estás a dizer! — sibila o meu pai. Cerra os punhos com tanta raiva que fica com os nós dos dedos brancos. — Eu e a Cordelia sempre tivemos um plano em relação ao qual trabalhávamos juntos. Os nossos filhos iriam para Oxford e depois o James iria dirigir a empresa. Precisávamos de estrutura, de estratégia... e então, de repente, ela quis integrar-te novamente na empresa, apesar de eu já me ter livrado de ti há vários anos. Demorei uma eternidade a dissuadi-la.

Não consigo acreditar na maneira como fala da nossa família, da nossa mãe.

— Então, não foi a Cordelia quem decidiu manter-me à margem da empresa principal — comenta a Ophelia.

— Claro que não. A tua irmã sempre teve dificuldade em agir de maneira coerente. Contrariamente à Cordelia, eu tinha um plano para a Beaufort. E tu eras um obstáculo no meu caminho.

A Lydia está cada vez mais tensa. Percebo que, se dependesse dela, se levantaria e sairia do gabinete, talvez para conservar as últimas boas recordações que ainda tem do nosso pai. Passa-se exatamente o mesmo comigo. No entanto, ao mesmo tempo, sei que tenho de resistir. Caso contrário, nunca conseguiremos enfrentar o futuro livres de temores.

— E porque é que querias acorrentar-me à empresa a qualquer custo? — pergunto-lhe.

O meu pai dá um suspiro desdenhoso.

— Porque fazias sempre o que eu te dizia. Porque tinha muito pouca dificuldade em levar-te pelo bom caminho. Para mim e para a empresa, era melhor que fosses tu a preencher o vazio deixado pela Cordelia, e não alguém que tivesse vontade própria e estivesse disposto a impô-la.

Apesar de tudo o que o meu pai me fez nestes últimos anos, sinto uma pontada dolorosa no peito quando processo o significado das suas palavras.

Demonstram-me que ele sempre me viu apenas como um meio para alcançar os seus objetivos. Demonstram-me o pouco que gosta de nós, de mim e da Lydia.

E, apesar de pensar que já tinha rompido com o meu pai há algum tempo, quando os nossos olhares se cruzam sinto algo rasgar-se dentro de mim.

— És uma desonra para esta família, Mortimer — diz-lhe a Ophelia, num tom funestamente seco. — Não merecias seguir os passos da Cordelia.

O meu pai não lhe responde.

— Não tens vergonha de nada, pai? — pergunta-lhe a Lydia com voz trémula.

— Só fiz o que pensava ser o correto.

— Nesse caso, os teus princípios morais estão completamente deformados — responde-lhe a Lydia.

— A mamã teria vergonha de te ver assim — acrescento.

— Tudo isto está muito bem. Só me pergunto o que é que vão fazer agora com toda essa informação. — Levanta uma sobancelha, mas o seu olhar arrogante perdeu o efeito. É como se a imagem que sempre tive do meu pai se tivesse desvanecido por fim, e agora visse o que realmente se escondia atrás da sua fachada. Reconheço o seu verdadeiro eu e não é uma visão agradável. Pelo contrário. Pergunto a mim mesmo como consegui acreditar nele durante tanto tempo.

— Agora, temos várias possibilidades, Mortimer — responde-lhe a Ophelia. — A primeira: retiras-te da empresa e cedes-me a administração, tal como era desejo da Cordelia.

Faz-se silêncio no gabinete. Vejo que o meu pai está a maquinar qualquer coisa.

— Infelizmente, isso não é opção para mim — afirma passado meio minuto.

— Bem, nesse caso, o meu advogado vai dar início aos trâmites para a nova execução testamentária. Já falei com o Clive Allen e está disposto a testemunhar contra ti se, em contrapartida, renunciarmos a denunciá-lo. Irá dizer que o extorquiste e que o obrigaste a fazer a leitura do falso testamento. As tuas hipóteses de ganhar o caso são quase nulas, por causa do peso das provas. E podes imaginar o que acontecerá se a imprensa souber do sucedido.

O meu pai baixa os olhos para a secretária. Reflete por uns segundos e abre as mãos, pousando-as sobre o protetor azul-marinho da secretária. Quando torna a levantar os olhos, estou preparado para tudo. Até para andar à pancada com ele. Contudo, quando o meu pai olha primeiro para a Lydia e depois para mim, quase penso reconhecer algo parecido com pesar no seu olhar.

— Agradecia que mantivéssemos a imprensa afastada de tudo isto — limita-se a dizer.

E, nesse momento, tenho a certeza: ganhámos.

James

O sol bate em cheio sobre o campo de jogos, mas desfruto da sensação proporcionada pelo equipamento de proteção que me envolve o corpo e pelo dezassete branco estampado nas minhas costas. Não penso. Tudo o que tenho de fazer é correr, pegar na bola e atirá-la para a baliza.

Por instantes, fecho os olhos e concentro-me nos sons que me rodeiam: os passos, os gritos do público, o zumbido da bola...

— Beaufort! — grita o treinador Freeman. — Acorda de uma vez por todas, porra!

Abro os olhos mesmo a tempo de ver que o Alistair me passa a bola. No último momento, apanho-a com o taco e, então, três jogadores da equipa adversária dirigem-se para mim ao mesmo tempo.

O meu corpo reage instintivamente. Desato a correr, sem hesitar nem um segundo. Um dos rivais choca contra mim. Quase perco o equilíbrio, mas consigo recuperá-lo. Procuo os meus colegas de equipa com o olhar e vejo o Wren, que se adiantou comigo. Lanço o taco para trás e passo-lhe a bola com força. Tem de saltar para a apanhar, mas consegue. Dá três passos e uma defesa atravessa-se no seu caminho. Sem hesitar, o Wren devolve-me a bola. Finto os defesas e corro como um possesso. Depois, dou um salto e faço o lançamento. A bola passa pelo guarda-redes como uma expiração e aterra na rede. Ato contínuo, o árbitro apita a anunciar o intervalo.

O Wren é o primeiro a chegar junto a mim e a cumprimentar-me com um *high five*, sendo seguido pelo resto dos membros da equipa. A adrenalina invade-me o corpo. Estou tão excitado que não quero aterrar.

Tiro o capacete e procuro uma melena castanha com o olhar.

A Ruby está sentada no sítio dela na primeira fila, com a irmã e toda a comissão de eventos ao lado.

Deixo-me impregnar por tudo aquilo. A sensação da relva debaixo dos ténis quando corro em direção às bancadas. O ranger das luvas quando aperto o taco com força. O olhar da Ruby que chega até mim, mesmo de longe, com uma intensidade que sinto com mais força do que o êxtase causado por todos os pontos que marquei. Quando chego ao lado dela, não consigo evitar sorrir.

— Oi — murmuro, inclinando-me para ela. Devia ser um beijo fugaz, mas quando sinto os lábios da Ruby contra os meus, não consigo parar.

Ao nosso lado, a Ember faz um som estranho e, pouco depois, a Ruby afasta-se a sorrir.

— Devo dizer que, a jogar desta maneira, lhe perdoo que falte às nossas reuniões uma vez por semana — comenta a Lin.

— Eu também — responde-lhe a Ruby, sorrindo sem afastar os olhos de mim. — Jogas muito bem, não achas?

O meu coração bate ainda mais depressa.

— Ei! — exclama o Wren, pondo-se ao nosso lado. — Eu também quero ser elogiado.

— Mendigar por elogios não é nada fixe, Wren — responde-lhe a Ember. Embora o tom de voz dela seja sério, levanta os cantos dos lábios.

Observo o Wren, que olha para a Ember com uma expressão que nunca lhe tinha visto: despreocupada, franca e cheia de carinho.

Pergunto a mim mesmo se também olharei assim para a Ruby.

— A Lydia mandou-te mais alguma mensagem? — pergunto pouco depois, virando-me para a Ruby.

Abana negativamente a cabeça.

— Não desde a última vez que me perguntaste, que, por falar nisso, foi há meia hora.

Inclino-me para ela.

— Não te rias assim. É evidente que tenho de estar um bocado nervoso. Ao fim e ao cabo, não é todos os dias que uma pessoa se torna tio. — Digo isto tão baixo que só a Ruby me consegue ouvir.

A Lydia mandou-lhe uma mensagem há meia hora, a dizer que estava com contrações irregulares há já algum tempo, mas que a médica era da opinião de que ela ainda devia esperar antes de ir para o hospital, porque talvez fosse um falso alarme.

— Assim que ela voltar a dizer alguma coisa, faço-te sinal. Tal como combinámos — assegura-me a Ruby. Nos seus lábios, desenha-se aquele enorme sorriso que desperta em mim o desejo de a beijar durante horas.

— Prometes? — replico.

Anui e endireita-se um pouco. Depois, pega-me no rosto com as mãos e puxa-me para si, para me beijar.

— Vamos, capitão — diz o Wren, dando-me um encontrão com o ombro. — Já acabou o intervalo. Tenho a certeza de que vai haver mais.

Sorrio novamente para a Ruby, antes de dar meia-volta com o Wren e correr em direção ao campo de jogos. Enquanto isso, lembro-me uma vez mais do início do ano letivo. Do dia em que a Lydia se plantou à minha frente e me pediu que tivesse cuidado com a Ruby.

Desde então, a minha vida deu uma volta de cento e oitenta graus. Tudo o que eu pensava que o futuro me reservava desvaneceu-se no ar. Em vez de ir para Oxford e de fazer parte do conselho de administração da Beaufort, reuni forças para me opor ao que os meus pais queriam para mim e segui o meu coração.

A Ophelia assumiu as rédeas da Beaufort e já começou a renovar a empresa de maneira prudente. A Lydia irá juntar-se a ela assim que os gémeos tenham idade suficiente para ela os deixar.

Aprendi que não faz sentido aferrarmo-nos obstinadamente a alguns planos. No início do ano, encarei tudo como uma contagem decrescente para o fim de uma vida sem preocupações, mas agora... agora vejo que isto é apenas um começo. Embora ainda tenha de me esforçar muito para assimilar tudo o que aconteceu, a minha perspetiva sobre a vida mudou radicalmente.

Sei que o Wren se estava a referir ao jogo de lacrosse, mas sorrio-lhe na mesma.

— Posso garantir-te que vai haver mais — digo-lhe, e acredito sinceramente nas minhas palavras.

EPÍLOGO

Três meses mais tarde

Ruby

A minha vida divide-se em cores:

- Dourado: seminários.
- Prateado: exames.
- Bronze: clubes e atividades extracurriculares.
- Verde: resolver o mais depressa possível.
- Azul-turquesa: tempo livre.
- Lilás: família.
- Cor de laranja: a minha segunda família.

Já assinalei como feitos: lilás (telefonar à Ember), cor de laranja (presentes para o batizado da Rosie e do Henry, com um embrulho muito bonito!) e bronze (participar no pequeno-almoço do primeiro semestre e conversar com, pelo menos, uma pessoa). Ainda me faltam: verde (abrir a última caixa, imprimir as fotografias da Tailândia e pendurá-las), cor de laranja (leitura crítica da crónica de viagem do James) e azul-turquesa (combinar um café com a Lin e descobrir qual é o melhor café).

— Que tal aqui mesmo? — pergunta-me o James.

Viro-me para ele na instável cadeira da secretária. Está entre a cama e o pequeno armário e segura numa fotografia nossa junto da parede. Foi a primeira fotografia que tirámos durante as duas semanas em que fui com ele à Tailândia. Estávamos no meio de um mercado de rua, rodeados por centenas de pessoas. Na imagem, isso não se percebe. Estamos os dois a olhar para a câmara com um ar radiante, felizes e sem preocupações.

Sempre que vejo a fotografia, sinto-me transportada para as duas semanas mais maravilhosas da minha vida, razão pela qual estou desejosa de a pendurar no meu quarto da residência de estudantes.

— Parece-me ótimo — respondo-lhe com algum atraso.

O James anui e cola a fotografia com fita-cola na parede que, até agora, estava vazia.

— Acho indecente que não se possam pendurar molduras.

— Não importa. O importante é que as fotografias se vejam — respondo-lhe, fazendo uma pequena cruz em frente da tarefa cumprida.

— Apesar de tudo, tenho mais uma coisa para ti — anuncia o James.

Oíço-o pôr-se ao meu lado junto da secretária e levanto os olhos para ele. Tem na mão um

presente embrulhado em papel castanho e decorado com uma fita branca.

Pego nele, surpreendida.

— Que é?...

— Abre-o — diz-me, a sorrir.

Desaperto lentamente a fita e rasgo o papel. Aparece uma pequena moldura de madeira com outra fotografia.

O meu coração dá um salto.

— É da tua festa de despedida!

— Pensei que talvez pudesses pô-la em cima da secretária. Assim, podemos olhar todos para ti enquanto estudas.

Não consigo afastar os olhos da fotografia. Foi tirada no início das férias de verão, no nosso jardim, na tarde antes de eu e o James apanharmos o avião para a Tailândia. Os meus pais estão de um dos lados, com a Ember, o Wren, o Alistair, o Kesh e a Lin. A Lydia e o Graham sorriem amplamente para a câmara e, mesmo ao lado deles, está o Cyril com o bebé Henry nos braços. Contrariamente aos outros, não está a olhar para a objetiva, mas sim para o Henry, que se agarrou ao dedo dele com força. Do outro lado, está o James com a Rosie nos braços, e eu estou ao lado dele, rodeando-lhe a cintura com um braço e com a cabeça apoiada no seu ombro.

— Incrível — murmuro, e aproximo a fotografia um pouco mais dos olhos. — Passaram dois meses e o Henry e a Rosie já estão com o dobro do tamanho.

— A Lydia não para de dizer que isso lhe parece horrível. A mim, de certa maneira, parece-me fantástico. Em breve, eu e os rapazes poderemos jogar lacrosse com eles. — Esforça-se por falar num tom despreocupado, mas vejo que, de repente, fica com um olhar sombrio. — Quando voltar, de certeza que já não me reconhecem.

— Que disparate! — digo-lhe, pousando a moldura na secretária. Depois, levanto-me e coloco-me em frente do James. Pouso as mãos na cintura dele e ponho-me em bicos dos pés, para esfregar o nariz no dele. — Só vais estar fora quatro semanas. Além disso, podemos manter o contacto por Skype e FaceTime.

Daqui a três dias, o James vai para Bali, onde vai participar num seminário sobre escrita jornalística e fotografia profissional. Durante estes últimos meses, foi ganhando um pequeno grupo de leitores e, embora criar uma página *web* seja um processo lento, diverte-se imenso. Vejo-lhe os olhos a brilhar de todas as vezes que falamos disso ou que escrevemos juntas novas publicações ou experimentamos novos *designs*.

Nunca o tinha visto assim. E, embora seja incrivelmente doloroso passar tanto tempo afastada dele, fico contentíssima por estar tão entusiasmado com o que faz.

É como se ambos tivéssemos alcançado a nossa meta e, ao mesmo tempo, estivéssemos a viajar: ele pelo mundo e eu em Oxford. Precisamente onde sempre quis estar e tal como sempre sonhei. Embora seja ainda melhor, porque o James está comigo.

— Vou trazer-te uma prenda — diz, estreitando-me contra si. — Ou talvez desta vez a faça com as minhas próprias mãos.

Não consigo esconder o sorriso.

— Por favor, que tenha muitos detalhes e motivos.

— Verei o que posso fazer — murmura. Depois, inclina-se para a frente para colar suavemente os lábios aos meus e, desse modo, despertar em mim um sem-fim de emoções.

Pergunto-me se isto acontecerá sempre que ele me beijar.

Quando se afasta de mim, reconheço no seu olhar uma lista inteira de promessas que

certamente cumprirá antes de partir em viagem.

Um sorriso desenha-se nos meus lábios.

— Meu James... — murmuro, antes de o puxar para mim e o beijar.

Suspira nos meus lábios.

Lutámos imenso para, no fim, conseguirmos estar aqui.

Nos últimos meses, aconteceram muitas coisas: desejos quebrados, sonhos cheios de esperança e mais amor do que alguma vez teria acreditado ser possível.

Lutámos e salvámo-nos um ao outro. E continuaremos a fazê-lo no futuro. A cada hora, a cada minuto e a cada segundo.

AGRADECIMENTOS

Não posso acreditar que já tenhamos chegado ao fim da trilogia de Maxton Hall. Os últimos dezoito meses de escrita foram os mais turbulentos da minha vida e, no entanto, agora contemplo essa época simultaneamente sorridente e chorosa.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Christian, o meu marido. Sem ele, nunca teria terminado este livro. Em certos dias, quando estou com a autoestima de rastos, tenho de fazer um grande esforço para escrever. Obrigada por me motivares incessantemente, por seres o meu maior *cheerleader* e por me ouvires, sempre.

A minha editora, Stephanie Bublely, que esteve ao meu lado dia e noite, a dar os últimos retoques aos livros e a fazer de mim uma melhor escritora, também merece o meu agradecimento. Depois de termos trabalhado tanto na Ruby, no James e companhia, merecemos ambas umas (grandes) férias num *spa*, com uma montanha de chocolate e muito vinho. Estou muito orgulhosa de nós!

Chegou o momento de agradecer a todas as outras pessoas da editora Bastei Lübbe/LYX, que se ocupam infatigavelmente dos livros.

À Sandra Krings, da produção, que torna possível o cumprimento de todos os prazos e que haja um livro impresso. À Ricarda Witte-Masuhr, à Simone Belack e à Angie Timplan, que se encarregaram do excelente *marketing*. À Barbara Fischer e à Anna Fohs, do departamento de imprensa, bem como ao Christian Stüwe, a quem devo a publicação dos meus romances também no estrangeiro. Ao Torsten Gläser e à Andrea Ludorf, em representação do departamento de vendas da Bastei Lübbe/LYX, que distribuiu os livros pelas livrarias e, consequentemente, pelos leitores. Quero agradecer à Jennifer Schock, pela melhor digressão promocional que eu podia ter desejado, à Ruza Kelava e ao Simon Decot, pela confiança nas minhas narrativas, e à Katharina Schmidt, que substitui sempre alguém quando é necessário.

Além disso, estou grata do fundo do coração aos meus revisores de provas, a Lisa, o Robert e a Laura, pelos comentários valiosos; à Sarah Saxx e à Tina Köpke, pelas conversas sobre escrita, e às minhas amigas Elisa, Jasmin, Jenny, Lucie, Maren, Wiebke e Anna, por me prestarem sempre atenção.

E, por último, obrigada a todos os leitores. Espero que o James consiga mostrar-vos que nenhum sonho é demasiado grande nem demasiado pequeno. Espero que a Ruby possa ajudar-vos a ser mais responsáveis. Espero que a Lydia vos dê coragem para se superarem. E espero que todos tirem partido da Ember, porque um pouco mais de amor-próprio nunca fez mal a ninguém.

Obrigada por terem viajado comigo até Maxton Hall.